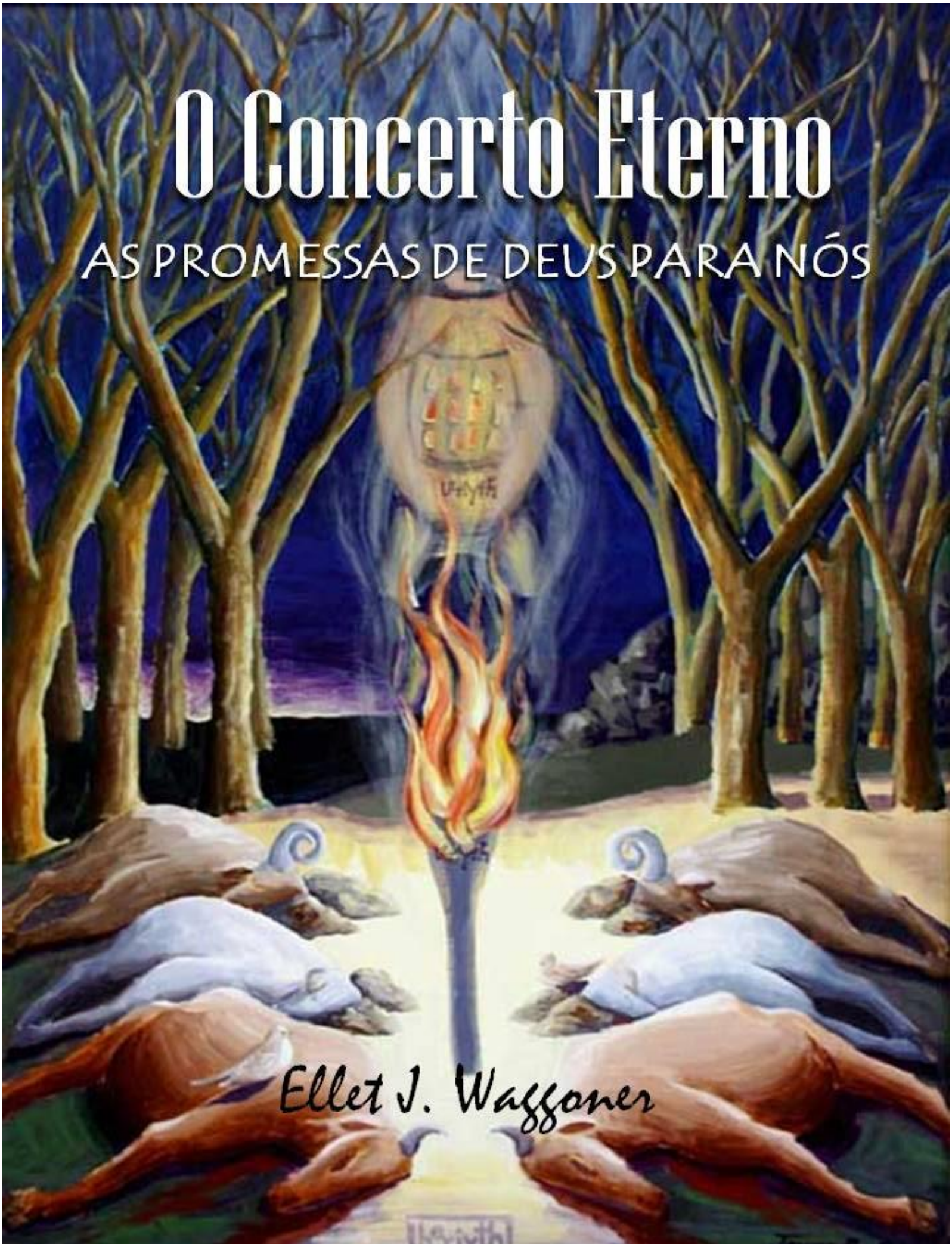

O Concerto Eterno
AS PROMESSAS DE DEUS PARA NÓS
Ellet J. Waggoner

O Concerto Eterno

As Promessas de Deus para Nós

Ellet Joseph Waggoner

PREFÁCIO

Com a idade de 27 anos, o jovem médico Ellet J. Waggoner teve uma experiência que descreveu mais tarde como o ponto crucial de sua vida.

Enquanto se achava em uma tenda, escutando a pregação do evangelho em uma reunião campal, repentinamente começou a brilhar uma grande luz em torno de si, e a tenda parecia iluminar-se como se o sol estivesse ali dentro. Ele mesmo descreveu assim o ocorrido:

"Vi a Cristo crucificado por mim, e pela primeira vez em minha vida me veio o pensamento, semelhante a uma corrente transbordante, que Deus me amava, e que Cristo Se deu pessoalmente por mim. Tudo foi por mim". A luz que aquele dia brilhou sobre ele, vinda da cruz de Cristo, se converteu no guia de todo o seu estudo da Bíblia. Decidiu dedicar o resto de sua vida a descobrir a mensagem do amor de Deus ao pecador individual, tal como a Escritura a expõe, e a esclarecer esta mensagem a outros.

Após cerca de vinte anos de estudo, Waggoner escreveu: "Tenho visto a Cristo sendo apresentado como o poder de Deus para a salvação das pessoas, e isto é tudo o que tenho encontrado. A Bíblia não foi escrita com outro propósito senão o de mostrar o caminho da vida. Contém história e biografia, mas são partes da mensagem do evangelho. Nem sequer uma linha foi escrita que não fosse para revelar a Cristo; aquele que a lê com um propósito que não seja encontrar nela o caminho para a salvação do pecado, a lê em vão. Quando estudada à luz do Calvário, é um deleite, e assuntos que de outra maneira seriam obscuros, se tornam claros como o meio-dia...

Um assunto aparece em toda a Bíblia: o eterno concerto de Deus. Ao pé da cruz, uma pessoa pode ver a obra do eterno propósito de Deus, que Ele propôs *'em Cristo Jesus antes dos tempos dos séculos'* (2ª Timóteo 1:9). É apresentada a história panorâmica desde o Éden perdido até o Éden restaurado".

'*O Concerto Eterno: As promessas de Deus*' é o resultado de anos de estudo de Waggoner sobre o assunto do concerto. Foi apresentado primeiramente como um embrião, na forma de artigos semanais em uma revista religiosa, e mais tarde foi desenvolvido em algumas conferências dadas a uma assembléia ministerial, no outono de 1888. Na primavera de 1890 ocorreram encontros ministeriais para tratar especificamente do assunto dos concertos, o que levou Waggoner a escrever o manuscrito que foi o precursor deste livro.

Pouco tempo depois de chegar à Inglaterra, na primavera de 1892, enquanto desenvolvia sua atividade como evangelista, pastor, editor e publicador, Waggoner se dedicou ainda mais ao estudo e escrita de **‘*O Concerto Eterno*’**. O terminou em maio de 1896, mas devido à falta de recursos para publicá-lo em formato de livro, Waggoner o foi oferecendo como artigos semanais na revista inglesa *Present Truth* (A Verdade Presente).

Um século depois, volta a estar disponível em forma de livro, formado pelos artigos que foi publicando semanalmente durante um ano. Se Waggoner estivesse vivo hoje, sem dúvida voltaria a repetir suas palavras:

“As páginas a seguir têm por objetivo ajudar a todos aqueles que desejam estudar os mandamentos e promessas da Bíblia em seu verdadeiro contexto... O autor seria o último a pensar que este livro tenha a última e decisiva palavra sobre o assunto principal, ou sobre qualquer uma de suas partes. Isto jamais pode ocorrer neste mundo. O relato do amor de Deus é inesgotável: é tão infinito como o próprio Deus.

Estas páginas têm por objetivo levar a um estudo mais profundo do assunto, mas isto não significa que eu tenha dúvidas quanto à veracidade do que apresento aqui. Longe disto. O estudo posterior a respeito do assunto não poderá invalidar os princípios estabelecidos aqui, mas é certo que o aprofundará, seguindo esta mesma linha de raciocínio. Não escrevo isto com espírito de pompa ou orgulho, mas porque sei em quem tenho crido, e tenho confiança em meu Mestre.

Não há nada de original, nem sequer procuro alguma originalidade: somente copio algumas poucas riquezas do caráter de Cristo. Se o leitor obtiver a metade da bênção que obteve quem o escreveu, terá valido a pena .

— Ellet J. Waggoner

NOTA DESTA EDIÇÃO:

1) Os textos escriturísticos utilizados nesta versão de *"O Concerto Eterno"* são da Bíblia Almeida Corrigida e Fiel (1994), da Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil. É a que nos parece a mais correta existente no Brasil, **de acordo com os textos majoritários** dos manuscritos originais.

Outras versões serão identificadas da seguinte forma:

ARA = Almeida Revista e Atualizada no Brasil;

NVI = Nova Versão Internacional (Título e designação do original em Inglês: *"New International Version,"* VIV);

KJV = *"King James Version"* (a Versão do Rei Tiago, impressa em inglês em 1611 na Inglaterra. A consideramos a mais correta que existe, de acordo com **os textos majoritários** dos manuscritos originais.);

BIOGRAFIA DE ELLET JOSEPH WAGGONER

Da *Enciclopédia Adventista*, vol. 10 da série *SDABC*, e de outras fontes, colhemos isto:

Ellet Joseph Waggoner, Nascido em Baraboo, Wisconsin, em 1855, filho de Joseph Harvey Waggoner e de Dona Maryetta Hall Waggoner, convertidos ao adventismo dois anos antes. Sendo Adventista de berço, a segunda geração de pioneiros, concluiu o segundo grau no Colégio de Battle Creek, Michigan, nos primeiros anos daquela instituição, e prosseguiu seus estudos na Faculdade Médica Bellevue, na cidade de Nova Iorque. Casou-se com Jessie Fremont Moser, a quem conheceu no Colégio de Battle Creek. Iniciou sua carreira como médico no Sanatório Adventista de Battle Creek, mas considerou que seu coração estava no evangelismo e preferia pregar a clinicar, e assim entrou para o ministério evangélico.

Depois de revelar talento para escrever, foi ele chamado a trabalhar como editor-assistente da revista *Signs of the Times*, em 1884, sob a direção de seu pai. Nesse tempo, muitos líderes da igreja ainda acalentavam conceitos semi-arianos ou adocianistas, concernentes à natureza divina de Cristo, daí a importância da questão levantada por Waggoner: “Cristo é Deus?” Como resposta aos tais, naquele ano Waggoner publicou uma série de artigos naquela revista, nos quais afirmava sua fé na divindade de Cristo, Criador de todas as coisas, a quem os anjos adoram exatamente como fazem a Deus, o Pai.

Dois anos mais tarde, tornou-se editor-chefe da revista *Signs of the Times*, cargo que manteve até 1891.

Foi um dos dois mensageiros da Assembléia da Conferência Geral de 1888, realizada em Mineápolis, estado de Minessota, EUA, entre 17 de outubro e 4 de novembro daquele ano, tendo sido o primeiro teólogo adventista a apresentar a Cristologia sistemática, referente à divindade e à humanidade de Jesus Cristo.

Os Pastores Roberto J. Wieland, e Donald K. Short, em sua exposição à Conferência Geral, em meados do século XX, apresentaram o documento intitulado *An Introduction to the 1888 Message,* (Uma Introdução à Mensagem de 1888), relataram uma relação de mais de duzentos endossos de Ellen G. White à obra e mensagem de Waggoner e Jones. Cremos que a mais conhecida e importante está em *Testemunhos para Ministros e Obreiros Evangélicos,* páginas 91 e 92:

“Em Sua grande misericórdia, enviou o Senhor uma mui (*conforme o original em inglês) preciosa mensagem a Seu povo por intermédio dos Pastores Waggoner e Jones (*na assembléia da Conf. Geral, de 1888 e anos que se seguiram). Esta mensagem devia pôr de maneira mais preeminente diante do mundo o Salvador crucificado, o sacrifício pelos pecados de todo o mundo. Apresentava a justificação pela fé no Fiador; convidava

o povo para receber a justiça de Cristo, que se manifesta na obediência a todos os mandamentos de Deus."

Na sessão da Conferência Geral de Minneápolis, em 1888, Waggoner apresentou uma série de palestras sobre a divindade de Cristo, um assunto que estava na agenda da Conferência. Embora não tenha deixado versões escritas de suas apresentações, Waggoner publicou uma série de quatro artigos na *Signs of the Times* sobre o assunto, imediatamente após a sessão nos dias 25 de março, 1, 8 e 15 de abril de 1889. Isso sugere que eles foram relatos de suas palestras. Eles também foram incluídos nas primeiras quatro seções do livro *Christ and His Righteousness* (Cristo e Sua Justiça), publicado em 1890. Esse livro contém a maioria das idéias prevalecentes na Cristologia adventista sistematizada por Waggoner

Para provar que Ele realmente era Deus, Waggoner citou muitos versos nos quais Cristo era chamado Deus. Para benefício daqueles que ainda negavam isso, ele explicou que o nome de Deus "não foi dado a Cristo em conseqüência de alguma grande realização, mas é Seu por direito hereditário". Cristo é a *'expressa imagem'* da pessoa do Pai (Heb. 1:3)... Conquanto Filho do Deus auto-existente, Ele tinha por natureza todos os atributos da divindade". O próprio Cristo ensinou de maneira categórica que Ele era Deus (João 14:8 e 9; 10:33; 8:58) Waggoner enfatizava a importância da declaração do Apóstolo Paulo em Col. 1:19: *"Porque foi do agrado do Pai que toda a plenitude nEle habitasse."*

"Porque nEle habita corporalmente toda a plenitude da divindade" Col 2;9. Waggoner qualifica isso como "o mais absoluto e inequívoco testemunho", noção que foi repetida quinze vezes em seu estudo.

Não bastou para ele simplesmente dizer: "Jesus Cristo é Deus." Os apóstolos descrevem-nO também como "Criador". Waggoner cita Colossenses 1:15-17, afirmando que "não há coisa alguma no Universo que deixou de ser criada por Cristo... Tudo depende dEle para existir ... Ele sustém todas as coisas pela palavra do Seu poder". Em Hebreus 1:10, o próprio Pai diz ao Filho:*"Tu, ó Senhor, no princípio fundaste a Terra e os céus são obra das Tuas mãos."*

A insistência de Waggoner sobre o fato de ser Cristo da mesma substância de Deus e possuir vida em Si mesmo, não era, indubitavelmente, uma novidade aos olhos de muitos dos delegados na sessão de Minneápolis. Sua posição sobre a natureza divina de Cristo era, provavelmente, parte da razão para a oposição de muitos delegados à sua mensagem sobre a justificação pela fé. Ele, evidentemente, achou que era essencial afirmar a igualdade de Cristo com Deus, pois somente a vida de Deus em Cristo tinha o poder de salvar pecadores, justificando-os por Sua graça.

Sua contribuição nesse ponto, como também a respeito da natureza humana de Cristo, foi decisiva. Froom reconhece isso prontamente: "Em 1888, Waggoner estava sendo pioneiro, e sem os benefícios das muitas afirmações posteriores dela [Ellen

White]", "não apenas sobre a eterna preexistência de Cristo, como também de Sua existência individual e Sua infinitude, igualdade e onipotência".

Ellen White assim se expressou após ouvir Waggoner: *"A plenitude da divindade em Jesus Cristo foi-nos mostrada com beleza e encanto"* (*Review and Herald*, 27 de maio de 1890). Para ela, isso demonstrava que Deus estava operando entre eles.

Nos anos que se seguiram aquela "mui preciosa mensagem" (TM, 91 e 92, no original), Ellet J. Waggoner, Alonzo T. Jones, juntamente com a mensageira do Senhor, Ellen G. White, passaram a fazer séries de reuniões nas igrejas apresentando ao povo aquela mensagem.

Tempos depois este trio evangelístico se desfez em decorrência de "nomeações": EGW "enviada" para a Austrália, Alonzo Trevier Jones permaneceu nos EUA e **Ellet José Waggoner,** de 1892 até 1902, trabalhou na Inglaterra, primeiramente como editor da revista *Present Truth*, e depois como primeiro presidente da Associação do Sul da Inglaterra. Durante estes anos ele retornou aos EUA para as assembléias da Conferência Geral de 1897, 1899, 1901 e 1903. Em todas, exceto a última, ele foi o orador principal. Após retornar aos Estados Unidos definitivamente, entre1903 e 1904 Waggoner trabalhou como professor de Bíblia na faculdade Emmanuel Missionary College, em Berrien Springs, Michigan. Por causa de seu divórcio e novo casamentocom Edith Adams despendeu os anos que se seguiram, à parte da igreja, mas após 1910, tornou-se professor de teologia no Colégio de Battle Creek, nessa época dirigido por John Harvey Kellogg. (*Seventh-day Adventist Encyclopedia,* vol. 10, pág. 1563).

Em 28 de maio de 1916, Waggoner morreu de doença do coração com a idade de 61 anos, e seu amigo Alonzo T. Jones realizou o seu funeral.

Waggoner era um teólogo muito fecundo. Escreveu vários e importantes livros, numerosos panfletos e centenas de artigos para revistas. Estamos elaborando uma bibliografia de seus escritos, e que será postada neste blog juntmente com os diversos capítulos de ***O Concerto Eterno.*** Ele ficou mais conhecido pelo papel que desempenhou na sessão da Conferência Geral de 1888, em Minneapolis, juntamente com seu colega Alonzo T. Jones. Juntos deixaram sua marca na história da igreja adventista, pelas apresentações sobre justificação pela fé. Para Waggoner, o assunto somente poderia ser compreendido através das lentes da Cristologia.

CAPÍTULO 1.

O Evangelho Eterno

A Mensagem do Evangelho

Quando os humildes pastores, nas planícies de Belém, foram surpreendidos pelo resplendor da glória do Senhor, que os envolveu, ao guardarem seus rebanhos à noite, seus temores foram acalmados pela voz dos anjos do Senhor, que disse: *"Não temais, porque eis aqui vos trago novas de grande alegria, que será para todo o povo: Pois, na cidade de Davi, vos nasceu hoje o Salvador, que é Cristo, o Senhor."* Lucas 2:10 -11).

As palavras *"boas-novas"* vêm de uma palavra do grego, que é traduzida em outro lugar como *"evangelho"*; portanto nós poderíamos, com propriedade, ler a mensagem do anjo assim:*"Eis aqui vos trago o evangelho de grande alegria, que será para todo o povo"*. Deste anúncio aos pastores aprendemos várias coisas importantes.

1. Que o evangelho é uma mensagem que traz alegria. *"O reino de Deus é... justiça, e paz e* ***alegria no Espírito Santo"***. Cristo é ungido com *"óleo de alegria,"* e Ele dá *"óleo de gozo em vez de tristeza."*[1]

2. É uma mensagem de salvação do pecado. Porque antes disso o mesmo anjo tinha anunciado a José o nascimento deste menino, e disse: *"Chamarás o Seu nome Jesus; porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados."* Mateus 1:21.

3. É algo que diz respeito a todas as pessoas—*"que será para todo o povo"*. *"Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu* **(14)** *Filho unigênito, para que* ***todo aquele que*** *nEle****crê*** *não pereça, mas tenha a vida eterna."* João 3:16.

Isto é garantia suficiente para todos; mas, como se querendo enfatizar o fato de que os pobres têm igual direito ao evangelho que os ricos, o primeiro anúncio do nascimento de Cristo foi a homens que andavam pelos humildes caminhos da vida. Não foi aos principais sacerdotes e escribas, nem aos nobres, mas a pastores, que as alegres novas foram primeiramente dadas. Assim, o evangelho não está fora do alcance dos incultos. Cristo mesmo nasceu e cresceu em meio à grande pobreza; Ele pregou o evangelho aos pobres, e *"a grande multidão O ouvia de boa vontade."* Marcos 12:37. Tendo em vista que foi assim apresentado desta forma às pessoas comuns, que constituem a maioria da população do mundo, não há dúvida alguma de que se trata de uma mensagem mundial.

“O Desejado de Todas as Nações”

Mas, embora o evangelho seja primeiramente para os pobres, não é algo vil e desprezível. Cristo Se fez pobre a fim de que pudéssemos enriquecer.[2] O grande apóstolo, que foi escolhido para dar a mensagem a reis e aos grandes homens da terra, disse, tendo em vista seu desejo de visitar a capital do mundo: *“Não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê...”* Romanos 1:16. Aquilo, que todo mundo procura, é poder. Alguns o buscam por meio da riqueza, outros pela política, outros pela cultura, e ainda outros de várias outras formas; mas qualquer atividade em que o homem se empenhe, o alvo é o mesmo,— poder de algum tipo. Há, no coração de cada homem, uma inquietação, um desejo insatisfeito, posto nele pelo próprio Deus. A exasperada ambição, que leva alguns a pisar continuamente sobre seus semelhantes, a incessante luta por riqueza e a incansável busca de prazer, em que tantos mergulham, são vãos esforços para satisfazer esse desejo.

Deus não colocou, no coração humano, o desejo por nenhuma destas coisas; mas a procura por elas é uma perversão do desejo, que Ele implantou no peito humano. Ele deseja que o homem tenha o Seu poder; mas nenhuma das coisas, que os homens normalmente buscam, fornece o poder de Deus. Conseqüentemente, nenhuma dessas coisas satisfaz o homem. Os homens estabelecem um alvo à quantidade de riqueza que desejam acumular, porque pensam que, quando alcançarem este limite, ficarão satisfeitos; mas, quando a prefixada quantia é obtida, estão tão insatisfeitos como sempre; e assim continuam procurando a satisfação acumulando riqueza, não se dando conta de que o desejo do coração não pode ser satisfeito desta maneira.

Aquele, que implantou o desejo, é o único que o pode satisfazer. Deus Se manifestou em Cristo, e Cristo é realmente *“o Desejado de todas as nações”* (Ageu 2:7),[3] embora haja tão poucos que crerão que só nEle se acha o perfeito repouso e satisfação. A cada mortal insatisfeito o convite é feito, *“Provai, e vede que o Senhor é bom; bem-aventurado o homem que nEle confia. Temei ao Senhor, vós, os Seu santos; pois nada falta aos que O temem”* (Salmo 34:8 - 9). *“Quão preciosa é, ó Deus, a Tua benignidade, pelo que os filhos dos homens se abrigam à sombra das Tuas asas. Eles se fartarão da gordura da Tua casa, e os farás beber da corrente das Tuas delícias.”* Salmo 36: 7 - 8.

Poder é o que os homens desejam neste mundo, e poder é o que o Senhor deseja que tenham. Mas o poder, que eles procuram, os arruína, e o poder que Ele deseja que tenham é poder que os salvará. O evangelho traz a todos os homens esse poder, e não é nada menos que o poder de Deus. Destina-se a todos, se o aceitarem. Vamos estudar

um pouco a natureza desse poder, porque quando o tivermos descoberto, teremos perante nós o evangelho completo.

O Poder do Evangelho

Na visão que o discípulo amado teve do tempo exatamente antes do retorno do Senhor, a mensagem do evangelho, que preparará aos homens para este evento, é assim descrita:—

"E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo, dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-Lhe glória; porque é vinda a hora do Seu juízo. E adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas." Apocalipse 14:6 - 7.

Aqui temos, claramente estabelecido perante nós, o fato de que a pregação do evangelho consiste em pregar a Deus como o Criador de todas as coisas, e em conclamar os homens a que O adorem como tal. Isto corresponde ao que lemos na epístola aos Romanos, que o evangelho *"é o poder de Deus para salvação"*[4]. O que o poder de Deus é, o aprendemos um pouco à frente, onde o apóstolo, referindo-se aos pagãos, diz:

"O que de Deus se pode conhecer neles se manifesta, porque Deus lho manifestou. Porque os Seus atributos invisíveis, desde a criação do mundo, tanto o Seu eterno poder, como a Sua Divindade, se entendem, e claramente se vêem pelas coisas que foram criadas." Romanos 1:19 - 20). Quer dizer, desde a criação do mundo, os homens foram capacitados a ver o poder de Deus, se empregarem os seus sentidos, já que Ele pode ser reconhecido claramente nas coisas que criou. A criação mostra o poder de Deus. Assim, o poder de Deus é um poder criador. E considerando que o evangelho é o poder de Deus para a salvação, segue-se que o evangelho é a manifestação do poder criador para salvar ao homem do pecado.

Mas aprendemos que o evangelho é as boas-novas da salvação em Cristo. O evangelho consiste na pregação de Cristo, e Este crucificado. Disse o apóstolo: *"Porque Cristo enviou-me, não para batizar, mas para pregar o evangelho; não com sabedoria de palavras, para que se não anule a cruz de Cristo. Porque a palavra da cruz é loucura para os que se perdem; mas para nós, que somos salvos, é o poder de Deus."* I Cor. 1:17 - 18.

E ainda mais à frente: *"Mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos. Mas para os que são chamados, tanto judeus*

como gregos, lhes pregamos a Cristo, poder de Deus, e sabedoria de Deus." I Coríntios 1:23 -24. E, é por este motivo que o apóstolo disse: *"E eu, irmãos, quando fui ter convosco, anunciando-vos o testemunho de Deus, não fui com sublimidade de palavras ou de sabedoria. Porque nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e Este crucificado."* I Coríntios 2:1 - 2.

A pregação de Cristo, e Este crucificado, é a pregação do poder de Deus; e, assim, é a pregação do evangelho, pois o evangelho é o poder de Deus. E isto está em perfeita harmonia com o pensamento de que a pregação do evangelho deve apresentar a Deus como o Criador; pois o poder de Deus é um poder criador, e Cristo é Aquele por quem foram criadas todas as coisas. Ninguém pode pregar a Cristo, sem O apresentar como o Criador. Deve honrar ao Filho da mesma forma em que honra ao Pai. Qualquer sermão, que falhe em tornar proeminente o fato de que Cristo é o Criador de todas as coisas, não é a pregação do evangelho.

Criação e Redenção

"No princípio era o Verbo, o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus... Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez... E o Verbo Se fez carne, e habitou entre nós... cheio de graça e de verdade." João 1:1-14. *"NEle foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por Ele e para Ele. E Ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por Ele."* Colossenses 1:16 -17.

Vamos dar mais cuidadosa atenção ao último texto, e vejamos como a criação e a redenção se encontram em Cristo. Nos versículos 13 e 14 lemos que Deus *"nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do Seu amor; em quem temos a redenção pelo Seu sangue, a saber, a remissão dos pecados"*. E então, após uma ênfase sobre quem Cristo é, o apóstolo nos diz como temos a redenção através do Seu sangue. Esta é a razão: *"porque por Ele foram criadas todas as coisas", etc.* A Versão Revisada, e também outras, dão uma tradução mais literal, *"Pois **nEle** todas as coisas foram criadas, ... e Ele é antes de todas as coisas, e **nEle** todas as coisas subsistem*.".

Assim, a pregação do evangelho eterno é a pregação de Cristo, o poder criador de Deus, através de quem somente pode vir a salvação. E o poder, pelo qual Cristo salva aos homens do pecado, é o poder, pelo qual Ele criou os mundos. Temos redenção por meio do Seu sangue; a pregação da cruz é a pregação do poder de Deus; e o poder de Deus é o poder que cria; assim, a cruz de Cristo contém nela mesma o poder criador. Certamente este é poder suficiente para todos. Não se admire por ter o apóstolo

exclamado: *"Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo."* Gálatas 6:14.

O Mistério de Deus

Para alguns pode ser uma nova ideia, o pensamento de que a criação e a redenção são o mesmo poder; para todos é, e sempre será, um mistério. O próprio evangelho é um mistério. O apóstolo Paulo ansiava pelas orações dos irmãos, a fim de que lhe fosse dado o poder da palavra *"para fazer notório o mistério do evangelho."* Efésios 6:19. Em outro lugar ele afirma que tinha sido constituído ministro do evangelho[5], de acordo com o dom da graça de Deus, dado a ele pela eficaz obra do Seu poder, para que pudesse *"... Anunciar entre os gentios, por meio do evangelho, as riquezas incompreensíveis de Cristo, e demonstrar a todos qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que tudo criou por meio de Jesus Cristo."* Efésios 3:8-9. Aqui vemos, mais uma vez, o mistério do evangelho como sendo o mistério da criação.

Este mistério tornou-se conhecido ao apóstolo por revelação. Como a revelação foi dada a ele, vemos em sua epístola aos gálatas, onde ele diz: *"Faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens. Porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo."* E, então ele torna o assunto ainda mais explícito ao dizer: *"Quando aprouve a Deus, que desde o ventre de minha mãe me separou, e me chamou pela Sua graça, revelar Seu Filho em mim, para que O pregasse entre os gentios, não consultei a carne nem o sangue."* Gal. 1:11, 12, 15 e 16.

Vamos resumir os últimos poucos pontos: 1) O evangelho é um mistério; 2) É um mistério tornado conhecido pela revelação de Jesus Cristo.

3. Não foi meramente que Jesus Cristo Se revelou ao apóstolo, mas que lhe foi dado conhecer o mistério pela revelação de Jesus Cristo. Paulo teve primeiro que conhecer o evangelho antes de o poder pregar a outros; e a única forma em que pôde conhecê-lo foi através da revelação de Jesus Cristo nele. A conclusão, portanto, é que o evangelho é a revelação de Jesus Cristo nos homens.

Essa conclusão está plenamente exposta pelo apóstolo em outro lugar, ao afirmar que foi feito ministro *"segundo a dispensação de Deus, que me foi confiada a vosso favor, para dar pleno cumprimento à palavra de Deus: o mistério que estivera oculto desde todos os séculos, e em todas as gerações, e que agora foi manifesto aos Seus santos; aos quais Deus quis dar a conhecer quais são as riquezas da glória deste mistério entre os gentios, que é Cristo em vós, esperança da glória."* Colossenses 1:25-27.

Assim, é-nos amplamente assegurado que o evangelho é tornar Cristo conhecido nos homens. Ou antes, o evangelho é Cristo nos homens, e a pregação dele é tornar conhecido aos homens que é possível Cristo habitar neles. E isto está de acordo com a afirmação do anjo de que o nome de Jesus deveria ser Emanuel, *"que traduzido é: Deus conosco."* Mateus 1:23; e também com a declaração do apóstolo de que o mistério de Deus é Ele manifestado em carne. I Timóteo3:16. Quando o anjo anunciou aos pastores o nascimento de Jesus, o anúncio foi de que Deus tinha vindo ao homem em carne; e quando foi dito que estas boas-novas seriam para todo o povo, foi revelado que o mistério de Deus, habitando em carne humana, deveria ser declarado a todos os homens, e repetido em todos os que cressem nEle.

Agora vamos resumir brevemente o que aprendemos até aqui:

1. O evangelho é o poder de Deus para a salvação. Salvação é somente pelo poder de Deus, e onde há o poder de Deus, há salvação.

2. Cristo é o poder de Deus.

3. Mas a salvação de Cristo vem através da cruz; portanto, a cruz de Cristo é o poder de Deus.

4. Assim, a pregação de Cristo, e Ele crucificado, é a pregação do evangelho.

5. O poder de Deus é o poder que cria todas as coisas. Assim a pregação de Cristo, e Ele crucificado, como o poder de Deus, é a pregação do poder criador de Deus agindo na salvação dos homens.

6. Isso é assim, porque Cristo é o Criador de todas as coisas.

7. Não só isto, mas *nEle* todas as coisas foram criadas. Ele é o primogênito de toda a criação;[7] quando foi gerado, *"nos dias da eternidade"*[8], todas as coisas foram virtualmente criadas, porque toda criação está nEle. A substância de toda criação, e o poder pelo qual todas as coisas passaram a existir, estava em Cristo. Esta é simplesmente uma declaração do mistério que só a mente de Deus pode entender.

8. O mistério do evangelho é Deus manifestado em carne humana. Cristo na terra é *"Deus conosco"*. Assim, Cristo morando nos corações dos homens pela fé, é a plenitude de Deus neles.

9. E isso significa nada menos que a energia criadora em Deus operando nos homens através de Jesus Cristo, para salvação deles. *"Se alguém está em Cristo, nova*

criatura é." II Coríntios 5:17. *"Somos feitura dEle, criados em Cristo Jesus para as boas obras".* Efésios 2:10.

Tudo isto é indicado pelo apóstolo quando disse que pregar as incompreensíveis riquezas de Cristo é fazer que todos compreendam *"qual seja a dispensação do mistério, que desde os séculos esteve oculto em Deus, que* ***tudo criou por meio de Jesus Cristo***"[9]

Resumo

Na porção das escrituras, abaixo, temos os detalhes deste mistério bem sumariado:

"Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nos lugares celestiais em Cristo; como também nos elegeu nEle antes da fundação do mundo, para que fôssemos santos e irrepreensíveis diante dEle em amor; e nos predestinou para filhos de adoção por Jesus Cristo, para Si mesmo, segundo o beneplácito de Sua vontade, para louvor e glória da Sua graça, pela qual nos fez agradáveis a Si no Amado, em quem temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça, que Ele fez abundar para conosco em toda a sabedoria e prudência; descobrindo-nos o mistério da Sua vontade, segundo o Seu beneplácito, que propusera em Si mesmo, de tornar a congregar em Cristo todas as coisas, na dispensação da plenitude dos tempos, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra; nEle, digo, em quem também fomos feitos herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito dAquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da Sua vontade; com o fim de sermos para louvor da Sua glória, nós os que primeiro esperamos em Cristo; em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nEle também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa. O qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão adquirida, para louvor da Sua glória. Por isso, ouvindo eu também a fé que entre vós há no Senhor Jesus, e o vosso amor para com todos os santos, não cesso de dar graças a Deus por vós, lembrando-me de vós nas minhas orações: Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em Seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação; tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da Sua herança nos santos; e qual a sobresselente grandeza do Seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do Seu poder, que manifestou em Cristo, ressuscitando-O dentre os mortos, e pondo-O à Sua direita nos céus." Efésios 1:3-20.

Agora vamos salientar diversos pontos dessa declaração.

1. Todas as bênçãos nos são dadas em Cristo. *"Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho poupou, antes O entregou por todos nós, como nos não dará também com Ele todas as coisas?"*Romanos 8:32.

2. Esta dádiva de todas as coisas em Cristo está de acordo com o fato de que Ele nos escolheu nEle desde a fundação do mundo, a fim de que nEle obtenhamos santidade. *"Deus não nos destinou para a ira, mas para alcançar a salvação, mediante nosso Senhor Jesus Cristo".*(I Tessalonicenses 5:9).

3. Nesta escolha, o destino escolhido para nós é que fôssemos filhos.

4. De acordo com isso, Ele nos aceitou no Amado.

5. No Amado temos redenção pelo Seu sangue.

6. Tudo isto é o modo pelo qual nos é possível conhecer o mistério, a saber, que na plenitude dos tempos Ele reuniria todas as coisas em Jesus Cristo, tanto as que estão nos céus como as que estão na terra.

7. Este sendo o firme propósito de Deus, segue-se que em Cristo nós já obtivemos uma herança; visto que Deus faz que todas as coisas se realizem segundo o propósito da Sua própria vontade.

8. Todos os que crêem em Cristo são selados com o Espírito Santo, que é chamado o Espírito Santo da promessa, porque é a garantia da herança prometida.

9. Este selo do Espírito Santo é o penhor da nossa herança até a redenção da possessão adquirida. *"Não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção."* Efésios 4:30.

10. Os que têm o Espírito como o selo, sabem quais são as riquezas da glória da herança; isto é, a glória da herança futura se torna deles agora, através do Espírito.

Nisto vemos que o evangelho envolve uma herança. De fato, o mistério do evangelho é, em realidade, a possessão da herança, porque nEle temos recebido uma herança. Vejamos agora a forma em que Romanos 8 declara isto. Não citaremos todo o texto da Escritura, mas somente vamos resumi-lo.

Os que têm o Espírito Santo da promessa são filhos de Deus; *"Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus."*[10] Mas se somos filhos, somos, necessariamente, herdeiros; herdeiros de Deus porque filhos de Deus. E se somos herdeiros de Deus, somos co-herdeiros juntamente com Jesus Cristo. Mais do que

qualquer outra coisa Cristo está desejoso de que saibamos, que o Pai nos ama tanto como ama a Ele.

Mas do que somos co-herdeiros com Cristo?—De toda a criação, porque o Pai O*"constituiu herdeiro de tudo."* Hebreus 1:2, e disse que *"quem vencer, herdará todas as coisas".*Apocalipse 21:7. Isto é demonstrado pelo que se segue no capítulo 8 de Romanos. Agora somos filhos de Deus, mas a glória dos filhos de Deus não está ainda manifesta. Cristo foi o Filho de Deus, entretanto Ele não foi reconhecido como tal pelo mundo, *"por isso o mundo não nos conhece; porque não O conhece a Ele".* I João 3:1. Possuindo o Espírito, possuímos *"as riquezas da glória da herança."*[11] e esta glória será, no tempo apropriado, revelada em nós, em uma medida que ultrapassará em muito os sofrimentos atuais.

"Porque a ardente expectação da criação espera a manifestação dos filhos de Deus. Porque a criação ficou sujeita à vaidade, não por sua vontade, mas por causa do que a sujeitou, na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. Porque sabemos que toda a criação geme e está juntamente com dores de parto até agora. E não só ela, mas nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo." Romanos 8:19-23.

O homem por criação era filho de Deus; mas devido ao pecado tornou-se filho da ira, um filho de Satanás, a quem prestou obediência ao invés de a Deus. Mas mediante a graça de Deus em Cristo aqueles que crêem se tornam filhos de Deus, e recebem o Espírito Santo. São assim selados como herdeiros, até a redenção da possessão adquirida, isto é, a criação inteira, a qual espera pela sua redenção, quando a glória for revelada nos filhos de Deus.

No próximo artigo continuaremos com o estudo do evangelho, especialmente considerando a respeito do que está incluído na *"possessão adquirida"*.

The Present Truth, 7 de maio de 1896

Notas desta edição:

1) Romanos 14:17; Hebreus 1:9, e Isaías 61:3;

2) II Coríntios 8:9;

3) A expressão *"O Desejado de todas as nações"* foi tirada de Ageu 2:7, na versão King James de 1611. Em português a encontramos na versão Almeida Revista e Corrigida; e na versão do Pe. Antônio Pereira de Figueiredo, no vs. 8. "o Desejado de todas as gentes";

4) Romanos 1:16;

5) Romanos 15:16, Colossenses 1:23 e I Tesalonicenses 3:2;

6) I Timóteo 3:16;

7) Colossenes 1:15;

8) Miquéias 5:2;

9) Efésios 3:8 e 9;

10) Romanos 8:14;

11) Efésios 1:18;

CAPÍTULO 2.

O Primeiro Domínio

A Propriedade Adquirida

Redenção significa re-comprar E o que é que precisava ser re-comprado? Evidentemente aquilo que fora perdido; pois isto é o que o Senhor veio salvar E o que estava perdido? O homem, por uma única coisa, *"porque assim diz o Senhor: Por nada fostes vendidos; e sem dinheiro sereis resgatados."* Isaías 52:3. E o que mais havia se perdido? Evidentemente, tudo o que o homem possuía E o que era isto?

"Também disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra E criou Deus o homem à sua imagem; à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei a terra, e sujeitai-a; e dominai sobre os peixes do mar e sobre as aves dos céus e sobre todo animal que se move sobre a terra" Gênesis 1:26-28

O salmista diz do homem: *"Pois pouco menor o fizeste do que os anjos, e de glória e de honra o coroaste. Fazes com que ele tenha domínio sobre as obras das tuas mãos; tudo puseste debaixo de seus pés: Todas as ovelhas e bois, assim como os animais do campo, As aves dos céus, e os peixes do mar, e tudo o que passa pelas veredas dos mares."* Salmo 8:5-8

Tal foi o domínio original do homem, mas não o reteve. Na epístola aos hebreus temos as palavras do salmista, citadas na seguinte passagem:—

"Porque não foi aos anjos que [Deus] *sujeitou o mundo vindouro, de que falamos Mas em certo lugar testificou alguém, dizendo: Que é o homem, para que dele te lembres? Ou o filho do homem, para que o visites? Tu o fizeste um pouco menor* [ou *'por pouco tempo menor'*][1] *do que os anjos; De glória e de honra o coroaste, E o constituíste sobre as obras de tuas mãos; Todas as coisas lhe sujeitaste debaixo dos pés. Ora, visto que lhe sujeitou todas as coisas, nada deixou que lhe não esteja sujeito Mas agora ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor* [ou *'por pouco tempo menor'* RV] *do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos."* Hebreus 2:5-9.

Um maravilhoso quadro se abre para nós nestas palavras Deus colocou a terra, e tudo o que lhe pertence, debaixo do governo do homem. Mas isto não ocorre agora *"Não vemos ainda todas as coisas sujeitas a ele"* Por quê não? Porque o homem perdeu tudo na queda. Porém vemos Jesus, que foi feito *"menor que os anjos,"* isto é, foi feito homem, provou a morte por todo homem, a fim de que todo aquele que crer possa ser restaurado à herança perdida. Portanto, tão certamente como Jesus morreu e ressuscitou outra vez, e tão certamente como por Sua morte e ressurreição os que crerem nEle serão salvos, assim certamente a herança perdida será restaurada para os que são redimidos.

Isto está indicado nas primeiras palavras da passagem citada do livro de Hebreus: *"Pois não foi aos anjos que sujeitou o mundo futuro, de que falamos"* Bem, sujeitou Ele o mundo por vir ao homem? Sim, porque quando a terra foi criada Ele a pôs em sujeição ao homem, e Cristo tomou o estado caído do homem a fim de redimir ambos, o homem e sua propriedade perdida, porque Ele veio salvar o que se havia perdido[2]; e visto que nEle obtivemos uma herança, é evidente que em Cristo temos domínio sobre o mundo que há de vir, que é a terra renovada, como foi antes da queda.

Isto é mostrado também pelas palavras do profeta Isaías: *"Envergonhar-se-ão, e também se confundirão todos; cairão juntamente na afronta os que fabricam imagens Porém Israel é salvo pelo Senhor, com uma eterna salvação; por isso não sereis envergonhados nem confundidos em toda a eternidade Porque assim diz o Senhor que tem criado os céus, o Deus que formou a terra, e a fez; Ele a confirmou, não a criou vazia, mas a formou para que fosse habitada: Eu sou o Senhor e não há outro Não falei em segredo, nem em lugar algum escuro da terra; não disse à descendência de Jacó: Buscai-me em vão; Eu Sou o Senhor, que falo a justiça, e anuncio coisas retas."* Isaías 45:16-19.

O Senhor formou a terra, para que fosse habitada, e desde que Ele faz todas as coisas segundo o conselho de Sua vontade, é certo que Seus desígnios se realizarão. Mas, quando Ele fez a terra, o mar e todas as coisas que há neles, e o homem sobre a terra, *"viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom,"* Gênesis 1:31. Então, considerando que o plano de Deus vai cumprir-se, é evidente que a terra ainda deve ser habitada por pessoas que são muito boas, e isto acontecerá naquele tempo em condição perfeita.

Quando Deus fez o homem, Ele o coroou *"de glória e honra"*[3], e lhe deu *"domínio sobre as obras de Suas mãos"* Ele era, portanto, rei, e como sua coroa indicava, seu reino era um reino de glória. Pelo pecado ele perdeu o reino e a glória, *"porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus."* Romanos 3:23. Jesus desceu então até seu lugar, e pela morte, que ele experimentou por todos os homens, Ele tornou-

Se *"coroado de glória e de honra."*[4] É ***Jesus Cristo homem***, I Timóteo 2:5, quem reconquistou o domínio que o primeiro homem, Adão, perdeu. Ele fez isto a fim de trazer muitos filhos à glória nEle temos obtido uma herança; e sendo que é *"Jesus Cristo homem"* quem *está agora na presença de Deus por nós"* [5]*,* é lógico que o mundo vindouro, que é a nova terra,–*"o primeiro domínio"*–, ainda é a porção do homem

Os textos seguintes também demonstram isto: "Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que O esperam para a salvação." Hebreus 9:28. Quando Ele foi oferecido, Ele levou a maldição, a fim de que a maldição pudesse **(30)** ser removida *"Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós, porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro."* Gálatas 3:13. Porém, quando a maldição do pecado veio sobre o homem, veio também sobre a terra; pois o Senhor disse a Adão: *"Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei, dizendo: Não comerás dela, maldita é a terra por causa de ti; com dor comerás dela todos os dias da tua vida Espinhos e cardos também te produzirá; e comerás a erva do campo."* Gênesis 3:17 -18. Quando Cristo foi traído e entregue nas mãos de homens pecadores, *"tecendo uma coroa de espinhos, puseram-lha na cabeça e, em sua mão direita uma cana; e, ajoelhando diante dEle, O escarneciam, dizendo: Salve, Rei dos judeus! E, cuspindo nEle, tiraram-Lhe a cana, e batiam-Lhe com ela na cabeça."* [6] Assim, pois, quando Cristo levou a maldição que veio sobre o homem, Ele, ao mesmo tempo, levou a maldição da terra. Portanto quando Ele vier para salvar os que aceitaram Seu sacrifício, Ele vem renovar a terra também.

O Tempo da Restauração

Por isso o apóstolo Pedro disse: *"E envie Ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio."* Atos 3:20-21. E assim, temos as palavras de Cristo: *"E quando o Filho do Homem vier em Sua glória, e todos os santos anjos, com Ele, então, se assentará no trono da Sua glória; e todas as nações serão reunidas diante dEle, e apartará uns dos outros, como o pastor aparta dos bodes as ovelhas E porá as ovelhas à sua direita, mas os bodes à esquerda. Então, dirá o Rei aos que estiverem à sua direita: Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo."* Mateus 25:31-34. Isso será a consumação da obra do evangelho.

Agora voltemos às palavras do apóstolo no primeiro capítulo de Efésios. Ali aprendemos que em Cristo somos predestinados à adoção de filhos; e como se vê em outro lugar, se somos filhos somos herdeiros de Deus, e co-herdeiros com Jesus Cristo.

Portanto, em Cristo obtivemos uma herança, porque Ele ganhou a vitória, e está sentado à direita do Pai, aguardando o tempo em que seus inimigos sejam postos por estrado de Seus pés, e todas as coisas Lhe sejam sujeitas. Isto é tão certo quanto o fato de que Ele venceu. Como garantia dessa herança que temos nEle, Ele deu o Espírito Santo. É da natureza da herança, e, portanto, torna conhecido quais sãos as riquezas da glória da herança. Em outras palavras, a comunhão do Espírito torna conhecida a comunhão do mistério.

O Espírito é o representante de Cristo. Portanto, o Espírito habitando no homem é Cristo no homem, a esperança da glória[7] E Cristo no homem é o poder criador no homem, tornando-os novas criaturas. O Espírito é dado *"de acordo com as riquezas de Sua glória"*, e esta é a dimensão do poder por meio do qual devemos ser fortalecidos. Assim, as riquezas da glória da herança, tornadas conhecidas pelo Espírito, não é menos que o poder por meio do qual Deus fará novas todas as coisas por Jesus Cristo, como no princípio, e pelo qual criará o homem novamente, de modo que seja habilitado para aquela herança gloriosa. Assim é que, quando o Espírito é dado na plenitude da medida, aqueles a quem é dado, *"provaram a boa palavra de Deus e as virtudes do século futuro."* Hebreus 6:5.

Assim, o evangelho não trata exclusivamente do futuro. É presente e pessoal. *É* o poder de Deus para salvação de *todo aquele* que *creu*, ou que está crendo[8] Enquanto cremos temos o poder, e esse poder é o poder pelo qual o mundo que há de vir deverá ser preparado para nós, assim como foi no princípio. Portanto, estudando a promessa da herança estamos simplesmente estudando o poder do evangelho para salvar-nos do presente mundo mal.

"E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa." Gálatas 3:29.

Quem são os Herdeiros?

De que somos herdeiros, se somos semente de Abraão? Ora, evidentemente da promessa a Abraão. Mas se somos de Cristo, então somos herdeiros com Ele; pois são de Cristo os que têm o Espírito e os que têm o Espírito são herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo. Portanto, ser co-herdeiro com Cristo é ser herdeiro de Abraão.

"Herdeiros segundo a promessa" Que promessa? A promessa feita a Abraão, logicamente Qual foi a promessa? Leia Romanos 4:13 para ter uma resposta: *"A promessa de que havia de ser herdeiro do mundo não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé."*Portanto, os que são de Cristo são herdeiros do

mundo. Já aprendemos isto de muitos textos, mas agora o vemos definitivamente relacionado com a promessa feita a Abraão.

Temos considerado também que a herança há de ser outorgada na vinda do Senhor, pois é ao vir na Sua glória quando dirá aos justos: *"Vinde, benditos de meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo"*[9] Quando o mundo foi criado foi ideado para ser a habitação do homem, e foi dado a ele. Mas o domínio foi perdido. É verdade que os homens vivem hoje na terra, mas não gozam da herança que Deus originalmente lhes deu. Esta era a possessão de uma criação perfeita, por seres perfeitos Não, nem sequer a possuem, pois*"Uma geração vai, e outra geração vem; mas a terra permanece para sempre."* Eclesiastes 1:4. Enquanto que a terra permanece para sempre, *"nossos dias são como a sombra sobre a terra, e não temos permanência."* I Crônicas 29:15. Na verdade ninguém possui nada deste mundo. Os homens lutam e se esforçam para adquirir riqueza, e então "*morrem e deixam a outros os seus bens."* Salmo 49:10. Mas Deus faz todas coisas de acordo com o conselho de Sua própria vontade; nem um só de Seus propósitos falhará; e assim, tão logo o homem pecou e perdeu sua herança, uma restauração foi prometida por meio de Cristo, nestas palavras: *"E porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a Sua semente; esta te ferirá a cabeça, e tu Lhe ferirás o calcanhar."* Gênesis 3:15. Nessas palavras a destruição de Satanás e toda sua obra foram preditas. Foi predita a *"tão grande salvação começando a ser anunciada pelo Senhor"*[10] Desta forma, *"o primeiro domínio."* Miquéias 4:8, a saber, *"o reino, e o domínio, e a majestade dos reinos debaixo de todo o céu serão dados ao povo dos santos do Altíssimo; o Seu reino será um reino eterno."* Daniel 7:27. Esta será uma possessão real, visto que será eterna.

A Promessa da Sua Vinda

Mas tudo isto deve ser consumado quando da vinda do Senhor em glória, *"O qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio."* Atos 3:21. Assim a vinda do Senhor para restaurar todas as coisas, tem sido a grande esperança sempre posta diante da igreja desde a queda do homem. Os fiéis têm sempre esperado por esse evento, e embora o tempo pareça delongar-se, e a maioria do povo duvide da promessa, ela é tão certa como a palavra do Senhor. A promessa, as dúvidas dos incrédulos, e a certeza do cumprimento da promessa, são vividamente expostos no seguinte texto das Escrituras:—

"Amados, escrevo-vos agora esta segunda carta, em ambas as quais desperto com exortação o vosso ânimo sincero; Para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas, e do nosso mandamento, como

apóstolos do Senhor e Salvador: Sabendo primeiro isto, que nos últimos dias virão escarnecedores, andando segundo as suas próprias concupiscências, e dizendo: Onde está a promessa da Sua vinda? Porque desde que os pais dormiram, todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação. Eles voluntariamente ignoram isto, que pela palavra de Deus já desde a antiguidade existiram os céus, e a terra, que foi tirada da água e no meio da água subsiste [compactada fora da água e cercada de água, RV]*; Pelas quais coisas pereceu o mundo de então, coberto com as águas do dilúvio. Mas os céus e a terra que agora existem pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpio.s Mas, amados, não ignoreis uma coisa, que um dia para o Senhor é como mil anos, e mil anos como um dia. O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; mas é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se. Mas o dia do Senhor virá como o ladrão de noite; no qual os céus passarão com grande estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra, e as obras que nela há, se queimarão. Havendo, pois, de perecer todas estas coisas, que pessoas vos convém ser em santo trato, e piedade, aguardando, e apressando-vos para a vinda do dia de Deus, em que os céus, em fogo se desfarão, e os elementos, ardendo, se fundirão? Mas nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça."* II Pedro 3:1-13.

Leia a passagem novamente, e observe os seguintes pontos: Os que escarnecem da promessa da vinda do Senhor são voluntariamente ignorantes de alguns dos eventos claros registrados na Bíblia, a saber, a criação e o dilúvio A palavra do Senhor criou os céus e a terra no princípio *"Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo espírito da Sua boca."* Salmo 33:6. Pela mesma palavra a terra foi coberta pela água, a água com a qual a terra foi abastecida contribuiu para a sua destruição. Pelo dilúvio a terra *"pereceu"*; a terra, na sua atual condição, tem apenas uma pálida semelhança com a que existiu antes do dilúvio. Pela mesma palavra que criou e destruiu a terra, é a que a sustem hoje, até o tempo da destruição dos homens ímpios, quando se converter em um lago de fogo ao invés de um lago de água. *"Mas nós, segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça."* II Pedro 3:13. A mesma palavra realiza todas as coisas.

O Grande Clímax

Assim, temos a impressão que a vinda do Senhor tem sido o grande evento em direção ao qual todas as coisas tendem desde a própria **(35)** queda. A *"promessa de sua vinda"* é a mesma promessa de um novo céu e uma nova terra Esta foi a promessa feita aos *"pais"* Os que zombam dela não podem negar que a Bíblia contém a promessa, mas, visto que nenhum mudança tem ocorrido desde que os pais dormiram,[11] pensam que não há nenhuma possibilidade de se cumprir. Ignoram o fato de que as coisas têm mudado muito desde o princípio da criação; e têm se esquecido de que a palavra do Senhor permanece para sempre. *"O Senhor não retarda a Sua promessa."*[12] Observe que está no singular, não na forma plural da palavra. Não são *promessas*, mas *promessa.* É um fato que Deus não esquece nenhuma de Suas promessas, mas o apóstolo Pedro está aqui se referindo a uma promessa definida, a promessa da segunda vinda do Senhor, e a restauração da terra Será de fato uma *"nova terra"*, porque será restaurada à condição em que estava quando foi criada no princípio

Agora, embora tenha passado muito tempo – segundo a contagem humana – desde que a promessa foi feita, *"o Senhor não retarda a Sua promessa",*[12] visto que ele tem todo o tempo para Si próprio. Mil anos para Ele são como um dia.[13] Assim, mal passou uma semana desde que a promessa foi feita pela primeira vez, por ocasião da queda. Somente por volta da metade de uma semana transcorreu desde que *"os pais dormiram."* A passagem de uns poucos mil anos em nada diminui sequer um jota da promessa de Deus. É tão certa como quando foi feita pela primeira vez. Deus não Se esqueceu. O único motivo porque se tem estendido tanto é porque *"ele é longânimo para conosco, não querendo que alguns se percam, senão que todos venham a arrepender-se."*[14]Portanto, *"tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor",*[15] e aceite com gratidão a bondade assim oferecida, em lugar de considerar Sua misericordiosa demora como uma evidência de falta de boa fé de Sua parte.

Não se deve esquecer que, enquanto mil anos são para o Senhor como um dia, também um dia é para ele como mil anos. O que isso significa? Simplesmente, que enquanto o Senhor pode esperar um longo tempo, na contagem humana, antes de levar a cabo Seus planos, isso não deve ser tomado como evidência em nenhum estágio, de que realizar uma determinada quantidade de trabalho irá precisar necessariamente da mesma quantidade de tempo que foi necessário no passado para o mesmo trabalho. Um dia é tão suficiente como mil anos para o Senhor, quando Ele escolheu realizar a obra de mil anos em um dia. E isso ainda vai ocorrer, *"Porque ele completará a obra e abreviá-la-á em justiça; porque o Senhor fará breve a obra sobre a terra."* [16]Um dia será suficiente para a obra de mil anos. O dia de Pentecostes foi apenas uma amostra do poder com o qual o evangelho ainda há de ser propagado.

E agora que tivemos este sumário do que realmente é o evangelho do reino, e temos nos referido à promessa aos pais como o alicerce da nossa fé, podemos estudar

a promessa, começando com Abraão, de quem devemos ser filhos, se é que devemos ser herdeiros com Cristo.

The Present Truth, 14 de maio de 1896

Notas desta edição:

1) Hebreus 2: 7, em todas as versões da Almeida lemos: "*Tu o fizeste um pouco menor do que os anjos",*mas na margem da KJV há a alternativa*: 'por pouco tempo menor'*. O *Comentário Bíblico*, no volume 7, pág. 403, diz que no "grego pode ser entendido dos dois modos. Ambas idéias são verdadeiras. A última é especialmente apropriada quando aplicada a Cristo (vs. 9) pois somente, por breve tempo, durante Sua encarnação, foi Ele feito menor."

2) Mateus 18:11 e Lucas 19:10;

3) Salmos 8:5;

4) Hebreus 2:9;

5) Hebreus 9:24;

6) Mateus 27:29 e 30;

7) Colossenses 1:27;

8) Romanos 1:16;

9) Mateus 25:34;

10) Hebreus 2:3;

11) Ver II Pedro 3:4;

12) II Pedro 3:9, p.p.;

13) Salmo 90:4;

14) II Pedro 3:9, ú.p.;

15) II Pedro 3:15;

16) Romanos 9.

CAPÍTULO 3.

O Chamado de Abraão, 1

A Promessa a Abraão

Ao estudar esta promessa, duas porções das Escrituras precisam ser sempre mantidas bem vivas em nossas mentes. A primeira é as palavras de Jesus aos líderes judeus: *"Vós examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna, e são elas mesmas que testificam de Mim".* João 5:39. E os vs. 46 e 47: *"Porque, se de fato crêsseis em Moisés, também creríeis em Mim; porquanto ele escreveu a Meu respeito. Se porém não credes nos seus escritos, como crereis nas Minhas palavras?"*

As únicas Escrituras nos dias de Cristo eram os livros que agora conhecemos como o Antigo Testamento; elas testificam dEle. Não foram dadas com nenhum outro propósito. O Apóstolo Paulo escreveu que as Escrituras são capazes de tornar os homens sábios para a salvação, pela fé em Cristo Jesus II Timóteo 3:15; entre esses escritos, os cinco livros de Moisés são especialmente assinalados pelo SENHOR como O revelando. Aquele que lê os escritos de Moisés, e o Antigo Testamento inteiro, sem qualquer outra expectativa que a de encontrar a Cristo, e o caminho da vida por meio dEle, vai deixar inteiramente de entendê-los. Sua leitura será em vão.

O outro texto é II Coríntios 1:19-20: *"Porque o Filho de Deus, Cristo Jesus, que foi por nosso intermédio anunciado entre vós, isto é, por mim, e Silvano, e Timóteo, não foi sim e não; mas sempre nele houve o sim. Porque, quantas são as promessas de Deus, tantas têm nEle o sim;porquanto também por Ele é o Amém, para glória de Deus por nosso intermédio".* Nenhuma promessa de Deus foi jamais dada ao homem, exceto mediante Cristo. Fé pessoal em Cristo é a única coisa necessária, a fim de receber o que quer que Deus haja prometido. Deus não faz acepção de pessoas: Ele oferece Suas riquezas livremente a todos; mas, ninguém pode ter participação nelas exceto se ele aceitar a Cristo. Isso é perfeitamente justo, uma vez que Cristo é dado a todos que estejam desejosos de possuí-Lo.

Com estes princípios em mente, é que devemos ler o primeiro relato da promessa de Deus a Abraão: *"Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai-te da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei; far-te-ei uma grande nação, e abençoar-te-ei, e engrandecerei o teu nome. E tu serás uma bênção! E abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as famílias da terra"* Gên. 12:1-3.

Podemos ver pelo mesmo princípio que esta promessa feita a Abraão era uma promessaem Cristo. O apóstolo Paulo escreve: *"Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão dizendo: Em ti, serão benditas todas as nações. De sorte que os que são da fé são abençoados*

com o crente Abraão". Gálatas 3:8-9. Disso aprendemos que quando Deus declarou que em Abraão todas as famílias da terra serão abençoadas, estava pregando o evangelho a ele. A bênção, que viria sobre os povos da terra mediante ele, adviria somente àqueles que têm fé.

Abraão e a Cruz.

A pregação do Evangelho é a pregação da cruz de Cristo. Assim, o apóstolo Paulo diz que foi enviado para pregar o evangelho, mas não com sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristofosse tornada sem nenhum efeito. Daí ele acrescenta que a pregação da cruz é o poder de Deus para aqueles que são salvos, I Coríntios 1:17-18. Essa é outra forma de dizer que a pregação da cruz é o evangelho, pois o evangelho é o poder de Deus para salvação. Romanos 1:16. Portanto sendo que a pregação do evangelho era a pregação da cruz de Cristo, e não há salvação por nenhum outro meio, e Deus pregou o evangelho a Abraão quando disse: *"Em ti todas as famílias da terra serão abençoadas",* é muito claro que, nessa promessa, a cruz de Cristo foi tornada conhecida a Abraão, e que a promessa, assim feita, seria uma que poderia ser obtida somente mediante a cruz.

Este fato é tornado muito claro no terceiro capítulo de Gálatas, seguindo-se à declaração de que a promessa de bênção é para todas as nações da terra mediante Abraão, e que os que fossem de fé seriam abençoados com o fiel Abraão. O apóstolo diz: *"Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós pois está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro[1], para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios, por Jesus Cristo, e para que, pela fé, nós recebêssemos a promessa do Espírito".* Gálatas 3:13-14. Aqui nos está declarado, da maneira mais explícita, que a bênção de Abraão, que devia sobrevir a todas as famílias da terra, haveria de derivar somente da cruz de Cristo.

Esse é um ponto que precisa ser fixado na mente desde o princípio. Todos os mal entendidos da promessa de Deus a Abraão e sua semente, têm surgido de uma falha de ver o evangelho da cruz de Cristo nela. Se for continuamente lembrado que todas as promessas de Deus estão em Cristo, para serem obtidas somente mediante a Sua cruz, e que, conseqüentemente, elas são espirituais e eternas em sua natureza, não haverá nenhuma dificuldade, e o estudo da promessa aos pais será um deleite e uma bênção.

Lemos que Abraão, em obediência ao chamado do SENHOR, saiu da casa de seu pai e de sua terra nativa. *"Levou Abrão consigo a Sarai, sua mulher, e a Ló, filho de seu irmão, e todos os bens que havia adquirido, e as almas que lhe acresceram em Harã. E sairam para a terra de Canaã; e lá chegaram. Passou Abrão pela terra até o lugar de Siquém, até ao carvalho de Moré. Nesse tempo estavam os cananeus na terra. Apareceu o SENHOR a Abrão e disse: À tua semente darei esta terra. Abrão edificou ali um altar ao SENHOR, que lhe aparecera. Dali passou pelo monte ao oriente de Betel, e armou a*

sua tenda, ficando Betel ao ocidente e Ai ao oriente; também ali edificou um altar ao SENHOR e invocou o nome do SENHOR". Gênesis 12:5-8.

É bom que entendamos o real significado das promessas de Deus, e seu trato com Abraão desde o princípio, e então nossa subseqüente leitura se tornará mais fácil, visto que será a aplicação desses princípios. Neste último texto da Escritura há uns poucos assuntos introduzidos que ocupam um lugar muito proeminente neste estudo, e vamos estudá-los aqui. Primeiramente:

A SEMENTE

O SENHOR Disse a Abraão, após ele ter alcançado a terra de Canaã: *"À tua semente darei esta terra"*[2]. Se nos apegarmos às Escrituras, não teremos dificuldade em entender a quem se refere esta semente: *"Ora, as promessas foram feitas a Abraão e ao seu descendente. Não diz: E aos descendentes, como se falando de muitos, porém como de um só: E ao* ***teu descendente, que é Cristo****"* Gálatas 3:16. Isso devia para sempre resolver a questão de modo a não mais haver discórdia a respeito. A semente de Abraão, a quem a promessa foi feita, é Cristo. Ele é o herdeiro.

Mas, nós também podemos ser co-herdeiros com Ele. *"Pois todos vós que fostes batizados em Cristo vos revestistes de Cristo. Desta forma não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; pois todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, então sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa".* Gálatas 3:27-29.

Os que foram batizados em Cristo revestiram-se de Cristo, e assim estão incluídos nEle. Então, quando é dito que Cristo é a semente de Abraão, a quem as promessas foram feitas, todos quantos estão em Cristo estão incluídos. Mas, nada fora de Cristo está contido na promessa. Dizer que a herança prometida à semente de Abraão poderia ser possuída por qualquer um, exceto pelos que são de Cristo – mediante fé nEle, é ignorar o evangelho e negar a palavra de Deus. *"Se alguém está em Cristo, é nova criatura,"* II Coríntios 5:17. Portanto, sendo que a promessa da possessão da terra foi feita a Abraão e a sua Semente, que é Cristo e aqueles que se revestiram dEle, por meio do batismo, e que portanto, são novas criaturas, conclui-se que a promessa da terra se referia somente a quem foram feitas novas criaturas em Cristo, —filhos de Deus pela fé em Cristo. Isso novamente é uma evidência adicional de que todas as promessas de Deus são feitas em Cristo, e de que as promessas feitas a Abraão podem ser obtidas somente através da cruz de Cristo.

Não esqueçamos, pois, esse princípio, nem por um momento, ao ler sobre Abraão e a promessa que foi feita a ele e à sua semente: o princípio de que a semente é Cristo e todos os que estão nEle. E ninguém mais.

A Terra

Abraão estava na terra de Canaã quando Deus lhe disse: *"À tua semente darei esta terra".*[2] Atentai agora para as palavras que o mártir Estevão, cheio do Espírito Santo, e com o rosto brilhante como o de um anjo, e que disse a seus perseguidores: *"O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, estando na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã, e lhe disse: Sai da tua terra e da tua parentela e vem para a terra que Eu te mostrarei. Então, saiu da terra dos caldeus e foi habitar em Harã. E dali, com a morte de seu pai, Deus o trouxe para esta terra em que vós agora habitais."* Atos 7:2-4.

Isso não é mais que uma repetição do que temos lido já no capítulo 12 de Gênesis. Agora, observem o vs. 5: *"Nela não lhe deu herança, nem sequer o espaço de um pé; mas prometeu dar-lhe a posse dela, e depois dele, à sua descendência, não tendo ele filho."*

"Vejam, embora Deus declare: *"à tua descendência darei esta terra"*, incluindo o próprio Abraão na promessa. Isto se torna mais evidente nas repetições da promessa que se seguem no livro de Gênesis.

Mas aprendemos mais, que Abraão em verdade não recebeu nenhuma herança de terra. Ele não teve nem mesmo um pedaço de terra para colocar um pé sobre ela; ainda que Deus a houvesse prometido a ele e sua semente depois dele. Que dizer-se disso? Que a promessa de Deus falhou?—De modo algum. Deus *"não pode mentir."*[3] *"Ele permanece fiel."*[4] Abraão morreu sem ter recebido a prometida herança; mas, Ele morreu em fé. Devemos então entender disso a lição que o Espírito Santo desejava que os judeus aprendessem, que a prometida herança somente poderia ser obtida mediante Jesus e a ressurreição. Isto também é tornado bem claro pelas palavras do apóstolo Pedro:

"Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com vossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão abençoadas todas as nações da terra. Tendo Deus ressuscitando a Seu Filho Jesus, enviou-O primeiramente a vós outros, para vos abençoar no sentido de que cada um se afaste das suas perversidades." Atos 3:25-26.

A bênção de Abraão, tal como já a temos visto, vem sobre os gentios, ou todas as famílias da terra, mediante Jesus Cristo e Sua cruz; porém, a bênção de Abraão está relacionada com a promessa que se refere à terra de Canaã. Também essa terra haveria de ser possuída somente mediante Cristo e a ressurreição. Se fosse de outro modo, Abraão teria sido decepcionado, em lugar de morrer na plena fé da promessa. Porém, isso se tornará mais evidente ao avançarmosem nosso Estudo.

The Present Truth, 21 de maio de 1896

Notas desta edição:

1) Deuteronômio 21:23;

2) Gênesis 12:7;

3) Tito 1:2;

4) Hebreus 10:23, I Tess.5:24, I João 1:9;

CAPÍTULO 4.

O Chamado de Abraão, 2

Edificando um Altar

Por onde quer que Abraão andasse, construía um altar ao SENHOR. Ao você ler isso, lembre-se de que a promessa de que todas as nações seriam abençoadas em Abraão, incluía até mesmo famílias. A religião de Abraão era uma religião da família. O altar da família nunca foi negligenciado em seu lar. Isto não é uma figura de linguagem vazia, mas vem da prática dos pais, a quem foi feita a promessa; e da qual compartilhamos se formos da fé e prática deles.

Um Exemplo para os Pais

Deus disse a Abraão: *"Porque Eu o tenho conhecido e sei que ele há de ordenar a seus filhos e à sua casa depois dele*, **para que guardem o caminho do SENHOR**, p*ara agir com justiça e juízo; para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que acerca dele tem falado"* (Gênesis 18:19).

Preste atenção nas palavras: *"ele há de ordenar a seus filhos e à sua casa depois dele, **para que guardem o caminho do SENHOR**, para agir com justiça e juízo".* Ele não simplesmente ordenaria que agissem, deixando o assunto quieto; mas Ele os ordenaria, e o resultado seria que guardariam o caminho do SENHOR. Seu ensinamento seria eficiente.

Nós podemos estar certos de que os mandamentos de Abraão a seus filhos e a seu lar não eram severos nem arbitrários. Nós os compreenderemos melhor se considerarmos a natureza dos mandamentos de Deus. Eles *"não são pesados." "O Seu mandamento é a vida eterna."*[1]Aquele que pensa seguir o exemplo de Abraão ao comandar sua família, com regras duras e arbitrárias, e agindo como um juiz severo, ou um tirano, fazendo ameaças do que irá fazer, se suas instruções não forem obedecidas, e executando suas leis, não no espírito de Amor, por que são corretas, mas por que ele é mais forte que seus filhos, e porque os tem sob o seu poder, necessita muito aprender do Deus de Abraão. *"E vós, pais, não provoqueis à ira vossos filhos, mas criai-os na doutrina e na admoestação do SENHOR."* (Efésios 6:4).

Ao mesmo tempo devemos estar certos de que os mandamentos não sejam como os de Eli, repreensões fracas e impertinentes a seus maus e indignos filhos: *"Por que fazeis tais coisas? Pois ouço de todo este povo os vossos malefícios. Não, filhos meus, porque não é boa esta fama que ouço."* (I Samuel 2:23 e 24). Juízo veio sobre ele e sua

casa, *"porque, fazendo-se os seus filhos execráveis, não os repreendeu."* (I Samuel 3:13). Por outro lado, Abraão transmitiu uma bênção para toda eternidade, porque os mandamentos, que deu a seus filhos, tinham poder refreador.

Abraão devia ser uma bênção para todos os povos. Por onde ele ia, era uma bênção. Mas essa bênção começou em sua família. Ela era o centro. Do círculo familiar a influência celestial chegou a seus vizinhos. E agora bem podemos prestar atenção particular à afirmação de que quando Abraão edificou um altar, *"invocou o nome do SENHOR*". (Gênesis 12:8, 13:4). Na versão do Dr. Young, esse texto é assim traduzido: *"Ele pregou em nome de Jeová*". Sem chamar atenção para os vários lugares, onde a mesma expressão é encontrada, é bom notar-se que os termos hebraicos são idênticos com os usados em Êxodo 35:5, onde lemos que o SENHOR desceu na nuvem, e Se pôs ao lado de Moisés, *"e proclamou o nome do SENHOR".* Nós podemos, portanto, compreender que quando Abraão erigiu o altar da família, ele não somente ensinou sua família imediata, mas ele *"proclamou o nome do SENHOR"* a todos em volta dele. Como Noé, Abraão era um *"pregador de justiça".* (II Pedro 2:5). Como Deus pregou o evangelho a Abraão, assim Abraão pregou o evangelho a outros.

Abraão e Ló

"E era Abrão muito rico em gado, em prata e em ouro". "E também Ló, que ia com Abrão, tinha rebanhos, gado e tendas. E não tinha capacidade a terra para poderem habitar juntos, porque os seus bens eram muitos; de maneira que não podiam habitar juntos. Houve contenda entre os pastores do gado de Abrão e os pastores do gado de Ló; e os cananeus e os ferezeus habitavam então a terra. Disse Abrão a Ló: Ora, não haja contenda entre mim e ti e entre os meus pastores e os teus pastores, porque somos irmãos." (Gênesis 13:2, 5-8).

Quando entendemos a natureza da promessa de Deus a Abraão, podemos compreender o segredo de sua generosidade. Suponha que Ló escolhesse a melhor parte do país; isso não faria diferença para a herança de Abraão: Tendo a Cristo, ele tinha todas as coisas. Ele não olhava para suas possessões na vida presente, mas na vida futura. Aceitaria com gratidão qualquer prosperidade que o SENHOR lhe enviasse; porém, se suas riquezas nesta vida fossem pequenas, isso não diminuiria a herança que lhe foi prometida.

Não há nada como a presença e bênção de Cristo para pôr fim a todas as disputas, ou para evitá-las. Na ação de Abraão, temos um verdadeiro exemplo cristão. Como o mais idoso, poderia ter feito prevalecer sua dignidade e exigido seus *"direitos".* Mas não poderia fazer tal como cristão. O Amor *"não busca os seus interesses"*.[2] Abraão manifestou o verdadeiro espírito de Cristo. Quando os professos cristãos são ávidos em

agarrar as coisas deste mundo, e temem ser privados de alguns de seus direitos, mostram indiferença para com a herança eterna que Cristo oferece.

A Promessa Repetida

A cortesia cristã de Abraão, a qual era o resultado de sua fé na promessa por Cristo, era reconhecida pelo SENHOR. Lemos:

"Disse o SENHOR a Abrão, depois que Ló se apartou dele: Levanta agora os teus olhos, e olha desde o lugar onde estás, para o lado do norte, e do sul, e do oriente e do ocidente; Porque toda essa terra que vês, Eu hei de dar a ti, e à tua descendência, para sempre. E farei a tua descendência como o pó da terra; de maneira que se alguém puder contar o pó da terra, também a tua descendência será contada. Levanta-te, percorre essa terra no seu comprimento e na sua largura; porque a ti a darei." (Gênesis 13:14-17).

Não nos esqueceremos que *"Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência. Não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência, que é Cristo."* (Gálatas 3:16). Não existe outra descendência de Abraão fora de Cristo e os que são dEle. Portanto, essa incontável prosperidade que foi prometida a Abraão é idêntica à falada na passagem da Escritura:

"Depois destas coisas olhei, e eis aqui uma multidão, a qual ninguém podia contar, de todas as nações, e tribos, e povos e línguas, que estavam diante do trono e perante o Cordeiro, trajando vestes brancas e com palmas nas suas mãos; e clamavam em grande voz, dizendo: Salvação ao nosso Deus, que está assentado no trono, e ao Cordeiro". "E um dos anciãos me falou, dizendo: Estes que estão vestidos de vestes brancas, quem são, e de onde vieram? E eu disse-Lhe: SENHOR, tu sabes. E Ele disse-me: Estes são os que vieram da grande tribulação, e lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro." (Apocalipse 7:9 -10, 13 -14).

Já aprendemos que a bênção de Abraão vem a todas as nações por meio da cruz de Cristo, assim que, na declaração de que esta inumerável multidão lavou suas vestes e as alvejou no sangue do Cordeiro, vemos o cumprimento da promessa a Abraão, de uma descendência inumerável.*"E, se sois de Cristo, então sois descendentes de Abraão e herdeiros conforme a promessa."*(Gálatas 3:29).

O leitor deve observar na repetição da promessa, no capítulo 13 de Gênesis, que *a terra* se destaca proeminentemente. Vimos no estudo anterior, e devemos encontrá-lo como aspecto fundamental da promessa onde quer que ela apareça.

Abraão e Melquisedeque

A breve história de Melquisedeque forma um elo que une a nós e o nosso tempo mais proximamente com Abraão e o seu tempo, e mostra que a *"dispensação cristã"*, como é chamada, existiu nos dias de Abraão tanto quanto agora.

O capítulo 14 de Gênesis nos diz tudo o que nós sabemos de Melquisedeque. O capítulo 7 de Hebreus repete a história, e faz alguns comentários sobre ela. Além disto, temos referências a Melquisedeque no sexto capítulo e em Salmo 110:4.

A história é esta: Abraão estava voltando de uma expedição contra os inimigos, que haviam sequestrado Ló, quando Melquisedeque o encontrou, trazendo pão e vinho. Melquisedeque era rei de Salém, e sacerdote do Deus Altíssimo. Neste ofício ele abençoou Abraão, que lhe deu um décimo do despojo que tinha recuperado. Esta é a história, mas dela há algumas importantes lições a se tirar.

Em primeiro lugar vemos que Melquisedeque era um homem mais importante do que Abraão, porque, *"sem contradição alguma, o menor é abençoado pelo maior"* (Hebreus 7:7) e também porque Abraão lhe deu o dízimo de tudo.

Era um tipo de Cristo, e era como Ele: *"semelhante ao Filho de Deus."* Ele era um tipo de Cristo, sendo ao mesmo tempo rei e sacerdote. Seu nome significa *"rei de justiça",*[3] e depois também rei de Salém, que é rei de paz"; assim que, não era apenas sacerdote, mas rei de justiça e rei de paz. Assim de Cristo é dito: *"Disse o SENHOR ao meu senhor: Assenta-te à minha direita, até que ponha os teus inimigos por escabelo dos teus pés." "Jurou o SENHOR, e não se arrependerá: Tu és um sacerdote eterno, segundo a ordem de Melquisedeque"* (Salmo 110:1, 4). E o nome pelo qual Ele será chamado é *"O SENHOR JUSTIÇA NOSSA"* (Jeremias 23:6).

O sacerdócio real de Cristo é assim estabelecido nas Escrituras: *"E dize-lhe: Assim diz o SENHOR dos Exércitos: Eis aqui o Homem cujo nome é RENOVO; Ele brotará do Seu lugar e edificará o templo do SENHOR. Ele mesmo edificará o templo do SENHOR e levará a glória; assentar-Se-á no Seu trono e dominará, e será sacerdote no Seu trono; e conselho de paz haverá entre ambos os ofícios"* (Zacarias 6:12 -13). O poder pelo qual Cristo, como sacerdote, faz reconciliação pelos pecados do povo, é o poder do trono de Deus, no qual Ele Se assenta.

Mas o ponto principal, em relação a Melquisedeque, é que Abraão viveu sob a mesma*"dispensação"* que nós vivemos. O sacerdócio era o mesmo que agora. Não somente somos nós os filhos de Abraão, se somos da fé, mas o nosso grande Sumo Sacerdote, que subiu aos céus, é, pelo juramento de Deus, feito Sumo Sacerdote para

sempre *"segundo a ordem de Melquisedeque"*. Assim em um duplo sentido, é mostrado que *"Se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa."*[4] *"Abraão, vosso pai, exultou por ver o Meu dia, e viu-o, e alegrou-se."* (João 8:56).

Abraão foi assim um cristão tanto quanto qualquer um que tenha, em qualquer época, vivido desde a crucificação de Cristo. *"Os discípulos foram chamados cristãos primeiramente em Antioquia."* (Atos 11:26). Mas os discípulos não eram diferentes depois de serem *chamados*cristãos, do que eles eram antes. Quando eram conhecidos simplesmente como judeus, eles eram cristãos, tanto quanto depois de serem chamados assim. O nome é apenas de pouca importância. O nome *"cristãos"* foi dado a eles porque eram seguidores de Cristo; mas eles eram seguidores de Cristo antes de serem chamados cristãos, tanto quanto o foram depois. Abraão, centenas de anos antes dos dias de Jesus de Nazaré, foi exatamente o que os discípulos foram na Antioquia onde chamaram-nos cristãos; ele foi um seguidor de Cristo. Assim ele foi, no mais completo sentido da palavra, um cristão. Todos os cristãos, e ninguém mais, são filhos de Abraão.

O leitor há de notar que, no sétimo capítulo de Hebreus, somos referidos ao caso de Abraão e Melquisedeque como prova de que o pagamento de dízimos não é uma ordenança levítica. Muito antes de Levi ter nascido, Abraão pagou dízimos. E os pagou, também, a Melquisedeque, cujo sacerdócio era um sacerdócio cristão. Portanto, os que são de Cristo, e assim filhos de Abraão, darão também dízimo de tudo.

Notar-se-á que o dízimo era algo muito bem conhecido nos dias de Abraão. Ele deu os dízimos ao sacerdote de Deus como uma prática usual. Ele reconheceu o fato de que o dízimo é do SENHOR. Este registro em Levítico não é a origem do sistema do dízimo, mas simplesmente a declaração de um fato. Até mesmo a ordem levítica *"por meio de Abraão, até Levi, ... pagou dízimos."*[5] Não nos é dito quando foi, pela primeira vez, tornado conhecido ao homem, mas vemos que a prática era bem conhecida nos dias de Abraão. No livro de Malaquias, que está especialmente dirigido àqueles que vivem justamente *"antes que venha o grande e terrível dia do SENHOR"*[6] nos diz que aqueles que retém os dízimos estão roubando ao SENHOR.[7]

O argumento é muito simples: Abraão deu dízimos a Melquisedeque; o sacerdócio de Melquisedeque é um sacerdócio pelo qual vêm justiça e paz; é o sacerdócio pelo qual somos salvos. Abraão deu dízimos a Melquisedeque porque Melquisedeque era o representante do Deus Altíssimo, e o dízimo é do SENHOR. Se somos de Cristo, somos filhos de Abraão; e, portanto, se não somos filhos de Abraão, então não somos de Cristo. Mas, se somos filhos de Abraão, temos de fazer as obras de Abraão. De quem somos?

Um outro ponto não pode ser desprezado. O leitor cuidadoso raramente falhará em descobrir o fato de que Melquisedeque, que era rei de justiça e paz, e sacerdote do Deus Altíssimo, trouxe a Abraão pão e vinho, os emblemas do corpo e sangue de nosso SENHOR. Pode-se dizer que o pão e o vinho tinham por objetivo o refrigério de Abraão e seu séquito. No entanto, isso em nada diminui o significado do fato. Melquisedeque veio em seu ofício de rei e sacerdote, e Abraão o reconheceu como tal. Note a conexão em Gênesis 14:18 e 19: *"Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; e era sacerdote do Deus Altíssimo. E abençoou-o e disse: Bendito seja Abrão pelo Deus Altíssimo, o Possuidor dos céus e da terra".* É inteiramente evidente que o pão e o vinho, que Melquisedeque trouxe, adquiriu significado especial pelo fato de que ele era sacerdote do Deus Altíssimo. Os judeus no tempo de Cristo zombaram da afirmação de que Abraão se exultou por ver o Seu dia.[8] Eles não podiam ver evidência alguma deste fato. Podemos nós ver, neste relato, uma evidência de que Abraão viu o dia de Cristo, que é o dia da salvação?

The Present Truth, 28 de maio de 1896

Notas desta edição:

1) I João 5:3, e João 12:50;

2) I Coríntios 13:5;

3) Hebreus 7:3, 2;

4) Gálatas 3:29;

5) Hebreus 7:9;

6) Malaquias 4:5 e 3:8 e 9;

7) Deve ser entendido que nenhum homem, nem poder humano algum, nem a igreja, nem o Estado, têm nada a ver com obrigar o povo a devolver o dízimo. *"O dízimo ... é do Senhor"* (Levítico 27:30), e somente com Ele as pessoas têm que ver este assunto dos dízimos. Os dízimos não pertencem ao estado, nem tem o estado o direito de os arrecadar para o Senhor. Se uma pessoa vai devolver o dízimo para o Senhor ou não, é um assunto para ela sozinha decidir, tanto quanto se vai ou não adorar a Deus, se vai guardar o Sábado ou não, etc. (esta nota é da edição Glad Tidings Publishers, Berrien Springs, MI., 2002); 8) João 8:56;

CAPÍTULO 5.

O Chamado de Abraão, 3

Fazendo um Concerto

O capítulo 15 de Gênesis contém o primeiro relato do concerto [aliança] feito com Abraão.*"Depois destas coisas veio a palavra do SENHOR a Abrão em visão, dizendo: Não temas, Abrão, Eu sou o teu escudo, o teu grandíssimo galardão.*

Observe a afirmação de Deus de que Ele mesmo era a recompensa, o *"galardão"* de Abraão. Se somos de Cristo, então somos semente de Abraão, e herdeiros conforme a promessa. Herdeiros de que?—*"herdeiros de Deus, e co-herdeiros com Cristo"* (Romanos 8:17). A mesma herança é mencionada pelo salmista: *"O SENHOR é a porção da minha herança ..."* (Salmo 16:5). Portanto aqui, novamente, temos uma conexão do povo de Deus com Abraão. A esperança deles nada mais é do que a promessa de Deus a ele.

A promessa que Deus fez a Abraão não era para ele somente, mas igualmente para a sua descendência. Pelo que Abraão disse ao Senhor, *"Senhor DEUS, que me hás de dar, pois ando sem filhos, e o mordomo da minha casa é o damasceno Eliézer? Disse mais Abrão: Eis que não me tens dado filhos, e eis que um nascido na minha casa será o meu herdeiro"* (Gênesis 15:2). Abraão não conhecia o plano do Senhor. Ele conhecia a promessa, e creu nela, mas considerando que era velho, e não tendo filhos, ele supôs que a semente prometida deveria vir por meio de seu fiel servo. Mas este não era o plano de Deus. Abraão não deveria ser o progenitor de uma raça de escravos, mas sim, de homens livres

E eis que veio a palavra do SENHOR a ele dizendo: *"Este não será o teu herdeiro; mas aquele que de tuas entranhas sair, este será o teu herdeiro. Então o levou fora, e disse: Olha agora para os céus, e conta às estrelas, se as podes contar. E disse-lhe: Assim será a tua descendência. E creu ele no SENHOR, que imputou-lhe isto por justiça"* (Gênesis 15:4-6).

"E ele creu no Senhor". A raiz do verbo traduzido como *creu* é a palavra *"amém."* Cuja idéia é a de firmeza, um alicerce. Quando Deus falou a promessa, Abraão disse *"amém"*, ou, em outras palavras, ele edificou sobre Deus, tomando a Sua palavra como uma firme base. Compare com Mateus 7:24 e 25.[1]

Deus prometeu um grande lar a Abraão. Mas essa casa deveria ser edificada sobre o Senhor, e Abraão assim o entendeu, que começou imediatamente a edificar. Jesus Cristo é o fundamento,*"Porque ninguém pode pôr outro fundamento além do que já está posto, o qual é Jesus Cristo"* (I Coríntios 3:11). Os descendentes de Abrão são a casa de Deus, os quais *são "edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra angular"* Efésios 2:20). *"E, chegando-vos para Ele, pedra viva, reprovada na verdade pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa. Vós também,*

como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo. Por isso também na Escritura se contém: Eis que ponho em Sião a pedra principal da esquina, eleita e preciosa; E quem nela crer não será confundido" (I Pedro 2:4-9).

"Abraão creu no SENHOR, que imputou-lhe isto por justiça". Por que?—Porque fé significa edificar sobre Deus e Sua palavra, e isto significa receber a vida de Deus e Sua Palavra. Note os últimos versos, citados de Pedro, que o alicerce sobre o qual a casa é edificada é uma pedra viva. O Alicerce é um fundamento vivo, do qual aqueles que vêm a Ele recebem vida, portanto a casa, que é edificada, é uma casa viva. Cresce mediante a vida do fundamento. Porém, o fundamento é justo:*"Para anunciar que o SENHOR é reto. Ele é a minha Rocha, e nEle não há injustiça"* Salmo 92:15). Portanto, desde que fé significa edificar sobre Deus e Sua santa Palavra, isto é auto-evidência de que fé deve ser justiça para aquele que a possui e a exercita.

Jesus Cristo é a fonte de toda fé. A fé tem seu início e fim nEle. Não pode haver fé real que não se centralize em Cristo. Assim, quando Abrão creu no Senhor, ele creu no Senhor Jesus Cristo. Deus nunca Se revelou ao homem, exceto por meio de Cristo. João 1:18[2]. O fato de que a crença de Abraão era fé pessoal no Senhor Jesus Cristo, é também mostrado pelo fato de que isso lhe foi imputado por justiça. Mas não há justiça, exceto pela fé de Jesus Cristo, "*O qual para nós foi feito por Deus Sabedoria, e justiça, e santificação, e redenção*" I Coríntios 1:30). Nenhuma justiça terá o menor valor quando o Senhor vier, exceto *"a que vem pela fé em Cristo, a saber, a justiça que vem de Deus pela fé"* (Filipenses 3:9). Mas, considerando que o próprio Deus considerou a fé de Abraão como justiça, é evidente que a fé dele estava centralizada unicamente em Cristo, de quem procedia sua justiça.

E isto, por si só, demonstra que a promessa de Deus a Abraão foi somente mediante Cristo. A semente seria unicamente aquela que é pela fé em Cristo, porque Cristo mesmo é a semente. A posteridade de Abraão, que deveria ser como as estrelas em número, será a inumerável hoste que lava suas vestes no sangue do Cordeiro. As nações, que haveriam de proceder dele, serão *"as nações dos salvos"* (Apocalipse 21:24). Compare com Mateus 8:11[3]. *"Porque quantas são as promessas de Deus tantas têm nEle o sim; porquanto também por Ele é o amém"* (II Coríntios 1:20), Almeida Revista e Atualizada no Brasil).

"Naquele mesmo dia fez o SENHOR uma aliança com Abrão, dizendo, À tua descendência dei esta terra" etc. (Gênesis 15:18). A dádiva deste concerto está registrada nos versos anteriores. Primeiro temos a promessa de uma inumerável posteridade, e da terra. Deus disse: *"Disse-lhe mais: Eu sou o SENHOR que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te a ti esta terra, para herdá-la"* (verso 7). Este verso deve ser mantido na mente ao ler o verso 18, para não captarmos a impressão errada de que houve algo que foi prometido

à descendência de Abraão somente, e não a ele. *"Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência"* (Gálatas 3:16). Nada foi prometido aos descendentes, que não tenha sido também prometido a Abraão.

Abrão creu no Senhor, entretanto disse: *"Senhor DEUS, como saberei que hei de herdá-la?"*[4]. Então, temos o relato da divisão em duas partes da bezerra, da cabra e do cordeiro. Refere-se a ele em Jeremias 34:18-20, quando Deus reprovou o povo por transgredir a aliança.

*"E pondo-se o sol, um profundo sono caiu sobre Abrão; e eis que grande espanto e grande escuridão caiu sobre ele. Então disse a Abrão: Sabes, de certo, que peregrina será a tua descendência em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos; mas também eu julgarei a nação, à qual ela tem de servir, e depois sairá com grande riqueza. E tu irás a teus pais em paz; em boa velhice serás sepultado. E a quarta geração tornará para cá; porque a medida da injustiça dos amorreus não está ainda cheia"*G (Gên 15: 12-16).

Vimos que esse concerto foi uma aliança de justiça pela fé. Porque a descendência prometida e a terra seriam pela fé na palavra de Deus, que foi imputada como justiça a Abraão.[5] Vejamos agora o que mais podemos aprender dos textos citados anteriormente.

Por um lado aprendemos que Abraão haveria de morrer antes que a possessão lhe fosse outorgada. Ele haveria de morrer bem velho, e sua descendência seria forasteira em terra estrangeira durante quatrocentos anos.

Não somente o próprio Abraão estaria morto, mas também seus descendentes imediatos estariam também mortos antes que a semente entrasse na terra que havia sido prometida a eles. De fato, sabemos que Isaque morreu antes que os filhos de Israel fossem ao Egito, e que Jacó e todos seus filhos morreram na terra do Egito.

"Ora, as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência"[6]. O capítulo que temos diante de nós, diz a mesma coisa. É evidente que uma promessa, feita à semente de Abraão, não pode cumprir-se por outorgar o que foi prometido somente a uma parte da semente; e o que foi prometido a Abraão e à sua semente não pode cumpri-se, a menos que Abraão participe, bem como sua semente.

O que isto demonstra? – Simplesmente isto, que a promessa do capítulo 15 de Gênesis, segundo a qual Abraão e sua semente haveriam de possuir a terra, era uma referência à ressurreição dos mortos, e a nada menos que isso. Isto é verdade, embora possa ser alegado que o verso 18 exclui Abraão da aliança ali mencionada;[7] porque, como vimos, está claro que muitos dos descendentes imediatos de Abraão estariam mortos antes

do tempo da promessa; e sabemos que Isaque, Jacó e os doze patriarcas morreram muito antes desse tempo.

Mesmo que Abraão seja deixado fora da questão, ainda permanece o fato de que a promessa à semente tem que incluir toda a semente, e não somente uma parte. Mas Abraão não pode ser deixado fora da promessa. Portanto temos positiva evidência de que neste capítulo temos o registro da pregação de *"Jesus e a ressurreição"* a Abraão.

Para Ser Cumprido Depois da Ressurreição

Isto nos habilita a compreender melhor por que Estêvão, quando em julgamento por pregar a Jesus, começou seu discurso com uma referência a estas mesmas palavras. Falando da vinda de Abraão à terra de Canaã, ele disse que Deus *"não lhe deu nela herança, nem ainda o espaço de um pé; mas prometeu que lhe daria a posse dela, e depois dele, à sua descendência, não tendo ele ainda filho"* (Atos 7:5). Em assim referindo-se a essa promessa, que era bem conhecida por todos os judeus, Estevão mostrou-lhes de modo claro que a promessa só poderia ser cumprida pela ressurreição dos mortos, por meio de Jesus.

"E tu irás para os teus pais em paz; serás sepultado em ditosa velhice. Na quarta geração, tornarão para aqui; porque não se encheu ainda a medida da iniqüidade dos amorreus". Isto nos permite conhecer a razão pela qual Abraão morreu na fé, apesar de não haver recebido a promessa. Se ele tivesse esperado recebê-la nesta vida atual, terminaria decepcionado ao chegar à sua morte sem vê-la cumprida. Porém, Deus lhe disse claramente que haveria de morrer antes de ver seu cumprimento. Por tanto, visto que Abraão creu em Deus, está claro que compreendeu o cumprimento da promessa como relativo à ressurreição, e que creu nela. A ressurreição dos mortos, como veremos, esteve sempre no centro da esperança de todo verdadeiro filho de Abraão.

Porém, aprendemos algo mais. Na quarta geração, ou depois dos quatrocentos anos, sua descendência haveria de ser liberta da escravidão, na terra prometida. Porque não haveria de possuir a terra de uma vez? – Porque a maldade dos amorreus não havia chegado à sua plenitude. Isso mostra que Deus daria ao amorreus tempo para arrepender-se, ou, falhando nisso, tempo para que enchessem a medida de sua maldade, demonstrando, assim, a sua desqualificação para possuirem a terra.

E isto acentua, uma vez mais, que a terra que Deus prometeu a Abraão e à sua semente poderia ser possuída apenas por um povo justo. Deus não expulsaria da terra aqueles em que houvesse a mínima possibilidade de chegarem a ser justos. Porém, o fato de que o povo, que haveria de ser destruído de diante dos filhos de Abraão, era lançado fora, devido à sua iniqüidade, mostra que se esperava que os possuidores da terra viessem

a ser justos. Portanto, vemos que a descendência de Abraão, a quem foi prometida a terra, haveria de ser um povo justo. Isto já ficou demonstrado pelo fato de que a Abraão foi prometida descendência somente por meio da justiça da fé.

The Present Truth, 4 de junho de 1896

Notas desta edição:

1) Veja que Mateus 7:24 e 25 diz exatamente o que fala Waggoner: *"Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras, e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a Rocha; e desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a Rocha."*

2) João 1:18, *"Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, esse O revelou."*

3) Mateus 8:11 *"Mas eu vos digo que muitos virão do oriente e do ocidente, e assentar-se-ão à mesa com Abraão, e Isaque, e Jacó, no reino dos céus;"*

4) Gênesis 15:8;

5) Romanos 4:22;

6) Gálatas 3:16;

7) *"Naquele mesmo dia fez o SENHOR uma aliança com Abrão, dizendo: À tua descendência tenho dado esta terra."* Gên 15:18.

CAPÍTULO 6.

O Chamado de Abraão, 4

A Carne Contra O Espírito

"Ora, Sarai, mulher de Abrão, não lhe dava filhos. Tinha ela uma serva egípcia, que se chamava Agar. Disse Sarai a Abrão: Eis que o Senhor me tem impedido de ter

filhos; toma, pois, a minha serva; porventura terei filhos por meio dela. E ouviu Abrão a voz de Sarai". Gên. 16:1, 2.

Esse foi o grande erro da vida de Abraão; mas ele aprendeu uma lição de seu erro, e ficou registrado para ensinar essa lição a todos. Presumimos que o leitor esteja familiarizado com a seqüência, —como o Senhor disse a Abraão que Ismael, o filho de Hagar, não seria o herdeiro que Ele havia prometido, mas que Sara, sua esposa, deveria conceder-lhe um filho, e como, após Isaque ter nascido, Hagar e Ismael foram mandados embora. Assim podemos prosseguir imediatamente para as importantes lições, sugeridas por essa ocorrência.

Em primeiro lugar temos que aprender a loucura da tentativa humana de cumprir as promessas de Deus. Abraão teve a divina promessa de produzir uma incontável semente. Quando a promessa foi feita, parecia além de toda possibilidade humana que Abraão tivesse um filho de parte de sua esposa, mas ele aceitou a palavra do Senhor, e sua fé foi-lhe contada por justiça. Isso, por si só, evidencia que a semente não era coisa ordinária, mas que devia ser uma semente de fé.

Mas sua esposa não possuía a fé que ele tinha. Contudo, ela imaginava que tinha fé, e mesmo Abraão sem dúvida imaginava que, ao executar a sua recomendação, ele estava agindo em harmonia com a palavra do Senhor. O problema é que ele deu ouvidos à voz da esposa, em vez de escutar o Senhor. Eles raciocinaram que Deus havialhes prometido uma grande família, mas sendo impossível que tivessem filhos, parecia por demais evidente que Ele intencionava que se valessem de algum outro meio para o cumprimento disso. É assim que a razão humana age com as promessas de Deus.

Contudo, quão pouca visão estava envolvida nesse episódio todo. Deus havia feito a promessa; portanto, Ele somente poderia dar-lhe cumprimento. Se um homem faz uma promessa, a coisa prometida pode ser realizada por outro, todavia, nesse caso, quem fez a promessa falha em levar a cabo a sua palavra. Assim, embora aquilo que o Senhor havia prometido pudesse ter sido obtido pelo artifício adotado, o resultado seria eliminar o Senhor do cumprimento de Sua palavra. Eles, portanto, estavam operando contra Deus. Mas Suas promessas não podem ser realizadas pelo homem. Em Cristo somente é que podem ser efetuadas. É-nos suficientemente simples ver isso no caso diante de nós; não obstante, com quanta freqüência, em nossa própria experiência, em vez de esperarmos que o Senhor realize aquilo que prometeu, cansamo-nos de esperar e tentamos fazê-lo em Seu lugar, e assim falhamos.

Espiritual e Literal

Anos depois a promessa foi cumprida segundo os propósitos divinos, mas isso não se deu até que Abraão e a esposa cressem plenamente no Senhor. *"Pela fé, até a própria Sara recebeu a virtude de conceber um filho, mesmo fora da idade, porquanto teve por fiel Aquele que lho havia prometido".* Heb. 11:11. Isaque foi o fruto da fé. *"Porque está escrito que Abraão teve dois filhos, um da escrava, e outro da livre. Todavia o que era da escrava nasceu segundo a carne, mas, o que era da livre, por promessa".* Gál. 4:22, 23.

Muitas pessoas parecem se esquecer desse fato. Esquecem-se de que Abraão teve dois filhos, um de uma escrava, e outro de uma mulher livre; um nascido segundo a carne, e outro nascido segundo o Espírito. Daí é que se tem a confusão a respeito da semente *"literal"* e "espiritual" de Abraão. As pessoas falam como se a palavra *"espiritual"* se opusesse a *"literal"*. Mas não é assim. *"Espiritual"* opõe-se somente a *"carnal"*.

Isaque nasceu segundo o Espírito, contudo ele era um filho, era tão real e literal quanto Ismael. Destarte, a verdadeira semente de Abraão são somente aqueles que são espirituais, mas isso não os torna, em qualquer medida, menos reais. Deus é Espírito, contudo Ele é um Deus real. Cristo teve um corpo espiritual após Sua ressurreição, todavia Ele era um ser real, literal, e poderia ser tocado do mesmo modo que outros corpos. De igual modo os corpos dos santos, após a ressurreição, serão espirituais, contudo eles serão reais. As coisas espirituais não são imaginárias. Na verdade, o que é espiritual é mais real do que aquilo que é carnal, porque somente o que é espiritual permanecerá para sempre.

Desse episódio, pois, aprendemos, de forma bastante conclusiva, que a semente que Deus prometeu a Abraão, deveria ser como a areia do mar e as estrelas do céu em número, e que devia herdar a terra, é somente uma semente espiritual. Isto é, trata-se de uma semente que procede da intervenção do Espírito de Deus. O nascimento de Isaque, à semelhança do nascimento do Senhor Jesus, foi miraculoso. Foi sobrenatural. Ambos foram trazidos à existência por meio do Espírito. Em ambos temos uma ilustração do poder pelo qual nos tornamos filhos de Deus, e assim, herdeiros da promessa.

A semente de Abraão segundo a carne são os ismaelitas. Ele foi um homem selvagem, ou, como diz a Revised Version, *"um asno selvagem entre os homens"*. Gên. 16:12. Ademais, ele era filho de uma escrava, e, daí, não um filho nascido livre. Agora, o Senhor já havia definido, no caso de Eliézer, servo de Abraão, que a semente de Abraão devia ser livre. Portanto, se Abraão tivesse somente pensado nas palavras do

Senhor, em vez de dar ouvidos à voz da esposa, poderia ter sido poupado de muita confusão.

Vale a pena demorar-se sobre essa fase do tema, pois, se for devidamente compreendida, nos poupará de muita confusão quanto à verdadeira semente de Abraão e o verdadeiro Israel. Relatemos as questões básicas uma vez mais.

Ismael foi nascido segundo a carne, e não poderia ter sido a semente. Portanto, aqueles que são somente da carne não podem ser os filhos de Abraão, e herdeiros conforme a promessa.

Isaque foi nascido segundo o Espírito, e era a verdadeira semente. *"Em Isaque será chamada a tua semente"*[1]. Por conseqüência, todos os filhos de Abraão são os que foram nascidos do Espírito. *"Nós, irmãos, somos filhos da promessa, como Isaque".* Gál. 4:28.

Isaque foi nascido livre; e ninguém, a não ser os que são nascidos livres são filhos de Abraão. *"Pelo que, irmãos, não somos filhos da escrava, mas da livre".* Gál. 4:31. O que é essa liberdade, o Senhor mostrou em Sua fala aos judeus, registrada no oitavo capítulo de João. *"Dizia, pois, Jesus aos judeus que nele creram: Se vós permanecerdes na Minha palavra, verdadeiramente sois Meus discípulos; e conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará. Responderam-lhe: Somos descendentes de Abraão, e nunca fomos escravos de ninguém; como dizes tu: Sereis livres? Replicou-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é escravo do pecado. Ora, o escravo não fica para sempre na casa; o filho fica para sempre. Se, pois, o Filho vos libertar, verdadeiramente sereis livres"* vs. 31-36, RV. Posteriormente Ele lhes disse que se fossem realmente filhos de Abraão, praticariam as obras de Abraão. Vs. 39.

Aqui novamente vemos o que aprendemos com a promessa no décimo quinto capítulo de Gênesis, que a prometida semente deveria ser uma semente justa, uma vez que foi prometida apenas mediante Cristo, e estava assegurada a Abraão somente por sua fé.

A síntese da questão toda é que na promessa a Abraão está o Evangelho, e somente o Evangelho; e qualquer tentativa de fazer as promessas aplicarem-se a qualquer outro além dos que são de Cristo, mediante o Espírito, é uma tentativa de anular as promessas do Evangelho de Deus. *"E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa".* Gál. 3:29. *"Mas, se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é Dele".* Rom. 8:9. Assim, se qualquer homem não tem o Espírito de Cristo, o Espírito pelo qual Isaque nasceu, este não é um filho de Abraão, e não tem como reivindicar qualquer parte da promessa.

—*The Present Truth*, 11 de junho de 1896.

Nota desta edição:

1) Gênesis 21:12;

CAPÍTULO 7.

O Chamado de Abraão, 5

O Concerto Selado

Agora chegamos a um registro que apresenta a promessa na forma mais maravilhosa. Mais de vinte e cinco anos se passaram desde que Deus primeiro fez a promessa a Abraão.[1] Sem dúvida o tempo havia sido prolongado devido ao passo errado que Abraão dera, ao dar ouvidos à sugestão da esposa. Mais de treze anos decorrera desde aquele tempo. Abraão, porém, havia aprendido a lição, e agora Deus lhe apareceu novamente.

"Quando Abrão tinha noventa e nove anos, apareceu-lhe o Senhor e lhe disse: Eu sou o Deus Todo-Poderoso; anda em minha presença, e sê perfeito." Gên. 17:1. Na margem[2] consta*, "justo, ou sincero".* Como em I Crô. 12:33, 38, o sentido é — de um só coração.[3] Deus disse a Abraão para ser sincero perante Ele, e não de coração volúvel. Quando nos recordamos da história, registrada no capítulo precedente, vemos a força dessa recomendação. Vemos também a força da declaração: *"Eu sou o Deus Todo-Poderoso".* Deus permitiria que ele soubesse que Ele era plenamente capaz de levar a efeito a Sua promessa, e que, portanto, ele deveria confiar nEle com um coração perfeito ou integral.

Um Novo Nome

"E caiu Abrão sobre o seu rosto, e falou Deus com ele dizendo: Quanto a Mim, eis a Minha aliança contigo: serás o pai de muitas nações; e não se chamará mais o teu nome Abrão, mas Abraão será o teu nome; porque por pai de muitas nações te tenho posto". Gên. 17:3-5.

O nome Abrão significa *"Pai do alto"*. O pai de Abrão era um pagão, e o nome pode ser referente ao culto pagão nos lugares altos. Mas agora uma sílaba é acrescentada, e torna-se Abraão, *"Pai de muitas nações"*. Na mudança de nome, nos casos de Abraão e Jacó, temos uma pista do novo nome que o Senhor concede a todos que são Seus. Ver Apo. 2:17; 3:12*. "e chamar-te-ão por um nome novo, que a boca do Senhor designará".* Isa. 62:2.

Essa concessão de um novo nome a Abraão não indicava nenhuma mudança na promessa, mas era simplesmente um sinal a Abraão de que Deus levaria a sério o que havia dito. Seu nome daí em diante devia ser-lhe um constante lembrete da promessa. Alguns imaginam que a concessão desse novo nome assinalou uma mudança na natureza da promessa a ele feita; mas uma cuidadosa consideração da promessa, como anteriormente registrada, mostrará que isso não poderia dar-se. Abraão era exatamente o mesmo após o seu novo nome quanto era antes. Foi enquanto o seu nome era ainda Abrão que ele creu em Deus, e sua fé na promessa foi contada por justiça. Foi enquanto o seu nome era Abrão que Deus lhe pregou o Evangelho, dizendo: *"Em ti todas as famílias da Terra serão abençoadas".*

Podemos não fazer qualquer distinção nas promessas de Deus a Abraão, dizendo que algumas delas foram temporárias, e somente para a semente carnal, e que outras foram espirituais e eternas. *"Porque o Filho de Deus, Cristo Jesus, que entre vós foi pregado por nós . . . não foi sim e não; mas nEle houve sim.* ***Porque, todas quantas promessas há de Deus, são nEle sim***, *é por Ele o Amém, para glória de Deus por nós."* 2 Cor. 1:19, 20. *"Ora, as promessas foram feitas a Abraão e a seu descendente; não diz: E a descendentes, como falando de muitos, mas como de um só: E a teu descendente, que é Cristo".* Gál. 3:16. Note que as *promessas*, não importa quantas são, todas vêm mediante Cristo. Observe também que o apóstolo fala de *Abraão*, e não de Abrão. Ele não diz que algumas foram feitas a Abrão, e outras a Abraão. E esse ponto é ainda mais enfático quando lemos as palavras de Estêvão, *"O Deus da glória apareceu a nosso pai Abraão, estando na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã"*. Atos 7:2. Embora ele fosse então conhecido como Abrão, a promessa era a mesma de quando ele era conhecido como Abraão. Cada referência a ele na Bíblia, mesmo as primeiras promessas, são com o nome Abraão. Este é o motivo pelo qual nos referimos a ele somente como Abrahão.

O Senhor continuou, após dizer a Abraão da mudança em seu nome, *"E estabelecerei a minha aliança entre Mim e ti e a tua descendência depois de ti em suas gerações, por aliança perpétua, para te ser a ti por Deus, e à tua descendência depois de ti. E te darei a ti e à tua descendência depois de ti, a terra de tuas peregrinações, toda a terra de Canaã em perpétua possessão e ser-lhes-ei o seu Deus."* Gen. 17: 7 e 8.

Tomemos as diferentes partes desse concerto em detalhe. A sua parte central é a terra prometida, a terra de Canaã. É a mesma do capítulo 15. A promessa é de ser ela dada a Abraão e à sua semente. O concerto é o mesmo que foi feito ali; mas aqui o temos selado.

Notemos que é

Um "Pacto Perpétuo"

que o Senhor fez com ele. É o único concerto eterno, sobre o qual há tantas menções na Bíblia. É*"pelo sangue da aliança eterna"* que os homens são tornados perfeitos em toda boa obra para fazerem a vontade de Deus. Heb. 13:20. Ademais, a terra prometida nesse pacto perpétuo deveria ser

Uma "Possessão Perpétua"

tanto para Abraão quanto para a sua semente. Perceba bem que o próprio Abraão, bem como sua semente, tiveram a promessa da terra como uma perpétua possessão. Não se trata de uma herança que simplesmente vem a ser a possessão de sua família para

sempre, mas tanto Abraão quanto a sua semente juntos deviam tê-la como uma perpétua possessão.

Todavia, uma terra pode ser mantida como uma perpétua possessão somente por aqueles que têm

Vida Eterna.

Portanto, nesse pacto encontramos a promessa de vida eterna. Não poderia ser doutro modo, porque, quando o pacto foi primeiro feito, como registrado no capítulo 15, foi dito a Abraão que teria que morrer antes que a terra lhe fosse dada como possessão; e Estêvão declarou que Deus não lhe deu o suficiente para pôr sobre ela o pé.[4] Logo, só poderia ser sua através da ressurreição; e quando a ressurreição tiver lugar, então não mais haverá morte. Pois *"seremos transformados; num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade, e que isto que é mortal se revista da imortalidade*." (I Cor. 15:51-53).

Assim, vemos que o estabelecimento desse pacto perpétuo com Abraão foi simplesmente a pregação do Evangelho eterno do reino, e a segurança a ele dada de uma parte nessas bênçãos.A promessa a Abraão foi uma promessa do Evangelho, e nada mais, e o pacto era a aliança eterna, da qual Cristo é o Mediador.[5] Seu escopo é idêntico ao do novo concerto, no qual Deus diz, *"porei as minhas leis no seu entendimento, e em seu coração as escreverei; Eu serei o seu Deus, e eles serão o Meu povo".* Heb. 8:10. Mas isso aparecerá mais plenamente ao prosseguirmos.

Um Pacto de Justiça

O Senhor disse a Abraão após esta reiteração do concerto com ele e sua semente, *"E circuncidareis a carne do vosso prepúcio; e isto será por sinal da aliança entre Mim e vós".* Gên. 17:11. Agora, se formos à Epístola aos Romanos aprenderemos muito mais do significado dessa transação. Precisamos ter as Escrituras perante nós a fim de podermos considerá-la de modo a entendê-la, assim a citaremos de modo extenso. *"Que diremos, pois, ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne? Porque, se Abraão foi justificado pelas obras, tem de que se gloriar, mas não diante de Deus. Pois, que diz a Escritura? Creu Abraão em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça. Ora, àquele que faz qualquer obra não lhe é imputado o galardão segundo a graça, mas segundo a dívida. Mas, àquele que não pratica, mas crê naquele que justifica o ímpio, a sua fé lhe é imputada como justiça. Assim também Davi declara bem-aventurado o homem a quem Deus imputa a justiça sem as obras, dizendo: Bem-aventurados aqueles cujas maldades são perdoadas, e cujos pecados são*

cobertos. Bem-aventurado o homem a quem o Senhor não imputa o pecado. Vem, pois, esta bem-aventurança sobre a circuncisão somente, ou também sobre a incircuncisão? Porque dizemos que a fé foi imputada como justiça a Abraão. Como lhe foi, pois, imputada? Estando na circuncisão ou na incircuncisão? Não na circuncisão, mas na incircuncisão. E recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé, quando estava na incircuncisão, para que fosse pai de todos os que crêem, estando eles também na incircuncisão; a fim de que também a justiça lhes seja imputada; E fosse pai da circuncisão, daqueles que não somente são da circuncisão, mas que também andam nas pisadas daquela fé que teve nosso pai Abraão, que tivera na incircuncisão. Porque a promessa de que havia de ser herdeiro do mundo não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé." Rom. 4:1-13.

O tema do capítulo inteiro é Abraão e a justificação pela fé. O apóstolo toma o caso de Abraão como ilustração da verdade apresentada no capítulo precedente, ou seja, que um homem é tornado justo pela fé. A bênção que Abraão recebeu é a bênção dos pecados perdoados, mediante a justiça de Jesus Cristo. Ver versos 6-9. Portanto, quando lemos em Gên. 12:2, 3, que em Abraão todas as famílias da Terra seriam abençoadas, sabemos que a bênção referida é o perdão dos pecados. Isso pode ser positivamente comprovado por Atos 3:25, 26: *"Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus fez com nossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão abençoadas todas as famílias da terra. Ressuscitando Deus a Seu Filho Jesus, primeiro O enviou a vós, para que nisso vos abençoasse, no apartar, a cada um de vós, das vossas maldades*".

Essa bênção veio a Abraão mediante Jesus Cristo e Sua cruz, tal como vem a nós. Pois *"Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós; . . . Para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo, e para que, pela fé, nós recebamos a promessa do Espírito."* Gál. 3:13, 14. Assim, descobrimos que as bênçãos do concerto com Abraão são simplesmente as bênçãos do Evangelho, e elas vêm a nós mediante a cruz de Cristo. Nada foi prometido nesse concerto, exceto o que há de ser obtido mediante o Evangelho; e tudo quanto o Evangelho contém estava nele.

A circuncisão foi concedida como um selo desse concerto. Mas a promessa, o concerto, a bênção, e tudo, vieram a Abraão antes que ele fosse circuncidado. Daí ele é o pai tanto dos incircuncisos quanto dos circuncisos. Judeus e gentios são igualmente participantes no concerto e suas bênçãos, desde que tenham a fé que Abraão teve.

Em Gên. 17:11 é-nos dito que a circuncisão foi dada como sinal do concerto que Deus estabeleceu com Abraão. Mas em Rom. 4:11 nos é dito que lhe foi dado como um selo de justiça que ele possuía pela fé. Em outras palavras, foi a garantia e o selo do perdão dos pecados mediante a justiça de Cristo. Portanto, sabemos que o concerto, do qual a circuncisão era o selo, foi um pacto de justificação pela fé; que todas as bênçãos prometidas nele o são sobre a base da justificação mediante Jesus Cristo. Isso

novamente nos mostra que o concerto feito com Abraão era o Evangelho, e isso somente.

Uma Concessão de Terra

Mas nesse pacto a promessa central dizia respeito à terra. Toda a terra de Canaã foi prometida a Abraão e sua semente como perpétua possessão. E então o selo do concerto, — circuncisão — foi dado, — um selo da justiça que ele tinha pela fé. Isso mostra que a terra de Canaã devia ser possuída somente pela fé. E aqui temos uma lição prática quanto à posse de coisas pela fé. Muitas pessoas pensam que uma coisa que é possuída pela fé é possuída somente na imaginação. Mas a terra de Canaã era um país real, e devia ser possuída de fato. A posse dela devia ser obtida, contudo, somente mediante a fé. Esse foi de fato o que se passou. Pela fé o povo cruzou o rio Jordão, e *"pela fé caíram os muros de Jericó, após terem sido rodeados por sete dias".* Mas sobre isso trataremos mais adiante.

A terra de Canaã, que foi prometida no concerto, devia ter sido mantida mediante a justificação pela fé, o que foi selado pela circuncisão, o selo do concerto. Leiamos agora Rom. 4:13 uma vez mais, e veremos o quanto esteve envolvido nesta promessa. *"Porque a promessa de que havia de ser* ***herdeiro do mundo*** *não foi feita pela lei a Abraão, ou à sua posteridade, mas pela justiça da fé".* Essa justificação de fé, nos é dito no verso 11, foi selada pela circuncisão; e a circuncisão era o selo do concerto que temos registrado em Gên. 17. Portanto, sabemos que a promessa da terra, que o concerto com Abraão continha, foi nada menos que a promessa da terra inteira. Ao chegarmos ao cumprimento da promessa, veremos mais plenamente como pode dar-se que a promessa da terra de Canaã incluía a posse da Terra inteira; mas o fato pode ser brevemente indicado abaixo.

O concerto em que a terra foi prometida, foi, como temos visto, um concerto de justiça. Sua base era a justificação pela fé. Era um concerto eterno, prometendo uma herança eterna tanto a Abraão quanto a sua semente, o que significou para eles vida eterna. Mas a graça reina mediante a justiça para a vida eterna somente através de Jesus Cristo, nosso Senhor. A vida eterna pode ser obtida somente em justiça. Ademais, uma vez que a promessa foi feita a Abraão, bem como a sua semente, e Abraão teve a garantia de que morreria muito antes da herança ser concedida, é evidente que somente poderia ser obtida mediante a ressurreição, que tem lugar quando da vindado Senhor, quando a imortalidade será concedida. Mas a vinda de Cristo se dá quando dos *"tempos da restauração de todas as coisas, das quais Deus falou pela boca dos seus santos profetas, desde o princípio"*. Atos 3:21. Portanto, concluímos que a herança da justiça, prometida a Abraão como uma perpétua possessão e que se daria através da

ressurreição, quando da vinda do Senhor, era a *"nova terra na qual habita a justiça"*, a qual antecipamos segundo a promessa de Deus.

— *The Present Truth*, 18 de junho de 1896.

Notas desta edição:

1) Abraão tinha setenta e cinco anos de idade quando partiu de Harã (Gên. 12:4), e a promessa foi primeiro tornada conhecida a ele antes de ter deixado a Mesopotâmia. Atos 7:2;

2) À margem da *King James Version*, a versão do rei Tiago.;

3) A Almeida fiel diz, no vs. 33, que *"não eram de coração dobre",* isto é, fingido, traiçoeiro, dissimulado, enganador, hipócrita, etc...; e no vs. 38, *"o mesmo coração"*; Salmo 12:2 diz *"Cada um fala com falsidade ao seu próximo; falam com lábios lisonjeiros e coração dobrado"*, quer dizer, mentirosa, desonesta e fraudulentamente.

4) *"E não lhe deu nela herança, nem ainda o espaço de um pé",* Atos 7:5;

5) Ver Heb. 8:6; 9:15; 12:24;

CAPÍTULO 8.

O Chamado de Abraão, 6

O Concerto Selado, parte 2

O sinal da circuncisão

E agora precisamos levar um pouco adiante o estudo do selo do concerto, qual seja, a circuncisão. O que significa e o que realmente é? Aprendemos que ele significa justificação pela fé. Foi dado a Abraão como um sinal de posse de tal justificação, ou, como uma garantia de que ele fora *"aceito no Amado, em quem temos a redenção pelo Seu sangue, o perdão dos nossos pecados, segundo as riquezas da Sua graça".* Efé. 1:6, 7. O que realmente é a circuncisão pode ser aprendido da seguinte passagem:

"Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se guardares a lei; mas se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão tem-se tornado em incircuncisão. Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura a incircuncisão não será reputada como circuncisão? E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, julgará a ti, que com a letra e a circuncisão és transgressor da lei. Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu aquele que o é interiormente, e circuncisão é a do coração, no espírito, e não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus". Rom. 2:25-29.

A circuncisão era o sinal da justificação pela fé. Essa justificação, porém, é a requerida pela lei de Deus. A circuncisão nunca teve qualquer valor a menos que a lei fosse observada. De fato, a observância da lei é verdadeira circuncisão. Mas o Senhor requer a verdade nas partes interiores. Uma demonstração exterior, sem justiça íntima, é para Ele uma abominação. A lei deve estar no coração para lá ser real circuncisão. Mas a lei pode estar no coração somente pelo poder do Senhor mediante o Espírito. *"A lei é espiritual"* (Rom. 7:14), ou seja, é da natureza do Espírito Santo, e a lei pode somente estar no coração quando ali habite o Espírito de Deus. A circuncisão, pois, não é nada mais do que o sela mento da justificação no coração pelo Espírito Santo. Isso foi o que Abraão recebeu. Sua circuncisão era o selo da justificação pela fé que ele possuía. Mas a justificação pela fé era aquilo pela qual ele herdaria a possessão prometida. Portanto, a circuncisão era o juramento de sua herança. Agora, lemos o texto seguinte:

"Em quem temos a redenção pelo Seu sangue, a remissão das ofensas, segundo as riquezas da Sua graça ... em quem também obtivemos uma herança, havendo sido predestinados, conforme o propósito dAquele que faz todas as coisas, segundo o conselho da Sua vontade; com o fim de sermos para louvor da Sua glória, nós os que primeiro esperamos em Cristo; em Quem vós também confiastes, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e, tendo nEle também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa, o qual é o penhor da nossa herança, para redenção da possessão adquirida, para louvor da Sua glória". Efé. 1:7-14.

A palavra da verdade é o Evangelho da salvação. Quando cremos no Evangelho, somos selados pelo Espírito Santo, e esse selo é o penhor de nossa herança, até ser esta concedida por ocasião da vinda do Senhor. Abraão tinha, portanto, o Espírito Santo como penhor da herança que lhe fora prometida. A posse do Espírito mostra que temos direito à herança, porque o Espírito traz justiça, e a herança é uma de justiça. A justiça, e esta somente, habitará na nova Terra.

Em harmonia com o texto acima, temos também o seguinte: *"E estais perfeitos nEle*[Cristo]*, que é a cabeça de todo principado e potestade; no qual também*

estais circuncidados com a circuncisão não feita por mãos, no despojar do corpo da carne, a circuncisão de Cristo". Col. 2:10, 11.

A promessa de Deus a Abraão havia sido feita muito antes do tempo do qual estamos escrevendo: a feitura do concerto está registrada no décimo quinto capítulo de Gênesis. Mas após o concerto ter sido feito, Abraão incorreu no erro registrado no capítulo décimo sexto. Ele viu o seu erro, e arrependeu-se do mesmo, voltando-se novamente ao Senhor em plena fé, com o que recebeu a garantia de perdão e aceitação; e circuncisão lhe foi dada como um lembrete disso.

As passagens que lemos no Novo Testamento com respeito à circuncisão não são a declaração de algo novo. A circuncisão sempre foi o que ali é dito que representa. Sempre significou justiça no coração, e não tinha qualquer significado quando quer que essa justiça estivesse ausente. Isso é plenamente indicado em Deu. 30:5, 6: *"o Senhor teu Deus te trará à terra que teus pais possuíram, e a possuirás; e te fará bem, e te multiplicará mais do que a teus pais.E o Senhor teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração de tua descendência, a fim de que ames ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de toda a tua alma, para que vivas".*

Por que o Sinal Exterior?

Surge naturalmente a indagação, por que o sinal exterior da circuncisão foi dado a Abraão, se ele já era detentor de tudo quanto estava nele implícito? Uma vez que a circuncisão é a do coração, operada pelo Espírito, e nada mais é senão a posse da justiça da fé, e Abraão contava com isso antes de ter recebido o sinal da circuncisão, por que o sinal foi dado?

É uma pergunta razoável e felizmente pode ser respondida com facilidade. O leitor primeiro notará, contudo, que aquilo que Abraão recebeu é chamado em Rom. 4:11 de *"sinal da circuncisão"*. A circuncisão real ele já possuía. Em harmonia com isso há a declaração de que aquilo que havia na carne, feita por mãos, era apenas *"chamada circuncisão"*. Efé. 2:11. Não era circuncisão de fato.

Agora, a razão por que esse sinal foi dado, que era somente um sinal, e que nada trouxe a seu possuidor, e que era um sinal falso, a menos que a justificação pela fé estivesse no coração, será visto quando considerarmos o que teve lugar após o concerto ter sido estabelecido com Abraão. Ele havia entrado num arranjo, cujo objeto era pôr em execução a promessa do Senhor. Abraão e Sara criam que a promessa era para ser deles, mas pensaram que podiam pô-la em prática. Sendo, porém, que a promessa era de uma herança de justiça, o pensamento de que poderiam executá-la era, na realidade, a idéia muito comum de que os homens podem operar a justiça de Deus. Assim, quando

Deus repetiu o concerto, Ele deu a Abraão um sinal que deveria ser-lhe sempre um lembrete de sua tentativa de pôr em operação a promessa de Deus, e seu fracasso nisso. Não lhe concedeu coisa alguma, e sim, ao contrário, era uma lembrança de que ele nada poderia fazer de si mesmo, e que tudo tinha que ser feito nele, e por ele pelo Senhor. O cortar uma porção da carne mostrava que a promessa não era para ser obtida pela carne, mas pelo Espírito. Ismael nasceu segundo a carne, mas Isaque segundo o Espírito.

Isso serviu também com o mesmo propósito para os seus descendentes. Era para ser mantido continuamente perante eles o erro do seu pai Abraão, e para alertá-los contra cometerem erro semelhante. Era para mostrar-lhes que *"a carne nada aproveita"*. Em tempos posteriores eles perverteram o sinal, presumindo que a posse do mesmo era garantia de sua justiça, observassem a lei ou não. Confiavam que aquilo lhes trazia justiça, e os tornavam os favoritos peculiares do Senhor. Mas o apóstolo Paulo demonstrou a verdade a respeito da questão, dizendo: *"Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e* ***não confiamos na carne*****"**. Fil. 3:3. Os judeus chegaram a considerá-lo como se lhes concedesse tudo, porque confiaram em sua própria justiça; enquanto seu único objetivo era ensinar-lhes a não depositar confiança em si próprios.

— *The Present Truth*, 25 de junho de 1896.

CAPÍTULO 9.

O Chamado de Abraão, 7

O Teste da Fé

Avançamos por um período de vários anos. O número de anos não sabemos, mas Isaque, o filho da fé e da promessa, tinha nascido e havia crescido, atingindo o estágio de um jovem[1]. A fé de Abraão havia se tornado mais forte e mais inteligente, pois havia aprendido que Deus cumpre Suas próprias promessas. Mas Deus é um mestre fiel, e não permite que os Seus alunos deixem uma lição até que a tenham aprendido inteiramente. Não lhes é suficiente que vejam e reconheçam que cometeram um erro na lição que Ele lhes tem dado. Tal reconhecimento, logicamente, assegura o perdão; mas, tendo visto o erro, podem voltar a caminhar pelo mesmo terreno, possivelmente muitas vezes, até que a tenham aprendido tão bem que possam ficar sem tropeçar. Isso é unicamente para o seu próprio bem. Não se

trata de bondade da parte de um pai ou professor permitir que seus filhos ou alunos avancem saltando lições que não tenham sido aprendidas, simplesmente por serem difíceis.

Assim, *"Sucedeu, depois destas coisas, que Deus provou a Abraão, dizendo-lhe: Abraão! E este respondeu: Eis-me aqui. Prosseguiu Deus: Toma agora teu filho; o teu único filho, Isaque, a quem amas; vai à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto sobre um dos montes que te hei de mostrar".* Gên. 22:1, 2.

A fim de entender o que essa provação significava, precisamos ter clara idéia do que estava envolvido na pessoa de Isaque,—o que abrangia a promessa que havia sido feita a Abraão, que devia cumprir-se mediante Isaque. Já a estudamos, e assim temos somente que recordar o fato. Deus tinha dito a Abraão, *"Em tua semente serão abençoadas todas as famílias da Terra", e "Em Isaque será chamada a tua semente"*. Como temos visto, a bênção era a do Evangelho, a bênção que vem mediante Cristo e Sua cruz. Mas isso, sendo que Deus assim havia dito, devia ser cumprido através de Isaque. A prometida semente, consistindo de Cristo e todos quantos são dEle, devia proceder de Isaque. Destarte, vemos que, por uma perspectiva humana, a exigência de Deus parecia eliminar toda esperança de que jamais se cumprisse a promessa.

Mas a promessa tinha que ver com salvação mediante Jesus Cristo, a semente. A promessa tinha sido muito explícita, *"Em Isaque será chamada a tua semente"*, e essa semente era primeiro de tudo, Cristo. Portanto, Cristo o Salvador de todos os homens poderia vir somente pela linhagem de Isaque. Todavia, Isaque era ainda um jovem solteiro. Eliminá-lo seria, segundo o raciocínio humano, eliminar a perspectiva do Messias, e assim desfazer toda esperança de salvação. Sob todos os aspectos Abraão foi chamado, virtualmente a por a faca em sua própria garganta, e cortar a esperança da sua própria salvação.

Podemos, pois, ver que não foi apenas o afeto paternal de Abraão que estava sob prova, mas a sua fé na promessa de Deus. Teste mais severo homem nenhum foi jamais chamado a suportar, pois nenhum outro homem jamais poderia achar-se na mesma posição. A esperança inteira de toda a raça humana estava contida em Isaque, e Abraão, aparentemente, tinha a ordem de destruí-la com o golpe de um cutelo. Bem se poderia chamar alguém que suportasse tal teste de *"pai dos que têm fé"*. Podemos perfeitamente bem crer que Abraão foi fortemente tentado a duvidar que tal exigência teria procedido do Senhor; parecia tão diretamente contrária à promessa divina.

Tentações

Ser tentado, e duramente tentado, não é pecado. *"Meus irmãos, tende por motivo de grande gozo o passardes por várias provações"*. Tiago 1:2. O apóstolo Pedro fala da mesma herança que foi prometida a Abraão, e diz que exultamos grandemente nela, *"ainda que*

agora por um pouco de tempo, sendo necessário, estejais contristados por várias tentações, para que a prova da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece, e é provado pelo fogo, redunde para louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo; ao qual, sem o terdes visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e cheio de glória, alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas." 1 Ped. 1:6-9.

Essas tentações causam tristeza, diz o apóstolo. Elas esmagam a pessoa. Se fosse doutro modo, —se não requeresse esforço suportá-las, —não seriam tentações. O fato de que uma coisa é uma tentação significa que é algo que atinge todos os sentimentos, suportá-la quase exige a vida. Portanto, podemos saber, sem lançar a mínima dúvida quanto à fé de Abraão, que lhe acarretou uma tremenda luta obedecer à ordem do Senhor.

Dúvidas foram sugeridas à sua mente. Dúvidas procedem do diabo, e nenhum homem é tão bom para ser livre das sugestões de Satanás. O próprio Senhor teve que suportá-las. Ele *"como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado"*. Heb. 4:15. O pecado não consiste no fato de que o diabo sussurra dúvidas em nossos ouvidos, mas em nossa reação de aceitação das mesmas. Isso Cristo não fez. Nem o fez Abraão; contudo, aquele que julga que o patriarca partiu em sua jornada, sem primeiro ter uma terrível luta, deve ser indiferente não só do que estava envolvido na proposta prova, mas nos sentimentos de um pai.

O tentador sugeria, *"—Isto não pode ser exigência do Senhor, porque Ele te prometeu uma inumerável posteridade, e disse que deve proceder de Isaque"*. Vez após vez tal pensamento lhe ocorreria; mas não prevalecia, porque Abraão conhecia muito bem a voz do Senhor. Ele sabia que o apelo para oferecer Isaque procedia da mesma fonte da promessa. A repetição dessa sugestão do tentador somente tornaria mais certo o fato de que a exigência procedia do Senhor.

Entretanto, isso não dava fim à luta. Uma forte tentação de desconsiderar a ordem seria encontrada em sua própria afeição ao filho. A ordem tinha um profundo efeito probatório: *"Toma agora teu filho; o teu único filho, Isaque, a quem amas"*. E havia ainda uma dedicada e orgulhosa mãe. Como faria com que ela cresse que fora o Senhor que lhe havia falado? Como iria apresentar-lhe a questão? Ou, se partisse para realizar o sacrifício sem dar-lhe conhecimento, como poderia encontrá-la ao retornar? Além disso, havia as demais pessoas. Não iriam acusá-lo de ter assassinado o filho? Podemos estar certos de que Abraão teve uma desesperada luta com todas essas sugestões, o que lhe dominaria a mente e o coração.

Mas a fé obteve a vitória. Seu tempo de hesitação estava há muito no passado, e agora *"não vacilou por incredulidade, antes foi fortalecido na fé, dando glória a Deus".* Rom. 4:20. *"Pela fé Abraão, quando foi provado, ofereceu Isaque; e aquele que recebera as promessas*

ofereceu o seu unigênito, de quem se havia dito: Em Isaque será chamada a tua descendência, julgando que Deus era poderoso para até dos mortos o ressuscitar; e daí também em figura o recobrou". Heb. 11:17-19.

A questão toda, de começo ao fim, envolvia a ressurreição dentre os mortos. O nascimento de Isaque foi realmente o trazer vida a partir da morte. Foi pelo poder da ressurreição. Abraão tinha uma vez, ao dar ouvidos à esposa, deixado de confiar no poder de Deus em conceder-lhes um filho estando mortos[2]. Ele se arrependera de sua falha, mas precisava ser provado nesse ponto para assegurar que havia aprendido inteiramente a lição. O resultado demonstrou que aprendera.

O Filho Unigênito

". . . aquele que recebera as promessas ofereceu o seu primogênito de quem se havia dito: Em Isaque será chamada a tua descendência, considerou que Deus era poderoso para até dos mortos o ressuscitar"[3]. Observe a expressão*: "o seu unigênito".* Não podemos ler isto sem deixar de nos lembrar que, *"Deus amou o mundo de tal maneira que deu o Seu Filho unigênito, para que todo aquele que nEle crê não pereça, mas tenha a vida eterna."* João 3:16. No ato de Abraão oferecer o seu filho primogênito temos uma figura do oferecimento do Filho unigênito de Deus. E Abraão assim entendeu. Ele já se havia regozijado em Cristo. Ele sabia que, mediante a prometida Semente, dar-se-ia a ressurreição dos mortos; e foi a sua fé na ressurreição dos mortos, que só pode ocorrer mediante Jesus, que o capacitou a suportar a prova.

Abraão ofereceu o seu filho unigênito, em confiança de que seria levantado de entre os mortos, porque Deus ofereceria o Seu Filho unigênito. Não, mais que isso, Deus já havia oferecido o Seu Filho unigênito, *"o qual, na verdade, foi conhecido ainda antes da fundação do mundo"*, mas que ainda haveria de ser manifesto. 1 Ped. 1:20. Nisso vemos a maravilhosa fé de Abraão e quão completamente ele entendeu o propósito e o poder de Deus. Pois o Messias, a Semente mediante a qual todas as bênçãos deveriam vir aos homens, devia ser nascido da linhagem de Isaque. Isaque seria eliminado sem um herdeiro. Contudo, Abraão tinha tal confiança na vida e poder da palavra do Senhor que cria que esta se cumpriria. Ele cria que o Messias, que haveria de vir pela linhagem de Isaque, e cuja morte somente poderia destruir a morte e trazer a ressurreição, e que não havia ainda vindo ao mundo, tinha poder para ressuscitar Isaque dos mortos, a fim de que a promessa pudesse ser cumprida, para Ele ainda nascer no mundo. Maior fé do que esta de Abraão possivelmente não poderia existir.

A Ressurreição e a Vida

Nisso vemos não só a prova da pré-existência de Cristo, mas também do conhecimento de Abraão disso. Jesus disse, *"Eu sou a ressurreição e a vida"*. João 11:25. Ele era o Verbo que estava no princípio com Deus, e que era Deus. Ele era a ressurreição e a vida tanto nos dias de Abraão quanto nos de Lázaro. *"Nele estava a vida"*, a própria vida eterna. Abraão cria nisso, pois ele já havia comprovado o Seu poder, e tinha confiança que a vida do Verbo traria de volta Isaque à vida, a fim de dar-se o cumprimento da promessa.

Abraão partiu para a sua jornada. Três dias ele seguiu pelo penoso caminho, durante o qual o tentador teve tempo suficiente para assaltá-lo com todo tipo de dúvida. Mas toda dúvida estava superada quando *"ao terceiro dia levantou Abraão os olhos, e viu o lugar de longe."* Gên. 22:4. Evidentemente algum sinal que o Senhor lhe havia dado, apareceu sobre a montanha e ele soube, sem a menor sombra de dúvida, que o Senhor o estava guiando. A luta havia findado, e ele seguiu adiante para completar a sua tarefa, plenamente seguro de que Deus traria Isaque dentre os mortos.

"E disse Abraão a seus moços: Ficai-vos aqui com o jumento, e eu e o mancebo iremos até alí; e havendo adorado, tornaremos a vós", verso 5. Se não houvesse nenhuma única linha, no Novo Testamento sobre esta questão, poderíamos saber, com base neste verso, que Abraão tinha fé na ressurreição. *"Eu e o mancebo iremos até lá; depois de adorarmos, voltaremos a vós".* No original é tornado muito claro: *nós iremos* e *voltaremos* a vós. O patriarca tinha tal confiança na promessa divina que cria plenamente que, conquanto tivesse que sacrificar Isaque como um holocausto, seu filho seria ressuscitado novamente, de modo que ambos retornariam juntos. *"A esperança não traz confusão"*[4]. Tendo sido justificado pela fé, ele tinha paz com Deus mediante nosso Senhor Jesus Cristo. O teste de sua fé havia sido pacientemente suportado, pois devemos saber que o amargor da luta agora estava superado, e uma rica experiência de vida que há na palavra tinha-lhe sobrevindo, acompanhada de uma esperança inabalável.

O Sacrifício Completado

Todos sabemos o resultado. Isaque carregou a lenha ao local designado. O altar foi erigido, e ele foi amarrado e colocado sobre o mesmo. Aqui, uma vez mais, temos a semelhança com o sacrifício de Cristo. Deus entregou o Seu Filho Unigênito, contudo o Filho não seguiu com indisposição. Cristo *"entregou-Se por nós"*. Assim Isaque livremente submeteu-se como um sacrifício. Ele era jovem e forte, e poderia facilmente ter resistido ou fugido se assim quisesse. Mas não o fez. O sacrifício era tanto dele quanto de seu pai. Assim como Cristo transportou Sua própria cruz, igualmente Isaque carregou a lenha para o seu próprio sacrifício, e serenamente submeteu o seu corpo para o cutelo. Em Isaque temos um tipo de

Cristo, que foi *"como um cordeiro, levado ao matadouro"*; e a declaração de Abraão, *"Deus proverá para Si o cordeiro"* nada mais era do que a sua expressão de fé no Cordeiro de Deus.

"E estendeu Abraão a sua mão, e tomou o cutelo para imolar o seu filho; Mas o anjo do SENHOR lhe bradou desde os céus, e disse: Abraão, Abraão! E ele disse: Eis-me aqui. Então disse: Não estendas a tua mão sobre o moço, e não lhe faças nada; porquanto agora sei que temes a Deus, e não Me negaste o teu filho, o teu único filho. Então levantou Abraão os seus olhos e olhou; e eis um carneiro detrás dele, travado pelos seus chifres, num mato; e foi Abraão, e tomou o carneiro, e ofereceu-o em holocausto, em lugar de seu filho", Gên. 22:10-13. A vida do filho foi poupada, contudo o sacrifício foi feito tão verdadeira e completamente como se ele tivesse sido posto à morte.

A Obra de Fé

Detenhamo-nos um momento para ler as palavras registradas por Tiago a respeito desse episódio.*"Mas, ó homem vão, queres tu saber que a fé sem as obras é morta? Porventura o nosso pai Abraão não foi justificado pelas obras, quando ofereceu sobre o altar o seu filho Isaque? Bem vês que a fé cooperou com as suas obras, e que pelas obras a fé foi aperfeiçoada. E cumpriu-se a Escritura, que diz: E creu Abraão em Deus, e foi-lhe isso imputado como justiça, e foi chamado o amigo de Deus."*Tiago 2:20-23.

Como é possível que alguém suponha haver qualquer contradição ou modificação da doutrina da justificação pela fé como estabelecida nos escritos do apóstolo Paulo? O apóstolo Paulo ensina que a fé obra. *"Fé que opera pelo amor"* (Gál. 5:6) é indicada como sendo algo necessário. Ele elogiou os irmãos tessalonicenses por suas *"obras de fé"*. 1 Tes. 1:2, 3. Assim, o apóstolo Tiago utiliza o caso de Abraão como ilustração da operação da fé. Deus lhe havia feito uma promessa; ele havia crido na promessa, e sua fé foi-lhe contada por justiça. Sua fé era do tipo que opera justiça. Agora aquela fé recebeu uma prova prática, e as obras mostraram que ela era perfeita. Assim, cumpriu-se a Escritura ao dizer: *"Abraão creu em Deus e isso lhe foi imputado por justiça"*. Essa obra foi a demonstração do fato de que fé tinha-lhe sido imputada por justiça. Era fé que atuava com suas obras. A obra que Abraão cumpriu era uma obra de fé. Suas obras não produziram a sua fé, mas a sua fé produziu as suas obras. Ele foi justificado, não por *fé e obras*, mas pela *fé que opera*.

O Amigo de Deus

"E ele foi chamado o amigo de Deus"[5]. Jesus disse a Seus discípulos, *"Já vos não chamarei servos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor; mas tenho-vos chamado amigos, porque tudo quanto ouvi de Meu Pai vos tenho feito conhecer"*[6]. Amizade entre duas pessoas significa confiança mútua. Na amizade perfeita cada um se revela ao outro

numa forma que não faria ao mundo exterior. Não pode haver amizade perfeita onde haja desconfiança e restrição. Entre amigos perfeitos há perfeito entendimento. Assim Deus chamou Abraão de Seu amigo, porque entendiam perfeitamente um ao outro. Esse sacrifício revelou plenamente o caráter de Abraão. Deus havia dito antes, *"Eu o tenho conhecido"*[7]; e agora dizia novamente, *"Agora sei que temes a Deus"*[8]. Abraão, por seu turno, compreendeu o Senhor. O sacrifício de seu filho unigênito indicava que ele conhecia o caráter amorável de Deus, que, por causa do homem, tinha já entregue o Seu Filho unigênito. Eles estavam unidos num mútuo sacrifício e mútua simpatia. Ninguém poderia apreciar os sentimentos de Deus tão bem quanto Abraão.

Nenhuma outra pessoa pode jamais ser chamada a suportar a mesma prova que Abraão, porque as circunstâncias nunca poderão ser as mesmas. Nunca novamente pode a sorte do mundo estar envolvida numa única pessoa, e como que a pender na balança. Contudo, cada filho de Abraão será testado, porque somente aqueles que têm a fé de Abraão são filhos de Abraão. Cada um pode ser amigo de Deus, e assim deve ser, se é filho de Abraão. Deus Se manifestará a Seu povo como não o faz para o mundo.

Todavia, não devemos nos esquecer que a amizade baseia-se na confiança mútua. Se quisermos ter o Senhor manifestando-Se a nós, devemos manifestar-nos a Ele. Se confessarmos os nossos pecados confiando-lhe em segredo todas as nossas fraquezas e dificuldades, então Ele Se revelará um fiel amigo, e nos revelará o Seu amor e o Seu poder para nos livrar da tentação. Ele nos mostrará como foi tentado da mesma maneira, sofrendo as mesmas enfermidades, e nos mostrará como vencer. Assim, em amorável intercâmbio de confiança, sentaremos juntos nos lugares celestiais em Cristo Jesus, e podemos cear juntos. Ele nos revelará coisas maravilhosas; pois *"O segredo do SENHOR é com aqueles que O temem; e Ele lhes mostrará a Sua aliança"*. Sal. 25:14.

– *The Present Truth*, 2 de julho de 1896.

Notas desta edição:

1) Que Isaque não era mais um garoto, como a idéia de *"mancebo"* poderia levar-nos a supor, é evidente pelo fato de que ele foi capaz de carregar a lenha para o sacrifício montanha acima. O historiador Josefo diz que ele tinha 35 anos de idade, que é indicada pela cronologia na margem de algumas Bíblias. Esta nota é da edição em inglês, de Glad Tidings Publishers, Berrein Spprings, USA, 2002. Em português, pela cronologia anotada à margem da Almeida Contemporânea, entre o nascimento de Isaque, 1897, a.C., e este teste de Abraão, 1872 a.C., temos 25 anos. Entretanto todas estas datas são contestáveis, seguidas que são de um ponto de interrogação, mas pode ser que Josefo tenha razão, como observa Waggoner, porque Sara morreu em 1860 a.C., portanto quando Isaque já tinha 37 anos.
2) Waggoner usa aqui uma simbologia da ressurreição, ao falar que Abraão e Sara estavam *"mortos"* em termos de idade para gerar filhos, e que o filho veio da morte, nesse sentido. Também a morte certa para Isaque, no sacrifício de Abraão, simbolizava como que um retorno da morte quando Deus interveio e lhe indicou o animal preso pelos chifres;

3) Hebreus 11: 17 e 18;
4) Romanos 5:5, p.p.;
5) Tiago 2:23, ú. p.;
6) João 15:15;
7) Gênesis 18:19, p.p.; na KJV, *"Eu o conheço"*;
8) Gênesis 22:12;

CAPÍTULO 10.

O Chamado de Abraão, *8*

A Promessa e o Juramento

O sacrifício tinha sido feito; a fé de Abraão havia sido testada e achada perfeita. *"Então o Anjo do Senhor bradou a Abraão pela segunda vez desde o céu, e disse: Por Mim mesmo jurei, diz o Senhor, porquanto fizeste isto, e não Me negaste teu filho, o teu único filho, que deveras te abençoarei, e grandemente multiplicarei[1] a tua descendência, como as estrelas do céu e como a areia que está na praia do mar; e a tua descendência possuirá a porta dos seus inimigos; e em tua descendência serão benditas todas as nações da terra; porquanto obedeceste à Minha voz".* Gên. 22:15-18.

Na epístola aos Hebreus aprendemos o significado do fato de que Deus jurou por Si mesmo. O leitor imediatamente verá que a passagem seguinte tem referência direta a que acabamos de citar: —

"Porque, quando Deus fez a promessa a Abraão, como não tinha outro maior por quem jurasse, jurou por Si mesmo, dizendo: Certamente abençoando te abençoarei, e multiplicando te multiplicarei. E assim, esperado com paciência, ele alcançou a promessa. Porque os homens certamente juram por alguém superior a eles, e o juramento para confirmação é, para eles, o fim de toda contenda. Por isso, querendo Deus mostrar mais abundantemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do Seu conselho, Se interpôs com juramento; para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos firme consolação, nós, os que pomos o nosso refúgio em reter a esperança proposta; a qual temos como âncora da alma, segura e firme, e que penetra até o interior do véu; aonde Jesus, nosso precursor, entrou por nós, feito Sacerdote para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque". Heb. 6:13-20.

O juramento não foi por causa de Abraão. Sua crença em Deus foi completa sem o juramento para respaldar a promessa. Sua fé havia sido revelada perfeita, antes que o juramento fosse feito. Ademais, se tivesse sido por sua causa, não teria havido necessidade de registrá-la, uma vez que ele morreu muito antes que o registro fosse escrito. Mas Deus estava mais abundantemente disposto a mostrar aos herdeiros da promessa a imutabilidade de Seu conselho, e assim Ele confirmou a promessa por um juramento.

Em Cristo Somente

E quem são os herdeiros da promessa?—A cláusula seguinte nos diz. O juramento foi a fim de que*"tenhamos firme consolação"*. O juramento foi feito por nossa causa. Isso mostra que o concerto com Abraão nos diz respeito. Aqueles que são de Cristo são semente de Abraão, e herdeiros conforme a promessa; e esse juramento foi dado para servir-nos de incentivo, quando buscamos refugiar-nos em Cristo.

Quão plenamente esta última referência nos mostra que o teor integral do concerto com Abraão, com todas as suas promessas incluídas, é puramente o Evangelho. O juramento respalda a promessa; mas o juramento concede-nos consolação quando buscamos nos refugiar em Cristo; portanto, a promessa refere-se àquilo que é para ser conquistado em Cristo. Isso é também mostrado no texto que tem sido tantas vezes repetido, "*E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e* ***herdeiros conforme a promessa***"[2]. A promessa nada tinha mais em vista a não ser Cristo e as bênçãos que são concedidas através da Sua cruz. Assim é que o apóstolo Paulo, cuja determinação era nada mais saber a não ser *"Jesus Cristo, e Este crucificado"*[3] poderia também dizer que Ele permaneceu e foi julgado *"por causa da esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais"*. Atos

26:6. A *"esperança da promessa que por Deus feita a nossos pais"* é *"a esperança proposta"* [4] em Cristo e que é tornada *"mais abundantemente"* [5] segura pelo juramento de Deus a Abraão.

O juramento de Deus confirmou o concerto. O juramento pelo qual a promessa foi confirmada nos concede forte consolação quando buscamos refúgio no santuário, onde Cristo é sacerdote em nosso favor, segundo a ordem de Melquisedeque. Portanto, esse juramento foi o mesmo que tornou Cristo sacerdote para sempre segundo a ordem de Melquisedeque. Portanto este juramento era o mesmo juramento que fez Cristo sacerdote segundo a ordem de Melquizedeque. Isso é claramente estabelecido na declaração de que Cristo foi tornado sacerdote *"com juramento por Aquele que Lhe disse: Jurou o Senhor, e não Se arrependerá: Tu és Sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque"* (Heb. 7:21), e que Ele é capaz, conseqüentemente, de salvar perfeitamente todos quantos vão a Deus mediante Ele (vs. 25).

Ainda mais, o juramento pelo qual Cristo foi tornado sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque foi o juramento com que Ele é feito fiador de uma *"melhor aliança"* (verso 22), isto é, o novo concerto. Mas o juramento pelo qual Jesus foi tornado sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque, foi o mesmo juramento pela qual o concerto com Abraão foi confirmado. Portanto, o concerto com Abraão é idêntico, em seu escopo, com o novo concerto. Nada há no novo concerto que não conste do concerto com Abraão; e ninguém jamais será incluído no novo concerto que não seja filho de Abraão mediante o concerto feito com ele.

Que maravilhosa consolação é perdida por aqueles que deixam de ver o Evangelho e o Evangelho somente na promessa de Deus a Abraão. A *"firme consolação"* [6] que o juramento de Deus nos concede, está na obra de Cristo como *"um Sumo Sacerdote misericordioso e fiel nas coisas concernentes a Deus, a fim de fazer reconciliação pelos pecados do povo".* Como Sacerdote Ele apresenta o Seu sangue, mediante o qual temos redenção, de fato o perdão de pecados. Como Sacerdote Ele não só nos propicia misericórdia, mas *"graça em tempo oportuno"*. Isso nos é assegurado *"sem acepção de pessoas"*, pelo juramento de Deus.

"Forte Consolação"

Aqui jaz uma pobre, tímida e tremente alma, desprezada e desanimada por um senso de pecados cometidos, e de geral fraqueza e indignidade. Teme que Deus não a aceitará. Pensa que é por demais insignificante para que Deus a perceba, e que não faria diferença a ninguém, nem mesmo a Deus, caso viesse a perder-se. A alguém assim o Senhor declara: *"Ouvi-me vós, os que seguis a justiça, os que buscais ao Senhor; olhai para a rocha donde fostes cortados, e para a caverna do poço donde fostes cavados. Olhai para Abraão, vosso pai, e*

para Sara, que vos deu à luz; porque ainda quando ele era um só, Eu o chamei, e o abençoei e o multipliquei. Porque o Senhor consolará a Sião; consolará a todos os seus lugares assolados, e fará o seu deserto como o Éden e a sua solidão como o jardim do Senhor; gozo e alegria se acharão nela, ações de graça, e som de cântico". Isa. 51:1-3.

Olhe para Abraão, criado como um pagão, e veja o que Deus fez por ele, e o que Ele lhe prometeu, confirmando-o com um juramento de Si mesmo, por sua causa. Você pensa que não faria diferença ao Senhor se você viesse a se perder por ser tão obscuro e insignificante. Ora, a dignidade ou indignidade de cada um nada tem a ver com a questão. O Senhor declara: *"Eu, Eu mesmo, sou o que apago as tuas transgressões por amor de Mim, e dos teus pecados não Me lembro".* Isa. 43:25. Por Sua própria causa? Sim, certamente; por causa de Seu grande amor com o qual nos amou, Ele Se colocou sob um sério compromisso de cumprir isso. Ele jurou por Si mesmo salvar todos quantos a Ele fossem mediante Jesus Cristo, e *"Ele permanece fiel; porque Ele não pode negar-Se a Si mesmo"*. 2 Tim. 2:13.

Pensem nisso; Deus jurou por Si mesmo! Isto é, Ele jurou a Si mesmo, e Sua própria existência, para nossa salvação em Jesus Cristo. Ele Se colocou como fiador. A Sua vida pela nossa, caso nos perdermos enquanto nEle confiando. Sua honra está em jogo. Não se trata de uma questão de se somos ou não insignificantes e de pouco ou nenhum valor. Ele próprio declara que nós somos *"menos do que nada".* Isa. 40:17. Ele declara que nós nos vendemos por nada (Isa. 52:3), o que mostra o nosso verdadeiro valor; mas devemos ser redimidos sem dinheiro, pelo precioso sangue de Cristo. O sangue de Cristo é a vida de Cristo; e a vida de Cristo a nós concedida torna-nos participantes de Seu valor. A única questão é — pode Deus vir a quebrar o, ou esquecer-se do Seu juramento? A resposta é que temos "*duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta"*[6].

Pensem no que estaria envolvido na quebra dessa promessa e desse juramento. A palavra de Deus, que traz a promessa, é a palavra que criou os céus e a Terra, e que os sustenta. *"Levantai ao alto os vossos olhos, e vede quem criou estas coisas. Foi Aquele que faz sair o exército delas segundo o Seu número; Ele as chama a todas pelos seus nomes; por causa da grandeza das Suas forças, e porquanto é forte em poder, nenhuma delas faltará. Por que dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel: O meu caminho está escondido ao Senhor, e o meu juízo passa despercebido ao meu Deus?"* Isa. 40:25-27. A parte precedente do mesmo capítulo fala da palavra de Deus que criou todas as coisas, e que permanecerá para sempre, e as palavras são citadas pelo apóstolo Pedro, com a declaração adicional, *"mas a palavra do Senhor permanece para sempre. E esta é a palavra que vos foi evangelizada".* I Ped. 1:25.

É a palavra de Deus em Cristo que sustém o universo, e mantém as inumeráveis estrelas em seus lugares. *"Todas as coisas subsistem por Ele"*[7]. Se Ele viesse a falhar, o universo entraria em colapso. Mas Deus não é menos seguro do que a Sua palavra, pois a Sua

palavra é respaldada por Seu juramento. Ele comprometeu a Sua própria existência para o cumprimento de Sua palavra[8]. Se a Sua palavra fosse quebrada quanto à mais humilde alma do mundo, Ele próprio cairia em descrédito, e seria desonrado e destronado. O universo entraria em caos e seria aniquilado.

Assim, o universo inteiro está empenhado em assegurar a salvação de toda alma que a buscaem Cristo. O poder manifestado nela é o poder posto em penhor para assistir aos fracos. Na medida em que exista a matéria, a palavra de Deus permanecerá seguramente. *"Para sempre, ó Senhor, a Tua palavra* **(89)** *permanece no céu."* Sal. 119:89. Seria um lamentável prejuízo para você vir a perder a salvação; mas seria um dano muito maior para o Senhor, se você chegasse a obtê-la por alguma falha da parte dEle. Então, que a alma, outrora duvidosa, cante:—

"Seu juramento, Seu concerto, Seu sangue,

Me sustentam no dilúvio arrasador;

Quando tudo ao redor de minha alma falha,

Ele, então, é toda a minha esperança e firmeza"[9]

—*The Present Truth*, 9 de julho de 1896.

Notas desta edição:

1) *"Abençoando Eu abençoarei",* e "*multiplicando Eu multiplicarei"*, é a tradução literal de uma expressão hebraica muito comum. A ênfase em hebraico é caracterizada pela repetição. Em nosso idioma o texto reza, *"Eu deveras te abençoarei e grandissimamente multiplicarei a tua semente."* Gên 22: 17. Exemplos semelhantes podem ser vistos na margem de Gên. 2:16, 17, da KJV, *"comendo deves comer"*, e *"morrendo deves morrer"*, pois *"podeis livremente comer",* e, *"certamente morrereis"*. Em Êxo. 3:7, *"Tenho visto atentamente a aflição do meu povo",*ocorre a mesma expressão idiomática. *"Vendo, eu vi. . ."* Em Atos 7:34 essa repetição enfática é preservada em*"eu vi, eu vi* a aflição de Meu povo"; na Almeida, "tenho visto atentamente". Há uma impressionante profecia em Cantares 5:2, na Septuaginta, "batendo, batendo", e o texto paralelo, no cumprimento desta profecia, Apoc. 3:20, no grego, "batendo, batendo";
2) Gálatas 3:29;
3) I Coríntios 2:2;
4) Hebreus 6:18, ú. p.;
5) Veja João 10:10 e Tito 3:6;
6) Hebreus 6:18;
7) Colossenses 1:17, ú. p.;
8) Veja Hebreus 6:13;
9) Tentou-se arranjar uma rima em português para esta estrofe. Seria bom, pelo menos, arranjarmos um hino do nosso hinário, em volta das idéias deste soneto. Isto seria motivador

para que se usasse este capítulo como um sermão. Aliás seria bom que cada capítulo deste livro fosse um sermão, com um hino apropriado, inspirador, ao final.

CAPÍTULO 11.

O Chamado de Abraão, 9

Promessa da Vitória

Temos observado a repetição da promessa, e o juramento que a confirma. Mas há ainda um aspecto muito importante da promessa que não foi especialmente ressaltado. Trata-se disto*: "e a tua descendência possuirá a porta dos seus inimigos".* Gên. 22:17. Isso merece mais detida atenção, pois apresenta a consumação do Evangelho.

Que nunca seja esquecido que *"as promessas foram feitas a Abraão e à sua descendência, não diz: E às descendências, como falando de muitas, mas como de uma só: E à tua descendência, que é Cristo"*. Gál. 3:16. E também, *"se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa"*, verso 29. A semente é Cristo e aqueles que são Seus, e nada mais. A Bíblia em parte alguma apresenta qualquer outra

semente de Abraão. Portanto, a promessa a Abraão resumia-se nisso: Cristo, e aqueles que são dEle, — a tua descendência — possuirá as portas dos seus inimigos.

Por um homem o pecado adentrou o mundo. A tentação veio por intermédio de Satanás, o arquiinimigo de Cristo. Satanás e suas hostes são os inimigos de Cristo, e de tudo quanto se assemelhe a Cristo. São inimigos de todo o bem, e de todos os homens. O nome *"Satanás"* significa adversário. *"O diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar*". I Ped. 5:8. A promessa de que a semente de Abraão possuirá os portões de seus inimigos, é a promessa de vitória sobre o pecado e Satanás, mediante Jesus Cristo. Isso é mostrado pelas palavras do sacerdote Zacarias, quando ele foi cheio do Espírito Santo. Ele profetizou, dizendo, *"Bendito o Senhor Deus de Israel, porque visitou e remiu o Seu povo, e nos levantou uma salvação poderosa na casa de Davi*, *Seu servo; como falou pela boca dos Seus santos profetas desde o princípio do mundo; para nos livrar dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam; para manifestar misericórdia a nossos pais, e lembrar-Se de Sua santa aliança e do juramento que jurou a Abrão, nosso pai, de conceder-nos que, libertados da mão de nossos inimigos, O serviríamos sem temor, em santidade e justiça perante Ele, todos os dias da nossa vida".* Luc. 1:68-75.

Essas palavras foram proferidas por ocasião do nascimento de João Batista, o precursor de Cristo. Elas fazem referência direta à promessa e ao juramento que estamos estudando. Foram inspiradas pelo Espírito Santo. Portanto, estamos simplesmente seguindo a direção do Espírito quando dizemos que a promessa de posse dos portões dos nossos inimigos significa libertação do poder das hostes de Satanás. Quando Cristo enviou os doze, Ele *"deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios"*Luc. 9:1. Esse poder é para estar com a Sua Igreja até o fim dos tempos, pois Cristo declarou: *"estes sinais seguirão os que crerem: em Meu nome expulsarão os demônios,"* etc., Mar. 16:17. E novamente, *"Aquele que crê em Mim também fará as obras que Eu faço, e as fará maiores do que estas; porque Eu vou para Meu Pai"*. João 14:12.

Mas a morte veio pelo pecado, e como Satanás é o autor do pecado, assim ele tem poder de morte. Uma teologia derivada do paganismo pode conduzir o homem a dizer que a morte é uma amiga; mas cada cortejo funerário e cada lágrima amarga, derramada pelos mortos, proclamam que é uma inimiga. A Bíblia assim o declara, e fala de sua destruição. Falando sobre e para os irmãos, declara:—

"Porque assim como todos morreram em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mascada um por sua ordem: Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na Sua vinda. Depois virá o fim, quando Ele tiver entregado o reino a Deus, o Pai, quando Ele houver aniquilado todo o império, e toda potestade e força. Porque convém que Ele reine até que haja posto todos os inimigos debaixo de Seus pés. Ora, o último inimigo que há de ser aniquilado é a morte." **I Cor. 15:22-26.**

Isso nos diz que o fim será por ocasião da vinda do Senhor, e que quando isso tiver lugar todos os inimigos de Cristo terão sido postos sob os Seus pés, segundo a palavra do Pai ao Filho: *"Assenta-te à Minha mão direita, até que Eu ponha os Teus inimigos por escabelo dos Teus pés."* Sal. 110:1. O último inimigo a ser destruído é a morte. João em visão viu os mortos, pequenos e grandes, comparecendo perante Deus para serem julgados, no último grande dia. Aqueles, cujos nomes não estiverem no livro da vida do Cordeiro, serão lançados no lago de fogo. *"E a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo. Esta é a segunda morte". "Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre estes não tem poder a segunda morte",* Apo. 20:14 e 6.

A promessa, *"tua semente possuirá a porta dos seus inimigos"*[1] não pode ser cumprida exceto pela vitória sobre todos os inimigos por toda a semente. Cristo venceu; e nós mesmo agora podemos dar graças a Deus, que *"nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo"*[2]; mas a batalha ainda não está concluída, mesmo a nosso respeito; há grande número dos que serão vitoriosos ao final, que ainda não se alistaram sob a bandeira do Senhor; e alguns que agora, sendo Seus, podem desviar-se da fé. A promessa, portanto, abarca nada menos do que a conclusão da obra do Evangelho, e a ressurreição de todos os justos—os filhos de Abraão—, e o revestimento da imortalidade, por ocasião da segunda vinda de Cristo.

"Se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa"[3]. Mas a posse do Espírito Santo é a característica que distingue os que são de Cristo. *"Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dEle"*[4]. Mas a quantos tenham o Espírito, têm a garantia da ressurreição pois, *"se o Espírito dAquele que dentre os mortos ressuscitou a Jesus habita em vós, Aquele que dentre os mortos ressuscitou a Cristo também vivificará os vossos corpos mortais, pelo Seu Espírito que em vós habita."* Rom. 8:11.

Assim vemos que a esperança da promessa feita a Abraão foi a ressurreição dos mortos, por ocasião da vinda do Senhor. A esperança da vinda de Cristo é a *"bem-aventurada esperança"*[5]que tem entusiasmado o povo de Deus desde os dias de Abraão, ou melhor, desde os dias de Adão. Muitas vezes dizemos que todos os sacrifícios apontavam a Cristo, e quase com a mesma freqüência perdemos de vista o sentido de tal declaração. Não pode significar que eles apontavam adiante, ao tempo quando o perdão dos pecados seria obtido, pois todos os patriarcas tinham isso tanto quanto todos quantos nasceram desde a crucifixão de Cristo. Abel e Enoque são especialmente mencionados entre a multidão de outros, como tendo sido justificados pela fé. A cruz de Cristo foi uma coisa real nos dias de Abraão, como é possível ser para qualquer um que viva hoje.

Qual é, então, o real significado da declaração de que todos os sacrifícios, desde Abel até o tempo de Cristo apontavam a Ele? Trata-se do seguinte: É evidente que eles revelavam a morte de Cristo: isso não precisa ser ressaltado. Mas o que é a morte de Cristo sem a ressurreição? Paulo pregou somente a Cristo e Este crucificado, contudo muito

vigorosamente pregou a *"Jesus e a ressurreição*[6]". Pregar a Cristo crucificado é pregar o Cristo ressuscitado. Mas a ressurreição de Cristo contém em si a ressurreição de todos quantos são dEle. O judeu bem instruído e crente, portanto, mostrava por seu sacrifício a sua fé na promessa feita Abraão, que devia ser cumprida por ocasião da segunda vinda do Senhor. A carne e o sangue da vítima representavam o corpo e o sangue de Cristo, da mesma forma como o pão e o vinho na Ceia do Senhor, pelos quais nós, tal como eles faziam, *"anunciamos a morte do Senhor até que Ele venha"*[7].

– *The Present Truth*, 16 de julho de 1896.

Notas desta edição:

1) Gênesis 22:17, ú. p.;
2) I Coríntios 15:57;
3) Gálatas 3:29;
4) Romanos 8;9;
5) Tito 2:13;
6) Atos 17:18 e Romanos 1:4;
7) I Coríntios 11:26.

CAPÍTULO 12.

As Promessas Para Israel

Uma Visão Geral

"Pela fé Abraão, sendo chamado, obedeceu, saindo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu, sem saber para onde ia. Pela fé habitou na terra da promessa, como em terra alheia, morando em cabanas com Isaque e Jacó, herdeiros com ele da mesma promessa; porque esperava a cidade que tem os fundamentos, da qual o artífice e construtor é Deus. Pela fé também a mesma Sara recebeu a virtude de conceber, e deu à luz já fora da idade, porquanto teve por fiel Aquele que lho tinha prometido. Por isso também de um, e esse já amortecido, descenderam tantos, em multidão, como as estrelas do céu, e como a areia inumerável que está na praia do mar. Todos estes morreram na fé, sem terem recebido as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as, e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra. Porque os que isto dizem, claramente mostram que buscam uma pátria. E se, na verdade, se lembrassem daquela donde haviam saído, teriam oportunidade de tornar. Mas agora

desejam uma pátria melhor, isto é, a celestial. Por isso também Deus não Se envergonha deles, de ser chamado seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade", Heb. 11:8-16.

Todos Herdeiros

A primeira coisa que observamos nesta passagem é que todos esses foram herdeiros. Já aprendemos que o próprio Abraão seria não mais do que um herdeiro nesta vida presente, porque deveria morrer antes que sua semente retornasse do cativeiro. Mas Isaque e Jacó, seus descendentes imediatos, eram igualmente herdeiros. Os filhos eram herdeiros com o seu pai da mesma herança prometida.

Não somente isso, mas de Abraão *"descenderam tantos, em multidão, como as estrelas do céu, e como a areia inumerável que está na praia do mar"*[1]. Esses eram também herdeiros da mesma promessa, porque *"morreram na fé, sem terem alcançado as promessas; mas vendo-as de longe, e crendo-as, e abraçando-as, confessaram que eram estrangeiros e peregrinos na terra"*[2].Marquem isto, a vasta multidão dos descendentes de Abraão; *"morreram na fé, sem terem alcançado as promessas"*. Observem que é dito *"promessas"*. Não se tratava simplesmente de uma parte que não receberam, mas o todo. Porque todas as promessas são em Cristo somente, que é a semente, e elas não poderiam ser cumpridas para aqueles que são Seus antes que o sejam a Ele. E mesmo Ele ainda aguarda que Seus inimigos sejam-Lhe postos por escabelo de Seus pés.

Em harmonia com estas palavras, de que morreram em fé, não tendo recebido as promessas, mas confessando serem estrangeiros e peregrinos sobre a Terra, temos as palavras do rei Davi centenas de anos depois da libertação do Egito, *"sou um estrangeiro Contigo e peregrino como todos os meus pais."* Sal. 39:12. E quando, no auge do seu poder, ele entregou o reino ao filho Salomão, na presença de todo o povo, declarou: *"Porque somos estrangeiros diante de ti, e peregrinos, como todos os nossos pais; como a sombra são os nossos dias sobre a terra, e, sem Ti não há permanência."* I Crô. 29:15.

A razão por que essa inumerável multidão não recebeu a prometida herança é exposta nestas palavras: *"Provendo Deus alguma coisa melhor a nosso respeito, para que eles sem nós, não fossem aperfeiçoados*"[3]. Os detalhes adicionais serão considerados quando alcançarmos o tempo deles.

Uma Cidade e País

Abraão buscava uma cidade que tinha fundamentos, cujo edificador e construtor é Deus. A cidade com fundamentos é descrita em Apo. 21:10-14 e 19: *"E levou-me em espírito a um grande e alto monte, e mostrou-me a grande cidade, a santa Jerusalém, que de Deus descia do céu, e tinha a glória de Deus; e a sua luz era semelhante a uma pedra preciosíssima, como a pedra de jaspe, como o cristal resplandecente; e tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos dos filhos de Israel. Do lado do levante tinha três portas, do lado do norte, três portas, do lado do sul, três portas, e do lado do poente, três portas. E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro". "E os fundamentos do muro da cidade estavam adornados de toda espécie de pedras preciosas".*

Esta é uma descrição parcial da cidade pela qual Abraão aguardava. Seus descendentes também esperavam pela mesma cidade, pois lemos descrições dela nos antigos profetas. Eles poderiam ter um lar nesta Terra, se assim tivessem desejado. A terra dos caldeus era tão fértil quanto a terra da Palestina, e lhes seria suficiente como um lar temporal, bem como qualquer outra terra. Mas nada disso os satisfaria, pois *"agora desejam uma pátria melhor, isto é, a celestial. Por isso também Deus não Se envergonha deles, de Se chamar seu Deus, porque já lhes preparou uma cidade"*[4].

Esta passagem conservada em mente nos guiará em todos os nossos estudos subseqüentes dos filhos de Israel. Os verdadeiros filhos de Abraão nunca esperaram pelo cumprimento da promessa sobre esta Terra atual, e sim com respeito à Terra feito nova.

Isaque, uma Ilustração

Este desejo por uma pátria celestial fez com que os verdadeiros herdeiros se saíssem bem nos negócios temporais, como ilustrado pela vida de Isaque. (100) Ele peregrinou na terra dos filisteus, e semeou naquela terra. Isaque semeou naquela terra, *"e colheu naquele mesmo ano o cêntuplo; porque o Senhor o abençoava. E engrandeceu-se o homem, e ia enriquecendo-se, até que se tornou mui poderoso, e tinha possessão de ovelhas, e de gado, e muita gente de serviço; de maneira que os filisteus o invejavam. ... E disse Abimeleque a Isaque: Aparta-te de nós; porque muito mais poderoso te tens feito do que nós. Então Isaque partiu dali e fez o seu acampamento no vale de Gerar, e habitou lá".* Gên. 26:12-17.

Conquanto Isaque fosse mais poderoso do que as pessoas em cuja terra ele habitava, ele os deixou a pedido deles, mesmo quando estava prosperando abundantemente. Ele não lutou pela posse de uma propriedade terrena.

O mesmo espírito foi manifestado após ter ido habitar em Gerar. Os servos de Isaque cavaram novamente os poços que haviam pertencido a Abraão, e também cavaram no vale e encontraram águas vivas. Mas os pastores de Gerar porfiaram com eles,

dizendo: *"Esta água é nossa"*. Então partiram dali e cavaram outro poço; mas os pastores de Gerar reivindicaram esse também. *"E partiu dali, e cavou outro poço; por este não contenderam; pelo que chamou-lhe Reobote, e disse: "Porque agora nos alargou o Senhor, e havemos de crescer na terra"*. Ler Gên. 26:18-22.

"E apareceu-lhe o Senhor na mesma noite e disse: Eu Sou o Deus de Abraão, teu pai; não temas, porque Eu sou contigo, e abençoar-te-ei, e multiplicarei a tua descendência por amor de Abraão, Meu servo. Isaque, pois, edificou ali um altar e invocou o nome do Senhor; então armou ali a sua tenda, e os seus servos cavaram um poço", versos 24 e 25.

Isaque tinha a promessa de um país melhor, ou seja, uma pátria celestial, e, portanto, não contenderia pela posse de uns poucos quilômetros quadrados de terra neste planeta amaldiçoado pelo pecado. Por que deveria fazê-lo? Não era a herança que o Senhor lhe havia prometido; e por que deveria lutar por uma parte na terra em que era um peregrino? É verdade, ele tinha que viver, mas permitiu que o Senhor dirigisse isso para ele. Quando forçado a sair de um lugar, partia para outro até finalmente encontrar repouso, e daí disse*: "O Senhor concedeu-nos um lugar".* Nisso ele revelou o verdadeiro espírito de Cristo, que, *"quando O injuriavam, não injuriava, e quando padecia não ameaçava, mas entregava-Se Àquele que julga justamente".* I Ped. 2:23.

Nisto temos um exemplo: Se somos de Cristo, então somos semente de Abraão, e herdeiros conforme a promessa. Portanto, devemos realizar as obras de Cristo. As palavras de Cristo, *"não resistais ao mal; mas se qualquer te bater na face direita, oferece-lhe também a outra; e ao que quiser pleitear contigo*[5]*, e tirar-te a túnica, larga-lhe também a capa"* (Mat. 5:39, 40), são tidas por muitos cristãos como fantasiosas e inteiramente impraticáveis. Mas elas têm o objetivo de serem postas em prática na vida diária. Cristo as praticou, e temos outro exemplo no caso de Isaque.

"Mas perdemos tudo que temos neste mundo, se praticarmos o que o texto diz", ouvimos dizerem. Bem, mesmo assim não estaremos em pior circunstância do que Cristo, o Senhor, quando esteve aqui na Terra. Devemos recordar que *"vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas"*[6]. Aquele que cuida dos pardais, é capaz de cuidar daqueles que Lhe confiam a sua situação. Vemos que Isaque prosperou, mesmo sem "*lutar pelos seus direitos"*. A promessa que lhe foi feita também nos é dirigida pelo mesmo Deus*. "Quando eles eram ainda poucos em número, sim, mui poucos, e estrangeiros nela,'* na terra; *'quando andavam de nação em nação e dum reino para outro povo, não permitiu que ninguém os oprimisse, e por amor deles repreendeu a reis, dizendo: Não toqueis nos Meus ungidos, e não maltrateis os Meus profetas"* [7]. Sal. 105:12-15. Esse mesmo Deus ainda toma conta daqueles que depositam sua confiança nEle[8].

A herança que o Senhor prometeu a Seu povo, a semente de Abraão, não é para ser obtida por contenda, exceto com armas espirituais—a armadura de Cristo—contra as hostes de Satanás. Aqueles que estão em busca do país que Deus prometeu, declaram

que são estrangeiros e peregrinos nesta Terra. Não podem valer-se da espada, mesmo em autodefesa, muito menos por conquista. O Senhor é o seu defensor. Ele diz: *"Maldito o homem que confia no homem, e faz da carne o seu braço, e aparta o seu coração do Senhor! Pois é como o espinheiro no deserto, e não verá quando vem o bem; antes morará nos lugares secos do deserto, em terra salgada e inabitável. Bendito o varão que confia no Senhor, e cuja esperança é o Senhor. Porque será como a árvore plantada junto às águas, que estende as suas raízes para o ribeiro, e não receia quando vem o calor, mas a sua folha fica verde"*. Jer. 17:5-8. Ele não prometeu que todos os nossos malfeitos serão corrigidos de imediato, ou mesmo nesta vida; mas Ele não se esquece do clamor do pobre, e disse*: "Minha é a vingança; Eu recompensarei"* Rom. 12:19. *"Portanto também os que padecem segundo a vontade de Deus confiem as suas almas ao fiel Criador, praticando o bem".* I Ped. 4:19. Podemos fazer isso em total confiança de que *"o Senhor sustentará a causa do oprimido, e o direito do necessitado"*. Sal. 140:12.

A Infidelidade de Esaú

O caso de Esaú fornece outra prova incidental de que a herança prometida a Abraão e sua semente não foi de caráter temporal, a ser desfrutada nesta vida, mas eterna, a ser compartilhada na vida por vir. O relato é assim apresentado:--

"E Jacó cozera um guisado; e veio Esaú do campo, e estava ele cansado; e disse Esaú a Jacó: Deixa-me, peço-te, comer desse guisado vermelho, porque estou cansado. Por isso se chamou Edom. Então disse Jacó: Vende-me hoje o seu direito de primogenitura. Então replicou Esaú: Eis que estou a ponto e morrer; e para que me servirá primogenitura? Ao que disse Jacó: Jura-me hoje. E jurou-lhe, e vendeu o seu direito de primogenitura a Jacó. Jacó deu a Esaú pão e o guisado e lentilhas; e ele comeu e bebeu; e, levantou-se, e saiu. Assim desprezou Esaú o seu direito de primogenitura". Gên. 25:29-34.

Na epístola aos Hebreus Esaú é chamado de *"pessoa profana",* porque vendeu o seu direito de primogenitura[9]. Isso mostra que havia algo além de insensatez na transação. Poder-se-ia dizer que foi infantilidade vender um direito de primogenitura por causa de uma refeição de lentilhas e carne, porém foi pior do que infantilidade. Foi impiedade. Isso mostrou que ele era infiel, nada sentindo a não ser desprezo pela promessa de Deus a seu pai.

Notem estas palavras de Esaú, quando Jacó lhe pediu para vender a sua primogenitura: *"Eis que estou a ponto e morrer; para que me servirá o direito de primogenitura?"*[10] Ele não abrigava qualquer esperança além da vida presente, e nada via além disso. Ele não tinha segurança de coisa alguma que ja não possuísse na vida presente. Sem dúvida estava faminto. É provável que sentisse como se realmente

estivesse a ponto de morrer; mas mesmo a perspectiva de morte não fez diferença para Abraão e muitos outros. Eles morreram em fé, não tendo recebido as promessas, mas foram persuadidos por elas e as abraçaram. Esaú, contudo, não tinha tal fé. Ele não cria numa herança além da sepultura. Seja o que desejasse obter, ele o queria agora. Foi assim que vendeu a sua primogenitura.

A atitude de Jacó de modo algum deve ser elogiada. Ele agiu como suplantador, que era a sua disposição natural. O seu caso é uma ilustração de uma fé rude e sem inteligência. Ele cria que havia algo quanto à promessa de Deus, e respeitava a fé de seu pai, conquanto ainda não possuísse nada dela. Cria que a prometida herança a seus pais seria concedida, mas tinha tão pouco conhecimento espiritual que supunha que o dom de Deus precisava ser adquirido por dinheiro. Sabemos que mesmo Abraão pensou, certa ocasião, que ele próprio precisava cumprir a promessa de Deus. Assim Jacó sem dúvida imaginou, como muitos ainda o fazem, que *"Deus ajuda aqueles que se ajudam"*[11]. Posteriormente ele entendeu melhor, e foi plenamente convertido, e exerceu fé tão sincera quanto a de Abraão e Isaque. O seu caso deveria ser um incentivo para nós, no que mostra o que Deus pode fazer com alguém que tem uma disposição muito antipática, desde que se submeta a Ele.

O caso de Esaú é-nos apresentado como uma advertência. O apóstolo escreve:--

"Segui a paz com todos, e a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor, tendo cuidado de que ninguém se prive da graça de Deus, e de que nenhuma raiz de amargura, brotando, vos perturbe, e por ela muitos se contaminem; e ninguém seja devasso, ou profano como Esaú, que por uma refeição vendeu o seu direito de primogenitura. Porque bem sabeis que, querendo ele ainda depois herdar a bênção, foi rejeitado, porque não achou lugar de arrependimento, ainda que com lágrimas o buscou". Heb. 12:14-17.

Esaú não foi a única pessoa tola e profana, que existiu neste mundo. Milhares têm agido do mesmo modo que ele, mesmo quando o culpam por sua insensatez. O Senhor nos chamou a todos para compartilhar a glória da herança que prometeu a Abraão. Ele *"nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável e que não se pode murchar, guardada nos céus para vós, que mediante a fé estais guardados para a salvação já prestes para se revelar no último tempo"*. I Ped. 1:3-5. Essa herança de justiça devemos obter mediante a obediência de fé,—obediência à santa lei de Deus, os dez mandamentos. Mas quando aprendem que ela requer a observância do Sábado do sétimo dia, o Sábado observado por Abraão, Isaque e Jacó, e todo Israel, meneiam a cabeça. *"Não"*, dizem eles, "*não posso fazer isso; eu gostaria de poder fazê-lo, e vejo que é uma obrigação, mas se eu o fosse observar, não poderia sobreviver. Ficaria desempregado e passaria fome com a minha família"*.

Essa foi a forma como Esaú raciocinou. Ele estava a ponto de morrer de fome, ou, pelo menos, assim imaginava, e desse modo abandonou deliberadamente o seu direito de

primogenitura em troca de algo para comer. Mas, na sua maioria, os homens nem sequer esperam até estarem aparentemente a ponto de morrer de fome, antes de venderem seus direitos de herança por algo para comer. Os homens geralmente não passam fome para servir ao Senhor. Somos inteiramente dependentes dEle para nossa vida em todas as circunstâncias, e se Ele nos guardar quando estamos pisoteando a Sua lei, Ele certamente será capaz de nos guardar quando O estivermos servindo. O Salvador declara que preocupar-nos quanto ao futuro, temendo passar fome, é característica dos pagãos, e nos oferece esta positiva garantia: *"buscai primeiro o reino de Deus, e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas"*, Mat. 6:33. O salmista declara: *"Fui moço, e agora sou velho; mas nunca vi desamparado o justo, nem a sua semente a mendigar o pão."*[12] Mesmo que percamos a vida por causa da verdade de Deus, estaremos em boa companhia. Veja Heb. 11:32-38. Cuidemo para não considerar com leviandade as promessas de Deus, a ponto de desprezarmos a herança eterna em troca de uma migalha de pão, e quando for por demasiado tarde, descobrir que não há mais oportunidade para arrependimento.

"Meu Pai é rico em casas e terras,
Ele segura a riqueza do mundo em Suas mãos;
De rubis e diamantes, de prata e ouro,
Seus cofres estão repletos—Ele tem riquezas inimagináveis.
"Eu sou filho de um Rei, o filho de um Rei;
Com Jesus, meu Salvador, sou filho de um Rei.
"O próprio Filho de meu Pai, o Salvador dos homens,
Outrora jornadeou sobre a Terra como o mais pobre dentre todos;
Mas agora Ele está reinando para sempre no alto,
E me dará uma casa no céu além.
"Eu outrora era desprezado estrangeiro sobre a Terra,
Um pecador por escolha, e um alienado por nascimento;
Mas fui adotado, meu nome escrito,—
Um herdeiro de uma mansão, uma veste e uma coroa.
"Uma tenda ou uma chácara, que me importam?
Estão construindo um palácio para mim ali!
Conquanto exilado do lar, ainda assim posso cantar,
Toda glória seja a Deus, eu sou filho de um Rei!"[13]

—*The Present Truth*, 23 de julho de 1896

Notas desta edição:

1 Hebreus 11:12;
2 Hebreus 11:13;
3 Hebreus 11:40;
4 Hebreus 11:16;
5 O leitor consciente verá nisto uma exortação para evitar processos legais. Se alguém lhe processar por causa de uma capa, é melhor acertar com ele oferecendo-lhe tanto a sua capa quanto o seu paletó do que ir a um tribunal. Esta é sabedoria prática. Os processos judiciais assemelham-se a loterias; muito dinheiro é gasto nelas e muito pouco conseguido. Logicamente se dirá, *"Se não defendermos os nossos direitos as pessoas tomarão tudo quanto possuímos"*. E assim seria se Deus não tivesse cuidado do Seu povo. Mas defender os direitos de alguém não significa de modo algum preservá-los, como muitos têm demonstrando a alto custo.
6 Mateus 6:32;
7 Referência a I Crônicas 16:22;
8 Salmo 5:11; 9:10; 17:7; 36:7; I Crônicas 5:20; Provérbios 30:5; Jeremias 39:18; Veja também: Salmo 4:5; 11:1; 16:1; 25:20; 31:1; 40:3; 56:3, 4 e 11; 71:1; 73:28; 118:8 e 9; 146:3; Hebreus 2:13, etc.;
9 Hebreus 12:16, *"E ninguém seja devasso, ou profano, como Esaú, que por uma refeição vendeu o seu direito de primogenitura."*
10 Gênesis 25:32
11 *"Deus ajuda aqueles que se ajudam"* Esta é provavelmente a frase mais freqüentemente citada que não é achada na Bíblia. Isto é realmente uma citação de Benjamin Franklin e apareceu em *Poor Richard's Almanac* em 1757. Aliás a Bíblia ensina o contrário. Deus ajuda também o desamparado! (veja Isaias 25:4). No entanto, isto não é uma razão para inatividade. Se você necessita de um trabalho, peça a Deus que lhe ajude a encontrá-lo, mas não cruze os braços, vá em procura de um, e esgote todas as suas possibilidades, confiante no poder de Deus.
12 Salmos 37:25;
13 Hino 468 do *Hinário Adventista* americano, com o título *Um Filho do Rei*; Veja a 2ª frase da 3ª estrofe, "Um pecador por escolha, e um alienado por nascimento", são duas verdades bíblicas (duas condições da humanidade após a queda) que o mundo cristão tem confundido unicamente com a última. Lembre-se: somos pecadores por escolha, mas temos a natureza pecaminosa por status, isto é, por sermos filhos do 1º Adão. Não o localizei no hinário em português, nem no antigo *Cantai ao Senhor*. É provável que estivesse no antigo hinário Adventista, que veio antes de Cantai ao Senhor.

CAPÍTULO 13.

As Promessas Para Israel, 2

Israel – Um Príncipe de Deus

Jacó havia comprado o direito de primogenitura de Esaú por um prato de lentilhas, e mediante engano obteve a bênção da primogenitura de seu pai. Mas ninguém pode,por tais meios, obter a herança que Deus prometeu a Abraão e à sua semente. Ela foi garantida a Abraão mediante a fé, ninguém precisa pensar em herdá-la por meio de força ou fraude. *"Nenhuma mentira vem da verdade"*[1]. A verdade nunca pode ser servida pela falsidade. A herança prometida a Abraão e à sua semente foi uma herança de justiça, e, portanto, não poderia ser obtida por coisa alguma injusta. As posses terrenas são amiúde obtidas e mantidas por fraude, mas não a herança celestial. A única coisa que Jacó obteve por sua esperteza e engano foi tornar o irmão um inimigo permanente e estar em exílio, longe da casa de seu pai por mais de vinte anos, nunca mais chegando a ver a sua mãe.

Contudo, Deus havia dito muito antes que Jacó seria o herdeiro, em lugar de seu irmão mais velho. O problema com Jacó e sua mãe foi que imaginaram poder assumir a promessa de Deus a seu próprio modo. Foi o mesmo tipo de erro que Abraão e Sara haviam cometido. Não puderam esperar que Deus levasse a efeito Seus planos à Sua maneira. Rebeca sabia o que Deus havia dito com respeito a Jacó. Ela ouviu Isaque prometendo que daria a bênção a

Esaú, e julgou que a menos que interferisse, o plano do Senhor falharia. Ela se esqueceu que a herança estava inteiramente sob o poder do Senhor, e que homem algum poderia ter algo a ver com dar-lhe qualquer destino, exceto rejeitando-a para si próprio. Conquanto Esaú tivesse obtido a bênção de seu pai, Deus teria levado a cabo o Seu próprio plano no tempo devido.

A Escolha de Deus

Assim, Jacó tornou-se duplamente um exilado. Não só era ele um estranho na terra, mas um fugitivo. Deus, porém, não o abandonou. Havia esperança para ele, pecador como fosse. Para alguns pode parecer estranho que Deus preferisse Jacó a Esaú, pois o caráter de Jacó, naquele tempo, não parecia melhor do que o de Esaú. Lembremo-nos que Deus não escolhe homem algum por causa de seu bom caráter. *"Porque também nós éramos noutro tempo insensatos, desobedientes, mentirosos, servindo a várias concupiscências e deleites, vivendo em malícia e inveja, odiosos e odiando-nos uns aos outros. Mas quando a benignidade de Deus, nosso Salvador, e Seu amor para com os homens, apareceu, não em virtude de obras de justiça que nós houvéssemos feito, mas segundo a Sua misericórdia, nos salvou pela lavagem da regeneração e da renovação do Espírito Santo, que abundantemente Ele derramou sobre nós por Jesus Cristo, nosso Salvador; para que, sendo justificados pela Sua graça, sejamos feitos herdeiros segundo a esperança da vida eterna".* Tito 3:3-7.

Deus escolhe homens, não pelo que eles são, mas pelo que pode fazer por meio deles. E não há limite sobre o que Ele pode realizar com os mais vis e depravados, caso apenas tenham disposição e creiam em Sua Palavra. Um dom não pode ser forçado sobre alguém, e, portanto, aqueles que recebem a justiça de Deus, e a herança da justiça, devem estar dispostos a recebê-la. *"Tudo é possível ao que crê"*[2]. Deus pode fazer *"tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos*"[3], segundo o poder que em nós opera, se apenas crermos em Sua Palavra, que opera eficazmente naqueles que crêem[4]. Os fariseus eram pessoas muito mais respeitáveis do que os publicanos e prostitutas, contudo Cristo disse que esses entrariam no reino dos céus antes daqueles[5]; e a razão era que os fariseus confiavam neles próprios, e descriam em Deus, enquanto os publicados e prostitutas criam no Senhor, e submetiam-se a Ele. Assim se deu com Jacó e Esaú. Esaú era um infiel. Ele tratava a palavra de Deus com desprezo. Jacó não era de melhor natureza, mas cria na promessa de Deus, que é capaz de fazer do crente um participante da natureza divina.

Deus escolheu Jacó da mesma maneira como faz com todos os demais. *"Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestes em Cristo; como também nos elegeu nEle antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor"*. Efé. 1:3, 4. Somos escolhidos em Cristo. E uma vez que todas as coisas foram criadas em Cristo, e nEle todas as coisas subsistem[6], é evidente que nos é requerido que O reconheçamos e que nos firmemos nEle pela fé. Não houve mais parcialidade na escolha de Jacó antes de ele ter nascido, do que há na escolha de todos os demais. A escolha não é arbitrária, mas em Cristo, e se ninguém rejeitasse e desprezasse a Cristo, ninguém se perderia.

"Quão rica a graça! A dádiva tão gratuita!
E é de apenas 'pedir'—e será dado;
É apenas 'bater', e verás
A porta se abrindo que conduz ao céu.
Ó, então desperta, e assume o bem,
Tão completa e livremente a ti concedido.
Lembrando que custou o sangue
Daquele que morreu no Calvário".

A Primeira Lição de Jacó

Conquanto Jacó cresse na promessa de Deus, suficientemente para capacitá-lo a garantir o seu cumprimento por seus próprios esforços, ele não entendeu sua natureza suficientemente bem para saber que somente Deus poderia cumpri-la, mediante a justiça. Assim o Senhor começou a instruí-lo. Jacó estava solitariamente seguindo o seu caminho para a Síria, fugindo da ira de seu ofendido irmão, *"e chegou a um lugar onde passou a noite, porque o sol já se havia posto; e tomou uma das pedras[7]daquele lugar e pondo-a debaixo da cabeça, deitou-se ali para dormir. E sonhou: e eis uma escada posta sobre a terra, cujo topo tocava o céu; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela; e eis que o Senhor estava por cima dela, e disse: Eu sou o Senhor, o Deus de Abraão teu pai, e o Deus de Isaque; esta terra em que estás deitado, Eu a darei a ti e à tua descendência; e a tua descendência será como o pó da terra; dilatar-te-ás para o ocidente, para o oriente, para o norte e para o sul; por em ti em tua descendência serão benditas todas as famílias da terra. Eis que estou contigo, e te guardarei por onde quer que fores, e te farei tornar a esta terra; pois não te deixarei até que haja cumprido aquilo de que te tenho falado. E Jacó acordou do seu sono, e disse: Realmente o Senhor está neste lugar; e eu não o sabia. E temeu, e disse: Quão terrível é este lugar! Este não*

é outro lugar senão a casa de Deus; e esta é a porta dos céus". Gên. 28:11-17. RV

Essa foi uma grande lição para Jacó. Antes disso as suas idéias sobre Deus haviam sido muito grosseiras. Ele supunha que Deus estava confinado a um só lugar. Mas, agora que Deus lhe havia aparecido, ele começou a perceber que *"Deus é Espírito, e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade"*. João 4:24. Ele começou a perceber aquilo que Jesus disse à mulher

samaritana muito depois, que o culto a Deus não depende de qualquer lugar, mas do exame íntimo da alma para encontrá-Lo, onde quer que se encontre. Ademais, Jacó começou a aprender que a herança que Deus prometeu a seus pais, e que ele havia imaginado obter por uma barganha barata, era algo a ser obtido numa maneira inteiramente diferente. Quanto da lição ele aprendeu nessa ocasião não podemos saber; mas sabemos que nessa revelação de Deus o evangelho lhe foi proclamado. Aprendemos que Deus pregou o Evangelho a Abraão nas palavras, Portanto, estamos seguros de que quando o Senhor disse a Jacó, *"Em ti e em tua semente todas as famílias da terra serão abençoadas"*[8], Ele estava pregando o mesmo Evangelho.

Ligado a essa declaração, estava a promessa da terra, e de inumerável posteridade. A promessa feita a Jacó era idêntica à feita a Abraão. A bênção vindoura mediante Jacó e sua semente era idêntica à que viria mediante Abraão e sua semente. A semente é a mesma, ou seja, Cristo e aqueles que são Dele mediante o Espírito; e a bênção vem através da cruz de Cristo.

Tudo isso foi indicado pelo que Jacó viu, bem como pelo que ouviu. Havia uma escada postada sobre a Terra, que se estendia até o céu, fazendo a ligação de Deus com o homem. Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, é o elo de ligação entre o céu e a Terra; entre Deus e o homem. A escada ligando o céu com a Terra, sobre a qual os anjos de Deus desciam e subiam, era uma representação do que Cristo disse a Natanael, aquele genuíno israelita: *"Na verdade, na verdade vos digo que daqui em diante vereis o céu aberto, e os anjos de Deus subindo e descendo sobre o Filho do homem".* João 1:51. O caminho para o céu é a vereda da cruz, e isso é o que foi indicado a Jacó naquela noite. Não por auto-afirmação, mas por negação própria é que são obtidas a herança e a bênção. *"Aquele que perder a sua vida"* e tudo quanto a vida contém, *"a salvará"*[9].

Aplicando a Lição

Da viagem de Jacó na terra da Síria, não precisamos tratar particularmente. Nos vinte anos que ele serviu a seu tio Labão, ele teve ampla oportunidade de

aprender que o engano e a trapaça não trazem vantagem. O curso de ação que ele havia seguido retornou a si próprio, mas Deus estava com ele, e o fez prosperar. Jacó parecia ter guardado no coração a lição que lhe havia sido dada, pois vemos mui pouca indicação de sua disposição natural de levar vantagem nas transações com o seu tio. Ele parece ter confiado o seu caso inteiramente ao Senhor, e ter-se submetido a todo tipo de mau tratamento sem retaliação. Em sua resposta à acusação de Labão de que o havia defraudado, Jacó disse:--

"Estes vinte anos eu estive contigo; as tuas ovelhas e as tuas cabras nunca abortaram, e não comi os carneiros do teu rebanho. Não te trouxe eu o despedaçado; eu o pagava; o furtado de dia como o furtado de noite da minha mão o requerias. Estava eu assim: De dia me consumia o calor, e de noite a geada; e o meu sono fugiu dos meus olhos. Tenho estado vinte anos na tua casa; catorze anos te servi por tuas duas filhas, e seis anos por teu rebanho; dez vezes mudaste o meu salário. Se o Deus de meu pai, o Deus de Abraão e o temor de Isaque não fora comigo, certamente agora me mandarias embora vazio. Deus tem visto a minha aflição e o trabalho das minhas mãos, e repreendeu-te ontem à noite". Gên. 31:38-42.

Esta foi uma declaração dignificada e controlada, e demonstra que o temor de Isaque e o mesmo espírito nele atuavam. A pregação do Evangelho não havia sido em vão no caso de Jacó; uma grande mudança havia sido operada nele. Seja feito notar aqui que Jacó nada obteve de sua primogenitura que havia tão sorrateiramente adquirido de seu irmão. Sua propriedade procedia da bênção direta de Deus. E nessa ligação podemos recordar o fato de que a bênção de Isaque era no sentido de que Deus iria abençoá-lo. A herança não era de molde a ser transmitida de pai para filho, como as heranças comuns, mas uma que deve ser para cada um por promessa direta e pessoal de Deus. Para sermos *"semente de Abraão e herdeiros conforme a promessa"*, devemos ser de Cristo; mas se somos de Cristo, e co-herdeiros com Ele, então somos *"herdeiros de Deus"*[10].

A Prova Final

Mas Jacó havia cometido um grave erro em sua vida passada, e assim Deus, como um fiel Professor, precisava necessariamente levá-lo novamente ao mesmo terreno. Ele havia pensado em vencer pelo engano: precisa aprender plenamente que *"esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé"*. I João 5:4.

Quando Rebeca se propôs a mandar Jacó para longe de casa, porque Esaú buscava matá-lo, ela disse: *"Agora, pois, meu filho, ouve a minha voz, e*

levanta-te, acolha-te a Labão, meu irmão, em Harã, e mora com ele alguns dias, até que passe o furor de teu irmão; até que se desvie de ti a ira de teu irmão, e ele se esqueça do que lhe fizeste; então mandarei trazer-te de lá" Gên. 27:43-45. Mas ela não conhecia a natureza de Esaú. Ele era amargo e intolerante. *"Assim diz o Senhor: Por três transgressões de Edom, sim, por quatro, não retirarei o castigo; porque perseguiu a seu irmão à espada, e baniu toda a compaixão; e a sua ira despedaçou eternamente, e conservou a sua indignação para sempre."* Amós 1:11 (Edom é Esaú, veja Gên. 25:30 e 36:1). Aqui vemos que, por má que fosse a disposição de Jacó, o caráter de Esaú era muito desprezível.

Conquanto vinte anos tivessem decorrido, a ira de Esaú era tão recente quanto sempre. Quando Jacó enviou mensageiros adiante dele a Esaú, para lhe falar pacificamente, e buscando reconciliar-se com ele, eles voltaram com a informação de que Esaú vinha com quatrocentos homens. Jacó não tinha a mínima chance num confronto com aqueles guerreiros bem treinados; mas ele havia aprendido a confiar no Senhor, e assim o encontramos pleiteando pelas promessas deste modo: —

"Ó Deus de meu pai Abraão, e Deus de meu pai Isaque, o Senhor, que me disseste: Torna-te à tua terra, e a tua parentela, e far-te-ei bem; menor sou eu que todas as beneficências, e que toda a fidelidade que fizeste ao Teu servo; porque com meu cajado passei este Jordão, e agora me tornei em dois bandos. Livra-me, peço-Te, da mão de meu irmão, da mão de Esaú; porque eu o temo; porventura não venha, e me fira, e a mãe com os filhos. E Tu o disseste: Certamente te farei bem, e farei a tua descendência como a areia do mar, que pela multidão não se pode contar.". Gên. 32:9-12.

Jacó havia uma vez tentado levar a melhor sobre o seu irmão mediante fraude. Ele imaginava que dessa forma poderia tornar-se herdeiro das promessas de Deus. Agora havia aprendido que isso somente poderia ser ganho pela fé, e dedicou-se à oração, a fim de ser livrado de seu irmão. Tendo tomado as providências mais adequadas possíveis para a sua família e rebanhos, permaneceu sozinho para continuar suas petições perante Deus. Ele percebeu que não era digno de nada, e que se ficasse ali sozinho no deserto, pereceria, e sentiu que precisava lançar-se ainda mais sobre a misericórdia de Deus.

"Jacó, porém, ficou só; e lutou com ele um Homem, até que a alva subiu. E vendo Este que não prevalecia contra ele, tocou a juntura de sua coxa, e se deslocou a juntura da coxa de Jacó, lutando com Ele. E disse: Deixa-Me ir, porque já a alva subiu. Porém ele disse: Não Te deixarei ir, se não me abençoares. E disse-lhe: Qual é o teu nome? E ele disse: Jacó. Então disse: Não te chamarás mais Jacó, mas Israel; pois como príncipe lutaste com Deus e com os homens, e prevaleceste. E Jacó Lhe perguntou, e disse: Dá-me, peço-Te, a saber o Teu nome. E disse: Por que perguntas pelo Meu nome? E abençoou-o ali. E chamou Jacó o nome daquele lugar Peniel,

porque dizia: Tenho visto a Deus face a face, e a minha alma foi salva." Gên. 32:24-30.

As pessoas, muitas vezes, falam em lutar com Deus em oração, como Jacó fez. Não há evidência de que Jacó sabia que era o Senhor que estava lutando com ele, até que raiou a manhã, e sua coxa foi deslocada na junta pelo toque de seu antagonista. O Anjo lhe apareceu–como um homem, e Jacó, sem dúvida, pensou que estava sendo atacado por um ladrão. Podemos bem imaginar que Jacó estava em terrível angústia pela noite inteira. Aproximava-se rapidamente o tempo em que defrontaria o irado irmão, e ele não ousava encontrá-lo sem a plena garantia de que tudo estava certo entre ele e Deus. Ele devia saber que havia sido perdoado por suas erradas atitudes do passado. Contudo, as horas, que havia reservado para comunicar-se com Deus, foram passadas em luta com um suposto inimigo. Assim podemos estar certos de que, enquanto o seu corpo se empenhava em resistir a seu antagonista, o seu coração elevava-se a Deus em profunda angústia. O suspense e ansiedade daquela noite devem ter sido terríveis.

Jacó era um homem de grande força física e resistência. Cuidar dos rebanhos noite e dia por anos haviam demonstrado isso, e ao mesmo tempo haviam-lhe concedido vigor físico. Assim ele prosseguiu a luta e sustentou sua posição por toda a noite. Mas não foi assim que obteve vitória. Lemos que *"na sua força lutou com Deus. Lutou com o Anjo, e prevaleceu; chorou, e Lhe suplicou. Em Betel O achou, e ali falou Deus conosco; sim, o Senhor, o Deus dos exércitos; o Senhor é o Seu nome"*. Oséias 12:3-5. Por seu poder Jacó prevaleceu com Deus, mas não por sua força como lutador. Sua força estava em sua fraqueza, como veremos.

Notem que a primeira intuição de Jacó de que o seu Oponente não era meramente um homem comum, foi quando sua coxa foi deslocada por Seu toque. Isso revelou, num instante, quem o seu suposto inimigo era. Não se tratava de um toque humano, mas a mão do Senhor, que ele sentiu. O que fez, então? O que poderia um homem fazer em sua condição? Imagine um homem lutando, quando tanto depende da força de suas pernas, e tendo uma delas subitamente deslocada. Se alguém estivesse caminhando, ou simplesmente parado, em pé, e uma de suas pernas fosse subitamente deslocada numa junta, iria instantaneamente cair ao chão. Esse seria o caso de Jacó, se não tivesse imediatamente se lançado sobre o Senhor, segurando-se nEle com firmeza. Ele, naturalmente, iria agarrar-se ao objeto mais próximo para apoio; mas o conhecimento de que ali estava Aquele a quem desejava encontrar ansiosamente tornaria sua ação de agarrar-se ainda mais involuntária. Sua oportunidade havia chegado, e ele não a deixaria escapar.

Que Jacó imediatamente deteve-se de lutar e agarrou-se ao Senhor não é só evidente pelo fato de que nada mais pôde fazer, mas também pelas palavras do Senhor, *"deixa-Me ir". "Não"*, disse Jacó, *"Não te deixarei ir"*, disse Jacó, *"se me não abençoares"*. Era um caso de vida ou morte. Sua vida e salvação dependiam de apegar-se ao Senhor. As palavras, *"deixa-me ir"* eram somente para prová-lo, pois o Senhor não deixa propositalmente nenhum homem. Mas Jacó estava determinado a realmente alcançar uma bênção, e prevaleceu. Foi por sua força que prevaleceu, mas foi pela força da fé. *"Quando estou fraco, então sou forte"*[13]. Naquela hora Jacó aprendeu plenamente a lição de que a bênção e a herança vêm, não pela força, mas pelo Espírito do Senhor.

Um Novo Nome

O novo nome foi uma garantia a Jacó de que ele fora aceito. Não lhe conferiu coisa nenhuma, mas era um sinal do que ele já havia obtido. Descansando em Deus, ele havia cessado de suas próprias obras, de modo que não era mais um enganador, buscando alcançar os seus próprios fins, mas o príncipe de Deus, que havia combatido o bom combate da fé, e se havia apegado à vida eterna. Daí em diante seria conhecido como Israel.

Agora ele podia seguir em frente para encontrar seu irmão. Aquele que contemplou a Deus face a face não precisa temer a face do homem. Aquele que tem poder com Deus, com toda certeza prevalecerá com os homens. Esse é o segredo do poder. Que o servo de Deus saiba que, se tiver poder junto aos homens, deve primeiro ser capaz de prevalecer com Deus. Deve conhecer ao Senhor e ter-Lhe falado face a face. A esses o Senhor diz: *"porque Eu vos darei boca e sabedoria, a que nenhum dos vossos adversários poderá contradizer nem resistir."* Lucas 21:15. Estêvão conhecia o Senhor, e mantinha comunhão com Ele, e os que odiavam a verdade *"não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava"*[14]. Qual, então, não deve ter sido seu poder junto àqueles cujos corações se abriam para receber a verdade?

Nesse relato de Jacó, aprendemos uma vez mais, como a herança que Deus prometeu a Abraão e sua semente deve ser obtida. É somente pela fé. O arrependimento e a fé são os únicos meios de libertação. Por nenhum outro meio podemos esperar ter qualquer parcela dessa herança. Sua inteira salvação jaz em sua dependência da promessa de Deus. Foi assim que ele tornou-se um pleno participante da natureza divina.

Quem São Israelitas?

Também aprendemos quem é Israel. O nome foi dado a ele em sinal de vitória que obteve pela fé. Isso não lhe concedeu nenhuma graça, mas foi um sinal da graça já possuída. Assim será concedida a todos quantos, mediante a fé, vencem, e sobre ninguém mais. Ser chamado um israelita não acrescenta nada a ninguém. Não é o nome que traz a bênção, mas a bênção que traz o nome. Assim como Jacó não possuía o nome por natureza, também ninguém mais pode possuir. O verdadeiro israelita é aquele no qual não há dolo[13]. Esses somente agradarão ao Senhor; mas*"sem fé é impossível agradar a Deus"*[14]. Assim, israelita é somente quem tem fé pessoal no Senhor. *"Porque nem todos os que são de Israel são israelitas"; "os filhos da promessa são contados como descendência."* Rom. 9:6, 8.

Que todos quantos professam ser israelitas considerem como Jacó recebeu o nome, e percebam que somente assim pode este ser dignamente atribuído a alguém. Cristo, como a prometida Semente, teve que passar pela mesma luta. Ele lutou e venceu, mediante a Sua confiança na palavra do Pai, e assim tem direito de ser o Rei de Israel. Somente os israelitas compartilharão o reino com Ele; pois os israelitas são vencedores, e a promessa é: *"Ao que vencer Eu lhe concederei que se assente Comigo no Meu trono; assim como Eu venci, e Me assentei com Meu Pai no Seu trono."* Apo. 3:21.

– *The Present Truth*, 30 de julho de 1896.

Notas desta edição:

1) I João 2:21;
2) Marcos 9:23;
3) Efésios 3:20;
4) I Tess. 2:13;
5) Mateus 21:31;
6) Colossenses 1:17;
7) O autor *"Pede desculpas ao leitor inteligente por fazer referência*, *neste contexto*, *à pedra de Scone no assento de coroação da Abadia de Westminster, que alguns supõem ser a pedra em que Jacó dormiu, e que, por sua posição no assento da coroação, supõe-se que identifica a Inglaterra com Israel, e o tornar a raça anglo-saxônica herdeira da promessa a Jacó. Para nada dizer da infundada e nunca comprovada asserção de que a pedra*, *em questão*, *seja aquela sobre a qual Jacó dormiu, a idéia*, *de que a sua posse possa tornar qualquer povo herdeiro das promessas a Israel*, *faz paralelo com a superstição medieval*, *de que um homem pode herdar a santidade de um santo que partiu por trajar sua velha camisa."*

   Nota complementar, desta edição: A Pedra de Scone, pesa mais ou menos 150 quilos. Scone é uma cidade e um palácio no centro da Escócia, onde a pedra esteve por muitos séculos, desde o ano 400 d.C.. Sobre ela os reis eram

coroados. Em 1296 foi trazida para a Inglatera pelo rei Eduardo I, tornou-se símbolo de poder sobre as ilhas, e a própria atual rainha Elizabete II foi coroada sobre esta pedra, em 1953. A história é toda envolvida em brumas de magia e luta, além de muita pilhéria: Como tal bloco de pedra veio da Palestina para a região é um mistério. Quando o cristianismo tentava se impor sobre o paganismo dizia-se que Jacó recebeu sonhos sobre o futuro ao dormir com a cabeça nesta pedra, assim ela é chamada também de Pedra do Destino. Estes acréscimos em vermelho são pesquisas minhas na Internet, mas não têm que aparecer necessariamente nesta edição, exceto se os irmãos assim o quiserem.

8) Gênesis 12:13 e 28:14;
9) Marcos 8: 35 e Lucas 9:24;
10) Gálatas 3:29 e Romanos 8:17;
11) II Coríntios 12:10;
12) Atos 6:10;
13) Ver João 1:47;
14) Hebreus 11:6;

CAPÍTULO 14.

As Promessas Para Israel, 3

Israel no Egito

Deve-se recordar que, quando Deus estabeleceu o concerto com Abraão, Ele lhe disse que ele próprio morreria sem ter recebido a herança, e que os seus descendentes seriam oprimidos e afligidos numa terra estranha, e que depois disso, na quarta geração, retornariam à terra prometida.

"E deu-lhe a aliança da circuncisão; e assim Abraão gerou a Isaque, e o circuncidou ao oitavo dia; e Isaque gerou a Jacó, e Jacó aos doze patriarcas. Os patriarcas, movidos de inveja, venderam José para o Egito; mas Deus era com ele, e o livrou de todas as suas tribulações, e lhe deu graça e sabedoria perante Faraó, rei do Egito, que o constituiu governador sobre o Egito e toda a sua casa. . . . E José mandou chamar a seu pai Jacó, e a toda a sua parentela—setenta e cinco almas. Jacó, pois, desceu ao Egito, onde morreu, ele e nossos pais; e foram transportados para Siquém e depositados na sepultura que Abraão comprara por certa soma de dinheiro aos filhos de Emor, pai de Siquém. Enquanto se aproximava o tempo da promessa que Deus tinha feito a Abraão, o povo crescia e se multiplicava no Egito; até que se levantou ali outro rei, que não tinha conhecido José. Usando esse de astúcia contra a nossa raça, maltratou a nossos pais, ao ponto de fazê-los enjeitar seus filhos, para que não vivessem". Atos 7:8-19.

O rei *"que não tinha conhecido José"* pertencia a outra dinastia, um povo do oriente que havia conquistado o Egito. *"Porque assim diz o Senhor: Por nada fostes vendidos; também sem dinheiro sereis resgatados. Pois assim diz o Senhor Deus: O Meu povo em tempos passados desceu ao Egito, para peregrinar lá, e a Assíria sem razão o oprimiu. E agora, que acho Eu aqui? diz o Senhor, pois que o Meu povo foi tomado sem nenhuma razão, os seus dominadores dão uivos sobre ele, diz o Senhor; e o Meu nome é*

blasfemado incessantemente o dia todo! Portanto o Meu povo saberá o Meu nome; portanto saberá naquele dia que sou Eu o que falo; eis-Me aqui". Isa. 52:3-6.

O que Significa o Egito

Do último texto citado aprendemos que a opressão de Israel no Egito era oposição e blasfêmia contra Deus; que o desprezo por seu Deus e a sua religião tinha muito a ver com o seu rigor. Também aprendemos que sua libertação do Egito foi idêntica com a libertação que vem a todos que são *"vendidos sob o pecado"*[1]. *"Por nada fostes vendidos; e sem dinheiro sereis resgatados". "Sabendo que não foi com coisas corruptíveis, como prata ou ouro, que fostes resgatados da vossa vã maneira de viver, que por tradição recebestes dos vossos pais, mas com precioso sangue, como de um Cordeiro sem defeito e sem mancha, o sangue de Cristo"*. I Pedro 1:18, 19. Portanto um breve estudo do que o Egito representa na Bíblia e a real condição dos israelitas, enquanto ali estiveram, nos permitirá entender o que estava envolvido em sua libertação.

A Idolatria Egípcia

De toda idolatria dos tempos antigos, a do Egito, sem dúvida, era a mais grosseira e completa. O número de deuses do Egito era quase incalculável, mas cada deus tinha uma ligação, mais ou menos direta, com o Sol, como deus principal. *"Toda cidade no Egito tinha seu animal sagrado, ou talismã, e toda cidade*, *suas divindades locais".– Enciclopédia Britânica.* Mas *"o Sol era o âmago da religião estatal. Em várias formas ele se posicionava à cabeça de cada hierarquia"*.[1] *"Ra, o Sol, é geralmente representado como um homem com cabeça de águia, ocasionalmente como um homem, em ambos os casos geralmente trazendo na cabeça o disco solar*".

A união de Estado e Igreja era perfeita no Egito, ambos sendo realmente idênticos. Isso é exposto em *"Religions of the Ancient World"* (Rawlinson,), pág. 20:--

"Ra era o deus-Sol egípcio, e era especialmente adorado em Heliópolis. Os obeliscos, segundo alguns, representavam os seus raios, e eram sempre, ou geralmente, erigidos em sua honra. . . . Os reis, *na sua maioria*, *consideravam Ra o seu especial patrono e protetor, e chegavam até a identificar-se com ele; empregavam os seus títulos como deles próprios, e adotavam o seu nome como prefixo comum para os seus próprios nomes e títulos. Muitos acreditam ser esta a origem da palavra faraó, que era, como se imagina, a forma hebraica de Ph'Ra—o sol".*

Além do Sol e da Lua, chamados Osiris e Ísis, *"os egípcios adoravam um grande número de animais, como o touro, o cão, o lobo, a águia, o crocodilo, o íbis, o gato, etc." "De todos esses animais, o touro Apis, chamado Epapris pelos gregos, era o mais famoso. Templos magníficos foram erigidos para ele enquanto viveu, e ainda maiores após sua*

morte. O Egito então entrou numa lamentação geral. As homenagens foram solenizadas com tal pompa que é difícil de se crer. No reino de Ptolomeu Lago, o touro Apis morrendo de idade avançada, a pompa funerária, além das despesas normais, alcançaram acima de cinqüenta mil coroas francesas. Após as últimas honras terem sido prestadas ao falecido, a próxima preocupação foi prover-lhe um sucessor, e por todo o Egito se buscou alcançar tal propósito. Ele era conhecido por certos sinais que o distinguiam de todos os outros animais daquela espécie; sobre a sua fronte deveria haver um ponto branco, na forma de um crescente; nas suas costas, a figura de uma águia; sobre sua língua, a de um besouro. Tão logo (120) *ele foi encontrado*, *o lamento deu lugar a alegria; e nada era ouvido em todas as partes do Egito senão festivais e regozijo. O novo deus foi trazido a Menfis para assumir a sua dignidade, e instalado ali com grande número de cerimônias". Rollin's Ancient History*, Livro 1, parte 2, cap. 2, sec. 1.

Essas cerimônias, desnecessário é dizer, tinham caráter obsceno; pois o culto ao Sol, quando levado a suas últimas conseqüências, nada mais era do que a prática de vício como um dever religioso.

A superstição tinha uma influência tão forte sobre os egípcios que eles adoravam até alhos e cebolas. Nisso somos lembrados que a superstição e a idolatria abominável não estão necessariamente ligadas a um baixo nível intelectual, pois os antigos egípcios cultivavam as artes e ciências a um alto grau. A prática da idolatria, contudo, era a causa da grande queda de sua alta posição anterior.

O próprio nome Egito é um sinônimo para impiedade e oposição à religião de Jesus Cristo, e é relacionado com Sodoma. É dito das *"duas testemunhas"*[3] do Senhor que *"jazerão os seus corpos na praça da grande cidade, que espiritualmente se chama Sodoma e Egito, onde também o seu Senhor foi crucificado".* Apoc. 11:8. Que os israelitas no Egito tomaram parte na impiedade e idolatria, e que foram impedidos pela força de servir ao Senhor, é evidente a partir de vários textos das Escrituras.

Em primeiro lugar, quando Moisés foi enviado para libertar Israel, sua mensagem a Faraó foi,*"Assim diz o Senhor: Israel é Meu filho, Meu primogênito; e Eu te tenho dito: Deixa Meu filho, para que ele Me sirva".* Êxo. 4:22, 23. O objetivo da libertação do Egito era que Israel pudesse servir ao Senhor, uma evidência de que eles não O estavam servindo ali.

Assim, novamente lemos que *"Porque Se lembrou da Sua santa palavra, e de Abraão, Seu servo. E tirou dali o Seu povo com alegria, e os Seus escolhidos com regozijo. Deu-lhes as terras dos gentios, e eles herdaram o fruto do trabalho dos povos, para que guardassem os Seus preceitos, e observassem as Suas leis".* Sal. 105:42-45.

Mas a evidência mais forte de que Israel tinha participado da idolatria do Egito é encontrada na repreensão por não abandoná-la. *"Assim diz o Senhor Deus: No dia em que escolhi a Israel, levantei a Minha mão para a descendência da casa de Jacó, e Me dei a conhecer a eles na terra do Egito, . . . Então lhes disse: Lançai de vós, cada um, as coisas abomináveis*

que encantam os seus olhos, e não vos contamineis com os ídolos do Egito; Eu sou o Senhor vosso Deus. Mas rebelaram-se contra Mim, e não Me quiseram ouvir; não lançaram de si, cada um, as coisas abomináveis que encantavam os seus olhos, nem deixaram os ídolos de Egito". Eze. 20:5-8.

Ainda na Escravidão Egípcia

Nem foi isso desfeito até nossos dias. As trevas que dominavam o Egito, ao tempo das pragas, não eram mais densas do que as trevas que o Egito lançou sobre toda a Terra. Aquelas trevas físicas eram apenas uma representação vívida da escuridão moral em que o povo caiu, e que, desde então, tem vindo sobre aquela ímpia nação. A história da apostasia na Igreja cristã é apenas o registro dos erros que foram trazidos do Egito.

Perto do fim do segundo século da Era cristã, um novo sistema de filosofia surgiu no Egito. *"Essa filosofia foi adotada por certos eruditos de Alexandria que desejavam ser considerados cristãos, conquanto mantendo o nome, as honras e o nível de filósofos. Em particular, todos aqueles que*,*nesse século*, *presidiam nas escolas dos cristãos em Alexandria, —Atenágoras, Pantaneus e Clemente Alexandrino—, são citados como a tendo aprovado. Esses homens estavam persuadidos de que a verdadeira filosofia, o maior e mais salutar dom de Deus, jaz nos fragmentos espalhados entre todas as seitas dos filósofos; e, portanto, que era o dever de todo homem sábio, especialmente de um mestre cristão, reunir esses fragmentos de todas as partes e usá-los para a defesa da religião e o confronto com a impiedade".*

"Essa forma de filosofar recebeu alguma modificação, quando Ammonius Saccas[3], ao final do século, com grande aplauso, abriu uma escola em Alexandria, e lançou os fundamentos dessa seita chamada de Nova Platônica. Esse homem nasceu e foi criado como um cristão, e talvez pretendeu passar-se por cristão toda a sua vida. Sendo possuidor de grande fecundidade de gênio, bem como eloqüência, ele empenhou-se por trazer todos os sistemas de filosofia e religião em harmonia, ou tentou ensinar uma filosofia pela qual todos os filósofos, e os homens de todas as religiões, sem exceção dos cristãos, deviam unir-se e manter comunhão. E aqui, especialmente, jaz a diferença entre essa nova seita e a filosofia eclética que anteriormente havia florescido no Egito. Pois os ecléticos sustentavam que existia uma mistura de bem e mal, verdadeiro e falso, em todos os sistemas; e, portanto, selecionavam dentre todos o que lhes parecia consoante com a razão, e rejeitavam o resto. Mas Ammonius mantinha que todas as seitas professavam um só sistema de verdade, com somente algumas diferenças na forma de declará-la, e algumas diminutas diferenças em suas concepções; de modo que mediante explicações adequadas elas poderiam com pouca dificuldade ser trazidas a um só corpo. Ele, além disso, possuía esse novo e singular princípio, de que as religiões

prevalecentes, e a cristã também, devem ser compreendidas e explicadas segundo essa filosofia comum". —Mosheim's Commentaries, Cent. 2, seção 25, nota 2.

Clemente de Alexandria tem sido mencionado como um dos mestres cristãos que era adepto dessa filosofia. Mosheim nos diz que *"Clemente deve ser considerado entre os primeiros e principais defensores cristãos e mestres da ciência filosófica, de fato a ponto de até ser colocado à cabeça daqueles que se dedicavam ao cultivo da filosofia com um ardor que não conhecia limites, pois estavam por demais cegados e desorientados ao se empenharem na inútil tentativa de produzir uma acomodação entre os princípios da ciência filosófica e os da religião cristã".—Ibidem*

Seja lembrado que a única filosofia era a filosofia pagã, e que será bem fácil imaginar o resultado inevitável de tal devoção a ela por parte daqueles que eram os mestres na Igreja cristã. Mosheim nos diz que *"pelos discípulos cristãos de Ammonius, e mais particularmente de Orígenes, que*, *no século seguinte (o terceiro)*, *alcançaram um grau de eminência que mal se pode crer, as doutrinas que haviam captado de seu mestre eram dedicadamente instiladas nas mentes dos jovens de cuja educação foram encarregados, e pelos esforços desses novamente, que foram subseqüentemente chamados ao ministério, o amor da filosofia tornou-se bastante difundido por toda uma considerável porção da Igreja".* Orígenes estava no comando da *"Escola Catequética"*ou seminário teológico de Alexandria, que era a sede do saber. Ele se postava à frente dos intérpretes da Bíblia naquele século, e era copiado de perto pelos jovens que eram atraídos para aquele seminário". *"Metade dos sermões do dia"*, declara Farrar, *"eram copiados, consciente ou inconscientemente, direta ou indiretamente, dos pensamentos e métodos de Orígenes".—"Lives of the Fathers*", capítulo 16, seção. 8.

A habilidade de Orígenes como *"intérprete"* da Bíblia devia-se à sua perícia como filósofo, que consistia em tornar evidentes coisas que não tinham existência. A Bíblia era empregada, tal como eram os escritos dos filósofos, como uma coisa sobre a qual exibir a sua habilidade mental. Ler uma simples declaração, e crer nela como constava do texto, e estabelecer clara verdade perante a mente dos estudantes, conduzindo a mente das pessoas para a Palavra de Deus, era considerado algo infantil, e absolutamente abaixo da dignidade de um grande mestre. Qualquer um podia fazer isso, pensavam. O trabalho deles parecia ser extrair da Sagrada Palavra algo que o povo comum nunca ali encontraria, pela razão de que ali não se achava, mas era a invenção de suas próprias mentes.

A fim de manter o seu prestígio como profundos eruditos e grandes mestres, eles ensinavam o povo que a Bíblia não quer dar a entender o que diz, e que quem quer que siga o simples texto das Escrituras certamente se desviará; e que ela somente poderia ser entendida por aqueles que haviam exercido suas faculdades pelo estudo de filosofia. Assim eles efetivamente tomavam a Bíblia das mãos das pessoas comuns. Com a Bíblia praticamente fora de suas mãos, não havia meio pelo qual as pessoas pudessem

distinguir entre o cristianismo e o paganismo. O resultado não foi só aqueles que já professavam o cristianismo estarem, em grande medida, corrompidos, como os ímpios ingressarem na Igreja sem alterar seus princípios e práticas. *"O que veio a se passar é que*, *na maior parte*, *esses platonistas, ao compararem a religião cristã com o sistema de Ammonius, foram levados a imaginar que nada poderia ser mais fácil do que uma transição de um para o outro, e, para grande detrimento da causa cristã, foram induzidos a abraçar o cristianismo sem sentir necessidade de abandonar praticamente qualquer dos princípios anteriores".*

Assim deu-se que *"quase todas essas corrupções pelas quais*, *no segundo século, e seguintes*, *o cristianismo foi desfigurado, e sua primitiva simplicidade e pureza quase totalmente deturpadas, tiveram a sua origem no Egito, sendo dali comunicado a outras igrejas". "Seja observado que no Egito, bem como em outros países, os adoradores pagãos, adicionalmente às suas cerimônias religiosas públicas, a que todos eram admitidos, tinham certos segredos e ritos muito sagrados a que davam o nome de mistérios, a cuja celebração ninguém, exceto pessoas da fé e discrição mais aprovada tinham permissão de estar presentes, primeiro os Cristãos Alexandrinos, e após eles os outros, tendo sido seduzidos a acatar uma noção de que não poderiam fazer melhor do que tornar a religião cristã acomodada a esse modelo. A multidão que professava o cristianismo era, portanto, dividida por eles em profanos, ou aqueles que não haviam ainda sido admitidos nos mistérios, e os iniciados, ou fiéis e perfeitos. . . . Desse estado de coisas deu-se que não só muitos termos e frases*, *utilizados nos mistérios pagãos*, *foram transferidos e aplicados a diferentes partes do culto cristão, particularmente nos sacramentos do batismo e da Ceia do Senhor, mas, em não poucos casos, também os ritos sagrados da Igreja foram contaminados pela introdução de várias formas e cerimônias pagãs."*

O Chamado Para Sair do Egito

Não é necessário enumerar as várias falsas doutrinas e práticas que foram assim introduzidas na Igreja. É suficiente dizer que não houve coisa alguma que não fosse corrompida, e dificilmente haveria um dogma ou cerimônia pagã, que não tivesse ou sido adotado ou, em maior ou menor grau, copiado. A luz da Palavra de Deus, sendo assim obscurecida, a *"Idade das Trevas"*necessariamente viria como resultado, continuando até o tempo da Reforma e da Bíblia novamente ser colocada nas mãos do povo, para que a lessem por si mesmos.

A Reforma, contudo, não completou a obra. Uma verdadeira reforma nunca termina, mas, quando tem corrigido o abuso pelo qual foi primeiro chamada, deve prosseguir na boa obra. Mas os que vieram após os Reformadores não estavam cheios do mesmo espírito, e se contentaram em crer não mais além do que os Reformadores criam.

Conseqüentemente, a mesma história repetiu-se. A palavra dos homens veio a ser recebida como palavra de Deus, e, em conseqüência, erros ainda permaneceram na Igreja. Hoje a correnteza marcha fortemente para baixo, em resultado da difundida aceitação da doutrina da Evolução, e da influência da chamada *"Alta Crítica"*. Vários anos atrás o historiador Charles Merivale, Reitor de Ely, declarou: *"O paganismo foi assimilado, não extirpado, e a cristandade tem sofrido com isso em maior ou menor medida, desde então."* --"*Epochs of Church History*", pág. 159.

Pode ser facilmente visto, desse breve esboço, que as trevas que, em qualquer ocasião, cobrem a Terra, e as densas trevas que envolvem os povos, são derivadas do Egito. Não foi meramente da escravidão física que Deus Se apresentou para libertar o Seu povo, mas da escuridão espiritual que era de caráter muito pior. E, sendo que essas trevas persistem em grande extensão, essa obra de libertação está ainda em prosseguimento. Os do antigo Israel *"voltaram ao Egito em seus corações"*. Ao longo de sua história inteira eles foram advertidos contra o Egito, uma evidência de que nunca estiveram inteiramente livres por qualquer medida de tempo de sua perversa influência. Cristo veio à Terra para livrar os homens de toda espécie de escravidão, e para esse fim Ele Se colocou na mais plena extensão da posição do homem. Havia, portanto, um profundo significado em seu descer ao Egito, para que pudesse cumprir-se o que havia sido dito pelo Senhor mediante o profeta, *"Do Egito chamei o Meu Filho"*[5]. Sendo Cristo chamado do Egito, todos quantos são de Cristo, ou seja, toda a semente de Abraão, deve igualmente ser chamada para fora do Egito, e fazer isso é a obra do Evangelho.

– *The Present Truth*, 6 de agosto de 1896.

Notas desta edição:

1) Romanos 7:14, ú. p.;

2) **—"*Sun Images and the Sun of Righteousness*" (Imagens do Sol e o Sol da Justiçal, em *O. T. Student*, janeiro de 1886). Ver em http://www.jstor.org/pss/3157121;**

3) Apoc. 11:3;

4) Os objetivos que **Ammonius Saccas**, o grande filósofo de Alexandria, tinha em vista eram os mesmos que os deHelena Petrovna **Blavatsky** ao fundar a ocultista esotérica Sociedade Teosófica em 1875. A inquietude espiritual deste século se iniciou certamente com a senhora H. P. **Blavatsky.**

Conexão história com o movimento da Nova Era:

(Rawlinson, George, 1812-1902), Em 1844 surge no Irã a fé Bahá'í, estabelecida em 1863, que, como o movimento Nova Era**,** prega a unificação mundial, sob um único governo, com um líder que estabelecerá a paz mundial. (Revista *Ano Zero* n° 2, Rio de Jan., junho de 1991, pág 17, no artigo *"A Maldição dos Templários.*``

No século XlX**,** Helena P. **Blavatsky**, chamada a avó da Nova Era, por ter sido a mentora de Pierre Teilhard**Chardin**, foi decisiva no movimento Nova Era através da sociedade teosófica.

Em 1931 **Pierre Teilhard Chardin**, padre Jesuíta, chamado o pai do movimento Nova Era, escreveu *O Espírito da Terra.* Nele prega que o homem está evoluindo para um ápice a que chamou de *"**Ponto Ômega**"*, que seria a *"**conspiração mundial**",* que levará, segundo ele, o homem a compreender o seu verdadeiro poder da mente (ibidem, grifamos).

"Teilhard Chardin sonhou com a humanidade mergulhada em 'Deus' e cada pessoa realizando a sua própria divindade (o ponto Omega)". Ele escreveu: ***'O mundo precisa de uma convergência geral das religiões sobre um cristo universal que satisfaça a todos: esta me parece ser a única possível conversão do mundo.'*** Isto significa que este cristo deve satisfazer aos islamitas, que negam a divindade de Jesus Cristo, e pregam uma diferente doutrina de salvação pelas ... [obras], como fazem todos os outros*;* ***'e é a única forma na qual a religião do futuro possa ser concebida."*** Pierre Teilhard Chardin, 1971, *Cristianity and Evolution*, Colins, pág. 130.

"Assim este cristo não pode ser Jesus Cristo, e o Jesus Cristo do cristianismo vai ter que concordar com o cristo deles." (Quarta conferência do **Dr. Walter J. Veith,** professor da Universidade do Cabo, cientista sul-africano, premiado pela Royal Society of London, realizada no auditório da Igreja Adventista de Setúbal, Portugal, em Maio de 2005.)

5) Oséias 11:1 e Mateus 2:15

CAPÍTULO 15.

As Promessas Para Israel, 4

O Tempo da Promessa

O que Deus teria feito a Israel

"Ah, Israel, se Me ouvires!
Não haverá entre ti deus alheio,
Nem te prostrarás ante um deus estranho.
Eu sou o Senhor teu Deus,
Que te tirei da terra do Egito;
Abre bem a tua boca, e ta encherei.
Mas o Meu povo não quis ouvir a Minha voz,
E Israel não Me quis.
Portanto Eu os entreguei aos desejos dos seus corações,
E andaram nos seus próprios conselhos.
Oh! se o Meu povo Me tivesse ouvido!
Se Israel andasse nos Meus caminhos!
Em breve abateria os seus inimigos,
E viraria a Minha mão contra os seus adversários.
Os que odeiam ao Senhor ter-se-lhe-iam sujeitado,
E o seu tempo seria eterno".
– (Salmo 81:8-16).

Temos Israel no Egito, e sabemos algo do que isso significa. A escravidão, bem como a libertação, haviam sido preditas a Abraão quando o concerto foi estabelecido com ele, e esse concerto havia sido confirmado por um juramento de Deus.

Agora, volvamos novamente a algumas das palavras proferidas por Estevão quando cheio do Espírito Santo. Ele começou o seu discurso com uma prova positiva de que a ressurreição era necessária para o cumprimento da promessa a Abraão; pois tendo repetido a promessa, declarou que Abraão não teve sequer o espaço de um pé da terra que foi prometida, embora Deus tinha dito que ambos, ele e sua semente, deveriam possuí-la.[1]

Sendo que ele morreu sem herdá-la, como se deu também com um vasto número de seus descendentes, incluindo aqueles que, à semelhança dele, tinham fé, a conclusão era inevitável de que o cumprimento só poderia dar-se mediante a ressurreição. A única razão por que tantos judeus rejeitaram o Evangelho foi que persistiram em ignorar a clara evidência das Escrituras, de que a promessa de Abraão não fora temporal, mas eterna. Mesmo assim, no tempo presente a crença de que as promessas a Israel transmitem uma herança temporal e terrena é incompatível com a completa crença em Cristo.

Estevão em seguida recordou as palavras do Senhor a Abraão, de que a sua semente jornadearia por uma terra estranha, e seria afligida e, posteriormente, livrada. Daí ele disse:

"Aproximando-se, porém, o tempo da promessa que Deus tinha feito a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito" (Atos 7:17). Então seguiu-se a opressão, e o nascimento de Moisés. O que se quer dizer com a aproximação do tempo da promessa que Deus havia jurado a Abraão? Um breve exame de algumas das passagens já estudadas tornará esta questão bem clara.

No relato do estabelecimento do concerto com Abraão lemos as palavras do Senhor a ele: "*Eu sou o Senhor, que te tirei de Ur dos caldeus, para dar-te a ti esta terra, para herdá-la"* (Gênesis 15:7). Então seguem-se os detalhes do estabelecimento do concerto, e a seguir as palavras, *"Sabes, de certo, que peregrina será a tua descendência em terra alheia, e será reduzida à escravidão, e será afligida por quatrocentos anos, mas também eu julgarei a nação, à qual ela tem de servir, e* (128)*depois sairá com grande riqueza. E tu irás a teus pais em paz; em boa velhice serás sepultado. E a quarta geração tornará para cá; porque a medida da injustiça dos amorreus não está ainda cheia"* (Gen. 15:13-16).

Esse concerto foi posteriormente selado com a circuncisão e então, quando Abraão havia demonstrado a sua fé pelo oferecimento de Isaque, o Senhor acrescentou o Seu juramento à promessa, dizendo: *"Por mim mesmo jurei, diz o Senhor: Porquanto fizeste esta ação, e não me negaste o teu filho, o teu único filho, que deveras te abençoarei, e grandissimamente multiplicarei a tua descendência como as estrelas dos céus, e como a areia que está na praia do mar; e a tua descendência possuirá a porta dos seus inimigos"*-(Gên. 22:16--17).

Esta é a única promessa que Deus jurou a Abraão. Era uma confirmação da promessa original. Mas como vimos em artigos[2] anteriores, envolvia nada menos do que a ressurreição dos mortos mediante Cristo que é a Semente. *"O último inimigo que há de ser aniquilado é a morte"*,[3] para que se cumpra a palavra do Senhor através do profeta, *"Eu os remirei do poder da sepultura; e os resgatarei da morte. Onde estão, ó morte, as tuas pragas? Onde está, ó inferno, a tua perdição?"*(Oséias 13:14). A promessa não será cumprida até então, como Deus jurou a Abraão, pois somente então a sua semente toda possuirá as portas dos seus inimigos.

Às mães que choravam a perda de seus filhos que haviam sido mortos por ordem de Herodes, o Senhor disse: *"Reprime a tua voz do choro, e das lágrimas os teus olhos; porque há galardão para o teu trabalho, diz o Senhor, pois eles voltarão da terra do inimigo. E há esperança para o teu futuro, diz o Senhor; porque teus filhos voltarão para os seus termos"* (Jeremias 31:16,-17). Somente por meio da ressurreição pode a semente de Abraão, Isaque e Jacó voltar novamente a seus próprios termos. Isso foi indicado a Abraão quando lhe foi dito que antes que a sua semente possuísse a terra eles seriam afligidos numa terra estranha, e que ele morreria; mas *"na quarta geração, porém, voltarão para cá"*.[4]

Não pode, pois, haver qualquer dúvida de que Deus determinou que o retorno de Israel da escravidão do Egito seria o tempo da ressurreição e restauração de todas as coisas. O tempo da promessa se aproximava. Quanto tempo passaria até a saída do Egito, antes que plena restauração tivesse lugar, não temos meios de saber. Havia, como veremos, muito a ser feito em termos de advertir os habitantes da Terra; e o tempo dependeria da fidelidade dos filhos de Israel. Não precisamos especular sobre como tudo se teria cumprido, uma vez que os israelitas não foram fiéis. Tudo quanto nos diz respeito agora é o fato de que a libertação do Egito significou a completa libertação de todo o povo de Deus da escravidão do pecado e da morte, e a restauração de todas as coisas como eram no princípio.

The Present Truth, 13 de agosto de 1896.

Notas desta edição:

1) Atos 7:5;

2) Leia-se "capítulos". Lembre-se de que estes capítulos foram, em verdade, sucessivos *artigos* escritos por Waggoner e publicados semanalmente na revista *The Present Truth,* A Verdade Presente, de 7 de maio de1896 a 27 de maio de 1897;

3) I Cor. 15:26;

4) Gênesis 15:16;

CAPÍTULO 16.

As Promessas Para Israel, 5

"O Opróbrio de Cristo"

"Pela fé Moisés, sendo já homem, recusou ser chamado filho da filha de Faraó, escolhendo antes ser maltratado com o povo de Deus do que ter por um pouco de tempo o gozo do pecado, tendo por maiores riquezas o vitupério de Cristo do que os tesouros do Egito" (Heb. 11:24-26).

Aqui, muito positivamente, nos é dito que os tesouros do Egito eram o preço do pecado; que a recusa dos tesouros do Egito era a recusa de viver em pecado; que lançar a sorte ao lado dos israelitas seria sofrer o opróbrio de Cristo. Isso demonstra que Cristo era o verdadeiro Líder daquele povo, e que o que lhes havia sido prometido, e para o objetivo de o compartilharem, é que foram livrados do Egito, deles sendo somente mediante Ele, e isso também, mediante o desprezo de Cristo. Agora, o vitupério, ou, opróbrio de Cristo, é a cruz. Assim mais uma vez somos trazidos face a face com o fato de que a semente de Abraão—o verdadeiro Israel—são aqueles que são de Cristo mediante fé em Seu sangue.

Muito poucos param para pensar no que Moisés teve que deixar para trás por causa de Cristo. Ele era o filho adotivo da filha de Faraó, herdeiro do trono do Egito. Todos os tesouros do Egito estavam, portanto, sob o seu comando. Ele *"foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios, e era poderoso em palavras e obras"* (Atos 7:22). Um príncipe coroado, um erudito, um general e um orador, com toda perspectiva lisonjeira aberta perante ele, — mas renunciou a tudo para lançar a sua sorte com uma classe desprezada de pessoas, por causa de Cristo.

Ele *"recusou ser chamado filho da filha de Faraó".* Isso deixa implícito que ele foi instado a reter a sua posição. Foi em face de oposição que ele desistiu de suas perspectivas mundanas, e preferiu sofrer aflição com o povo de Deus. Nossa imaginação não pode superestimar o desprezo com que sua ação fora considerada, nem os gracejos de zombaria que lhe foram atribuídos, entre os quais, o de *"tolo",* deve ter sido o mais suave. Quando pessoas nos dias de hoje são chamadas a aceitar uma verdade impopular, às expensas de sua posição, será bom que se lembrem do caso de Moisés.

O que o levou a fazer o *"sacrifício"*? Ele *"tinha em vista a recompensa".*[1] Não se tratou meramente de que ele sacrificou a presente posição na esperança de algo melhor no futuro. Não; ele obteve mais do que o equivalente ao seguir adiante. Considerou o

opróbrio de Cristo, do qual tinha uma parcela cheia, como riqueza maior do que os tesouros do Egito. Isso mostra que conhecia ao Senhor. Ele entendeu o sacrifício de Cristo pelo homem, e simplesmente preferiu participar dele. Não poderia ter feito isto se não tivesse conhecido muito da alegria do Senhor. Isso somente poderia fortalecê-lo em tal situação. Provavelmente nenhum outro homem sacrificou tão grandes perspectivas mundanas pela causa de Cristo, e, portanto, podemos estar seguros de que Moisés teve tal conhecimento de Cristo e de Sua obra como poucos outros homens jamais tiveram. O passo que deu é evidência de que já conhecia muito do Senhor; a participação no opróbrio e sofrimentos de Cristo deve ter formado um elo de simpatia entre os dois.

Quando Moisés recusou ser chamado filho da filha de Faraó, ele o fez por causa de Cristo e do Evangelho. Mas o seu caso, à semelhança do de Jacó, bem como de muitos outros, mostra que os mais sinceros crentes muitas vezes têm muito a aprender. Deus chama homens para a Sua obra, não porque sejam perfeitos, mas a fim de que Ele lhes possa dar o treinamento necessário para isso. A princípio Moisés teve que aprender o que milhares de professos cristãos ainda não aprenderam nesta idade[2]. Ele teve que aprender que *"a ira do homem não opera a justiça de Deus".* (Tiago 1:20).

Ele teve que aprender que a causa de Deus nunca é levada avante pelos métodos humanos; que*"as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para demolição de fortalezas; destruindo os conselhos, e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo o entendimento à obediência de Cristo"* (II Cor. 10: 4--5).

"E, quando ele completou quarenta anos, veio-lhe ao coração ir visitar seus irmãos, os filhos de Israel. E, vendo um deles sofrer injustamente, o defendeu, e vingou o ofendido, matando o egípcio. E ele cuidava que seus irmãos entenderiam que por mão dele Deus lhes havia de dar a liberdade; mas eles não entenderam. No dia seguinte apareceu-lhes quando brigavam, e quis levá-los à paz, dizendo: Homens, sois irmãos; por que vos agravais um ao outro? Mas o que fazia injustiça ao seu próximo o repeliu, dizendo: Quem te constituiu senhor e juiz sobre nós? Acaso queres tu matar-me como ontem mataste o egípcio? A esta palavra fugiu Moisés, e esteve como estrangeiro na terra de Madiã, onde gerou dois filhos" (Atos 7:23-29).

É verdade que o Senhor determinou que o povo de Israel fosse livrado pela mão de Moisés. Ele próprio sabia disso e imaginou que os seus irmãos haveriam de entender o assunto. Mas eles não compreenderam. Sua tentativa de livrá-los foi um triste fracasso, e a razão para a falha estava nele, tanto quanto neles. Não entenderam que Deus iria libertá-los pela Sua mão; ele entendera esse fato, porém não havia ainda aprendido o método. Supunha que a libertação deveria ser efetuada pela força; que sob o seu comando os filhos de Israel deveriam erguer-se e derrotar os seus opressores. Este, porém, não era o método divino. A libertação que Deus havia planejado para o Seu povo era de molde a não poder ser obtida por esforços humanos.

Por essa falha de Moisés aprendemos muito da natureza da obra que Deus Se propôs a cumprir pelos israelitas, e sobre a herança para a qual estava a ponto de conduzi-los. Se tivesse sido uma libertação da mera escravidão física que Ele lhes determinara, e se eles devessem ser conduzidos somente para uma herança terrena, temporal, então poderia possivelmente ser realizada na maneira como Moisés a iniciou. Os israelitas eram numerosos, e sob o comando de Moisés poderiam ter vencido. Esta é a maneira pela qual posses terrenas são conseguidas. A história apresenta muitas ocasiões em que um pequeno povo desvencilhou-se do jugo de um poder maior. Mas Deus havia prometido a Abraão e a sua semente uma herança celestial, e não uma terrena, e, portanto, ela só poderia ser obtida mediante meios celestiais.

Dificuldades Trabalhistas e Seu Remédio

Na atualidade encontramos muitas das mesmas condições que prevaleciam no caso dos filhos de Israel. Certamente um sistema de trabalho duro existia naquele tempo, como também se tem visto desde então. Longas horas, trabalho duro, e pouco ou nenhum pagamento. O capital nunca oprimiu o trabalho mais do que naquele tempo, e o pensamento natural então, como agora, era o de que a única maneira de assegurar seus direitos era enfrentar força com força. Mas os métodos humanos não são como os divinos; e os modos divinos são os únicos corretos. Ninguém pode negar que os pobres são grosseiramente abusados e pisoteados; mas muito poucos desses se dispõem a aceitar o método divino de libertação. Ninguém pode descrever a opressão dos pobres pelos ricos melhor do que feito na Bíblia, pois Deus é o amigo dos pobres.

O Senhor Se preocupa com os pobres e aflitos. Ele Se identificou tão intimamente com eles que quem quer que dê algo a um pobre é considerado como emprestando ao Senhor. Jesus Cristo esteve nesta mundo como um homem pobre, de modo que *"o que oprime ao pobre insulta ao seu Criador"* (Prov. 14:31). *"O Senhor ouve os necessitados"* (Sal. 69:33). *"Pois o necessitado não será esquecido para sempre, nem a esperança dos pobres será frustrada"* (Sal. 9:18). *"O Senhor sustentará a causa do oprimido, e o direito do necessitado"* (Sal. 140:12). *"Por causa da opressão dos pobres, e do gemido dos necessitados, levantar-Me-ei agora, diz o Senhor; porei em segurança quem por ela suspira"* (Sal. 12:5). *"Ó Senhor, quem é como Tu, que livras o pobre daquele que é mais forte do que ele? sim, o pobre e o necessitado, daquele que o rouba"*(Sal. 35:10). Com o onipotente Deus tão interessado em sua causa, que lástima que os pobres sejam tão mal aconselhados, e isso, também, tão freqüentemente, por professos ministros do Evangelho, na busca de reparar os seus próprios erros.

O Senhor declara: *"Eia, pois, agora vós, ricos, chorai e pranteai, por vossas misérias que vos hão de vir. As vossas riquezas estão apodrecidas, e as vossas vestes estão comidas de traça. O vosso ouro e a vossa prata se enferrujaram; e a sua ferrugem dará*

testemunho contra vós, e comerá como fogo a vossa carne. Entesourastes para os últimos dias. Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram as vossas terras, e que por vós foi diminuído, clama, e os clamores dos que ceifaram têm chegado aos ouvidos do Senhor dos exércitos. Deliciosamente vivestes sobre a terra, e vos deleitastes; cevastes os vossos corações, como num dia da matança. Condenastes e matastes o justo; e ele não vos resistiu" (Tia. 5:1-6).

Esta é uma terrível reprovação contra os opressores dos pobres e daqueles que os tenham defraudado de seus devidos salários. É também uma promessa de julgamento certo contra eles. O Senhor ouve o clamor dos pobres, e Ele não Se esquece. Cada ato de opressão Ele considera como dirigido contra Ele próprio. Mas quando os pobres pretendem resolver as questões por suas próprias mãos, enfrentando monopólio com monopólio e força com força, colocam-se no mesmo nível dos opressores, e assim privam-se das boas providências de Deus a seu favor.

Aos ricos opressores Deus diz*: "Tendes condenado e matado o justo, e ele não vos resistiu"*. O mandamento: *"Eu vos digo, não resistais ao mal"*[3] significa exatamente isso, e nada mais; e não é questão desatualizada. Aplica-se tanto a hoje quanto ao tempo de Cristo. O mundo não mudou em seu caráter; a cobiça dos homens é a mesma agora como então; e Deus é o mesmo. Os que acatam essa ordem Deus chama de *"justo".* Os justos não revidam quando são injustamente condenados e defraudados, e mesmo mortos.

"Mas como pode jamais haver remédio para essas injustiças, se os pobres sofrem mesmo até a morte?" Ouçam mais o que o Senhor diz aos próprios pobres. Ele não Se envergonha de chamá-los de irmãos, e diz: *"Portanto, irmãos, sede pacientes até a vinda do Senhor Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência, até que receba as primeiras e as últimas chuvas. Sede vós também pacientes; fortalecei os vossos corações, porque a vinda do Senhor está próxima"* (Tia. 5:7 - 8).

A vinda do Senhor é o tempo em que toda opressão cessará. O problema é que as pessoas, como Esaú, não têm fé nem paciência para esperar. Assim, uma lição é extraída do fazendeiro. Ele semeia a sua semente, e não se torna impaciente por não recolher a ceifa no mesmo dia. Ele tem longa paciência em esperar pelos frutos da Terra. *"A ceifa é o fim do mundo"* (Mat. 13:39). Então aqueles que confiaram a sua causa ao Senhor receberão ampla recompensa por sua confiança e paciência. Então será proclamada liberdade por toda a Terra, e a todos os seus habitantes.

O que torna conhecida essa libertação, e que mesmo agora concede a alegria dela, conquanto penosas provas oprimam, é o Evangelho de Jesus Cristo. Esse é o poder de Deus para a salvação de todo aquele que crer. Os mundanos e, triste como seja dizer, muitos que se apresentam como ministros do Evangelho, fazem pouco caso da pregação do Evangelho como remédio para os problemas trabalhistas da atualidade. Porém as questões trabalhistas de hoje não são maiores do que as dos dias de Moisés; e a

proclamação do Evangelho foi o único meio que Deus então aprovou e empregou para sua melhoria. Quando Cristo veio, a mais forte prova da divindade de Sua missão foi que o Evangelho foi pregado aos pobres. Mat. 11:5. Ele conhecia as necessidades dos pobres como ninguém jamais o havia feito, e Seu remédio foi o Evangelho. Há possibilidades no Evangelho sobre que raramente se tem ainda sonhado. Somente o correto entendimento da herança que o Evangelho promete pode tornar o homem paciente sob a opressão terrena.

– *The Present Truth*, 20 de agosto de 1896.

Notas desta edição:

1) Hebreus 11:26, ú. p. O *SDABC (Comentário Bíblico)*, vol. 7, pág. 476 diz: "tinha em vista' = seus olhos estavam fixos sobre as promessas e privilégios do relacionamento do concerto. . . . Moisés voluntariamente trocou a impressiva, mas espalhafatosa glória e poder do presente, pelos menos óbvios, mesmo invisíveis, promessas e privilégios do concerto", . . . "A mais remota recompensa, uma que poderia ser vista somente com os olhos da fé, apelou mais fortemente a Moisés do que a mais imediata recompensa material que acompanhava o trono do Egito." Grifamos;

2) A que idade Waggoner se refere aqui? "Considerando as circunstâncias da fuga de Moisés do Egito para Madiã, com a idade de 40 anos, alguns têm entendido que a partida referida em Hebreus 11:27 trata-se do Êxodo, à idade de 80 anos. . . . Da narrativa de Êxodo 2:11-15, e do que o Senhor lhe noticiou aos 80 anos em Madiã, Ex. 4:19, parece que temor por sua segurança pessoal teve grande parte na decisão de fugir do Egito aos 40 anos de idade. Entretanto, primordialmente em sua mente, estava a sorte do seu povo e o destino profetizado para eles pela promessa a Abrahão. Ao assassinar o feitor egípcio "ele cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus lhes havia de dar a liberdade pela sua mão; mas eles não entenderam" (Atos 7:25). De fato, foi esta abortiva tentativa para iniciar uma série de eventos, que ele esperava levaria à libertação deles, que fez sua fuga necessária. . . .Mesmo antes do incidente com o capataz egípcio, requereu grande fé crer que as promessas do concerto se cumpririam ante a circunstância de 400 anos de escravidão do seu povo. Agora que um erro de julgamento o banira do Egito completamente, Moisés deve ter precisado muito maior fé para acreditar no seu cumprimento. Como poderia um solitário exilado em Madiã, cuja morte tinha sido decretada por um edito imperial, esperar libertar escravos de um monarca que procurava tirar-lhe a vida? Nada poderia parecer mais impossível! Aqui estava uma inigualável oportunidade para o exercício da fé!", *SDABC*, vol. 7, págs. 476 e 477. Os grifos são dos editores desta edição;

3) Mateus 5:39. "Não resistais ao homem mau" (adjetivo), *Almeida* contemporânea. "Não resistais ao mal" (substantivo), *Almeida* fiel. "Esta última parece ser a forma indicada. Ela inclui o mal feito a uma pessoa e o mal feito por uma pessoa. O cristão não retribuirá violência com violência. Ele "vence o mal com o bem", Romanos 12:21, e "amontoa brasas" sobre a cabeça do inimigo que lhe prejudica", Prov. 25: 21 e 22", *SDABC*, vol. 5, pág. 339. ("Amontoar brasas" aí é pagar o mal com o bem, deixando o inimigo desconcertado e envergonhado)

CAPÍTULO 17.

As Promessas Para Israel, 6

Dando a Comissão

Quarenta anos se haviam passado após aquela primeira tentativa malfadada antes de o Senhor estar pronto para livrar o Seu povo pela mão de Moisés. Levou esse tempo todo para preparar Moisés para a importante tarefa. Lemos a respeito de Moisés, num período posterior de sua vida, que ele era manso, acima de todos os homens; mas essa não era a sua disposição natural. Uma educação na corte não tem o fito de desenvolver a qualidade da mansidão. Pela forma em que Moisés inicialmente procedeu ao tratar de conflitos trabalhistas de seu povo, vemos que era impulsivo e arbitrário. O golpe acompanhava a palavra bem de perto. Mas o homem que deveria conduzir os filhos de Abraão para a herança prometida, precisava ter características bem diferentes.

A herança prometida a Abraão era a Terra. Devia ser obtida mediante a justiça da fé. Mas a justiça da fé é inseparável da mansidão de espírito. *"Eis que a sua alma está orgulhosa, não é reta nele; mas o justo pela sua fé viverá."*. Hab. 2:4. Portanto o Salvador declarou: *"Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra"*. Mat. 5:5. *"Ouvi, meus amados irmãos: Porventura não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que O amam?"* Tia. 2:5. A prometida herança, a que os israelitas deviam ser conduzidos, poderia ser possuída somente pelos mansos, e, daí, aquele que devia conduzi-los pelo caminho precisava, necessariamente, possuir essa virtude. Quarenta anos de vivência no deserto como pastor operaram a desejada mudança em Moisés.

"E aconteceu, depois de muitos dias, que morrendo o rei do Egito, os filhos de Israel suspiraram por causa da servidão, e clamaram; e o seu clamor subiu a Deus por causa de sua servidão. E ouviu Deus o seu gemido, e lembrou-Se Deus da Sua aliança com Abraão, com Isaque, e com Jacó," Êxo. 2:23, 24.

Esse concerto, como vimos, foi confirmado em Cristo. Foi o concerto que Deus fez com os pais, dizendo a Abraão, *"Na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra".* Atos 3:25. E essa bênção consistia em fazê-los volver de suas iniqüidades. Foi o concerto do qual Deus Se lembrou enviando João Batista, o precursor de Cristo, que livraria o Seu povo das mãos de seus inimigos, de modo que pudessem *"servi-Lo sem temor, em santidade e justiça perante Ele*[1]" todos os dias de suas vidas. Foi o concerto

que assegurou a Abraão e à sua semente a posse da terra, mediante fé pessoal em Cristo.

Mas a fé em Cristo não garante a qualquer homem uma posse terrena. Aqueles que são herdeiros de Deus são os pobres deste mundo, ricos na fé. O próprio Cristo não tinha um lugar dEle próprio nesta terra, onde pudesse reclinar a cabeça; portanto ninguém precisa pensar que segui-Lo na verdade lhe assegurará posses terrenas. É mais provável que se dê o contrário.

Esses pontos são necessários de se ter em mente ao considerarmos a libertação de Israel do Egito, e sua jornada à terra de Canaã. Isso devia ser lembrado no estudo de toda a história de Israel, ou iremos estar continuamente cometendo os mesmos erros que foram feitos pelos Seus que não O receberam quando Ele veio, porque não veio para promover seus interesses mundanos. *"E Apascentava Moisés o rebanho de Jetro, seu sogro, sacerdote em Midiã; e levou o rebanho atrás do deserto, e chegou ao monte de Deus, a Horebe. E apareceu-lhe o anjo do SENHOR em uma chama de fogo do meio duma sarça; e olhou, e eis que a sarça ardia no fogo, e a sarça não se consumia. E Moisés disse: Agora me virarei para lá, e verei esta grande visão, porque a sarça não se queima. E vendo o SENHOR que se virava para ver, bradou Deus a ele do meio da sarça, e disse: Moisés, Moisés. Respondeu ele: Eis-me aqui. E disse: Não te chegues para cá; tira os sapatos de teus pés; porque o lugar em que tu estás é terra santa. Disse mais: Eu sou o Deus de teu pai, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés encobriu o seu rosto, porque temeu olhar para Deus. E disse o SENHOR: Tenho visto atentamente a aflição do meu povo, que está no Egito, e tenho ouvido o seu clamor por causa dos seus exatores, porque conheci as suas dores. Portanto desci para livrá-lo da mão dos egípcios, e para fazê-lo subir daquela terra, a uma terra boa e larga, a uma terra que mana leite e mel; ao lugar do cananeu, e do heteu, e do amorreu, e do perizeu, e do heveu, e do jebuseu. E agora, eis que o clamor dos filhos de Israel é vindo a mim, e também tenho visto a opressão com que os egípcios os oprimem. Vem agora, pois, e eu te enviarei a Faraó para que tires o meu povo, os filhos de Israel, do Egito."* Ex. 3: 1-10

Não precisamos entrar nos detalhes da recusa de Moisés, e sua final aceitação da comissão divina. Agora que estava realmente adequado para a tarefa, ele recuou dela.[2] É suficiente observar que, na comissão, o poder, pelo qual a libertação devia ser efetuada, tornou-se bem clara. Era tal libertação que podia ser realizada somente pelo poder do Senhor. Moisés devia ser simplesmente um agente em Suas mãos.

Notem também as credenciais de que Moisés era portador: *"Então disse Moisés a Deus: Eis que quando eu for aos filhos de Israel, e lhes disser: O Deus de vossos pais me enviou a vós; e eles me perguntarem: Qual é o Seu nome? Que lhes direi? E disse Deus*

a Moisés: EU SOU O QUE SOU. Disse mais: Assim dirás aos filhos de Israel: EU SOU me enviou a vós". Êxo. 3:13, 14.

Esse é o *"nome glorioso e temível"* do Senhor, que nenhum homem pode jamais compreender, porque expressa Sua infinitude e eternidade. Observem as traduções dadas na margem da Edição Revisada: *"Eu sou porque Eu sou"*, ou *"Eu sou quem Eu sou"*, ou *"Eu serei o que serei"*. Nenhum desses sentidos é completo em si mesmo, mas todos juntos são necessários para dar uma ligeira idéia do título. Juntos representam *"O Senhor Deus, aquele que é, e que era, e que há de vir, o Todo-Poderoso"*. Apo. 1:8.

Quão apropriado é que, quando o Senhor estava para libertar o Seu povo, não simplesmente da escravidão temporal, mas também da servidão espiritual, e dar-lhes aquela herança, que só podia ser possuída pela vinda do Senhor e a ressurreição, Ele Se faria conhecido não somente como o Criador, existente por Si mesmo, mas como Aquele que Viria, o mesmo título pelo qual Se revela no último livro da Bíblia, que é inteiramente dedicado à vinda do Senhor e à libertação final de Seu povo de seu grande inimigo, a morte.

"E Deus disse mais a Moisés: Assim dirás aos filhos de Israel: O Senhor Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó, me enviou a vós; este é o Meu nome eternamente, e este é o Meu memorial de geração em geração". Êxo. 3:15.

Somos continuamente lembrados que toda essa libertação é apenas o cumprimento da promessa feita mediante Cristo a Abraão, Isaque e Jacó. Notem também a significação do fato de que alguns dos mais poderosos sermões do Evangelho, registrados no Novo Testamento, referem-se a Deus como o Deus de Abraão e Isaque e Jacó, uma evidência de que nós O devemos conhecer pelo mesmo título, e que as promessas, feitas aos pais, mantêm-se válidas para nós, apenas se as recebermos na mesma fé. *"Este é o Meu nome para sempre, e este é o Meu memorial a todas as gerações"*.

Com esse nome por seu apoio, com a garantia de que Deus seria com ele e lhe ensinaria o que dizer, armado com o poder de operar milagres, e confortado com a garantia de que Arão, seu irmão, lhe faria companhia na obra, Moisés partiu para o Egito.

—*The Present Truth*, 27 de agosto de 1896.

Notas desta edição:

1) Lucas 1: 74, u.p. e 75, p.p.;

2) Estando ainda no Egito, Moisés, ciente de que seria o libertador de seu povo, pode ter pensado consigo mesmo: *"—se serei o libertador, então vamos pôr mãos à obra"*, e matou o egípcio. Este é o velho concerto. Não era este o método que Deus planejava adotar através de Seu servo. Ele estava auto-confiante e era prepotente e orgulhoso. Certamente que Deus não o poderia usar assim. Ele teve que fugir para Mídiã, onde aprenderia a ser manso e humilde e a subjugar o eu.. Quarenta anos depois Deus o abordou e ele respondeu, em outras palavras: *"Senhor, não estou qualificado para esta obra, arranja outro, eu sou gago, 'quem sou eu, que vá a Faraó e tire do Egito os filhos de Israel?"* (Ex. 3:11). Ele realmente agora era humilde e tinha seu eu totalmente subjugado. Deus deve ter pensado: *"—Agora ele está apto a ser o instrumento para a obra que tenho de fazer, agora Eu posso usá-lo."* Muitos crescem tanto que Deus não os pode usar, a não ser que subjuguem o eu. Moisés tornou-se *"um homem mui manso, mais do que todos os homens que havia sobre a terra"* (Números 12:3), e, ao se postar nas mãos de Deus para que Ele realizasse a obra através dele, entrou no novo e eterno concerto do Todo-Poderoso.

CAPÍTULO 18.

As Promessas Para Israel, 7

Pregando o Evangelho no Egito

"Então foram Moisés e Arão e ajuntaram todos os anciãos dos filhos de Israel; e Arão falou todas as palavras que o Senhor havia dito a Moisés e fez os sinais perante os olhos do povo. E o povo creu; e quando ouviram que o Senhor havia visitado os filhos de Israel e que tinha visto a sua aflição, inclinaram-se, e adoraram". Êxo. 4:29-31.

Mas eles não estavam ainda prontos para deixar o Egito. Àquela altura, em relação a ouvirem a Palavra, eram como solo rochoso. A princípio a receberam com alegria, mas logo, quando a perseguição se levantou, se escandalizaram. Se pudessem deixar o Egito sem qualquer impedimento, e conseguir uma tranqüila transferência para a terra prometida, sem dúvida não murmurariam, mas, *"por muitas tribulações nos importa entrar no reino de Deus"* (Atos 14:22), e aqueles que entram nele têm que aprender a regozijar-se, mesmo nas tribulações. Essa lição os israelitas precisavam ainda aprender.

A mensagem a Faraó, *"Assim diz o Senhor Deus de Israel, deixa o meu povo ir"*[1], sobre que trataremos mais particularmente mais adiante, resultou numa opressão ainda mais rigorosa dos israelitas. Isso de fato era-lhes uma necessidade, primeiro para que pudessem sentir maior ansiedade em partir, e posteriormente tivessem menor desejo de retornar, e, em segundo lugar, para que pudessem contemplar o poder de Deus. As pragas que advieram posteriormente sobre a terra do Egito foram tão necessárias para ensinar aos israelitas o poder de Deus para que pudessem dispor-se a ir, como foram para os egípcios, para que pudessem disporem-se a deixá-los ir. Os israelitas precisavam aprender que não tinha sido por qualquer poder humano que foram libertos, mas que tudo foi plenamente obra do Senhor. Precisavam aprender a se entregarem completamente aos Seus cuidados e direção. E em vista de que *"tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que, pela constância e pela consolação provenientes das Escrituras, tenhamos esperança"* (Rom. 15:4), ao lermos o relato devemos aprender a mesma lição.

Não é absolutamente causa de admiração que o povo se queixasse a princípio quando a perseguição aumentou em resultado da mensagem trazida por Moisés. O próprio Moisés parece ter ficado perplexo com ela, e foi perguntar ao Senhor a respeito. *"Então disse o Senhor a Moisés: Agora verás o que hei de fazer a Faraó; pois por uma mão*

poderosa os deixará ir, e por uma poderosa mão os lançará de sua terra. Falou Deus a Moisés, e disse: Eu sou Jeová; e apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó, como o Deus Todo-Poderoso; mas pelo Meu nome Jeová, não lhes fui conhecido. Estabeleci o Meu pacto com eles para lhes dar a terra de Canaã, a terra de suas peregrinações, na qual foram peregrinos. E também tenho ouvido o gemido dos filhos de Israel, aos quais os egípcios fazem servir; e lembrei-Me da Minha aliança. Portanto dize aos filhos de Israel: Eu sou Jeová; Eu vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, livrar-vos-ei da sua servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes juízos. Eu vos tomarei por Meu povo e serei vosso Deus; e vós sabereis que Eu sou Jeová vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios. Eu vos introduzirei na terra que jurei dar a Abraão, a Isaque e a Jacó; e vo-la darei por herança. Eu sou Jeová". Êxo. 6:1-8.

O Evangelho da Libertação

Aprendemos que quando Deus fez a promessa a Abraão, Ele pregou-lhe o Evangelho; necessariamente segue-se, pois, que quando Ele saiu para cumprir a promessa à Sua semente, o mesmo Evangelho foi-lhes pregado como uma preparação para o seu cumprimento. Assim aconteceu. Aprendemos da epístola aos Hebreus que o Evangelho, que nos é agora pregado, é o mesmo que foi então pregado a eles, e na passagem acima o descobrimos. Observe os seguintes pontos:

1. Deus disse a Abraão, Isaque e Jacó: *"Eu também estabeleci o Meu concerto com eles, para dar-lhes a terra de Canaã, a terra de sua peregrinação em que eram estrangeiros"*.

2. Então Ele acrescentou: *"Também ouvi o lamento dos filhos de Israel, a quem os egípcios mantêm sob escravidão, e Me lembrei do Meu concerto".*

3. Quando o Senhor diz que Se lembra de certa coisa, Ele não quer dizer que isso jamais tenha deixado de estar em Sua mente, pois isso é impossível. Nada jamais poderá escapar-Lhe. Mas, como descobrimos em várias ocasiões, Ele indica que está para realizar essa coisa. Assim, no juízo final de Babilônia, é dito: *"Deus Se lembrou das iniqüidades dela"*. Apo. 18:5. "Deus lembrou-Se da grande Babilônia, para lhe dar o cálice do vinho do furor da Sua ira", Apoc. 16:19. *"Deus lembrou-Se de Noé"* e fez com que o dilúvio cessasse, mas sabemos que por nenhum instante Noé estava esquecido na arca, pois nem mesmo um pardal é esquecido. Ver também Gên. 19:29, 30:22; e I Sam. 1:19, para o emprego da palavra *"lembrar-se"* no sentido de estar a ponto de cumprir o que foi prometido.

4. É evidente, portanto, do capítulo seis de Êxodo, que o Senhor estava a ponto de cumprir a promessa a Abraão e à sua semente. Mas com a morte de Abraão, isso

somente poderia dar-se pela ressurreição. O tempo da promessa, que Deus havia jurado a Abraão, estava bem próximo. Mas isso é evidência de que o Evangelho estava sendo pregado, uma vez que somente o Evangelho do reino prepara para o fim.

5. Deus estava Se fazendo conhecido ao povo. Somente no Evangelho, porém, é que Deus é tornado conhecido. As coisas que revelam o poder de Deus tornam conhecida a Sua divindade.

6. Deus declarou: *"Eu vos tomarei por Meu povo, e serei vosso Deus; e sabereis que Eu sou o Senhor vosso Deus"*[2]. Compare com a promessa do novo concerto, *"Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo. E não ensinará mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: 'Conhecei ao Senhor; porque todos Me conhecerão, desde o menor até o maior deles, diz o Senhor"*. Jer. 31:33, 34. Não há o que negar que esta é a proclamação do Evangelho; mas é exatamente a mesma coisa que foi proclamada aos israelitas no Egito.

7. Mas o fato que a libertação dos filhos de Israel foi de tal monta que só poderia ser efetuada mediante a pregação do Evangelho, é evidência de que não foi uma libertação comum da escravidão física para uma herança temporal. Uma perspectiva muito maravilhosa se abria perante os filhos de Israel, se apenas tivessem conhecido o dia de sua visitação, e tivessem continuado fiéis.

Pregando ao Faraó

É verdade que *"Deus não faz acepção de pessoas, mas que Lhe é aceitável aquele que, em qualquer nação, O teme e pratica o que é justo".* Atos 10:34, 35. Essa não era uma nova verdade nos dias de Pedro, mas sempre foi verdade, pois Deus é sempre o mesmo. O fato de que os homens têm geralmente sido vagarosos em percebê-lo não faz diferença. Os homens podem deixar de reconhecer o poder de Deus, mas isso não O torna menos poderoso; assim, o fato de que a grande massa dos professos seguidores de Deus têm geralmente falhado em reconhecer que Ele não faz acepção de pessoas, e é perfeitamente imparcial, mas têm suposto que os amou com exclusão de outros povos, não limitou o Seu caráter.

A promessa foi feita a Abraão e à sua semente. Mas a promessa e a bênção vieram a Abraão antes que fosse circuncidado,*"para que fosse pai de todos os que crêem, estando eles na incircuncisão, a fim de que a justiça lhes seja imputada".* Rom. 4:11.*"Não há judeu nem grego; não há servo nem livre; não há macho nem fêmea; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa".* Gál. 3:28, 29. Portanto, a promessa abrangia até mesmo os egípcios, bem como os israelitas, desde que cressem. E não abrangia israelitas descrentes mais do que os egípcios descrentes. Abraão é pai daqueles que

são circuncidados, mas unicamente daqueles que *"não somente são da circuncisão, mas que também andam nas pisadas daquela fé que teve nosso pai Abraão, que tivera antes de ser circuncidado"*[3].Se a incircuncisão mantém a justiça da lei, a incircuncisão deles é contada por circuncisão. Ver Rom. 2:25-29.

Não se deve esquecer que Deus não começou a mandar as pragas imediatamente sobre o Faraó e o seu povo. Ele não Se propôs a libertar os israelitas matando os seus opressores, mas por convertê-los. Deus *"não está querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se"*. II Ped. 3:9. Ele *"quer que todos os homens se salvem e venham ao pleno conhecimento da verdade"*. I Tim. 2:4.*"Vivo eu, diz o Senhor Deus, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas sim em que o ímpio se converta do seu caminho, e viva. Convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois, por que morrereis, ó casa de Israel?"* Eze. 33:11. Todos os homens são criaturas de Deus, e Seus filhos, e Seu grande coração de amor os abraça a todos, sem levar em conta raça ou nacionalidade.

Nesse sentido, a princípio a simples exigência foi feita a Faraó para deixar o povo de Deus sair livre. Mas ele de modo soberbo e desafiador respondeu: *"Quem é o Senhor, para que eu deva obedecer Sua voz para deixar ir Israel? Não conheço o Senhor, nem tampouco deixarei ir Israel"*. Êxo. 5:2. Daí milagres foram realizados perante ele. Inicialmente esses não eram juízos, mas simplesmente manifestações do poder de Deus. Todavia os mágicos do Faraó, os servos de Satanás, contrafizeram esses milagres, e o coração de Faraó fez-se ainda mais duro do que antes. Não obstante, o leitor cuidadoso verá que até mesmo nos milagres que foram falsificados pelos mágicos, o superior poder do Senhor foi manifesto.

O próximo artigo, na série de estudos do Evangelho Eterno, tratará sobre a tão propalada questão de como o coração de Faraó foi endurecido.

– *The Present Truth*, 3 de setembro de 1896.

Notas desta edição:

1) Êxodo 5:1;

2) Êxodo 6:7;

3) Romanos 4:12;

CAPÍTULO 19.

As Promessas Para Israel, 8

O coração de Faraó Foi Endurecido

Quando medidas suaves falharam em levar Faraó a reconhecer o poder de Deus, juízos foram enviados. Deus, que conhece o fim desde o princípio[1], disse que o coração de Faraó seria endurecido, e até que Ele próprio o endureceria; e assim aconteceu. Contudo, não se deve supor que Deus Se propôs a, deliberadamente, endurecer o coração de Faraó contra a sua vontade, de modo que ele não poderia mudar de opinião se o desejasse. Deus envia forte engano para que os homens creiam a mentira, somente àqueles que rejeitaram a verdade, e que amam a mentira. Cada qual tem apenas aquilo que mais deseja. Se qualquer homem deseja fazer a vontade de Deus, conhecerá da doutrina[2]; mas para aquele que rejeita a verdade, nada lhe é deixado, senão trevas e engano.

É interessante notar que foi a manifestação da misericórdia de Deus que endureceu o coração de Faraó. O simples pedido do Senhor foi negado com zombaria. Então as pragas começaram a cair, contudo, não de imediato, mas com intervalo de tempo suficiente para permitir que Faraó refletisse. Embora o poder dos mágicos parecesse ser tão grande quanto o exercido por Moisés e Arão, Faraó não cedia. Então fez-se manifesto que havia um poder superior àquele dos mágicos. Eles trouxeram rãs da terra, mas não podiam livrar-se delas. *"Chamou, pois, Faraó a Moisés e a Arão, e disse: Rogai ao Senhor que tire as rãs de mim e do meu povo; depois deixarei ir o povo, para que ofereça sacrifícios ao Senhor".* Êxo. 8:8. Ele havia aprendido suficientemente sobre o Senhor para chamá-Lo por Seu nome.

"Então saíram Moisés e Arão da presença de Faraó; e Moisés clamou ao Senhor por causa das rãs que tinha trazido sobre Faraó. E o Senhor fez conforme a palavra de Moisés; e as rãs morreram nas casas, nos pátios, e nos campos. E ajuntaram-nas em montes, e a terra cheirou mal. Mas ***vendo Faraó que havia descanso, endureceu o seu coração, e não os ouviu, como o Senhor tinha dito"***. Versos 12-15.

"Ainda que se mostre favor ao ímpio, nem por isso aprende a justiça; até na terra da retidão ele pratica a iniqüidade, e não atenta para a majestade do Senhor". Isa. 26:10. Foi o que se deu com Faraó. O juízo de Deus fez com que o seu soberbo propósito enfraquecesse, mas quando percebeu *"que havia descanso, endureceu o seu coração"*.

Daí veio um enxame de moscas, por ordem do Senhor, e Faraó declarou: *"Eu vos deixarei ir, para que ofereçais sacrifícios ao Senhor vosso Deus no deserto; somente não ireis muito longe; e orai por mim. Respondeu Moisés: Eis que saio da tua presença e orarei ao Senhor, que estes enxames de moscas se apartem amanhã de Faraó, dos seus servos, e do seu povo; somente não torne mais Faraó a proceder dolosamente, não deixando ir o povo para oferecer sacrifícios ao Senhor. Então saiu Moisés da presença de Faraó, e orou ao Senhor. E fez o Senhor conforme a palavra de Moisés, e apartou os enxames de moscas de Faraó, dos seus servos, e do seu povo; não ficou uma sequer. Mas endureceu Faraó ainda esta vez seu coração, e não deixou ir o povo".* Êxo. 8:28-32.

E assim se passou ao longo das várias pragas. Não nos são indicadas todas as etapas em cada caso, mas vemos que foi a longanimidade e misericórdia de Deus que endureceram o coração do Faraó. A mesma pregação que confortava os corações de muitos nos dias de Jesus, fazia com que outros se tornassem ainda mais opostos a Ele. A ressurreição de Lázaro dentre os mortos determinou, no coração dos judeus descrentes, a decisão de matá-Lo. O dia do juízo revelará o fato de que cada um dos que rejeitaram o Senhor por endurecimento de seus corações, assim agiram em face da revelação de Sua misericórdia.

O Propósito de Deus Para Com Faraó

"Então disse o Senhor a Moisés: Levanta-te pela manhã cedo, põe-te diante de Faraó, e dize-lhe: Assim diz o Senhor, o Deus dos hebreus: Deixa ir o Meu povo, para que Me sirva; porque desta vez enviarei todas as a Minhas pragas sobre o teu coração, e sobre os teus servos, e sobre o teu povo, para que saibas que não há outro como Eu em toda a terra. Agora, por pouco, tenho estendido Minha mão, e ferido a ti e ao teu povo com pestilência, e tu terias sido destruído da terra; mas, na verdade, para isso te hei mantido com vida, para te mostrar o Meu poder, e para que o Meu nome seja anunciado em toda a terra". Êxo. 9:13-16, RV (Versão Revista).

A tradução ainda mais literal do texto hebraico, do Dr. Kalisch[3], assim reza: *"Pois agora Eu poderia ter estendido a Minha mão, e poderia ter-te ferido e teu povo com pestilência; e tu teria sido eliminado da Terra. Mas somente por esta razão Eu te deixei existir, a fim de mostrar-te o Meu poder, e que o Meu nome pode ser reconhecido por toda a Terra".* Uma detida comparação mostrará que esta idéia é expressa na Versão Revista, como citado acima, mas não tão claramente.

Não se trata, como muitas vezes levianamente se supõe, que Deus tenha trazido Faraó à existência para o expresso propósito de descarregar vingança sobre ele. Tal idéia é grandemente ofensiva ao caráter do Senhor. Mas a verdadeira idéia é que Deus poderia ter eliminado Faraó no primeiro momento, e assim liberto o Seu povo sem

qualquer atraso. Isso, contudo, não estaria em harmonia com a invariável orientação do Senhor, que é conceder a cada homem ampla oportunidade de se arrepender. Deus havia por muito tempo suportado a teimosia de Faraó, e agora Se propunha a enviar juízos mais severos; todavia, Ele lhe faz advertências justas, de modo que até ele poderia volver-se de sua iniqüidade.

Deus conservou Faraó vivo, e retardou enviar os Seus juízos mais severos sobre ele, eliminando-o a fim de que pudesse demonstrar-lhe o Seu poder. Mas o poder de Deus estava sendo manifesto naquela ocasião para a salvação de Seu povo, e o poder de Deus para a salvação é o Evangelho. Destarte, Deus mantinha Faraó vivo, a despeito de sua teimosia, para conceder-lhe ampla oportunidade de aprender o Evangelho. Esse Evangelho era tão poderoso para salvar a Faraó quanto era para salvar os israelitas.

A tradução revista foi usada porque é mais clara do que a versão comum, não porque a mesma verdade não esteja expressa em cada versão. Tomemos a tradução comum, *"na verdade, para isso te hei mantido com vida, para te mostrar o Meu poder, e para que o Meu nome seja anunciado em toda a terra"*, e admitamos que isso envolve o fazer Faraó alcançar o trono. Mesmo então está longe de revelar que Deus o suscitou para o propósito de mandar-lhe pragas e matá-lo. O texto diz que foi para o propósito de demonstrar o poder de Deus e fazer com que o Seu nome fosse conhecido por toda a Terra. Concluir que Deus pode revelar o Seu poder e tornar o Seu nome conhecido somente pela destruição de homens, é ofensivo a Ele e contrário ao Evangelho.*"Sua misericórdia dura para sempre"*[4].

O propósito de Deus era de que o Seu nome fosse declarado por toda a Terra. Isto é o que foi feito, pois lemos que quarenta anos depois o povo de Canaã estava aterrorizado ante a aproximação dos israelitas, porque se lembraram do que Deus havia feito na libertação deles do Egito. Mas o propósito de Deus teria sido realizado da mesma forma se Faraó tivesse se submetido ao que desejava o Senhor. Suponhamos que Faraó tivesse reconhecido o Senhor, e tivesse aceito o Evangelho que lhe foi anunciado; qual teria sido o resultado? Ele teria feito como Moisés, e trocado o trono do Egito pelo opróbrio de Cristo e um lugar na eterna herança. Assim, ele teria sido um agente muito poderoso em declarar o nome do Senhor por toda a Terra. O próprio fato da aceitação do Evangelho por um poderoso rei teria tornado conhecido o poder do Senhor tão eficazmente quanto se deu com as pragas. E o próprio Faraó, de perseguidor do povo de Deus, a exemplo de Paulo, se tornaria um pregador da fé. É triste dizer que ele não conheceu o dia de sua visitação.

Observem particularmente o fato de que o propósito de Deus era que o *Seu nome fosse declarado por toda a Terra*. Esse acontecimento não se daria num recanto. A libertação do Egito não era algo que preocupava somente umas poucas pessoas em

uma parte do planeta. Era*"para ser para todo o povo"*[5]. De acordo com a promessa feita a Abraão, Deus estava libertando os filhos de Israel da escravidão; mas a libertação não era somente por causa deles. Através de sua libertação, o Seu nome e poder deviam ser feitos conhecidos até os confins da Terra. O tempo da promessa, sobre que Deus havia jurado a Abraão, estava se aproximando; mas sendo que essa promessa incluía a Terra inteira, fez-se necessário que o Evangelho fosse proclamado na maior extensão possível. Os filhos de Israel eram os agentes escolhidos por Deus para realizar essa obra. Em torno deles, como o núcleo, o reino de Deus devia girar. O fato de que se demonstraram infiéis à sua missão apenas retardou, mas não mudou o plano de Deus. Conquanto eles falhassem em proclamar o nome do Senhor, e até apostatassem, Deus disse: *"Tão certamente como Eu vivo, toda a terra se encherá como a glória do Senhor"*[6].

–*The Present Truth*, 10 de setembro de 1896.

Notas desta edição:

1) Isaias 46:10;

2) João 7:17;

3) Marcus Moritz Kalisch, (1828-1885) extraordinário escolástico judeu, nascido em Treptow, Pomerania, e falecido em Derbyshire. *"Comentário Histórico e Crítico do Velho Testamento, com Nova Tradução".* Edição em inglês: Longman Brown Green Longmans e Roberts, Londres, 1858. O *Pentateuco* foi apresentado em série. A primeira parte foi *Êxodo*, em 1855. Devido à excepcional erudição e originalidade de Kalisch, estes comentários são de permanente valor. Nenhum outro trabalho em inglês é tão cheio de citações antigas quanto este;

4) Salmos 106:1;

5) Lucas 2:10;

6) Números 14:21, KJV.

CAPÍTULO 20.

As Promessas Para Israel, 9

Salvo Pela Vida

De Moisés nós lemos: *"Pela fé deixou o Egito, não temendo a ira do rei; porque ficou firme, como vendo o invisível. Pela fé celebrou a páscoa e a aspersão do sangue, para que o destruidor dos primogênitos lhes não tocasse."* (Heb. 11: 27 e 28).

Não foi na primeira vez, quando fugiu do Egito com medo, que Moisés renunciou o Egito pela fé, mas quando ele saiu, depois de ter observado a páscoa. Então a ira do rei não era nada para ele, porque *"ficou firme, como vendo o invisível."* Ele estava sob a proteção do Rei dos reis.

Embora esta passagem fale somente de Moisés, não necessitamos supor que era ele o único dos filhos de Israel que tinha fé; porque lemos no próximo verso, no plural, que *"pela fé passaram o Mar Vermelho"*[1]. Mas mesmo que fosse verdade o fato de somente Moisés, de todo o povo, ter deixado o Egito pela fé, este fato provaria que todos tinham que ter saído (*do Egito) pela mesma maneira, e que toda a libertação foi uma obra de fé.

"Ele ficou firme, como vendo o invisível." Moisés viveu do mesmo modo que os verdadeiros cristãos da presente época vivem. Eis aqui o paralelo: *"Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo que, segundo a Sua grande misericórdia, nos gerou de novo para uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos, para uma herança incorruptível, incontaminável, e que não pode murchar, guardada nos céus para vós, que mediante a fé estais guardados na virtude de Deus para a salvação, já prestes para se revelar no último tempo, Em que vós grandemente vos alegrais, ainda que agora importa, sendo necessário, que estejais por um pouco contristados com várias tentações, Para que a prova da vossa fé, muito mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, se ache em louvor, e honra, e glória, na revelação de Jesus Cristo; Ao qual, não O havendo visto, amais; no qual, não O vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso; Alcançando o fim da vossa fé, a salvação das vossas almas."* 1ª Pedro 1: 3-9.

Moisés e os filhos de Israel foram chamados para a mesma herança que nós. A promessa era para eles em Cristo, tanto quanto para nós. Era uma herança para ser ganha somente pela fé em Cristo, e aquela fé era para ser tal que faria de Cristo uma real, e pessoal presença, embora invisível. E mais, a base da fé e da esperança era a ressurreição de Jesus Cristo dentre mortos. Cristo então, como agora, era a Cabeça da igreja. A verdadeira igreja não tem, e nunca teve outra cabeça a não ser uma Cabeça invisível. Eras antes de ter nascido como um neném em Belém *"O Santo de Israel"*[2] foi dado para ser *"líder e governador dos povos"* (Isa. 55: 4).

Vemos, portanto que a fé pessoal em Cristo era a base da libertação de Israel do Egito. Isto foi mostrado na observância da páscoa. As coisas chegaram a um ponto de crise. Faraó

havia persistido em obstinada resistência até que a misericórdia do Senhor não teve mais efeito sobre ele. Que Faraó agiu deliberadamente, e pecou contra a luz que recebeu, é mostrado por sua própria declaração depois dos gafanhotos terem sido enviados. Ele chamou a Moisés e a Arão, e disse, *"Pequei contra o Senhor vosso Deus, e contra vós. Agora, pois, peço-vos que perdoeis o meu pecado somente desta vez, e que oreis ao Senhor vosso Deus, que tire de mim somente esta morte."* Ex. 10: 16 e 17. Ele chegou a conhecer o Senhor, e ele sabia que rebelião contra Ele era pecado, e, no entanto, tão logo houve uma pausa ele foi obstinado como sempre. Ele definitiva e completamente rejeitou todas as propostas de Deus, e nada Lhe restou senão executar tais julgamentos sobre ele, como que para compeli-lo a desistir de sua opressão, e deixar Israel ir.

A Primeira Páscoa

Era a última noite em que os filhos de Israel deveriam permanecer no Egito. O Senhor estava para trazer Seu último grande juízo sobre o rei e sobre o povo do Egito na destruição dos primogênitos. Os filhos de Israel foram instruídos a tomar um cordeiro *"sem mácula,"* e a matá-lo à tarde, e comer a carne. *"E tomarão do sangue, e pô-lo-ão em ambas as ombreiras, e na verga da porta, nas casas em que o comerem."... "É a páscoa do Senhor. E Eu passarei pela terra do Egito esta noite, e ferirei todos os primogênitos na terra do Egito, desde os homens até aos animais; e em todos os deuses do Egito farei juízos. Eu sou o Senhor. E aquele sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; vendo Eu o sangue, passarei por vós, e não haverá entre vós praga de mortandade, quando Eu ferir a terra do Egito."* Êxodo 12: 5 a 13.

O sangue daquele cordeiro não os salvou, e eles bem o sabiam. O Senhor disse a eles que era *"um sinal"*. Era um sinal de sua fé que representava, nominalmente, *"o precioso sangue de Cristo, como de um cordeiro imaculado e sem mancha," "Porque Cristo, nossa páscoa, foi sacrificado por nós",* 1ª Cor. 5:7. O sangue do cordeiro era, portanto, somente um sinal do sangue do Cordeiro de Deus; e os que *"ficam firmes, como vendo o invisível"*[3] entenderam isto.

"A vida da carne está no sangue", Lev. 17: 11. No sangue de Cristo, isto é, na Sua vida, temos redenção, a saber, o perdão dos pecados; porque Deus O estabeleceu *"para ser a propiciação, pela fé, no Seu sangue, para demonstrar a Sua justiça pela remissão dos pecados dantes cometidos, sob a paciência de Deus",* Romanos 3: 25. Deus passa por cima dos pecados, não que Ele Se comprometa com eles, mas porque *"o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo o pecado"*, 1ª João 1: 7. A vida de Cristo é a justiça de Deus, *"porque do coração procedem as fontes da vida"*[4], e a lei de Deus estava em Seu coração como perfeita justiça. A aplicação do sangue ou da vida de Cristo é, portanto, a aplicação da vida de Deus em Cristo; e isto é o tirar do pecado.

O aspergir do sangue sobre os portais significa o que foi dito posteriormente: *"O Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças. E estas palavras, que hoje te ordeno, estarão no teu coração... E as escreverás nos umbrais de tua casa, e nas tuas portas",* Deut. 6: 4-9. A justiça da lei de Deus é encontrada somente na vida de Cristo. Pode estar no coração somente quando a vida de Deus em Cristo estiver no coração, para limpá-lo de todo o pecado. Pondo o sangue nas ombreiras das portas da casa era o mesmo que escrever a lei de Deus nas ombreiras dos portais da casa e nos portões; e indicava nada mais do que viver em Cristo, –sendo encampado por Sua vida.

Cristo é o Filho de Deus, cujo prazer era fazer a vontade do Pai. Ele é a nossa Páscoa, o mesmo que Ele era para os filhos de Israel no Egito, porque Sua vida é eterna e indestrutível, e aqueles que estão vivendo nela, pela fé, compartilham de sua segurança. Nenhum homem ou demônio pode tomar a vida dEle, e o Pai O amou, e não tinha nenhum desejo de tomar a vida dEle. Ele livremente a depôs e tornou a tomá-la. Habitar nEle, portanto – o que era significado pelo aspergir do sangue sobre as ombreiras dos portais – é estar livre do pecado, e, portanto, estar livre da ira de Deus que vem sobre os filhos da desobediência.[5]

Jesus Cristo é *"o mesmo ontem e hoje e eternamente"*, Heb.13: 8. Fé no Seu sangue, que era simbolizado pelo aspergir do sangue do cordeiro sobre as portas das casas, cumpre o mesmo hoje como sempre o fez. Quando celebramos a Santa Ceia de Deus, que foi instituída no tempo da páscoa na qual o Senhor foi traído e crucificado, celebramos a mesma coisa que os egípcios comemoraram no Egito. Eles estavam ainda no Egito quando celebraram a primeira páscoa. Foi um ato de fé, demonstrando a confiança deles em Cristo como seu prometido Libertador. Assim nós, pelo emblema do sangue de Cristo, mostramos nossa fé em Sua vida para nos preservar da destruição que está vindo sobre a terra, devido ao pecado. Naquele dia o Senhor irá salvar aqueles cuja vida esta escondida com Cristo em Deus, *"como um homem poupa a seu filho, que o serve"*, Mal. 3:17. E Há de ser pela mesma razão, porque Deus poupa Seu próprio Filho, e os homens são poupados nEle.

A Última Páscoa

Quando Cristo celebrou aquela última Páscoa com Seus discípulos, Ele disse, *"Desejei muito comer convosco esta páscoa, antes que padeça; Porque vos digo que não a comerei mais até que ela se cumpra no reino de Deus",* Lucas 22: 15 e 16. Disto aprendemos que a instituição da páscoa tem ligação direta com a vinda do Senhor para punir os maus e livrar o Seu povo. Assim, é-nos dito,*"Porque todas as vezes que comerdes este pão e beberdes este cálice anunciais a morte do Senhor, até que venha",* 1ª Cor. 11: 26.

A morte de Cristo nada é sem a ressurreição. E a ressurreição de Cristo simplesmente significa a ressurreição de todos os que estão escondidos em Sua vida. É pela Sua ressurreição que Ele nos gera para uma viva esperança incorruptível, incontaminável, e que não pode murchar[6]; e a mesma fé e a mesma herança foi prometida a Abraão, Isaque e Jacó, a quem Deus estava preparando para liderar os filhos de Israel, era *"uma pátria melhor, isto é, a celestial"*[7].

O *"aspergir do sangue"* (compare Ex. 12: 5-14; Heb. 11: 27 e 28; 12: 24; e I Pedro 1: 2-10) é o grande elo que nos une em nossa experiência cristã com o antigo Israel. Mostra que a libertação, que Deus estava operando por eles, era idêntica àquela que Ele está agora obrando em nós. Nos une a eles em um Senhor e uma fé. Cristo estava realmente tão presente com eles como quanto está conosco. Eles podiam suportar ver Aquele que é invisível, e nós não podemos fazer mais (*que eles). Ele foi *"morto desde a fundação do mundo"*[8], e, portanto, ressuscitado desde a fundação do mundo, assim todos os benefícios de Sua morte e ressurreição devem ser usufruídos por eles tanto quanto por nós. E a liberação, que Ele estava operando por eles, era bem real. A esperança deles estava na vinda do Senhor para ressuscitar os mortos, e assim completar a libertação, e nós temos a mesma bendita esperança. Tomemos exemplo de seus subseqüentes fracassos, e *"guardemos a nossa confiança inicial firmes até o fim"*[9].

A partir deste ponto nosso caminho será muito mais simples, porque poderemos ver claramente, a cada passo do caminho, que estamos apenas estudando as maneiras de Deus lidar com Seu povo no plano da salvação, e que estamos observando Seu poder para salvar e para conduzir a obra de proclamar o Evangelho. *"Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança"*[10].

–*The present Truth*, 17 de Setembro de 1896.

Notas desta edição:

1) Heb. 11: 29;

2) *"O Santo de Israel"*, expressão amplamente encontrada nas Escrituras Sagradas:

Lev. 22: 3; II Samuel 23: 1; II Reis 19: 22; Sal. 71: 22; 78: 41; 89: 18; Is. 1: 4 e 5: 19 e 24 e 10: 17;

3) Heb. 11: 27;

4) Provérbios 4: 23;

5) Efésios 5: 6;

6) I Pedro 1: 4;

7) Heb. 11: 16;

8) Apoc. 13: 8;

9) Heb. 3: 14;

10) Rom. 15: 4.

CAPÍTULO 21.

As Promessas Para Israel, 10

A Libertação Final

"Soai bem alto os tamborins sobre o escuro mar do Egito;

Jeová triunfou; Seu povo está livre".

Leiamos o relato rapidamente, como registrado pela inspiração. *"E aconteceu que à meia-noite o Senhor feriu todos os primogênitos na terra do Egito, desde o primogênito de Faraó, que se assentava em seu trono, até o primogênito do cativo que estava no cárcere, e todos os primogênitos dos animais.*

E Faraó levantou-se de noite, ele e todos os seus servos, e todos os egípcios; e havia grande clamor no Egito, porque não havia casa em que não houvesse um morto. E ele chamou Moisés e Arão de noite, e disse: Levantai-vos, saí do meio do meu povo, tanto vós como os filhos de Israel; e ide servir ao Senhor, como tendes dito. Levai também convosco os vossos rebanhos e o vosso gado, como tendes dito; e ide, e abençoai-me também a mim. E os egípcios apertavam ao povo, apressando-se por lançá-los da terra; porque diziam: Todos seremos mortos. E o povo tomou a massa, antes que levedasse, e as suas amassadeiras atadas e em suas roupas, sobre seus ombros. Fizeram, pois, os filhos de Israel conforme a palavra de Moisés, e pediram aos egípcios jóias de prata, e jóias de ouro, e vestidos.

E o Senhor deu ao povo graça aos olhos dos egípcios, de modo que estes lhe davam o que pediam; e despojaram aos egípcios.

Assim viajaram os filhos de Israel de a Ramessés a Sucote, cerca de seiscentos mil homens de pé, sem contar as crianças. Também subiu com eles uma grande mistura de gente; e rebanhos e manadas, uma grande quantidade de gado" (Êxo. 12:29-38, R.V.).

"E aconteceu que, quando Faraó deixou ir o povo, Deus não o conduziu pelo caminho da terra dos filisteus, se bem que fosse mais perto; porque Deus disse: Para que porventura o povo não se arrependa, vendo a guerra, e volte para o Egito; mas Deus fez o povo rodear pelo caminho do deserto perto do Mar Vermelho" (Êxodo 13:17, 18).

"Assim partiram de Sucote, e acamparam-se em Etã, à entrada do deserto. E o Senhor ia adiante deles, de dia numa coluna de nuvem para os guiar pelo caminho, e de noite numa coluna de fogo para os alumiar, a fim de que caminhassem de dia e de noite. Não tirou de diante do povo a coluna de nuvem de dia, nem a coluna de fogo de noite" (Êxo. 13:20-22).

"Falou o Senhor a Moisés dizendo: Fala aos filhos de Israel que se voltem e se acampem diante de Pi-Hairote, entre Migdol e o mar, diante de Baal-Zefom; em frente dele assentareis o acampamento junto ao mar. Então Faraó dirá dos filhos de Israel: Eles

estão embaraçados na terra, o deserto os encerrou.Eu endurecerei o coração de Faraó, para que os persiga; e Eu serei glorificado em Faraó, e em todo o seu exército; e saberão os egípcios que Eu sou o Senhor. E eles fizeram assim.

"Sendo, pois, anunciado ao rei do Egito que o povo havia fugido, mudou-se o coração de Faraó, e dos seus servos, contra o povo, e disseram: Por que fizemos isso, permitindo que Israel saísse e deixasse de nos servir? E Faraó aprontou o seu carro, e tomou consigo o seu povo; tomou também seiscentos carros escolhidos e todos os carros do Egito, e capitães sobre todos eles. Porque o Senhor endureceu o coração de Faraó, rei do Egito, e ele perseguiu os filhos de Israel; pois os filhos de Israel saíam com alta mão. Mas os egípcios perseguiram-nos,, com todos os cavalos e carros de Faraó, e os seus cavaleiros e seu exército, e os perseguiram e os alcançaram acampados junto ao mar" (Êxodo 14:1-9).

"Quando Faraó se aproximava, os filhos de Israel levantaram os olhos, e eis que os egípcios marchavam atrás deles; pelo que tiveram muito medo os filhos de Israel e clamaram ao Senhor: e disseram a Moisés: Foi porque não havia sepulcros no Egito que de lá nos tiraste para morrermos neste deserto? Por que nos fizeste isto, tirando-nos do Egito? Não é isto o que te dissemos no Egito: Deixa-nos, que sirvamos aos egípcios? Pois melhor nos fora servir aos egípcios, do que morrermos no deserto.

"Moisés, porém, disse ao povo: Não temais; estai quietos, e vede o livramento do Senhor, que Ele hoje vos fará; porque aos egípcios que hoje vistes, nunca mais tornareis a ver; o Senhor pelejará por vós; e vós vos calareis" (versos 10-14)

Todos estão familiarizados com a forma em que se deu a sua libertação: como, sob o comando do Senhor, o mar recuou e abriu um caminho no meio, de modo que os filhos de Israel passaram pelo leito seco, e como os egípcios tentaram fazer a mesma coisa, mas as águas do mar voltaram ao seu curso normal, engolindo-os a todos. *"Pela fé atravessaram o Mar Vermelho, como por terra seca; o que intentando os egípcios, foram afogados"* (Heb. 11:29). Vejamos alguns pontos sobre que temos lições a extrair dessa história.

1. Era Deus que estava conduzindo o povo. *"E aconteceu que, quando Faraó deixou ir o povo, Deus não os conduziu pelo caminho da terra dos filisteus".* Moisés não sabia o que fazer, ou que caminho seguir, mais do que o povo, mas apenas o que o Senhor lhe disse. Deus podia comunicar-se com Moisés porque *"Moisés foi fiel em toda a Sua casa"*

2. Quando o povo murmurou, eles estavam murmurando contra Deus, não contra Moisés. Quando disseram a Moisés*, "Por que nos fizeste isto, fazendo-nos sair do*

Egito?", na verdade estavam negando a intervenção de Deus na questão, conquanto soubessem muito bem que foi Deus quem lhes havia enviado Moisés.

3. Ante a primeira percepção de perigo, a fé do povo desvaneceu-se. Eles se esqueceram do que Deus já havia feito por eles, e quão poderosamente havia operado para a sua libertação. O último juízo sobre os egípcios deveria ter sido suficiente por si só para ensinar-lhes a confiar no Senhor, e que Ele era plenamente capaz de salvá-los daqueles egípcios que ainda permaneciam vivos.

4. Deus não determinou que o povo se empenhasse em combate algum. Ele os conduziu através do deserto, a fim de que não testemunhassem guerra. Contudo, Ele sabia que, se seguissem pelo caminho em que seguiram, os egípcios certamente os perseguiriam. Os filhos de Israel nunca tiveram maior necessidade de lutar do que quando os egípcios os encurralaram junto ao Mar Vermelho; não obstante a mensagem foi, *"o Senhor pelejará por vós; e vós vos calareis"*. Pode-se dizer que a razão porque o Senhor não queria que vissem guerra, era porque estavam ainda despreparados para lutar. Isso era suficientemente verdade; mas, por outro lado, devemos nos lembrar que o Senhor era tão capaz de lutar por eles posteriormente quanto foi na ocasião, e que, noutros eventos, Ele realmente os livrou sem que dessem um único golpe. Quando consideramos as circunstâncias de sua libertação do Egito, —como tudo se cumpriu pelo próprio poder de Deus, sem qualquer poder humano, a parte deles sendo apenas seguir e obedecer a Sua palavra, —precisamos nos convencer de que não estava de acordo com o plano de Deus que se empenhassem em qualquer luta em defesa própria.

5. Também temos que aprender que o caminho mais curto e, aparentemente, mais fácil nem sempre é o melhor. A rota, através da terra dos filisteus, era a mais curta, mas não era a melhor para ser tomada pelos israelitas. O fato de que nos pomos em lugares difíceis, onde não podemos ver nosso caminho de saída, não é evidência de que Deus não nos estivesse dirigindo. Deus conduziu os filhos de Israel àquela passagem estreita no deserto, entre as montanhas e o mar, tão certamente quanto os conduziu para fora do Egito. Ele sabia que não tinham meios de se saírem de tal armadilha, e os conduziu ali deliberadamente, a fim de que pudessem ver, como nunca antes, que o próprio Deus era responsável pela segurança deles, e que Ele era plenamente capaz de levar a cabo a tarefa que Ele havia determinado cumprir. A situação angustiosa deles tinha o propósito de ensiná-los a confiar em Deus.

6. Por fim, devemos aprender a não condená-los por sua descrença. *"Portanto, és inescusável, ó homem, qualquer que sejas, quando julgas, porque te condenas a ti mesmo naquilo em que julgas a outro; pois tu que julgas, fazes o mesmo"* (Rom. 2:1). Quando os condenamos, por não confiarem no Senhor, demonstramos que sabemos não haver qualquer escusa para nossas murmurações e temor. Temos toda evidência

do poder de Deus que eles tinham, e muitas outras evidências adicionais. Se pudermos ver claramente quão tolo era o temor deles, e quão ímpias eram suas murmurações, então cuidemos para que não nos revelemos ainda mais tolos e ímpios.

"A Segunda Vez"

Há mais uma lição que precisamos destacar nesta conexão, e é de muita importância que se lhe dedique especial atenção, pois isso inclui todos as demais. Nós a aprendemos do décimo primeiro capítulo de Isaías. Esse capítulo contém, em poucas palavras, a completa história do Evangelho, desde o nascimento de Cristo até a libertação final dos santos no reino de Deus, e a destruição dos ímpios.

"Então brotará um rebento do toco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará. E repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor. E deleitar-se-á no temor do Senhor; e não julgará segundo a vista dos seus olhos, nem reprovará segundo o ouvir dos seus ouvidos; mas julgará com justiça os pobres, e reprovará com eqüidade em defesa dos mansos da terra; e ferirá a terra com a vara de Sua boca, e com o sopro dos Seus lábios matará o ímpio. A justiça será o cinto dos Seus lombos, e a fidelidade o cinto dos Seus rins"(Isa. 11:1-5).

Comparem a primeira parte do texto acima com Lucas 4:16-18, e a última parte com Apo. 19:11-21, e veremos o quanto isso abrange. Leva-nos até a destruição dos ímpios.

Compreende todo o dia da salvação. *"Naquele dia a raiz de Jessé será posta por estandarte dos povos, será buscada pelos gentios; e Seu repouso será glorioso. Naquele dia o Senhor* ***tornará a estender a Sua mão*** *para adquirir outra vez o remanescente do Seu povo, que for deixado, da Assíria, do Egito, de Patros, da Etiópia, de Elão, de Sinar, de Hamate, e das ilhas de mar. Levantará um pendão entre as nações e ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da terra"* (Isaías 11:10-12).

Aqui, uma vez mais, temos em destaque a libertação do povo de Deus. É a segunda vez que Deus Se propõe a cumprir a tarefa, e será bem sucedida. Ele teve tal disposição, pela primeira vez, no tempo de Moisés; mas, dada a sua descrença, o povo não entrou no descanso[6]. A segunda vez resultará na eterna salvação de Seu povo. Notem que a reunião final de Seu povo é mediante Cristo, que é o estandarte para as nações; pois Deus está visitando os gentios para tirar deles um povo para o Seu nome. Eles deverão ser reunidos *"dos quatro cantos da Terra",*pois *"Ele enviará os Seus anjos com grande clangor de trombeta, os quais ajuntarão os Seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus"* (Mat. 24:31).

Que essa libertação se dará nos últimos dias, bem no encerramento da história terrena, é evidente a partir do fato de que Ele reúne um remanescente de Seu povo, isto é, os últimos dentre eles. E agora observem esta promessa e este lembrete: *"E haverá caminho plano para oremanescente do Seu povo, que voltar da Assíria, como houve para Israel no dia em que subiu da terra do Egito"* (Isa. 11:16).

Tenham em mente o fato de que a obra de libertação de Israel do Egito começou muito tempo antes do dia em que deixaram aquela terra. Começou no próprio dia em que Moisésalcançou o Egito e começou a dizer ao povo sobre o propósito de Deus em cumprir a promessa a Abraão. Toda a exibição de poder de Deus no Egito, que era apenas a proclamação do Evangelho, fazia parte da obra de libertação. O mesmo se dará no tempo em que o Senhor agir uma segunda vez para libertar o remanescente de Seu povo. Esse tempo é agora, pois *"eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação"* (II Cor. 6:2). Todo Israel será salvo, porque *"De Sião virá o Libertador, e apartará de Jacó as impiedades"* (Rom. 11:26). A obra de libertação do povo de Deus da escravidão do pecado é a mesma como a da libertação final. Quando o Senhor vier a segunda vez Ele *"transformará o corpo da nossa humilhação, para ser conforme ao corpo da Sua glória, segundo o Seu eficaz poder de até sujeitar a Si todas as coisas"*, Fil. 3:21. O poder, pelo qual nossos corpos serão transformados,—o poder da ressurreição, —é o poder pelo qual nossos pecados serão suprimidos e seremos libertos de seu controle. É pelo mesmo poder que foi revelado na libertação de Israel do Egito.

"Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego" (Rom. 1:16). Quem quer que deseje conhecer quão grande é esse poder, tem somente que examinar a libertação de Israel do Egito, e a divisão do Mar Vermelho, para ver um exemplo prático disso. Esse é o poder que deve acompanhar a pregação do Evangelho nos dias pouco antes da vinda do Senhor.

"*The Present Truth*, 24 de setembro de 1896.

---

[1] Tomas Moore (1779-1852) é conhecido como o *"poeta nacional irlandês"*. Suas poesias foram compiladas na obra *The Poetical Works of Thomas Moore*, publicado pela editora *The Walter Scott Publishing Co.*; acima foi citada a primeira estrofe do poema *"Soai bem alto os tamborins",* e é uma paráfrase de Êxodo 15:20;

[2] Muitos discursos inflamados foram feitos contra os filhos de Israel, e mesmo contra o Senhor, devido à palavra*"pediram"*, Êxodo 12:35, que na KJV trás *"apropriaram-se"* ou como está na

margem, *"exigiram"*. Os filhos de Israel trabalharam duramente e por muito tempo por nada, e agora *pediram* algo em retribuição. O que eles receberam era deles por direito.

[3] Hebreus 3:5 e 2. (Veja também a mesma afirmação dita por Deus, em Números 12:7).

[4] Quadro comparativo:

Isaías 11:1 e 2.	Lucas 4:16-18
"Então brotará um rebento do tronco de Jessé, e das suas raízes um Renovo frutificará. E repousará sobre Ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor.	*E, chegando a Nazaré, onde fora criado, entrou num dia de sábado, segundo o Seu costume, na sinagoga, e levantou-Se para ler.* *E foi-Lhe dado o livro do profeta Isaías; e, quando abriu o livro, achou o lugar em que estava escrito:* *O Espírito do Senhor é sobre Mim,* *Pois que Me ungiu para* ***evangelizar os pobres****. Enviou-Me a curar os quebrantados do coração,*
Isaías 11:3-5	Apocalipse 19: 11-21
E deleitar-Se-á no temor do Senhor; e não julgará segundo a vista dos Seus olhos, nem reprovará segundo o ouvir dos Seus ouvidos; mas julgará com justiça os pobres, e reprovará com equidade em defesa dos mansos da terra; e ferirá a terra com a vara de Sua boca, e com o sopro dos Seus lábios matará o ímpio. A justiça será o cinto dos Seus lombos, e a fidelidade o cinto dos Seus rins".	*E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco; e O que estava assentado sobre ele chama-Se Fiel e Verdadeiro; e julga e peleja com justiça.* *E os Seus olhos eram como chama de fogo; e sobre a Sua cabeça havia muitos diademas; e tinha um nome escrito, que ninguém sabia senão Ele mesmo.* *E estava vestido de uma veste salpicada de sangue; e o nome pelo qual Se chama é a Palavra de Deus.* *E seguiam-nO os exércitos no céu em cavalos brancos, e vestidos de linho fino, branco e puro.* *E da Sua boca saía uma aguda espada, para com ela ferir as nações; e Ele as regerá com vara de ferro; e Ele mesmo é o que pisa o lagar do vinho do furor e da ira do Deus Todo-Poderoso.* *E no manto e na Sua coxa tem escrito este nome: Rei dos reis, e Senhor dos senhores.*

	E vi um anjo que estava no sol, e clamou com grande voz, dizendo a todas as aves que voavam pelo meio do céu: Vinde, e ajuntai-vos à ceia do grande Deus; *Para que comais a carne dos reis, e a carne dos tribunos, e a carne dos fortes, e a carne dos cavalos e dos que sobre eles se assentam; e a carne de todos os homens, livres e servos, pequenos e grandes.* *E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra Àquele que estava assentado sobre o cavalo, e ao Seu exército.* *E a besta foi presa, e com ela o falso profeta, que diante dela fizera os sinais, com que enganou os que receberam o sinal da besta, e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no lago de fogo que arde com enxofre.* *E os demais foram mortos com a espada que saía da boca dO que estava assentado sobre o cavalo, e todas as aves se fartaram das suas carnes.*

[5] Hebreus 3: 18 e 19, *"E a quem jurou que não entrariam no seu repouso, senão aos que foram desobedientes? E vemos que não puderam entrar por causa da sua incredulidade."*

[6] Hebreus 4:6 (versão Almeida), *"Visto, pois, que resta que alguns entrem nele, e que aqueles a quem primeiro foram pregadas as boas novas não entraram por causa da desobediência"* (ou *"... por causa da incredulidade,"* KJV).

CAPÍTULO 22.

As Promessas Para Israel, 11

O Cântico De Libertação

"Então cantaram Moisés e os filhos de Israel este cântico ao Senhor, dizendo:

Cantarei ao Senhor, porque gloriosamente triunfou;

Lançou no mar o cavalo e o seu cavaleiro.

O Senhor é a minha força, e o meu cântico;

Ele se tem tornado a minha salvação;

É Ele o meu Deus, portanto o louvarei;

É o Deus de meu pai, por isso o exaltarei.

O Senhor é homem de guerra;

Jeová é o Seu nome.

Lançou no mar os carros de Faraó e o seu exército;

Os seus escolhidos capitães foram submersos no Mar Vermelho.

Os abismos os cobriram;

Desceram às profundezas como pedra.

A Tua destra, ó Senhor, é gloriosa em poder;

A Tua destra, ó Senhor, destroça o inimigo.

Na grandeza da Tua excelência derrubas os que se levantam contra Ti;

Envias o Teu furor, que os devora como restolho.

Ao sopro dos Teus narizes amontoaram-se as águas,

As correntes pararam como montão;

Os abismos coalharam-se no coração do mar.

O inimigo dizia:

Perseguirei, alcançarei, repartirei os despojos;

Deles se satisfará o meu desejo;

Arrancarei a minha espada, a minha mão os destruirá.

Sopraste com o Teu vento, e o mar os cobriu;

Afundaram-se como chumbo em grandes águas.

Quem entre os deuses é como Tu, ó Senhor?

E quem é como Tu poderoso em santidade,

Admirável em louvores, operando maravilhas?

Estendeste a mão direita,

E a terra os tragou.

Na Tua beneficência guiaste o povo que remiste;

Na Tua força o conduziste à Tua santa habitação.

Os povos ouviram e estremeceram;

Dores apoderaram-se dos habitantes da Filístia.

Então os príncipes de Edom se pasmaram;

Dos poderosos de Moabe apoderou-se um tremor;

Derreteram-se todos os habitantes de Canaã.

Sobre eles caiu medo, e pavor;

Pela grandeza do Teu braço emudeceram como uma pedra,

Até que o Teu povo passasse, ó Senhor,

Até que passasse este povo que adquiriste.

Tu os introduzirás, e os plantarás no monte da Tua herança,

No lugar que Tu, ó Senhor, aparelhaste para a Tua habitação,

No santuário, ó Senhor, que as Tuas mãos estabeleceram.

O Senhor reinará eterna e perpetuamente",

—Êxodo 15:1-18.

E agora, vejamos que instrução e encorajamento e esperança há nesse registro para nós.

1. O poder pelo qual o Mar Vermelho foi dividido, e o povo passou em segurança, foi o poder pelo qual seus inimigos deviam ser impedidos de atacá-los. Compare Êxo. 15:14-

16 e Josué 2:9-11. Se eles tivessem avançado pela fé que tiveram no momento de sua libertação, não teria havido necessidade de lutar. Nenhum inimigo teria ousado atacá-los. Agora podemos ver por que o Senhor os conduziu pelo caminho que escolheu. Mediante um ato final de livramento Ele pretendia ensinar-lhes a nunca temerem o homem.

2. Nesse mesmo poder eles deviam tornar conhecido o nome do Senhor *"pregando o Evangelho do reino*" em toda a Terra, como preparação para o fim. Essa era a obra que tinham a realizar, antes que a promessa pudesse ser completamente cumprida. Se eles tivessem mantido a fé, não teria levado tanto tempo para completarem a obra.

3. O objetivo de sua libertação era serem conduzidos e plantados no monte da herança do Senhor, —uma terra propriamente deles, onde pudessem habitar para sempre em segurança. Isso não se havia cumprido nos dias do rei Davi, mesmo quando o seu reino estava no auge; pois foi na ocasião em que teve descanso de todos os seus inimigos, e se propunha a edificar um templo ao Senhor, que Este lhe disse: *"Também designarei lugar para o Meu povo, para Israel, e o plantarei ali, para que ele habite no seu lugar, e não mais seja perturbado, e nunca mais os filhos da iniqüidade o aflijam, como dantes"* **.** Comparar com Lucas 1:67-75.

4. O plano de Deus, em libertar Israel do Egito, foi assim expresso no inspirado cântico: *"Tu os introduzirás, e os plantarás no monte da Tua herança, no lugar que Tu, ó Senhor, aparelhaste para a Tua habitação, no santuário, ó Senhor, que as Tuas mãos estabeleceram"* . Homem nenhum pode edificar uma habitação para o Senhor, pois *"o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens"* (Atos 7:48). *"O trono do Senhor está nos céus"* (Sal. 11:4). O verdadeiro santuário, a real habitação de Deus, *"que o Senhor fundou, e não o homem"* (Heb. 8:1,2), está no céu, sobre o Monte Sião. Isto está em harmonia com a promessa feita a Abraão, Isaque e Jacó, e que os levou a se considerarem estrangeiros nesta Terra, e esperar pelo país celestial e pela *"cidade que tem fundamentos, da qual o arquiteto e construtor é Deus"*(Heb. 11:10). Essa esperança, por longo tempo adiada, estava agora para cumprir-se, e teria sido cumprida rapidamente se os filhos de Israel tivessem conservado a fé de seu cântico.

5. A libertação de Israel do Egito e a divisão do Mar Vermelho é o encorajamento do povo de Deus nos últimos dias do Evangelho, quando a salvação do Senhor está próxima. Estas são as palavras que o Senhor ensina o Seu povo a proferir:

"Desperta, desperta, veste-te de força, ó braço do Senhor; desperta como nos dias da antiguidade, como nas gerações antigas. Porventura não és Tu aquele que cortou em pedaços a Raabe, e traspassou ao dragão? Não és Tu aquele que secou o mar, as águas do grande abismo; o que fez do fundo do mar um caminho, para que por ele passassem os remidos? Assim voltarão os resgatados do Senhor, e virão com júbilo a Sião; e haverá

perpétua alegria sobre as suas cabeças; gozo e alegria alcançarão, a tristeza e o gemido fugirão" (Isa. 51:9-11).

Se os antigos israelitas tivessem continuado cantando, e não tivessem interrompido o louvor para murmurar, com rapidez teriam alcançado Sião, a cidade cujo construtor e autor é Deus.

6. Quando os remidos do Senhor finalmente estiverem de pé sobre o Monte Sião, tendo as harpas de Deus, eles entoarão *"o cântico de Moisés, servo de Deus, e o cântico do Cordeiro, dizendo: Grandes e maravilhosas são as Tuas obras, ó Senhor Deus Todo-Poderoso; justos e verdadeiros são os Teus caminhos, ó Rei dos santos. Quem não Te temerá, Senhor, e não glorificará o Teu nome? Pois só Tu és santo; por isso todas as nações virão e se prostrarão diante de Ti, porque os Teus juízos são manifestos"* (Apo. 15:3, 4). Este é o cântico de libertação, o cântico de vitória.

7. Assim como os filhos de Israel entoaram o cântico de vitória, enquanto estavam junto à praia do Mar Vermelho, antes de terem alcançado a terra prometida, os filhos de Deus, nos últimos dias, entoarão o cântico de vitória antes de atingirem a Canaã celestial. Aqui está o cântico, e, ao o lermos, comparem-no com a parte inicial do cântico de Moisés, junto ao Mar Vermelho. Já lemos que, quando o Senhor Se puser a restaurar o remanescente de Seu povo pela segunda vez, *"haverá caminho plano para e restante do seu povo, que voltar da Assíria, como houve para Israel no dia em que subiu da terra do Egito"* (Isa. 11:16, RA).

"Dirás, pois, naquele dia: Graças Te dou, ó Senhor; porque, ainda que Te iraste contra mim, a Tua ira se retirou, e Tu me confortaste. Eis que Deus é a minha salvação; eu confiarei e não temerei, porque o Senhor Jeová, é a minha força e o meu cântico; e também se tornou a minha salvação. Portanto com alegria tirareis águas das fontes da salvação. E direis naquele dia: Dai graças ao Senhor, invocai o Seu nome, fazei notórios os Seus feitos entre os povos, proclamai quão excelso é o Seu nome. Cantai ao Senhor; porque fez coisas grandiosas; saiba-se isso em toda a terra. Exulta e canta de gozo, ó habitante de Sião; porque grande é o Santo de Israel no meio de ti" (Isa. 12).

Este é o cântico com o qual os redimidos do Senhor devem ir a Sião. É um cântico de vitória, mas eles podem entoá-lo agora, pois *"esta é a vitória que vence o mundo, a nossa fé"*. Somente ao proclamem a salvação do Senhor, podem compartilhá-la. Enquanto são conduzidos a Sião, aprendem o cântico que entoarão quando alcançarem aquele lugar. Assim,

"Quando, em cenas de glória,

Eu cantar o NOVO, NOVO CÂNTICO,

‘Será a VELHA, VELHA HISTÓRIA’

Que por tanto tempo tenho amado”.

The Present Truth, 1º de outubro de 1896.

---

[1] Mateus 4:23, 9:35 e Marcos 1:14.

[2] II Samuel 7:10.

[3] Gênesis 15:17.

[4] Lucas 21: 28, ú. p.: *“... a vossa redenção está próxima”*, ou à vista.

[5] Almeida Fiel e KJV, mas, na margem da King James lê-se: *“...Rei das nações”*, ou *“...Rei dos séculos”,* (como na RA, Almeida Revista e Atualizada).

[6] I João 5:4.

[7] São as duas últimas linhas da 4ª estrofe do hino 457 do *Hinário Adventista* americano. No brasileiro são as duas últimas linhas da terceira estrofe do hino 54, entretanto, no afã de adaptar as rimas, houve mudança de idéias:

E mesmo lá na glória,

No bom e eterno lar,

Tão linda e doce história,

Eu hei de celebrar.

CAPÍTULO 23.

As Promessas Para Israel, 12

Pão do Céu

Será com cânticos que os remidos do Senhor retornarão e virão a Sião. O cântico de vitória é uma evidência da fé pela qual o justo viverá. A exortação é, *"Não lanceis fora, pois, a vossa confiança, que tem uma grande recompensa"* (Heb. 10:35). *"Porque nos temos tornado participantes de Cristo, se é que guardamos firme até o fim a nossa confiança inicial"* (Heb. 3:14). Os israelitas tinham começado bem. *"Pela fé os israelitas atravessaram o Mar Vermelho, como por terra seca*" . Do

outro lado tinham cantado o cântico de vitória. É verdade que ainda estavam no deserto; mas a fé é a vitória que havia vencido o mundo, e eles tinham obtido a mais maravilhosa evidência do poder de Deus para conduzi-los em segurança ao longo da jornada. Se eles tivessem apenas continuado a cantar aquele cântico de vitória, poderiam ter chegado rapidamente a Sião.

Mas não tinham aprendido a lição perfeitamente. Eles podiam confiar no Senhor até o ponto em que podiam vê-Lo, mas não mais além. Eles *"O provocaram no mar, sim no Mar Vermelho. Não obstante, Ele os salvou por amor do Seu nome, para fazer conhecido o Seu poder. Repreendeu, também, o Mar Vermelho, e este se secou, e os fez caminhar pelos abismos como pelo deserto. E os livrou da mão daquele que os odiava, e os remiu da mão do inimigo. E as águas cobriram os seus adversários; nem um só deles ficou. Então creram nas Suas palavras, e cantaram os Seus louvores. Porém cedo se esqueceram das Suas obras; não esperaram o Seu conselho"* (Sal. 106:7-13).

Somente três dias de jornada no deserto sem água foi suficiente para fazê-los esquecer tudo quanto o Senhor havia feito por eles. Quando encontraram água, era tão amarga que não puderam bebê-la, e então murmuraram. Esta dificuldade foi facilmente remediada pelo Senhor, que mostrou a Moisés uma árvore que, quando lançada sobre as águas amargas, as tornavam doces. *"Ali Deus lhes deu um estatuto e uma ordenança, e ali os provou"* (Êxo. 15:25).

Acampados junto às palmeiras e fontes de Elim, eles não tinham nada a perturbá-los, assim que deve ter-se passado um mês antes que se pusessem a murmurar novamente. Durante esse tempo sem dúvida se sentiram bem satisfeitos consigo mesmos, bem como com o que os rodeava. Agora estavam certamente confiando no Senhor. É tão fácil imaginar que estamos fazendo progresso quando somente estamos ancorados firmes e a maré passa adiante; assim é natural pensar que temos aprendido a confiar no Senhor, quando não há provações para testar a nossa fé.

Não demorou muito para que o povo não só se esquecesse do poder do Senhor, mas estavam prontos para negar que Ele tinha jamais Se preocupado com eles. Havia decorrido apenas um mês e meio após a saída do Egito e eles chegaram ao deserto de Sim, *"que fica entre Elim e o Sinai*", e *"toda a congregação dos filhos de Israel murmurou contra Moisés e Arão no deserto. E os filhos de Israel lhes disseram: Quem nos dera que tivéssemos morrido pela mão do Senhor na terra do Egito, quando estávamos sentados junto às panelas de carne, quando comíamos pão até fartar! porque nos tendes trazido para este deserto, para matardes de fome a toda esta multidão"* (Êxo. 16:1-3).

"Então disse o Senhor a Moisés: Eis que vos farei chover pão do céu; e sairá o povo e colherá diariamente a porção para cada dia, para que Eu o prove se anda em Minha lei ou não. Mas ao sexto dia prepararão o que colherem; e será o dobro do que colhem cada dia. Disseram, pois, Moisés e Arão a todos os filhos de Israel: À tarde sabereis que o Senhor é quem vos tirou da terra do Egito, e amanhã vereis a glória do Senhor, porquanto Ele ouviu as vossas murmurações contra o Senhor; e quem somos nós, para que murmureis contra nós?"(Vs 4-7).

Na manhã seguinte, quando o orvalho se desfez, *"eis que sobre a superfície do deserto estava uma coisa miúda, semelhante a escamas, coisa miúda como a geada sobre a terra. E, vendo-a os filhos de Israel, disseram uns aos outros: Que é isto? porque não sabiam o que era. Então lhes disse Moisés: Este é o pão que o Senhor vos deu para comer. Isto é o que o Senhor ordenou: Colhei dele cada um conforme o que pode comer; um gômer para cada cabeça, segundo o número de pessoas; cada um tomará para os que se acharem na sua tenda. Assim o fizeram os filhos de Israel; e colheram uns mais e outros menos. Quando, porém, o mediam com o gômer, nada sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco; colhia cada um tanto quanto podia comer"* (Versos 14-18).

"Também lhes disse Moisés: Ninguém deixe dele para amanhã. Eles, porém, não deram ouvidos a Moisés, antes alguns dentre eles deixaram dele para o dia seguinte; e criou bichos, e cheirava mal; por isso indignou-se Moisés contra eles. Colhiam-no, pois, pela manhã, cada um conforme o que podia comer; porque, vindo o calor do sol, se derretia" (Versos 19-21).

"Mas ao sexto dia colheram pão em dobro, dois gômeres para cada um; pelo que todos os principais da congregação vieram, e contaram-no a Moisés. E ele lhes disse: Isto é o que o Senhor tem dito: Amanhã é repouso, Sábado santo ao Senhor; o que quiserdes assar ao forno, assai-o, e o que quiserdes cozer em água, cozei-o em água; e tudo o que sobejar, ponde-o de lado para vós, guardando-o para amanhã. Guardaram-no, pois, até o dia seguinte, como Moisés tinha ordenado; e não cheirou mal, nem houve nele bicho algum. Então disse Moisés: Comei-o hoje, porquanto hoje é o Sábado do Senhor; hoje não o achareis no campo. Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o Sábado; nele não haverá" (Versos 22-26).

"Mas aconteceu ao sétimo dia que saíram alguns do povo para o colher, e não o acharam. Então disse o Senhor a Moisés: Até quando recusareis guardar os Meus mandamentos e as Minhas leis? Vede, visto que o Senhor vos deu o Sábado, por isso Ele no sexto dia vos dá pão para dois dias; fique cada um **[171]** *no seu lugar, não saia ninguém do seu lugar no sétimo dia. Assim repousou o povo no sétimo dia"* (Versos 27-30).

Temos agora a história completa perante nós, e podemos estudar suas lições em detalhe. Lembrem-se que isto não foi escrito para aqueles que dela participaram, mas para nós.*"Porquanto, tudo que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança"*. Se eles falharam em aprender a lição que Deus tinha a intenção de que aprendessem daquele evento, há tanto mais razão para nós as aprendermos do relato.

-=-=-=-=-=-

O Teste

O Senhor disse que Ele provaria o povo, para ver se andariam ou não na Sua lei.**[6]** E o aspecto especial sobre que foram testados foi o Sábado. Se eles o observassem, não haveria dúvida de que observariam a lei inteira. O Sábado, portanto, era o teste crucial da lei de Deus, tal como o é agora, segundo revelarão os pontos seguintes do que já temos aprendido:-

1. O povo estava sendo liberto no cumprimento do concerto feito com Abraão. Ver Êxo. 6:3, 4. Esse concerto havia sido confirmado mediante um juramento, e o tempo da promessa que Deus jurou a Abraão havia se aproximado. Abraão observou a lei de Deus e foi por causa disso que a promessa foi mantida para os seus descendentes, Gên. 26:3-5. O Senhor disse a Isaque que iria cumprir tudo quanto havia jurado a Abraão, seu pai, *"porquanto Abraão obedeceu à Minha voz, e guardou o Meu mandado, os Meus preceitos, os Meus estatutos e as Minhas leis"* (verso 5). Agora quando Deus estava trazendo os filhos de Abraão do Egito, em cumprimento desse juramento, Ele Se propôs a testá-los para ver se eles também iriam andar em Sua lei; e o ponto sobre que os testou foi o Sábado. Isso, portanto, prova – além de toda controvérsia – que o Sábado era observado por Abraão, e que estava no concerto estabelecido com Ele. Era parte da justiça da fé, que Abraão tinha antes de ser circuncidado.

2. *"Se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa"*. Agora, uma vez que o Sábado—o mesmo que os israelitas observaram no deserto, e que os descendentes de Jacó haviam observado, ou professado a fazê-lo, até este dia—estava no concerto feito com Abraão, segue-se que é o Sábado para os cristãos observarem.

3. Já aprendemos que nossa esperança é a mesma que foi estabelecida perante Abraão, Isaque e Jacó e todos os filhos de Israel. A *"esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais"* era aquela pela qual o apóstolo Paulo estava sendo julgado (Atos 26:6); e a promessa para os fiéis é de que eles se assentarão

com Abraão, Isaque e Jacó no reino de Deus. O Senhor estende a Sua mão a segunda vez para livrar o remanescente do Seu povo, e, assim, o teste de obediência neste tempo é o mesmo que foi no começo. O Sábado é o memorial do poder de Deus como Criador e Santificador; e na mensagem que anuncia a imediata hora do juízo de Deus, o evangelho eterno, que é a preparação para o fim, é proclamada nas palavras, *"adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas"* (Apo. 14:6, 7).

Esse teste foi feito antes que a lei tivesse sido pronunciada no Sinai, e antes que o povo tivesse alcançado aquele lugar. Não obstante descobrimos que cada aspecto da lei já era conhecido. Uma clara evidência de que a lei dada no Sinai não foi o primeiro anúncio dela é que mais de um mês antes desse evento os filhos de Israel foram testados a seu respeito; e as palavras, *"Até quando recusareis guardar os Meus mandamentos e as Minhas leis?"* demonstram que eles a tinham conhecido há muito tempo, e muitas vezes a tinham quebrantado mediante a sua descrença.

Quando chegamos aos eventos ligados à outorga da lei, seremos capazes de ver mais claramente do que agora que o Sábado que se esperava que os judeus observassem não poderia, sob qualquer possibilidade, ser afetado pela morte de Cristo, mas para sempre esteve identificado com o evangelho, séculos antes da crucifixão. Nesse sentido, contudo, devemos observar um ponto em relação a quão definido era o Sábado.

Ao povo foi dito, *"Seis dias o colhereis, mas o sétimo dia é o Sábado; nele não haverá".* Esta é exatamente a mesma expressão empregada no quarto mandamento. *"Seis dias trabalharás, e farás todo o teu trabalho; mas o sétimo dia é o Sábado do Senhor teu Deus; nele não farás nenhuma obra"*. Muitas pessoas foram levadas a crer que o mandamento não é definido em seus requisitos, e que nele o Sábado não se prende a um dia fixo na semana, servindo qualquer dia da semana, desde que precedido de seis dias de trabalho. O relato da dádiva do maná mostra que esta é uma idéia errada, e que o mandamento requer não simplesmente uma parte indefinida do tempo, mas o sétimo dia da semana.

A concessão do maná mostrou quão positivamente o dia de Sábado é definido, e que não foi deixado ao homem decidir que dia deve ser. Ademais, mostrou que o *"sétimo dia"* não significa a sétima parte do tempo, mas um dia bem definido e intermitente. Se o *"sétimo dia"*representasse a sétima parte do tempo, então *"o sexto dia"* ao mesmo tempo significaria a sexta parte do tempo; se os filhos de Israel tivessem agido segundo tal pressuposto, enfrentariam logo uma dificuldade.

Há somente um período de sete dias, e esta é a semana conhecida desde a Criação. Deus trabalhou seis dias, e naqueles primeiros seis dias concluiu a obra da criação; *"descansou nesse dia de toda a obra que fizera. Abençoou Deus o sétimo dia, e o santificou; porque nele descansou de toda a Sua obra que criara e fizera"* (Gên. 2:2, 3). Portanto, quando Deus declara que o sétimo dia é o Sábado, Ele quer dizer que o Sábado é o sétimo dia da semana, o dia que é comumente conhecido como Sábado. O sexto dia, em que os filhos de Israel deviam preparar-se para o Sábado, é o sexto dia da semana, comumente conhecido como sexta-feira.

Isto está estabelecido insofismavelmente pelo registro inspirado. No registro da crucifixão e sepultamento de Cristo, é-nos dito que as mulheres foram ao sepulcro *"No fim do Sábado, quando já despontava o primeiro dia da semana"* (Mat. 28:1); e por outro autor é dito que *"passado o Sábado"* (Marcos 16:1). Fazemos referência a estes textos para mostrar que o primeiro dia da semana segue-se imediatamente ao Sábado, e que nenhum tempo se interpôs entre o encerramento do Sábado e a visita das mulheres ao sepulcro. Agora quando lemos o registro em Lucas verificamos que quando Cristo foi sepultado, *"Era o dia da preparação, e ia começar o Sábado".* As mulheres foram ver onde Ele havia sido depositado *"e, voltando elas, prepararam especiarias e ungüentos; e no Sábado repousaram, conforme o mandamento".*Depois, já *"no primeiro dia da semana, muito de madrugada, foram elas ao sepulcro"* (Luc. 23:54-56 e 24:1.

O Sábado seguiu-se à *"preparação",* e imediatamente precedeu *"o primeiro dia da semana".*Portanto, o Sábado era ***o sétimo dia da semana*****.** Mas foi *"o dia de Sábado conforme o mandamento".* Portanto, o Sábado do mandamento não é outro senão o sétimo dia da semana. Esse foi o dia que Deus assinalou na forma mais especial como o Sábado, por realizar maravilhosos milagres em Sua honra por quarenta anos. Que este fato seja bem considerado. Seja lembrado que quando quer que a Bíblia faz menção do Sábado, o sétimo dia da semana, e este somente, é que o representa. Que muito antes dos dias de Moisés esse Sábado do quarto mandamento, junto com toda a lei, estava inseparavelmente ligado ao Evangelho de Jesus Cristo será muito evidente ao prosseguirmos em nosso estudo.

—*The Present Truth*, 8 de outubro de 1896.

---

[1] Hebreus 11:29;

[2] I João 5:4;

[3] Êxodo 16:1;

[4] Gômer, ou omer é uma medida perto de 2,2 litros, um décimo de um efa.. *"O efa era, originariamente uma medida de capacidade egípcia, hoje ainda desconhecida, tomada pelos hebreus como uma medida básica para grãos, equivalente, aproximadamente, a 22 litros"*(*Dicionário Bíblico*, vol. 8 da série *SDABC*, pág. 332);

[5] Romanos 15:4;

[6] Êxodo 16:4, ú.p., *"...para que Eu o prove se anda na minha lei ou não";*

[7] Gálatas 3:29;

[8] Êxodo 16:28;

[9] Êxodo 20: 9 e 10.

CAPÍTULO 24.

As Promessas Para Israel, 13

-==-=-=-=-=-

Vida Procedente de Deus

Ouça e Viva

No final da jornada pelo deserto, Moisés disse ao povo, *"Todos os mandamentos que hoje Eu vos ordeno cuidareis de observar, para que vivais, e vos multipliqueis, e entreis, e possuais a terra que o Senhor, com juramento, prometeu a vossos pais. E te lembrarás de todo o caminho pelo qual o Senhor teu Deus tem te conduzido durante estes quarenta anos no deserto, a fim de te humilhar e te provar, para saber*

o que estava no teu coração, se guardarias ou não os Seus mandamentos. Sim, Ele te humilhou, e te deixou ter fome, e te sustentou com o maná, que nem tu nem teus pais conhecíeis; para te dar a entender que o homem não vive só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor, disso vive o homem"(Deu. 8:1-3).

"Porque a palavra de Deus é viva e eficaz" (Heb. 4:12). Cristo disse, *"O Espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que eu vos tenho dito são espírito e são vida"* (João 6:63). Mediante o profeta, Ele diz, *"Inclinai os vossos ouvidos, e vinde a mim; ouvi, e a vossa alma viverá"* (Isa. 55:3). *"Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora, e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os que a ouvirem viverão"*(João 5:25). Esse tempo havia chegado nos dias quando os filhos de Israel estavam no deserto. Na concessão do maná Ele lhes estava ensinando que os homens poderiam viver somente por *"de toda palavra que sai da boca do Senhor".*

Observem bem isto. Deus os estava provando, pela concessão do maná, se eles caminhariam em Sua lei ou não. Mas, ao mesmo tempo, Ele lhes estava ensinando que a lei é vida. Jesus declarou: *"E sei que o Seu mandamento é vida eterna" .* (João 12:50). Eles tinham que observar os mandamentos para que vivessem, mas somente os poderiam guardar por ouvi-los. A vida está nos próprios mandamentos, e não no indivíduo que tenta observá-los. Ele não pode obter vida de seus próprios esforços, contudo deve obter vida mediante os mandamentos. A graça reina mediante a justiça para a vida eterna mediante Jesus Cristo nosso Senhor. A razão é que a palavra por si é vida, e se a ouvimos atentamente, por ela viveremos. *"Ah! se tivesses dado ouvidos aos Meus mandamentos! então seria a tua paz como um rio, e a tua justiça como as ondas do mar"* (Isa. 48:18).

Jesus disse, *"se queres entrar na vida, guarda os mandamentos"* (Mat. 19:17). Mas não é por nossos esforços que nos adequamos a um certo padrão, e por nos medirmos por ele para ver que progresso estamos fazendo, que obtemos justiça e vida. Tal seria o caminho dos fariseus, não dos cristãos. Abraão observou todos os mandamentos de Deus, e, não obstante, nenhuma linha deles estava escrita. Como ele conseguiu fazê-lo? Por ouvir a voz de Deus, e por nEle confiar. Deus deu testemunho de que ele tinha a justiça da fé.

Do mesmo modo em que Ele conduziu Abraão, Deus estava conduzindo os filhos de Israel. Ele lhes havia falado por Seus profetas, e pelos milagres que havia operado em libertá-los do Egito, havia-lhes mostrado o Seu poder para operar nEles a justiça. Se eles apenas tivessem ouvido a Sua voz, e nEle crido, não teria havido dificuldade com respeito a sua própria justificação. Se tivessem somente confiado em Deus, em vez de confiar em si mesmos, Ele teria sido responsável por sua justiça e vida. *"Ouve-*

me, povo Meu, e Eu te admoestarei; ó Israel, se Me escutasses! não haverá em ti deus estranho, nem te prostrarás ante um deus estrangeiro. Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito; abre bem a tua boca, e Eu a encherei" (Sal. 81:8-10). *"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque eles serão fartos".* Mat. 5:6. Na concessão do maná, Deus estava tentando ensiná-los este fato, e no registro disso Ele espera que aprendamos a lição. Estudemo-la, então, um pouco mais detidamente.

-=-=-=-=-=-=-=-

Pão Vivo

O apóstolo Paulo nos diz que os filhos de Israel no deserto *"beberam todos da mesma bebida espiritual"*(I Cor. 10:4). Já lemos as palavras do Senhor quando Ele prometeu dar-lhes alimento, dizendo, *"Eis que vos farei chover pão do céu".* Ele *"ordenou às nuvens lá em cima, e abriu as portas dos céus; fez chover sobre eles maná para comerem, e deu-lhes do trigo dos céus. Cada um comeu o pão dos poderosos; Ele lhes mandou comida em abundância"* (Sal. 78:23-25)

O alimento que eles tinham para comer não era um produto da terra pela qual estavam passando. Se tivesse sido, eles a teriam obtido antes. Mas a Escritura nos diz que choveu do céu. Veio diretamente de Deus. Era a sua "*bebida espiritual*", "*o pão dos anjos*" Como teria se dado com eles se somente tivessem crido, aprendemos do relato de outra ocasião quando uma multidão de pessoas foi miraculosamente alimentada no deserto.

No sexto capítulo de João temos o relato de outra maravilhosa provisão de alimento para uma multidão de pessoas no deserto. Havia *"cerca de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças",* e a quantidade de alimento entre o grupo era de cinco pães e dois peixes. Um dos discípulos disse que duzentos denários não seriam suficientes para todos receberem um pouco. Não admira que André dissesse dos limitadíssimos cinco pães e peixes, *"O que é isso para tantos?"*

Não obstante Jesus *"sabia o que fazer".* Ele tomou os pães em Suas mãos e ofereceu uma oração de graças, e então deu os pães aos discípulos para distribuí-los entre a multidão. O mesmo foi feito com os peixes. O resultado foi de que daquela insignificante quantidade, que normalmente nem lhes permitiria sequer provar tais alimentos, todos foram satisfeitos, e houve doze cestos de fragmentos deixados. Havia mais alimento quando eles terminaram do que quando começaram.

De onde procedera aquele pão? Só há uma possível resposta, ou seja, veio do próprio Senhor. A vida Divina que estava nEle, que é a fonte de toda vida, fez com que o pão se multiplicasse, tal como fizera o grão crescer, do qual fora feito. A multidão, portanto, comeu do próprio Cristo. Era a Sua própria vida que representou o nutrimento de seus corpos naquele dia. O milagre foi operado com o propósito de satisfazer os seus anseios físicos: mas aquilo tinha o desígnio de ensiná-lhes uma lição espiritual muito valiosa, que Jesus apresentou perante eles no dia seguinte.

Quando as pessoas encontraram Jesus no dia seguinte, Ele os reprovou por se interessarem mais pelos pães e peixes do que pelo melhor alimento que Ele tinha para eles. Ele disse: *"Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela comida que permanece para a vida eterna, a qual o Filho do homem vos dará; pois neste, Deus, o Pai, imprimiu o Seu selo".* Então eles Lhe disseram, *"Que havemos de fazer para praticarmos as obras de Deus?"* Jesus respondeu, *"A obra de Deus é esta: Que creiais Naquele que Ele enviou".* João 6:28, 29. Assim, não obstante tudo quanto eles haviam visto e experimentado, pediram-lhe por um sinal, dizendo: *"Que sinal, pois, fazes Tu, para que o vejamos e Te creiamos? Que operas Tu?"* E então, não percebendo que tinham visto o mesmo milagre repetido de fato para eles, referiram-se à concessão do maná, dizendo, *"Nossos pais comeram o maná no deserto, como está escrito: Do céu deu-lhes pão a comer"* (Versos 30, 31.

Jesus então lhes fez lembrar que não foi Moisés quem lhes deu pão no deserto, mas que Deus lhes dá o verdadeiro pão do céu. Ele lhes disse: *"o pão de Deus é Aquele que desce do céu e dá vida ao mundo".* Ainda falhando em captar o que Jesus queria dizer, eles pediram para ter sempre esse pão da vida, quando Ele lhes disse claramente que Ele próprio era o pão da vida dizendo: *"Eu sou o pão da vida; aquele que vem a Mim, de modo algum terá fome, e quem crê em Mim jamais terá sede".* E ainda mais tarde Ele declarou: *"Em verdade, em verdade vos digo: Aquele que crê em Mim tem a vida eterna. Eu sou aquele pão da vida. Vossos pais comeram o maná no deserto e morreram. Este é o pão que desce do céu, para que o que dele comer não morra. Eu sou o pão vivo que desceu do céu; se alguém comer deste pão, viverá para sempre; e o pão que eu darei pela vida do mundo é a minha carne".* Versos 32-51.

Assim como o povo comeu daquele pão que veio do Senhor Jesus, e foram fortalecidos por ele, do mesmo modo poderiam, se tivessem crido, ter recebido vida espiritual dEle. Sua vida é justiça e todos quantos comem dEle em fé devem receber justiça. À semelhança do Israel antigo, eles estavam comendo pão do céu, e como os israelitas, não o apreciaram a ponto de obter o pleno benefício dele.

-- *The Present Truth*, 15 de outubro de 1896.

---

[1] I Coríntios 10:4;

[2] Algumas versões dizem, *"o pão dos poderosos"*;

[3] "João 6:7, ou duzentos dinheiros, Marcos 6:37, eram 200 *denarii* romanos, equivalentes a 200 dias de salário médio de um trabalhador comum," *SDABC*, vol. 5, pág. 617.

CAPÍTULO 25.

As Promessas Para Israel, 14

-=-=-=-=-=-=-=-=-

Vida da Palavra

Os judeus acharam difícil crer nas palavras de Cristo, de que Ele lhes daria a comer a Si mesmo. Disseram: *"Como pode esse Homem dar-nos de Sua carne para comer?"* Jesus repetiu a declaração até mais enfaticamente, e então disse: *"O espírito é o que vivifica, a carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos disse são espírito e são vida"*.

Se cada um deles pudesse ter comido da carne de Cristo ao Ele ali estar, e a carne que eles tinham pudesse ser substituída, de modo a que pudessem continuar comendo-a, levando-a a seus estômagos, e a assimilando, não teriam obtido benefício duradouro dela. Nenhum bem espiritual dela lhes resultaria. Isso é o que

de fato já haviam feito, quando comeram do pão que procedia da vida que havia em Seu corpo; mas dele não haviam tirado proveito. Assim, se a reivindicação dos romanos fosse verdadeira, de que os sacerdotes têm o poder de transformar o pão na carne real de Cristo, não haveria proveito nisso. As pessoas poderiam comer dela, e permanecer tão ímpias quanto sempre. *"A carne para nada aproveita; as palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida"* (João 6:63).

"Pela palavra do Senhor foram feitos os céus, e todo o exército deles pelo sopro da sua boca"(Sal. 33:6). *"E disse Deus: Produza a terra relva, ervas que dêem semente, e árvores frutíferas que, segundo as suas espécies, dêem fruto que tenha em si a sua semente, sobre aterra.* ***E assim foi*****"** (Gên. 1:11). Toda vida vegetal é apenas a manifestação da vida da palavra do Senhor. A vida que havia em Sua palavra fez com que o grão crescesse no princípio, e a mesma vida tem feito ela crescer desde então. Portanto, todo o alimento que o homem tem para comer é o que procede da palavra de Deus. Não podemos ver a vida num grão de trigo, mas quando comemos o pão de que é feito, nós a experimentamos. Mas a força física que recebemos do alimento é somente a operação da palavra do Senhor. Agora, se não reconhecemos e aceitamos a Deus nisso, nada obteremos senão força física; mas se em tudo percebemos e confessamos a Deus, recebemos da Sua vida de justiça. Ele declara,*"Reconhece-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas"* (Prov. 3:6).

Quando Deus dirige nossos caminhos, tais veredas serão retas; pois *"quanto a Deus, o Seu caminho é perfeito"* (Sal. 18:30). As pessoas que comeram do pão no deserto não criam no Senhor e não reconheceram Sua vida, e assim não obtiveram qualquer vida espiritual dele. Assim se deu com os filhos de Israel no deserto. *"Porque não creram em Deus nem confiaram na Sua salvação. Contudo Ele ordenou às nuvens lá em cima, e abriu as portas dos céus; fez chover sobre eles maná para comerem, e deu-lhes do trigo dos céus"* (Sal. 78:22-24). Destarte, conquanto estivessem de fato se alimentando da vida de Cristo, não receberam vida espiritual, dada a sua cega descrença. Na concessão do maná Deus estava oferecendo a mesma lição que Cristo deu à multidão no deserto, ou seja, de que a Sua palavra é vida, e que*"Nem só de pão viverá o homem, mas de toda palavra que sai da boca de Deus"*.

O maná foi o teste de sua lealdade à lei de Deus, e especialmente ao Sábado como o selo dessa lei. Mas no maná eles estavam assimilando a Cristo, se somente se tivessem dado conta disso. Portanto, temos que aprender que se apenas permitirmos que Cristo habite em nossos corações pela fé em Sua palavra,—não só numa parte, mas nela toda, —Ele trará à nossa vida a observância de toda a lei,

inclusive o Sábado. Cada palavra que procede da boca de Deus é necessária para as nossas vidas.

É costumeiro entre os cristãos dar graças toda vez que comem. Há tanta razão para dar graças quando bebemos, ou quando recebemos qualquer outra bênção de Deus. *"Em tudo dai graças; pois esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus com respeito a vós"*. O problema é que dar graças tantas vezes se constitui numa mera formalidade. É muitas vezes praticado por ter-se tornado um costume, não sendo procedente do coração. O que isso realmente significa? Apenas que nossa comida e bebida, e tudo que é necessário para a nossa vida, vêm de Deus. É tudo uma manifestação de Seu amor por nós. Mas sendo que *"Deus é amor",* a manifestação de Seu amor é apenas a manifestação de Sua vida. Ao partilharmos dos benefícios do Seu amor, estamos de fato partilhando dEle. Agora, se continuamente reconhecermos e acatarmos isso, quer estejamos a comer ou beber, ou seja o que fizermos, tudo será feito para a glória de Deus. Viveremos como se estivéssemos em Sua direta presença. Sabendo que a Sua vida é justiça, e que a Sua palavra é a Sua vida, nossas graças pela comida serão de gratidão por Sua palavra.

Quem não pode ver que essa vida deve necessariamente ser uma vida justa? Com nossa alimentação diária devemos estar nos alimentando de Cristo, e assim, logicamente, de Sua justiça. É isso que Deus deseja que aprendamos do relato da concessão do maná. Era a vida deles, e se tivessem reconhecido a Cristo nela, a vida deles teria sido a justiça da lei. Mas nosso alimento diário procede de Deus tão certamente quanto o deles. Que aprendamos a lição que eles negligenciaram.

-=-=-=-=-=-=-

Uma Lição de Igualdade

No relato da outorga do maná, encontramos a declaração muitas vezes repetida de que *"cada um colheu tanto quanto podia comer".* Também lhes foi dito para colherem para aqueles que estavam nas tendas. *"Assim o fizeram os filhos de Israel; e colheram uns mais e outros menos. Quando, porém, o mediam com o gômer, nada sobejava ao que colhera muito, nem faltava ao que colhera pouco; colhia cada um tanto quanto podia comer".* Êxo. 16:17, 18.

Há algo maravilhoso com respeito a isso. Parece como se houvesse um milagre no fato, e assim se dava, em certo sentido; mas o milagre não consistia em que uma quantidade maior de certo homem subitamente se reduzisse em medida, e a medida de metade de outro homem misteriosamente se completasse. O Apóstolo Paulo nos ajuda a ter um entendimento disso. Escrevendo aos irmãos coríntios, com respeito

ao dar, ele declarou: *"Mas, não digo isto para que os outros tenham alívio e vós opressão, mas para que haja igualdade, suprindo, neste tempo presente, na vossa abundância a falta dos outros, para que também a abundância deles venha a suprir a vossa falta, e assim haja igualdade; como está escrito: Ao que muito colheu, não sobrou; e ao que pouco colheu, não faltou"* (2 Cor. 8: 13-15).

O milagre foi o da graça de Deus em dar. Aquele que reuniu muito nada tinha de sobra; porque ele dividia com alguém mais que tinha pouco, ou que não tivesse sido capaz de colher nada; e assim aquele que colhera pouco não tinha carência. Assim descobrimos que ali no deserto ocorria o mesmo princípio que se manifestou na Igreja no dia do Pentecostes. *"Da multidão dos que criam, era um só o coração e uma só a alma, e ninguém dizia que coisa alguma das que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns. Com grande poder os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. Pois não havia entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam terras ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que vendiam e o depositavam aos pés dos apóstolos".* Atos 4:32-34.

Falamos muito das faltas dos antigos israelitas; é bom às vezes considerar o outro lado. Com todas as suas faltas, eles nada tinham de diferente do que é comum aos homens. Eles não eram piores do que as pessoas em geral são, e às vezes ascendiam a alturas de fé e confiança que raramente são vistas. Não devemos imaginar que sempre mantinham esta bondade e que não havia ambiciosos entre eles. Assim também se dava na Igreja, cuja história é narrada em Atos dos Apóstolos. Mas nos é suficiente saber o que fizeram pelo menos em parte do tempo, e saber que Deus os aprovava. Deus lhes deu pão em abundância. A parte deles era simplesmente colher. Não havia, portanto, razão nenhuma para não dividirem com seus irmãos necessitados. De fato, ao considerarmos a questão à distância, parece a coisa mais natural do mundo assim agir.

Mas a nossa condição não difere da deles. Nada temos exceto aquilo que procede do Senhor. Ele é quem tudo nos concede, e o máximo que podemos fazer é recolher as Suas bênçãos. Portanto, não devemos considerar qualquer de nossas posses como sendo nossa, mas mantê-las somente em custódia para Ele. Mas observem que isso era muito diferente de todos os modernos esquemas de comunismo. Não era uma divisão de propriedade por lei, mas um dar diário de parte do forte para com o fraco. Ninguém reservava nada para o futuro, deixando outros destituídos de provisões para o presente, mas confiavam em Deus como provedor do dia-a-dia.

Esse tipo de comunismo não pode ser conseguido por quaisquer planos humanos. É o resultado do amor de Deus no coração. *"Quem, pois, tiver bens do mundo, e,*

vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele o amor de Deus?”.‘Porque já conheceis a graça de nosso Senhor Jesus Cristo, que, sendo rico, por amor de vós Se fez pobre, para que pela Sua pobreza enriquecêsseis”. Essa graça e esse amor caracterizam o verdadeiro Israel.

- *The Present Truth*, 22 de outubro de 1896.

---

[1] João 6:52;

[2] Mat. 4:4;

[3] I Tess. 5:18;

[4] 1 João 3:17;

[5] 2 Cor. 8:9.

CAPÍTULO 26.

As Promessas Para Israel, 15

Água da Rocha – Água Viva

“Rocha Eterna, Meu Jesus, Tu morreste lá na cruz!”

“Depois toda a congregação dos filhos de Israel partiu do deserto de Sim pelas suas jornadas, segundo o mandamento do SENHOR, e acampou em Refidim; e não havia ali água para o povo beber. Então contendeu o povo com Moisés, e disse: Dá-nos água para beber. E Moisés lhes disse: Por que contendeis comigo? Por que tentais ao SENHOR? Tendo pois ali o povo sede de água, o povo murmurou contra Moisés, e disse: Por que nos fizeste subir do Egito, para nos matares de sede, a nós e aos nossos filhos, e ao nosso gado? E clamou Moisés ao SENHOR, dizendo: Que farei a este povo? Daqui a pouco me apedrejará. Então disse o SENHOR a Moisés: Passa diante do povo, e toma contigo alguns dos anciãos de Israel; e toma na tua mão a tua vara, com que feriste o rio, e vai. Eis que Eu estarei ali diante de ti sobre a rocha, em Horebe, e tu ferirás a rocha,

e dela sairão águas e o povo beberá. E Moisés assim o fez, diante dos olhos dos anciãos de Israel. E chamou aquele lugar Massá e Meribá, por causa da contenda dos filhos de Israel, e porque tentaram ao SENHOR, dizendo: Está o SENHOR no meio de nós, ou não?"(Êxo. 17:1-7).

Temos visto que no maná Deus estava dando ao povo alimento espiritual. De igual modo, no que se refere ao evento há pouco narrado, que *"beberam todos de uma mesma bebida espiritual, porque bebiam da pedra espiritual que os seguia; e a pedra era Cristo"* (1 Cor. 10:4). Água é uma das coisas mais essenciais à vida. É um emblema da vida. Sem um apropriado suprimento de água animais e plantas logo deixam de existir. Aquelas pessoas no deserto logo teriam perecido, se água não lhes tivesse sido fornecida. Para elas, portanto, significava vida. Todos quantos já tenham sofrido sede podem imaginar vividamente como o ânimo dos filhos de Israel se reanimou, e nova vida se lhes despertou, ao beberem aquela água viva, fresca, cristalina que brotou da rocha ferida.

"E a Rocha era Cristo". Muitas vezes o Senhor é representado como uma Rocha. *"O SENHOR é o meu rochedo, e o meu lugar forte, e o meu libertador; o meu Deus, a minha fortaleza"* (Sal. 18:2). *"O SENHOR é reto. Ele é a minha rocha e nEle não há injustiça"* (Sal. 92:15).*"Engrandecei a nosso Deus. Ele é a Rocha, cuja obra é perfeita, porque todos os seus caminhos justos são; Deus é a verdade, e não há nEle injustiça; justo e reto é"* (Deu. 32:3, 4). Jesus Cristo é a Rocha sobre a qual a Igreja é edificada—"*pedra viva, rejeitada, na verdade, pelos homens, mas, para com Deus eleita e preciosa*", sobre a qual, se a Ele formos, somos edificados *"como casa espiritual"* (I Pe. 2:4, 5). Tanto os profetas quanto os apóstolos edificaram sobre Ele, não só como *"principal pedra de esquina"* (Efé. 2:20), mas como o completo fundamento, e o único que pode ser lançado. 1ª Cor. 3:11. Quem quer que não edifique sobre Ele, edifica sobre areia movediça.

A rocha que o povo viu no deserto era uma mera figura da Rocha Jesus Cristo, que sobre ela Se postou, mas a quem eles não viam. Aquela rocha dura não podia fornecer água. Não havia um suprimento inesgotável conservado dentro dela, que, uma vez aberta, prosseguisse fluindo sempre fresca e suave. Não tinha vida. Mas Cristo, o "*Autor da vida*", postou-Se sobre a mesma, e foi dEle que a água procedeu. Não precisamos especular neste caso, pois as Escrituras claramente nos dizem que o povo bebeu de Cristo.

Isso deve ter sido evidente a cada um que tenha dedicado um momento de reflexão sobre a questão. De fato, a água foi concedida como uma resposta direta a uma pergunta incrédula,*"Está o Senhor entre nós ou não?"* Ao lhes fornecer água extraída da dura rocha no deserto estéril e seco, o Senhor revelava ao povo que Ele realmente estava com eles; pois ninguém mais, a não ser Ele, poderia ter realizado aquilo.

Mas Ele não estava entre eles como um mero hóspede. Ele era a vida deles, e esse milagre destinava-se a ensinar-lhes esse fato. Eles sabiam que a água era sua única esperança de vida, e não podiam deixar de perceber que a água que os reanimava viera diretamente do Senhor. Portanto, aqueles que se detiveram a pensar devem ter visto que Ele era a vida e o sustentador deles. Soubessem disso ou não, estavam bebendo diretamente de Cristo, isto é, recebendo a Sua vida. Com Ele está o *"manancial da vida"* (Sal. 36:9).

Fazia toda diferença do mundo o povo reconhecer ou não a Cristo como a fonte de sua vida. Se o fizessem, se bebessem em fé, receberiam vida espiritual da Rocha. Se não reconhecessem ao Senhor em Seu gracioso dom, então a água não seria para eles mais do que o que seria para o seu gado. *"O homem que está em honra, e não tem entendimento, é semelhante aos animais, que perecem"* (Sal. 49:20). Quando as pessoas com suas habilidades superiores não reconhecem a Deus em Seus dons mais do que o faria o seu gado, revelam-se em menor discernimento do que o gado. *"O boi conhece o seu possuidor, e o jumento a manjedoura do seu dono; mas Israel não tem conhecimento, o Meu povo não entende"* (Isa. 1:3).

Em vista do milagre da água procedente da Rocha, o próprio Senhor—podemos entender melhor a força de Suas palavras quando, mais tarde, assim expressou a grandeza do pecado deles em dEle se desviarem: *"Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos! Ficai verdadeiramente desolados, diz o SENHOR. Porque o Meu povo fez duas maldades: a Mim Me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram para si cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas"*(Jer. 2:12, 13).

O salmista disse ao Senhor: *"Ele é a minha Rocha, e nEle não há injustiça"* Sua vida é justiça. Portanto, aqueles que vivem pela fé nEle vivem vidas justas. A água que procedeu da Rocha, no deserto, era para a vida do povo. Era a própria vida de Cristo. Se, portanto, ao beber dela eles tivessem reconhecido a Fonte da qual procedeu, teriam estado bebendo em justiça, e teriam sido abençoados com justiça; pois está escrito, *"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça porque eles serão fartos"* (Mat. 5:6). Se temos sede por justiça, e somos fartos, é somente por bebermos a justiça da qual tivemos sede.

Jesus Cristo é a fonte de água viva. Assim, quando a mulher samaritana expressou surpresa por Ele lhe ter pedido para beber, ao estar junto ao poço de Jacó para tirar água, Ele lhe disse: *"Se tu conheceras o dom de Deus, e quem é o que te diz: Dá-Me de beber, tu Lhe pedirias, e Ele te daria água viva".* Ao ela reagir ainda surpresa por Suas palavras, Ele aduziu: *"Qualquer que beber desta água tornará a ter sede; Mas aquele que beber da água que Eu lhe der nunca terá sede, porque a água que Eu lhe der se fará nele uma fonte de água que salte para a vida eterna"* (João 4:10-14).

Essa água viva pode ser bebida agora por *"quem quiser".* Pois *"o Espírito e a noiva dizem: Vem. E quem ouve, diga: Vem. E quem tem sede, venha; e quem quiser, receba de graça a água da vida"* (Apoc. 22:17).

Essa água da vida, da qual todos são convidados a beber livremente, é *"a pura água da vida, brilhante como cristal, que procedia do trono de Deus e do Cordeiro*" (Apoc. 22:1). Ela procede de Cristo, pois quando João viu o trono, do qual a água da vida procede, ele viu *"no meio do trono" "um Cordeiro em pé, como havendo sido morto, e tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete Espíritos de Deus, enviados por toda a terra"* (Apoc. 5:6).

Se olharmos para o Calvário veremos isso tornado ainda mais claro. Ao Jesus pender da cruz,*"um dos soldados Lhe furou o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água"* (João 19:34). Agora *"três são os que dão testemunho: o Espírito, e a água, e o sangue; e estes três concordam"* (1 João 5:8). Sabemos que *"o sangue é vida"* (Lev. 17: 11, 14), e que *"o espírito vive por causa da justiça"* (Rom. 8:10); portanto, desde que o Espírito e a água e o sangue concordam em um, a água deve também ser a água da vida. Sobre a cruz Cristo derramou a Sua vida pela humanidade. Seu corpo era o templo de Deus, e Deus estava entronizado no Seu coração; assim a água da vida que fluiu de Seu lado ferido era a mesma água da vida que flui do trono de Deus, da qual podemos todos beber e viver. O Seu coração é a fonte aberta *"para remover o pecado e a impureza"* (Zac. 13:1).

É o Espírito de Deus que nos traz esta água; ou, antes, é por receber o Espírito Santo que recebemos a água da vida; e isso o fazemos pela fé em Cristo, que é representado pelo Espírito Santo. No último dia da festa dos tabernáculos, *"Jesus pôs-Se em pé e clamou, dizendo: Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem crê em Mim, como diz a Escritura, do seu interior correrão rios de água viva. Ora, isto Ele disse a respeito do Espírito que haviam de receber os que nEle cressem"* (João 7:37-39).

O Espírito Santo, recebido no coração, nos traz a verdadeira vida de Cristo, mesmo aquela*"vida eterna, que estava com o Pai, e a nós foi manifestada"* (I João 1:2). Quem quer que receba de bom grado o Espírito Santo recebe a água da vida, que vem junto com o sangue de Cristo que purifica de todo o pecado. Essa teria sido a porção dos israelitas no deserto, se apenas tivessem bebido em fé. Na rocha que Moisés feriu, eles tinham, tal como os gálatas nos dias de Paulo, a Jesus Cristo *"evidenciado ... como crucificado"* entre eles. Gál. 3:1. Estavam aos pés da cruz de Cristo como realmente fizeram os judeus que saíram de Jerusalém, rumo ao Calvário. Muitos deles não conheciam o dia de sua visitação, e assim pereceram no deserto, assim como mais tarde os judeus não conheceram o Cristo crucificado, e assim pereceram em seus pecados na destruição de Jerusalém. *"Mas, a todos quantos O receberam, aos que crêem no Seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus"* (João 1:12).

Os israelitas nos dias de Moisés não tinham desculpas por não conhecer o Senhor, pois Ele Se fez conhecer a eles por muitos poderosos milagres. Não havia desculpas para não O reconhecerem como *"o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo,"* pois tinham evidência diária de que Ele era a sua vida; a rocha ferida continuamente lhes falava da Rocha de sua salvação, despejando a Sua vida por eles a partir de Seu lado ferido.

Os remidos do Senhor deverão vir a Sião com cânticos, mas não lhes será forçado cantar. Eles cantarão por estarem felizes; porque nada, a não ser cânticos, expressará o seu gozo. Esse gozo é o gozo do Senhor. Ele os alimenta com Pão do céu, e os fazem beber da Água do rio de Seus prazeres. Isto é, Ele lhes concede a Si mesmo. Mas quando o Senhor nos concede a Si mesmo, nada mais há para dar. *"Aquele que nem mesmo a Seu próprio Filho poupou, antes O entregou por todos nós, como não nos dará também com Ele todas as coisas?"* (Rom. 8:32). Deus nos dá a Si mesmo dando-nos Sua vida em Cristo; e isso foi expresso aos israelitas na concessão da água da vida, que procedia de Cristo. Portanto, sabemos que tudo quanto o Evangelho de Cristo tem para os homens ali estava disponível aos filhos de Israel no deserto.

Já temos aprendido que a promessa a Abraão foi o Evangelho. O juramento que confirmou aquela promessa é o juramento que nos dá forte consolação, quando fugimos em busca de refúgio em Cristo, no santo lugar de Deus. Era para dar garantia aos israelitas quanto à livre graça de Deus, de modo que pudessem beber da vida de Cristo, se apenas cressem, a qual procedia da água da rocha. Era para assegurar-lhes que a bênção de Abraão, que é o perdão dos pecados mediante a justiça de Deus em Cristo, era para eles. Isso é mostrado pelas palavras,*"Fendeu a rocha, e dela brotaram águas, que correram pelos lugares áridos como um rio. Porque se lembrou da Sua santa palavra, e de Abraão, Seu servo"* (Sal. 105:41, 42).

Jesus Cristo é o *"Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo"* (Apo. 13:8), *"o Qual, na verdade, foi conhecido ainda antes da fundação do mundo"* (1 Ped. 1:20). A cruz de Cristo não é coisa de um dia, mas permanece onde quer que haja pecadores para serem salvos, desde a queda. Está sempre presente, de modo que continuamente os crentes podem dizer com Paulo, "***Estou crucificado** com Cristo; e vivo,..."* (Gál. 2:20). Não temos que olhar atrás para vermos a cruz, assim como os homens dos tempos mais remotos não tinham que olhar adiante para contemplá-la. Ela permanece com seus braços estendidos, abrangendo os séculos, desde o Éden perdido até o Éden restaurado, e sempre e em todo lugar os homens têm somente que*erguer os olhos* e ver a Cristo, "*levantado da terra*", atraindo-os a Ele por Seu amor eterno que flui na direção deles como um córrego vivo.

-=-=-=-=-=-=-=-

A Presença Real

Na sua murmuração por água o povo dissera, *"Está o Senhor no meio nós ou não?"* O Senhor respondeu esta pergunta numa maneira por demais prática. Ele postou-Se sobre a rocha em Horebe e lhes concedeu água para que pudessem beber e viver. Ele estava realmente ali em pessoa. Era a Sua Presença Real. Ali estava não obstante eles não O pudessem ver. E por lhes dar evidência de que não estava longe de cada um deles, de modo que se O tivessem sentido pela fé, O teriam encontrado e recebido, e a Sua presença real teria estado neles tão verdadeiramente quanto estava na água que beberam.

No maná, o pão do céu, que os israelitas estavam a comer todos os dias, e na água da Rocha, Cristo Jesus, temos o exato correspondente da Santa Ceia. O pão e a água não eram Cristo, assim como o pão e o vinho não podem ser transformados de forma alguma no corpo e sangue de Cristo. Não seria de nenhuma utilidade, ainda que pudessem ser transformados, pois *"a carne para nada aproveita*." Mas revelaram a Sua real presença a todos quantos tinham olhos da fé para discernir o corpo do Senhor. Revelaram que Cristo habita no coração pela fé, exatamente como os emblemas são recebidos pelo corpo; e exatamente como os emblemas são assimilados e se tornam carne, do mesmo modo Cristo, a Palavra, se torna carne em todos quantos O recebem pela fé. Cristo é formado dentro pelo poder do Espírito.

Deus não é um mito. O Espírito Santo não é um mito. Sua presença é tão real quanto Ele próprio. Quando Cristo declara, *"Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a Minha voz, e abrir a porta, entrarei em sua casa, e com ele cearei, e ele Comigo"* (Apo. 3:20), Ele quer dizer que isso é verdadeiro, um fato real; e quando diz, *"Se alguém Me amar, guardará a Minha palavra; e Meu Pai o amará, e viremos a ele, e faremos nele morada"* (João 14:23), Ele não tenciona enganar-nos com um fantasma. Ele vem na carne hoje, tão realmente quanto ocorria na Judéia. Seu aparecimento então era simplesmente para mostrar a todos os homens a possibilidade e a perfeição da mesma. E assim como Ele vem na carne agora, a todos quantos O recebem, o mesmo fazia nos tempos antigos, quando Israel estava no deserto; sim, até nos dias de Abraão e Abel. Podemos desgastar-nos em especulação sobre como isso é possível, e morrer de inanição espiritual por esse meio, ou podemos "*provar e ver que o Senhor é bom"* e encontrar em Sua presença satisfação e *"alegria completa*".

-- *The Present Truth*, 29 de outubro de 1896.

[1] HA, Hino 195, autor, Augustus M. Toplady;

[2] Atos 3: 15;

[3] Êxo. 17: 7;

[4] Salmo 92:15;

[5] João 1: 29;

[6] João 12: 32;

[7] João 6: 63; [8] Salmo 34: 8 e João 17:13.

CAPÍTULO 27.

As Promessas Para Israel, 16

Ensino Por Lições Práticas

Deus lida conosco como crianças e nos ensina lições práticas. Pelas coisas que podemos ver, Ele nos ensina as coisas que o olho mortal não pode contemplar. Assim, na água que fluía da rocha, e na água e sangue que fluíram do lado de Cristo, aprendemos a realidade da vida que Cristo concede àqueles que crêem nEle. As coisas espirituais não são imaginárias, mas reais. O povo no deserto podia saber que a água que refrigerou seus organismos procedia diretamente de Cristo, e, a partir disso, podiam saber que Ele realmente pode conceder vida. Podiam não saber *como*, mas isso não era necessário. Era suficiente que soubessem do fato.

Se crermos na Palavra, podemos saber que bebemos tão diretamente de Cristo como o fizeram os israelitas no deserto. Ele fez os céus, e a Terra, o mar e as fontes das águas. *"Todas as coisas subsistem por Ele".* A água que bebemos, procedendo do solo, é tão verdadeiramente originária dEle como aquela que jorrou da rocha em Horebe. *"Ele põe os abismos em depósitos".* Sal. 33:7.

As pessoas falam da água sobre a Terra como um *"produto natural"*, quase com o pensamento de ser existente por si mesma. A chuva que cai e o regato que corre são referidos como *"causas naturais"*. Termos convenientes são esses para evitar dar a Deus a glória. Permaneça junto a um regato de águas claras e cristalinas ao seguir o seu curso desde a nascente nas montanhas. Estará sempre mudando, mas o conteúdo é o sempre mesmo. Incessante em seu fluxo, porque não se esgota o seu suprimento? Haverá um

reservatório de capacidade infinita no coração da Terra, que permite que o riacho *"prossiga perpetuamente"*, sem jamais diminuir a sua quantidade? Não há algo de maravilhoso sobre o fluxo constante? *"Oh, não"*, diz o homem que sabe tudo, *"é uma questão muito simples; a água sobre a superfície da Terra é conduzida até às nuvens, e estas é que provocam a chuva que mantém o suprimento constantemente bom".* E quem causa a chuva? *"O Senhor Deus é a verdade; Ele mesmo é o Deus vivo e o Rei eterno. . . . Fazendo Ele soar a Sua voz, logo há rumor de águas no céu, e faz subir os vapores da extremidade da Terra; faz os relâmpagos para a chuva, e dos Seus tesouros faz sair o vento"*(Jer. 10:10-13). Ele é o *"Deus vivo"* e as operações da natureza são apenas manifestações de Sua atividade incansável.

Sem dúvida os israelitas no deserto logo deixaram de considerar o fluxo de água da rocha como miraculoso. Decerto muitos deles nunca, mesmo de início, se empenharam a pensar muito a respeito, só preocupados com o fato de que propiciava um suprimento para saciar a sua sede. Mas, ao fluir ano após ano, e ter-se tornado algo familiar, o aspecto de maravilhoso diminuiu, e, por fim, cessou por completo. Filhos nasceram, aos quais aquilo assim sempre havia sido; para esses era apenas um produto de *"causas naturais"*, como se dá com os regatos, que podemos agora ver se originando do solo; e assim a Grande Fonte foi esquecida, tal como se dá hoje.

Fiquem certos de que aqueles que atribuem tudo à *"Natureza"*, e que não reconhecem e glorificam a Deus como a fonte imediata de todos os dons terrenos, agiriam da mesma forma no céu, se fossem admitidos naquele lugar. Para eles, o rio da vida, eternamente fluindo do trono de Deus seria apenas *"um dos fenômenos da natureza"*. Eles não o viram começar a fluir e o considerariam uma questão rotineira, e não glorificariam a Deus por isso. O homem, que não reconhece e respeita a Deus em Suas obras neste mundo, seria indiferente a Ele no mundo por vir. O louvor de Deus, que procederá dos lábios dos redimidos na eternidade, será apenas o coro completo dos cânticos, cujos primeiros acordes praticaram sobre a Terra.

-=-=-=-=-=-=-=-

Reconhecendo a Deus

"Reconhece-O em todos os teus caminhos, e Ele endireitará as tuas veredas". Prov. 3:6. Quando Deus dirige os caminhos de um homem, eles são todos perfeitos; tal como os próprios caminhos de Deus. *"Qual é o homem que teme ao Senhor? Ele o ensinará o caminho que deve escolher"*. O homem, que vê e reconhece a Deus em todas as Suas obras, e que em tudo dá graças, viverá uma vida justa.

Tome o dom da água, que estamos continuamente usando. Se tão freqüentemente quanto precisamos de água pensássemos em Deus como o seu provedor, e tão freqüentemente quanto a utilizamos pensássemos em Cristo como O que concede a água da vida, e nos lembrássemos que nessa água recebemos Sua própria vida, qual seria o resultado?—Simplesmente nossas vidas estariam continuamente sujeitas ao Seu controle. Reconhecendo que nossa vida procede dEle, devíamos perceber que somente Ele tem o direito de ordená-la; e deveríamos permitir que Ele vivesse Sua própria vida em nós. Assim deveríamos beber em justiça. Para nós a verdade devia brotar da terra, e a justiça olhar desde o céu (ver Sal. 85:11). Até os céus deviam fazer chover das nuvens a justiça (ver Isa. 45:8).

Esse reconhecimento de Deus em todos os nossos caminhos nos guardaria do orgulho e da confiança pretensiosa em nossas próprias *"habilidades naturais"*. Devíamos continuamente atentar às palavras, *"Quem te faz diferente? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido?* Isso nos manteria no caminho reto, pois a promessa é, *"Guiará os mansos em justiça e aos mansos ensinará o Seu caminho"* (Sal. 25:9). Em lugar de nossa própria fraca e tola sabedoria, deveríamos ter a sabedoria de Deus a nos guiar.

Aprendemos a mesma verdade por olhar ao lado oposto. Os homens se tornam pagãos degradados simplesmente por não reconhecerem a Deus, tal como é revelado nas *"coisas que estão criadas".* Pois as densas trevas em que caíram não é escusa, *"porquanto, tendo conhecido a Deus, não O glorificaram como Deus, nem Lhe deram graças, antes em seus discursos se desvaneceram, e o seu coração insensato se obscureceu. Dizendo-se sábios, tornaram-se loucos, e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, e de aves, e de quadrúpedes, e de répteis". "E como eles não se importaram de ter o conhecimento de Deus, assim Deus os entregou a um sentimento perverso, para fazerem coisas que não convêm; estando cheios de toda a iniquidade..."* (Rom. 1:21-23, 28, 29).

De igual maneira deu-se com os israelitas, que de uma forma maravilhosa, tiveram uma visão das obras divinas, não O reconhecendo nelas. *"Fizeram naqueles dias o bezerro, e ofereceram sacrifícios ao ídolo, e se alegravam nas obras das suas mãos"* (Atos 7:41). *"E converteram a Sua glória na figura de um boi que come erva. Esqueceram-se de Deus, seu Salvador, que fizera grandezas no Egito, maravilhas na terra de Cão, coisas tremendas no Mar Vermelho"* (Sal. 106:20-22).

Mas não havia necessidade de que assim fosse. Deus estava conduzindo os filhos de Israel para colocá-los no monte de Sua própria herança, no lugar que havia feito para Ele mesmo habitar, o Santuário, que Suas mãos haviam estabelecido; e enquanto eles estavam a caminho Ele os faria participar das delícias daquele lugar. Assim, concedeu-

lhes água diretamente dEle próprio, para mostrar-lhes que pela fé podiam, mesmo então, aproximar-se do Seu trono, e beber da água da vida que dEle flui.

A mesma lição permanece para nós. Deus não quer que esperemos até que a imortalidade nos seja concedida antes que possamos compartilhar do gozo da cidade celestial. Pelo sangue de Cristo temos a ousadia de entrar até o Santíssimo de Seu santuário. Somos convidados a ir ousadamente ao Seu trono de graça para encontrar misericórdia. Sua graça, ou favor, é vida, e flui numa corrente viva. Certamente, sendo que nos é permitido ir até o trono de Deus, de onde flui o rio da vida, nada há que impeça que dela bebamos, especialmente quando Ele a oferece gratuitamente (ver Apo. 22:17).

"Bem-aventurados os que habitam em tua casa; louvar-te-ão continuamente" (Sal. 84:4). Se, nas coisas que vemos, aprendemos aquelas que não são visíveis; se contemplamos e reconhecemos a Deus em todas as Suas obras e em todos os nossos caminhos, estaremos, de fato, mesmo nesta Terra, habitando na presença imediata de Deus, e O estaremos continuamente louvando, tal como os anjos no céu.

"Os que estão plantados na casa do Senhor, florescerão nos átrios do nosso Deus. Na velhice ainda darão frutos, serão viçosos e vigorosos, para anunciar que o Senhor é reto. Ele é a minha rocha, e nEle não há injustiça" (Sal. 92:13-15). *"Quão preciosa é, ó Deus, a Tua benignidade, pelo que os filhos dos homens se abrigam à sombra das Tuas asas. Eles se fartarão da gordura da Tua casa, e os farás beber da corrente das Tuas delícias; porque em Ti está o manancial da vida; na Tua luz vemos a luz"* (Sal. 36:7-9).

-=-=-=-==-=-=-

O Éden Aqui Em Baixo

Observem esta expressão: *"os farás beber da corrente das Tuas delícias".* A palavra hebraica traduzida como "delícias" é *Éden.* Éden significa prazer, ou deleite. O jardim do Éden é o jardim de delícias. Assim, o texto realmente diz que aqueles que habitam no lugar secreto de Deus, abrigados sob a sombra do Todo-poderoso, serão abundantemente satisfeitos com a gordura de Sua casa, e beberão do rio do Éden, que é o rio vivo de Deus.

Essa é a porção dos crentes mesmo agora; e nós podemos saber disso tão seguramente quanto os israelitas que beberam água da rocha ou vivemos dia após dia das bondades de Suas mãos. Mesmo agora pela fé podemos refrigerar nossas almas por beber do rio

da água da vida, e beber do *"maná escondido"*. Podemos comer e beber justiça por comer e beber a carne e sangue do Filho de Deus.

"Rio de Deus, eu Te saúdo,

Agora não distante, mas próximo;

Minha alma às Tuas serenas águas

Se apressa em minha sede aqui;

Santo rio,

Permite-me sempre

Beber somente de Ti".

Rios de Água Viva

Mas Deus abençoa os homens somente para que possam, por seu turno, ser uma bênção a outros. A Abraão Deus disse: *"Abençoar-te-ei e engrandecerei o teu nome; e tu serás uma bênção"*; e assim mesmo deve se dar com toda a Sua semente. Assim, lemos novamente as palavras de Cristo, que podem ser cumpridas para nós hoje e todos os dias, se apenas nelas crermos:--

"Se alguém tem sede, venha a Mim e beba. Quem crê em Mim, como diz a Escritura, rios de água viva correrão do seu ventre. E isto disse Ele do Espírito que haviam de receber os que nEle cressem" (João 7:37-39).

Assim como Cristo era o templo de Deus, e Seu coração o trono de Deus, assim somos os templos de Deus, para que Ele possa habitar em nós. Mas Deus não pode ser limitado. O Espírito Santo não pode ser hermeticamente selado no coração. Se Ele ali Se encontra, a Sua glória se revelará. Se a água da vida está na alma, ela fluirá para outros. Assim como *"Deus estava em Cristo reconciliando Consigo o mundo",* também Ele faz habitação em Seus verdadeiros crentes, colocando neles *"a palavra da reconciliação",* tornando-os Seus *"embaixadores da parte de Cristo"* para reconciliar os homens a Si. A Seus filhos adotivos é o concedido o maravilhoso privilégio de compartilhar a obra de Seu Filho unigênito. Como Ele, podem também tornar-se ministros do Espírito; não meramente ministros enviados pelo Espírito, mas aqueles que ministrarão o Espírito. Assim, ao nos tornarmos o lugar de habitação de Deus, para reproduzir a Cristo novamente perante o mundo, e correntes vivas fluam de nós para refrigerar o fraco e o cansado, o céu revela-se sobre a Terra.

Esta é a lição que Deus desejava que os israelitas aprendessem junto às águas de Meribá, e é o que Ele ainda pacientemente Se esforça para nos ensinar, conquanto nós, como eles, temos murmurado e nos rebelado. Aprenderemos isto agora? *"Bem-aventurado o povo ao qual assim acontece! Bem-aventurado o povo cujo Deus é o Senhor"*.

-- *The Present Truth*, 5 de novembro de 1896

---

[1] Colocesses 1:17;

[2] Salmo 25:12;

[3] 1 Cor. 4:7;

[4] Romanos 1:20;

[5] Hebreus 10:19;

[6] Hebreus 4:16;

[7] Gênesis 12:2;

[8] II Coríntios 5: 19 e 20;

[9] Salmo 144: 15.

CAPÍTULO 28.

As Promessas Para Israel, 17

Introdução a Lei

"Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse; mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça; para que, assim como o pecado reinou na morte, assim também graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor" (Rom. 5:20 e 21).

O objetivo da introdução da lei no Sinai foi *"para que a ofensa abundasse".* Não que pudesse haver mais pecado; pois uma vez que somos advertidos a não continuar em pecado para que graça abunde, é evidente que o justo Deus não iria deliberadamente introduzir o pecado a fim de que pudesse ter uma oportunidade de exibir mais graça. A lei não é pecado, mas tem o efeito, por sua própria justiça, de fazer com que o pecado apareça como realmente é, *"a fim de que pelo mandamento o pecado se fizesse excessivamente maligno"* (Rom. 7:13). O objetivo, portanto, da outorga da lei no Sinai foi fazer com que o pecado, que já era existente, se apresentasse em sua verdadeira natureza e extensão, de modo que a superabundante graça de Deus pudesse ser apreciada em seu verdadeiro valor.

A introdução da lei fez como que a ofensa abundasse. Mas o pecado que a lei fez abundar já existia*; "porque até à lei já estava o pecado no mundo..."* conseqüentemente, a lei também estava no mundo antes de ter sido dada no Sinai, bem como depois, pois *"o pecado não é imputado não havendo lei"* (Rom. 5:13). A Isaque Deus disse *"Abraão obedeceu à Minha voz, e guardou o Meu mandado, os Meus preceitos, os Meus estatutos e as Minhas leis"* (Gên. 26:5). A bênção de Abraão foi a do perdão dos pecados, *"e recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé, que teve quando ainda era incircuncidado, para que fosse pai de todos os que crêem, embora não fossem*

circuncidados; a fim de que a justiça lhes seja imputada também"(Rom. 4:11, KJV). Antes de os filhos de Israel terem alcançado o Sinai, quando o maná primeiro caía, Deus disse que os estava testando se andavam *"em Minha lei ou não"* (Êxo. 16:4).

É evidente, portanto, que a outorga da lei no Sinai não fazia nenhuma diferença que fosse na relação entre os homens e Deus. A mesma lei existia antes desse tempo, tendo o mesmo efeito, ou seja, mostrar aos homens que eram pecadores; e toda a justiça, que a lei requer, e tudo quanto é possível para qualquer homem ter, havia sido possuído pelos homens de fé, da qual Enoque e Abraão são notáveis exemplos. A única razão, portanto, para a outorga da lei no Sinai foi dar aos homens um senso mais vívido de sua tremenda importância, e a terrível natureza do pecado que ela proíbe, e levá-los a confiar em Deus, em vez de em si próprios.

As circunstâncias que acompanharam a outorga da lei foram designadas a produzir este efeito.Nenhum evento de tão tremenda majestade e poder havia jamais sido experimentado pelo homem. Nem ocorreu algo igual desde então. O evento da outorga da lei no Sinai será assemelhado e superado somente pela segunda vinda de Cristo, *"para tomar vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo"* e*"para ser glorificado nos Seus santos e para Se fazer admirável em todos os que tiverem crido".*2 Tess. 1:8 e10.

-=-=-=-=-=-=-=-

Paralelos

Por ocasião da outorga da lei, *"o monte Sinai fumegava"* (Êxo. 19:18). Por ocasião do Segundo Advento, *"o Senhor mesmo descerá do céu", "em labareda de fogo".* (1 Tess. 4:16; 2 Tess. 1:8).

Quando Deus veio ao Sinai, enviando de Sua mão direita *"o fogo da lei" "Ele veio com dez milhares de santos"* (Deut. 33:1, 2). Os anjos de Deus—os exércitos do céu, — estavam todos presentes na outorga da lei. Mas muito antes desse tempo, Enoque, o sétimo desde Adão, havia profetizado sobre a segunda vinda de Cristo, dizendo, *"Eis que é vindo o Senhor com milhares de Seus santos para executar juízo"* (Judas 14, e 15). Por ocasião de Sua volta em glória, Ele terá *"todos os santos anjos com Ele"* (Mat. 25:31).

Deus desceu ao Sinai para proclamar Sua santa lei a Seu povo. À *"Sua direita havia para eles o fogo da lei".* Essa lei do Sinai era uma descrição verbal da própria justiça de Deus.

Mas quando Ele vier a segunda vez, até *"os céus anunciarão a Sua justiça; pois Deus mesmo é o juiz"* (Salmo 50:6).

Para anunciar a presença de Deus sobre o Sinai, em condição real, *"o sonido da buzina ia crescendo cada vez mais"* (Êxo. 19:19). Assim, a segunda vinda de Cristo será proclamada pela*"trombeta de Deus". "Porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados"* (1 Cor. 15:52; Mat. 24:31).

Quando a trombeta soou por longo tempo e em alto volume no Sinai*, "Moisés falava, e Deus lhe respondia por uma voz"* (Êxo. 19:19). Então o Senhor proclamou todas as palavras dos dez mandamentos *"do meio do fogo, da nuvem e da escuridão,* ***com grande voz****; e nada acrescentou"* (Deu. 5:22). De igual maneira, *"Virá o nosso Deus, e não guarda silêncio; diante dEle há um fogo devorador, e grande tormenta ao Seu redor. Chamará os céus lá do alto e a terra, para julgar o Seu povo"* (Sal. 50: 3, 4). *"O Senhor mesmo descerá do céu com grande brado, e com a voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus"* (1 Tes. 4:16).

Mas a vinda do Senhor para o juízo será maior do que Sua vinda para proclamar Sua lei: pois então ninguém dentre o povo O viu. *"E o Senhor vos falou do meio do fogo; ouvistes o som de palavras, mas não vistes forma alguma; tão-somente ouvistes uma voz"* (Deu. 4:12). Mas quando Ele vier a segunda vez, *"todo olho O verá, até mesmo aqueles que O traspassaram; e todas as tribos da terra se lamentarão sobre Ele"* (Apo. 1:7).

Finalmente, ocorre um paralelo no que se refere à diferença no efeito da voz de Deus: Quando Deus pronunciou a Sua lei desde o Sinai, *"todo o monte tremia grandemente"* (Êxo. 19:18). *"A terra se abalava e os céus gotejavam perante a face de Deus; o próprio Sinai tremeu na presença de Deus, do Deus de Israel"* (Sal. 68:8). *"A terra se abalou e tremeu"* (Sal. 77:18). Contudo, muito maior será o efeito daquela voz quando do segundo advento. Do Sinai, Sua *"voz . . . abalou então a terra; mas agora tem Ele prometido, dizendo: Ainda uma vez hei de abalar não só a terra, mas também o céu"* (Heb. 12:26). *"Os céus passarão com grande estrondo"* (2 Ped. 3:10), pois *"os poderes dos céus serão abalados"* (Mat. 24:29).

Maravilhosas semelhanças encontramos entre a vinda do Senhor para dar a lei no Sinai, e Sua vinda para julgar no fim do mundo; e veremos, antes de concluir, que as semelhanças não são de modo algum acidentais.

-=-==-=-=-=-=-

A Ministração da Morte

"O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei"

(1 Cor. 15:56).

A lei foi introduzida com o propósito de tornar os pecados do povo evidentes do modo mais óbvio. O pecado que jaz adormecido, é somente percebido levemente por seus contornos pela Luz que ilumina todos os homens, porque aquela Luz foi tomada como uma questão costumeira,—o pecado de cujo poder somos inconscientes, porque nunca entramos em combate mortal com ele, salta à vida e atividade quando a lei é introduzida. *"Porquanto sem a lei está morto o pecado"* (Rom. 7:8). A lei estabelece o pecado em seu verdadeiro caráter e magnitude, e o arma com o seu poder—o poder da morte. *"Porque pela lei vem o conhecimento do pecado"*(Rom. 3:20). Assinalar o pecado e mostrar sua terrível força é o único propósito da lei.

Mas a morte vem pelo pecado. *"Portanto, como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte, assim também a morte passou a todos os homens, porquanto todos pecaram"* (Rom. 5:12). Aonde vai o pecado, ali vai a morte. O pecado não traz a morte meramente em sua esteira; ele a traz no seu seio. O pecado e a morte são inseparáveis; cada qual faz parte do outro. É impossível deixar a porta suficientemente aberta para permitir que o pecado se introduza, e deixar a morte de fora. Não importa quão pequenas sejam as frestas, se tiver suficiente tamanho para admitir o pecado, a morte se introduzirá também.

Uma vez que o pecado já existia antes que a lei fosse outorgada no Sinai, a introdução da lei proclamava uma maldição, pois está escrito: *"Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las"* (Gál. 3:10). Essa maldição é a morte, porque foi a maldição que Cristo carregou por nós. É evidente, portanto, que a outorga da lei no Sinai foi a ministração da morte. *"A lei opera a ira"*. Todas as circunstâncias, que acompanharam o evento, dão testemunho disso. Os relâmpagos e trovões, o fogo devorador, o monte fumegante, e o tremor da terra, tudo comunicava morte. O Monte Sinai, por si mesmo um símbolo da Divina lei quebrada, foi morte para quem quer que o tocasse. Não seriam necessárias as barreiras ao redor da montanha para manter o povo à distância, após a terrível voz de Deus ter sido ouvida proclamando a Sua lei; pois quando o povo ouviu e viu, *"retirou-se e pôs-se de longe, e disseram ... não fale Deus conosco, para que não morramos"* (Êxo. 20:18, 19).

"O pecado, tomando ocasião pelo mandamento, me enganou, e por ele me matou" (Rom. 7: 11); pois *"O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei"*. Era impossível que houvesse uma lei concedida que transmitisse vida. Mas não seria necessário que assim fosse; e isso veremos claramente quando, à luz das revelações previamente feitas a Israel, consideramos a razão mais profunda.

-=-=-=-=-=-=-

Por Que Foi Dada a Lei

Iria Deus zombar do povo por dar-lhes uma lei que nada lhes transmitisse a não ser a morte? Longe disso, *"Na verdade Ele ama o povo";* e nunca o amou mais do que quando *"à Sua direita havia para eles o fogo da lei"* (Deut. 33: 3 e 2).

Seja lembrado que, conquanto *"Veio . . . a lei para que a ofensa abundasse",* contudo, *"onde o pecado abundou, superabundou a graça"* (Rom. 5:20). Sendo que é a lei que torna o pecado mais abundante, onde sua terrível magnitude pode ser mais claramente definida do que no Sinai? Mas, desde que *"onde o pecado abundou, superabundou a graça",* então é evidente que no Sinai podemos ver mais claramente a amplidão da graça de Deus. Não importa quão grandemente o pecado abunde, nesse mesmo lugar a graça superabunda. Que dizer, porém, do*"monte que ardia em fogo até ao meio dos céus"*? Ainda temos a garantia de que *"a Tua benignidade se estende até aos céus, e a tua verdade chega até às mais altas nuvens"* (Sal. 108:4). *"Pois assim como o céu está elevado acima da terra, assim é grande a Sua benignidade para com os que O temem"* (Sal. 103:11).

Jesus é o Confortador. *"Se alguém pecar, temos um Confortador para com o Pai, Jesus Cristo, o justo"* (1 João 2:1. RV. Assim, quando os Seus discípulos estavam acabrunhados, por Ele lhes ter dito que partiria e os deixaria, Ele lhes prometeu: *"Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará* ***outro Consolador****, para que fique convosco para sempre, a saber, o Espírito da verdade"* (João 14:16, 17). Enquanto Cristo esteve sobre a Terra, Ele era, como se poderia dizer, a encarnação do Espírito; mas Ele não teria a Sua obra limitada, assim declarou: *"vos convém que Eu vá; pois se Eu não for, o Consolador não virá a vós; mas, se Eu for, vo-lo enviarei. E quando Ele vier, convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo"* (João 16:7, 8).

Atentem bem ao fato de que a primeira obra do Confortador é convencer do pecado. A espada do Espírito é a Palavra de Deus, que *"penetra até à divisão da alma e do espírito, e das juntas e medulas, e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração"* (Heb. 4:12). Contudo, mesmo quando enviando a mais profunda e sincera convicção, o Espírito é o Consolador. Ele, não é menos Consolador em convencer do pecado do que em revelar a justiça de Deus para a remissão do pecado. Há conforto na convicção que Deus envia. O cirurgião que corta até o osso a fim de remover uma

substância geradora de morte da carne, fará isso somente se puder com êxito aplicar o óleo curativo.

O grande pecado dos filhos de Israel foi a descrença—confiar em si em lugar de confiar em Deus. A lei foi introduzida de um modo calculado a dar um golpe de morte a sua vã auto-confiança e para realçar o fato de que somente pela fé, não pelas obras do homem, é que se obtém a justiça. Na própria outorga da lei é mostrada a dependência do homem de Deus somente para justificação e salvação, uma vez que os homens nem sequer podiam tocar o monte onde a lei foi pronunciada, sem perecer. Como, pois, pode se supor que Deus jamais designou que qualquer homem pudesse imaginar por um momento que poderia obter a justiça pela lei? No Sinai Cristo, o Crucificado, foi pregado em tons designados a alcançar todas as pessoas, mesmo quando toda a terra foi abalada.

-- *The Present Truth*, 12 de novembro de 1896.

---

[1] Romanos 4:15;

[2] I Cor 15: 56;

[3] Deuteronômio 4: 11;

[4] RV, ou ERV (English Revised Version) foi uma edição que surgiu em 1881/1885, se propondo ser uma revisão da KJV. A versão do texto citada pelo autor está à margem daquela edição.

CAPÍTULO 29.

As Promessas Para Israel, 18

A Introdução da Lei

2ª. Parte

Após o que temos aprendido da história de Israel, não há nada que, de modo mais conciso e simples, declare o propósito de Deus em pronunciar a lei no Sinai do que

O Terceiro Capítulo de Gálatas

estudaremos brevemente. É tão simples quanto um livro de história infantil, contudo é tão profundo e abrangente quanto o amor de Deus.

O sexto e sétimo versos do primeiro capítulo nos revelam o fato de que os irmãos gálatas haviam começado a se afastar da fé, sendo enganados por falsos ensinos—por um pretenso evangelho. Diante disso, o Apóstolo exclama com veemência*: "Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos pregasse outro evangelho além do que já vos pregamos, seja anátema.Como antes temos dito, assim agora novamente o digo: Se alguém vos pregar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema".* Gal. 1:8, 9.

A única porção das Escrituras, que foi escrita quando Paulo pregava, foram os livros comumente conhecidos como o Velho Testamento. Quando ele pregava, abria essas Escrituras, e raciocinava a partir delas; e os interessados entre seus ouvintes pesquisavam as mesmas Escrituras para ver se as coisas sobre que ele pregava eram assim. Atos 17:3, 11. Quando ele estava sendo julgado por heresia e sedição, solenemente declarou que, em todo o seu ministério, não havia dito *"nada mais do que senão o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer"* (Atos 26:22). Agora, quando lemos o seu anátema contra qualquer que presumisse pregar um evangelho diferente do que se acha no Velho Testamento, ele traz a maldição de Deus sobre si. Esta é uma forte razão por que deveríamos estudar fielmente Moisés e os profetas.

Sabendo, pois, que Paulo sempre e por toda parte nada pregava, *"senão a Jesus Cristo, e Este crucificado,"* não nos surpreendemos que ele desabafe: *"Ó insensatos gálatas! quem vos fascinou para não obedecerdes à verdade, a vós, perante os olhos de quem Jesus Cristo foi evidenciado como crucificado entre vós?"* (Gál. 3:1). A partir dos escritos de Moisés e dos profetas eles foram levados a ver a Cristo, não como Alguém que devia *ser* crucificado, nem meramente como alguém que *havia sido* crucificado alguns anos no passado, mas como Aquele clara e visivelmente crucificado *entre eles*. E é a partir desses antigos escritos somente que ele se pôs a reavivar sua fé e zelo declinantes.

A conversão deles havia sido plena, pois tinham recebido o Espírito, e tinham sofrido perseguição pela causa de Cristo. Assim, o Apóstolo pergunta: *"Recebestes o Espírito*

por obras da lei, ou pela pregação da fé?" (Verso 2). Eles haviam ouvido as palavras da lei, e as tinham recebido pela fé, e assim a justiça da lei havia sido operada neles pelo Espírito. *"A obra de Deus é esta: Que creiais nAquele que Ele enviou"* (João 6:29. 29). O Apóstolo não estava depreciando a lei, somente repreendendo-os por sua mudança de relação para com ela. Quando a ouviram com fé, receberam o Espírito, e estava tudo bem com eles; mas quando começaram a confiar na carne para realizar a justiça da lei, deixaram de obedecer à verdade.

Outra vez o Apóstolo pergunta: *"Aquele pois que vos dá o Espírito, e que opera milagres entre vós, acaso o faz pelas obras da lei, ou pelo ouvir com fé?"* (Gal. 3:5). É uma pergunta admitindo, mas a resposta óbvia é que foi mediante o ouvir da **[208]** fé, *"Assim como Abraão creu a Deus, e isso lhe foi imputado como justiça"* (Verso 6). Eles, à semelhança de Abraão, tinham sido **justificados**—**tornados justos**—pela fé, não pelas obras.

Antes de darmos prosseguimento, vamos estabelecer algumas poucas definições: *"Pecado é a transgressão da lei"* (1 João 3:4), e *"toda injustiça é pecado".* 1 João 5:17. Portanto, segue-se que, assim como toda *in*justiça é transgressão da lei, evidentemente que toda justiça é obediência à lei de Deus. Logo, quando lemos que Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado por justiça, podemos saber que a sua fé lhe foi creditada como obediência à lei.

Essa imputação de fé a Abraão como justiça não foi uma forma vazia, nem se dá isso conosco. Lembrem-se que a imputação é feita por Deus, que não pode mentir, contudo Ele chama as coisas que não são como se fossem, pelo poder pelo qual torna os mortos vivos. Abraão realmente possuía justiça. A fé obra. *"A obra de Deus é esta: que creiais nAquele a Quem Ele enviou" "Com o coração que se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação".* Rom. 10:10.

A partir desta pequena digressão podemos ter em mente que, no capítulo diante de nós, não há menosprezo à lei, mas a asserção de que a justiça, que é fruto da fé, é sempre obediência à lei de Deus.

Abraão é o pai de todos quantos crêem. "*Sabei, pois, que os que são da fé, são filhos de Abraão. Ora, tendo a Escritura, previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Em ti serão abençoadas todas as nações".*Gál. 3:7, 8. O evangelho que foi pregado a Abraão é o mesmo que se aplica a *"todos os povos"*, e que *"será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações"*. A *"toda criatura"* deve ser pregado, e quem nele *"crer e for batizado será salvo"*. Mas no evangelho,*"a justiça de Deus é revelada de fé em fé"*. O evangelho é pregado para a *"obediência de fé"*. A obediência traz consigo uma bênção, pois está

escrito: *"Bem-aventurados aqueles que guardam os Seus mandamentos"*. *"De sorte que os que são da fé são abençoados com o crente Abraão"* (Gal. 3:9).

-=-=-=-=-=-=-

A Maldição da Lei

"Pois todos quantos são das obras da lei estão debaixo da maldição; porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las". Gal. 3:10.

Uma leitura superficial deste verso, ou talvez da primeira parte somente, tem levado alguns a crer que a própria lei, e a obediência à mesma, é uma maldição. Mas uma detida leitura de sua segunda parte mostra como tal idéia constitui um grave erro. *"porque escrito está: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las".* A maldição não é pela obediência, mas pela desobediência. Não é o homem que permanece em todas as coisas que estão escritas na lei, mas o homem que *não permanece continuamente fazendo* todas as coisas escritas na lei que é amaldiçoado. Não uma parte somente, mas o todo deve ser cumprido; não uma parte do tempo somente, mas continuamente. Aquele que não cumpre isso é amaldiçoado; portanto, o homem que fizesse isso seria abençoado.

Nos versos nove e dez deste capítulo temos o mesmo contraste entre a bênção e a maldição como apresentado em Deut. 11:26-28: *"Eis que hoje Eu ponho diante de vós a bênção e a maldição: A bênção, se obedecerdes aos mandamentos do Senhor vosso Deus, que Eu hoje vos mando; porém a maldição, se não obedecerdes aos mandamentos do Senhor vosso Deus".* De um lado, temos num grupo, fé, obediência, justificação, bênção, vida; de outro lado encontramos juntados como num molho descrença, desobediência, pecado, maldição, morte. Esse conjunto não é afetado no mínimo que seja pela época em que se vive.

"É evidente que pela lei ninguém é justificado diante de Deus, porque: O justo viverá da fé; ora, a lei não é da fé; mas o homem que fizer estas coisas, por elas viverá" (Gál. 3:11, 12).

"O homem que as fizer estas coisas, por elas viverá"; mas ninguém as fez; *"porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus"*. Em conseqüência, homem algum pode encontrar vida na lei. Assim, *"o mandamento que era para vida",* revela-se como sendo *"para morte"* (Rom. 7:10). Destarte, quem quer que tente guardar a lei por seus próprios esforços, está sob maldição; e apresentar a lei perante pessoas que não a recebam pela fé, não passa de uma ministração de morte a elas. A maldição da lei é a morte que ela inflige sobre os seus transgressores.

Mas, *"Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós; porque está escrito: Maldito todo aquele que for pendurado no madeiro"* (Gál. 3:13). Aqui temos clara evidência de que a morte é a maldição da lei, uma vez que morte foi o que Cristo padeceu sobre o madeiro. *"O salário do pecado é a morte"*; e Cristo foi feito *"pecado por nós"* (II Cor. 5:21). *"O Senhor fez cair sobre Ele a iniqüidade de todos nós"* e *"pelas Suas pisaduras fomos sarados"* (Isa. 53: 6 e 5). Não é da obediência da lei que Cristo nos redimiu, mas de sua transgressão e da morte, que resulta do pecado. Seu sacrifício ocorreu a fim de que *"a justiça da lei se cumprisse em nós"* (Rom. 8:4).

Agora, esta verdade de que *"Cristo nos resgatou da maldição da lei, fazendo-Se maldição por nós"* era tão certa nos dias de Israel no Sinai quanto é hoje. Mais de setecentos anos antes que a cruz fosse erguida sobre o Calvário, Isaías, cujos próprios pecados haviam sido purificados com uma brasa viva do altar de Deus, e que sabia sobre o que falava, declarou:*"Verdadeiramente* ***Ele tomou*** *sobre si as nossas enfermidades, e carregou as nossas dores".."Ele* ***foi ferido*** *por causa das nossas transgressões, e moído por causa das nossas iniqüidades; o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados"*. Isso é idêntico a Gál. 3:13.

Novamente Isaías escreveu, com especial referência aos filhos de Israel em seu jornadear no deserto: *"Em toda a angústia deles foi Ele angustiado, e o anjo da Sua presença os salvou; no Seu amor, e na Sua compaixão Ele os remiu; e os tomou, e os carregou todos os dias da antigüidade".* Isa. 63:9. E é a Davi, muito antes dos dias de Isaías, que devemos essas palavras animadoras: *"Não nos tratou segundo os nossos pecados, nem nos recompensou segundo as nossas iniqüidades". "Quanto o oriente está longe do ocidente, assim afasta de nós as nossas transgressões".* Sal. 103:10, 12. Esta linguagem descreve um fato consumado—salvação era tão completa naqueles dias como o é hoje.

Cristo é *"o Cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo"***[12]**; e desde os dias de Abel até agora Ele tem remido da maldição da lei a todos que têm crido nEle. Abraão recebeu a bênção da justificação; e *"os que são da fé são benditos com o fiel Abraão".*

Isso é tornado ainda mais evidente na declaração de que Cristo foi feito *"maldição por nós, ... para que a bênção de Abraão chegasse aos gentios por Jesus Cristo, para que pela fé nós recebêssemos a promessa do Espírito".* Gál. 3:13 e 14). A Abraão e àqueles que são seus filhos pela fé, não importa qual seja a sua nação ou língua, pertencem todas as bênçãos que vêm através da cruz de Cristo; e todas as bênçãos da cruz de Cristo são somente aquelas que Abraão teve. Não admira que ele se regozijasse e ficasse feliz por ver o dia de Cristo. A morte de Cristo na cruz nos traz somente a bênção de Abraão. Nada mais poderia ser pedido ou imaginado.

-=-=-=-=-= =-

O Concerto Inalterado

"Irmãos, como homem falo; se a aliança de um homem for confirmada, ninguém a anula, nem a acrescenta. Ora, a Abraão e a seu Descendente foram feitas as promessas. Não diz: E a seus descendentes, como falando de muitos, mas como de Um só: E a teu Descendente, que é Cristo. E digo isto: Ao testamento anteriormente confirmado por Deus em Cristo, a lei, que veio quatrocentos e trinta anos depois, não invalida, de forma a abolir a promessa". Gál. 3:15-17.

A primeira declaração é muito simples: nenhum homem pode anular, reduzir ou adicionar nada, nem mesmo a um concerto humano, uma vez tendo ele sido confirmado.

A conclusão é igualmente simples. Deus estabeleceu um concerto com Abraão, e o confirmou com um juramento*. "Porque os homens certamente juram por quem é superior a eles, e o juramento para confirmação é, para eles, o fim de toda contenda. Por isso, querendo Deus mostrar mais abundantemente aos herdeiros da promessa a imutabilidade do Seu conselho, Se interpôs com juramento; para que por duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta, tenhamos firme consolação, nós, os que nos refugiamos em lançar mão da esperança proposta".* Heb. 6:16-18. Portanto, esse concerto, que foi confirmado em Cristo pelo juramento em que Deus hipoteca Sua própria existência para seu cumprimento, nunca poderia depois ser alterado em nada. Nenhum um jota ou til poderia passar da lei ou ser-lhe acrescentado enquanto Deus viver.

Observem a declaração de que *"a Abraão e a seu Descendente foram feitas as promessas".* E a semente é Cristo. Todas as promessas a Abraão foram confirmadas em Cristo. "*Promessas*", lembre-se, e não simplesmente uma promessa. *"Porque, tantas quantas forem as promessas de Deus, são nEle está sim; portanto é por Ele o amém, para glória de Deus por nós"* (II Cor. 1:20).

-=-=-=-=-==-

Nossa Esperança Também

Note novamente que o concerto feito com Abraão, e confirmado em Cristo pelo juramento de Deus, é o que nos concede esperança em Cristo. Foi confirmado pelo juramento, a fim de que*nós* pudéssemos ter forte consolação em fugir em busca de refúgio e lançar mão da esperança que nos foi proposta. A suma do concerto era justificação pela fé em Jesus crucificado, como revelado nas palavras de Pedro: *"Vós*

sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus fez com nossos pais, dizendo a Abraão: Na tua Descendência serão benditas todas as famílias da terra. Ressuscitando Deus a Seu Filho Jesus, O enviou a vós, para que nisso vos abençoasse, no apartar, a cada um de vós, das vossas maldades". Atos 3:25, 26.

A cruz de Cristo, e a bênção dos pecados perdoados existiam portanto, não somente junto ao Sinai, mas nos dias de Abraão. A salvação não era mais segura nos dias em que Jesus Selevantou da tumba do que foi no dia em que Isaque carregou a lenha para seu próprio sacrifício na subida no Monte Moriá; pois a promessa e juramento de Deus são *"duas coisas imutáveis"*[15]. Conquanto não fosse senão um concerto humano, *"uma vez confirmado, ninguém o anula, nem lhe acrescenta coisa alguma".* Quanto mais, portanto, quando é o próprio concerto de Deus, confirmado por um juramento em que Ele hipoteca a Sua própria vida! Esse concerto abrangia a salvação da humanidade. Portanto, é um fato que, para nada dizer do tempo anterior, após a promessa e juramento de Deus a Abraão nenhum novo mínimo aspecto poderia ser adicionado ao plano de salvação. Nenhum dever a mais ou a menos poderiam ser acrescentados ou requeridos, nem poderia haver qualquer possibilidade de alguma variação nas condições de salvação.

Portanto, a outorga da lei no Sinai não poderia contribuir para qualquer novo aspecto do concerto feito com Abraão e confirmado em Cristo, nem poderia em qualquer maneira interferir com a promessa. O concerto, que foi confirmado antes em Cristo, não pode por qualquer maneira ser anulado, ou suas promessas tornadas de nenhum efeito, pela lei pronunciada quatrocentos e trinta depois.

Contudo, a lei era para ser observada, e se não o fosse, morte estaria assegurada. Nem um jota ou til poderia em qualquer medida ser diminuída da lei. *"Maldito todo aquele que não permanecer em todas as coisas que estão escritas no livro da lei, para fazê-las"* (Gálatas 3:10).Agora, desde que a outorga da lei no Sinai nada acrescentou ao concerto com Abraão, e, contudo, aquela lei dever ser perfeitamente observada, segue-se que *a lei estava no concerto feito com Abraão*. A justiça que foi confirmada a Abraão por aquele concerto—a justificação que Abraão tinha pela fé,—era a justiça da lei que foi proclamada no Sinai. E isso é tornado adicionalmente evidente pelo fato de que Abraão recebeu a circuncisão como um selo da justiça que ele tinha pela fé, e a circuncisão se apresentava simplesmente pela observância da lei. Rom. 2:25-29.

O juramento de Deus a Abraão tinha o compromisso de colocar a justiça de Deus, que é plenamente esboçada nos dez mandamentos, sobre e em cada crente. O concerto sendo confirmado em Cristo, e a lei estando no concerto, muito seguramente segue-se que os requisitos de Deus para os cristãos nestes dias não são uma partícula sequer

diferente do que eram nos dias de Abraão. A outorga da lei não introduziu qualquer novo elemento.

"Logo, para que é a lei?" Uma pergunta pertinente, e que obtém plena resposta. Se a lei não fez qualquer mudança nos termos do concerto feito com Abraão, qual foi o objetivo de outorgá-la? A resposta é que *"foi acrescentada por causa da transgressão*" (Gál. 3:19); *"Veio, porém, a lei para que a ofensa abundasse"* (Rom. 5:20). Não era *"contra as promessas de Deus"*, Gál. 3:21, mas diretamente em harmonia com elas; pois as promessas de Deus são todas mediante justificação, e a lei é o padrão de justiça. Era necessário que a ofensa fosse feita abundar, *"Para que, assim como o pecado reinou na morte, também a graça reinasse pela justiça para a vida eterna, por Jesus Cristo nosso Senhor"* (Rom. 5: 21). A convicção necessariamente precede a conversão. A herança poderia ser obtida somente mediante a justificação, conquanto fosse inteiramente pela promessa; pois a justiça é o *"dom de graça".*Mas, a fim de que os homens possam apreciar as promessas de Deus, devem ser levados a sentir a necessidade delas. A lei, dada de modo tão tremendo, o foi para o propósito de fazer com que o povo percebesse quão impossível lhes era obter sua justiça por seus próprios esforços, e assim fazê-los ver que Deus estava ansioso em conceder-lhes isso.

-=-=-=-=-=-=-=-

Cristo, o Mediador

E isso é enfatizado pelo fato de que foi ordenada *"pela mão de um Mediador"*. Quem era o Mediador?—*"Ora, o mediador não o é de um só, mas Deus é um"* (Gál. 3:20).*"Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Cristo Jesus, homem"* (1 Tim. 2:5). Jesus Cristo foi, portanto, Aquele que deu a lei sobre o Sinai; e Ele a deu em Sua função de Mediador entre Deus e os homens. Assim, conquanto fosse impossível que houvesse uma lei concedida que pudesse dar vida, a lei, que era morte aos pecadores descrentes, estava nas mãos de um Mediador que oferece a Sua própria vida, que é a lei em sua perfeição viva. NEle a morte é consumida, e a vida toma o seu lugar; Ele carrega a maldição da lei, e a bênção dela nos advém. Isso nos traz o fato de que no Sinai encontramos o Calvário, para a consideração adicional da mesma precisamos esperar até outro número.

-- *The Present Truth*, 19 de novembro de 1896.

---

[1] I Cor. 2:2;

[2] João 6: 29;

[3] Mateus 24:14;

[4] Marcos 16:16;

[5] Romanos 1:17;

[6] Romanos 1:5;

[7] Apocalipse 22:14;

[8] Romanos 3:23;

[9] Romanos 6:23;

[10] Gálatas 3:13;

[11] Isaias 53: 4 e 5:

[12] Apocalipse 13: 8;

[13] Gálatas 3:9;

[14] João 8:56;

[15] Hebreus 6:18;

[16] Mateus 5:18. Nas versões em português, aparece a palavra jota, indicativa da letra ("j"), mas no original grego aparece iota ("i"), a nona letra do alfabeto grego, correspondendo à letra hebraica yod ("י" = y), a menor letra do alfabeto hebraico;

[17] Nota do autor: Alguns têm pensado em formar um argumento sobre a palavra*"acrescentada",* supondo que indica algo inteiramente novo acrescentado às provisões que Deus havia anteriormente feito. Uma referência a Deut. 5:22 mostrará o sentido em que é empregada. Após ter repetido os dez mandamentos, Moisés declarou: *"Essas palavras falou o Senhor a toda a vossa assembléia no monte, do meio do fogo, da nuvem e da escuridão, com grande voz;* ***e Ele nada acrescentou***". Isto é, Ele falou até este ponto, e nada mais disse. A mesma coisa é mostrada ainda mais claramente em Heb. 12:18, 19: *"Pois não tendes chegado ao monte palpável, aceso em fogo, e à escuridão, e às trevas, e à tempestade, e ao sonido da trombeta, e à voz das palavras, a qual os que a ouviram pediram* ***que não se lhes falasse mais***". Comparar com Êxo. 20:19. A palavra grega traduzida como *"falasse"* neste caso é idêntica com a que se traduziu por *"acrescentou"* em Gál 3:19 e Deu. 5:22. Assim, quanto à pergunta, para que serviu a lei, uma vez que ela não operou nenhuma mudança no concerto? A resposta é, *"Ela foi* ***falada*** *por causa da transgressão"*;

[18] Gálatas 3:19.

CAPÍTULO 30.

As Promessas a Israel, 19

-==-=-=-=-=-

Sinai e Calvário

"*Lembrai-vos da lei de Moisés, Meu servo, que lhe mandei em Horebe para todo o Israel, a saber, estatutos e juízos. Eis que Eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; e ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que Eu não venha, e fira a terra com maldição",* ou, literalmente, *"com completa destruição".* Mal. 4:5, 6.

Notem quão intimamente a terna e convertedora obra do Espírito de Deus se liga à lei que foi pronunciada no Horebe. Pois o Sinai é Horebe, como aprendemos de Deut. 4:10-14, onde lemos as palavras de Moisés, o servo de Deus:

". . . estiveste perante o Senhor teu Deus em Horebe, quando o Senhor me disse: Ajunta-me este povo, e os farei ouvir as Minhas palavras, . . . E vós vos chegastes, e vos pusestes ao pé do monte; e o monte ardia em fogo até o meio do céu, e havia trevas, e nuvens e escuridão. E o Senhor vos falou do meio do fogo . . . E Ele vos anunciou a Sua aliança, que vos ordenou cumprir, isto é, os dez mandamentos; e os escreveu em duas tábuas de pedra. Também o Senhor me ordenou ao mesmo tempo que vos ensinasse estatutos e juízos, para que os cumprísseis na terra a qual passais a possuir".

Quando o Senhor nos diz para lembrar-nos da lei, que Ele ordenou no Horebe, ou Sinai, é para que saibamos do poder com que Ele converterá os corações dos pais e filhos, para que possam estar preparados para o terrível dia de Seu retorno. *"A lei do Senhor é perfeita, e refrigera a alma".* Sal. 19:7.

-=-=-=-=-=-=-=-=-

A Rocha Ferida

Quando Deus pronunciou a lei do Sinai, aquela corrente de água viva, que brotou da rocha ferida no Horebe, estava ainda fluindo. Se houvesse cessado de fluir os israelitas se achariam em condição tão má quanto antes, pois aquele era o único suprimento de água, a sua única esperança de vida. Do Horebe, de onde partiu a água que lhes restaurou a vida, que Deus pronunciou a lei. A lei veio da mesma rocha da qual a água já estava fluindo, *"e a Rocha era Cristo"* (1 Cor. 10:4).

O Sinai é corretamente considerado sinônimo da lei; mas não é mais do que seria Cristo; não, não tanto, pois nEle está a vida. Jesus declarou: *"Deleito-Me em fazer a Tua vontade, ó DeusMeu; sim, a Tua lei está dentro do Meu coração"* (Sal. 40:8). A lei era, portanto, a vida de Cristo, pois do coração procedem as fontes da vida, Prov. 4:23.

"Ele foi ferido por nossas iniqüidades"; e *"pelas Suas pisaduras fomos sarados"*. Quando Ele foi esmagado e ferido no Calvário, o sangue vital fluiu de Seu coração, e essa corrente ainda flui para nós. Mas em Seu coração está a lei; e assim como bebemos pela fé da corrente que concede vida, bebemos na justiça da lei de Deus. A lei vem a nós como uma corrente de graça, um rio de vida. A *"graça e a verdade"* procedem igualmente de Jesus Cristo. João 1:17. Quando cremos nEle, a lei não nos é meramente *"a voz das palavras"*, mas uma fonte de vida.

Agora, tudo isso se deu no Sinai. Cristo, o doador da lei, era a Rocha ferida no Horebe, que é o Sinai. Aquela corrente era a vida dos que beberam, e ninguém daqueles que a receberam em refletida atitude poderia deixar de saber que ela viera diretamente do seu Senhor—o Senhor de toda a Terra. Assim podiam ter a segurança de Seu terno amor por eles, e do fato de que Ele era a sua vida, e daí, sua justiça. Destarte, embora nem pudessem aproximar-se da montanha sem morrer,—uma evidência de que a lei é morte aos homens fora de Cristo,—eles podiam beber da corrente que fluía dela, e assim, na vida de Cristo, beber da justiça da lei.

Conquanto fosse uma *"lei de fogo"*, era, ao mesmo tempo, uma corrente de vida que fluía suavemente. Em vista de que o profeta Isaías sabia que Cristo era a Rocha ferida no Sinai, e que mesmo então Ele era o Único Mediador, *"Cristo Jesus, homem, o qual Se deu a Si mesmo em resgate por todos, para servir de testemunho a seu tempo"* , ele pôde dizer que *"Ele **foi ferido** por nossas transgressões"*, *"e pelas Suas pisaduras **fomos sarados***".

Para os antigos israelitas foi realçada a lição de que a lei vem como vida aos homens somente mediante a cruz de Cristo. Para nós ocorre a mesma lição, juntamente com outra paralelamente à mesma, ou seja, de que a justiça que nos vem mediante a vida a nós concedida na cruz, é precisamente aquela que é requerida pelos dez mandamentos, e nenhuma outra. Leiamo-los, então:—

-=-=-=-=-=-=-

O Que Deus Falou

1. *"Eu sou o Senhor teu Deus, que te tirei da terra do Egito, da casa da servidão. Não terás outros deuses diante de Mim.*

2. *"Não farás para ti imagem esculpida, nem alguma semelhança do que há em cima nos céus, nem em baixo na terra, nem nas águas debaixo da terra. Não te encurvarás a elas, nem as servirás; porque Eu, o Senhor teu Deus, sou Deus zeloso, que visito a iniqüidade dos pais nos filhos, até a terceira e quarta geração daqueles que Me odeiam.e faço misericórdia com milhares dos que Me amam e guardam os Meus mandamentos.*

3. *"Não tomarás o nome do Senhor teu Deus em vão; porque o Senhor não terá por inocente aquele que tomar o Seu nome em vão.*

4. *"Lembra-te do dia do sábado, para o santificar. Seis dias trabalharás, e farás toda a tua obra; mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal, nem o estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor*

os céus e a terra, o mar e tudo o que nEles há, e ao sétimo dia descansou; portanto o abençoou o Senhor o dia do Sábado, e o santificou.

5. *"Honra a teu pai e a tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o Senhor teu Deus te dá.*

6. *"Não matarás.*

7. *"Não adulterarás.*

8. *"Não furtarás.*

9. *"Não dirás falso testemunho contra o teu próximo.*

10. *"Não cobiçarás a casa do teu próximo, não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma do teu próximo"*.

Esta foi a lei pronunciada em meio aos terrores do Sinai, pelos lábios dAquele, cuja vida era e é, e de quem havia partido a corrente, que naquele momento estava fluindo,—Sua própria vida dada pelo povo. A Cruz, com a sua corrente curadora e transmissora de vida, estava no Sinai; daí que a Cruz não pode possivelmente realizar qualquer mudança na lei. A vida procedente de Cristo no Sinai, como no Calvário, mostra que a justiça que é revelada no evangelho não é outra senão a dos dez mandamentos. Nem um jota ou til poderiam passar. A terribilidade do Sinai estava no Calvário, nas densas trevas, no terremoto, e na forte voz do Filho de Deus. A rocha ferida e a corrente a fluir no Sinai representavam o Calvário; o Calvário ali estava; de modo que do Calvário é que foram proclamados os dez mandamentos em termos idênticos como foram ouvidos do Sinai. O Calvário, não menos que o Sinai, revela a terrível e imutável santidade da lei de Deus, tão terrível e imutável que não poupou nem mesmo o Filho de Deus, quando *"com os transgressores foi contado"* . Mas não obstante o grande terror inspirado pela lei, a esperança pela graça é ainda maior; pois *"onde o pecado abundou, superabundou a graça"*. E, por detrás de tudo, permanece o juramento do concerto de graça de Deus, assegurando a perfeita justiça e vida da lei em Cristo; de modo que embora a lei pronunciasse morte, ela somente mostrava que grandes coisas Deus tem prometido fazer por aqueles que crêem. Ela nos ensina a não ter confiança na carne, mas adorar a Deus no Espírito, e regozijar-nos em Cristo Jesus. Assim, Deus estava provando o Seu povo, para que pudesse saber que *"o homem não viverá só de pão, mas de tudo o que sai da boca do Senhor, viverá o homem"* (Deut. 8:3).

Assim, a lei não é contra as promessas de Deus, conquanto não possa transmitir vida. Pelo contrário, respalda essas promessas em tons trovejantes; pois com o juramento de

Deus sempre firme, o maior requisito da lei é, para o ouvido da fé, apenas uma promessa de seu cumprimento. E assim, ensinado pelo Senhor Jesus, podemos *"saber que o Seu mandamento é vida eterna .*

— *The Present Truth*, 26 de novembro de 1896.

---

[1] Isaias 53:5;

[2] Deuteronômio 33:2;

[3] Iª Timóteo 2: 5 e 6;

[4] Isaias 53:5;

[5] **Nota do autor:** Não ocorre no texto hebraico desta passagem qualquer palavra indicando*"geração"*, que é adicionada pelos tradutores. É muito evidente, contudo, tratar-se da palavra requerida pelo sentido, e atenção é chamada a ela somente para assinalar o fato de que a construção é a mesma como na próxima cláusula, onde a palavra *"geração"* não é expressa, mas onde se encaixa tão certamente quanto no primeiro caso. Alguns têm apressadamente suposto que os *"milhares"* referem-se somente a indivíduos, e assim erroneamente concluem que os castigos de Deus se estendem além de Sua misericórdia. Não é assim. Ele visita as iniqüidades dos pais nos filhos até a terceira e quarta geração *daqueles que O aborrecem*, mas revela misericórdia até mil gerações àqueles que O amam e guardam os Seus mandamentos. Sua ira é logo apaziguada, enquanto a Sua misericórdia flui pela eternidade. Outras versões diferentes das do português e do inglês estabelecem isso com bastante clareza;

[6] Êxodo 20: 2-17;

[7] Mateus 5:18, Veja nota 16 do capítulo anterior, cap. 29;

[8] Lucas 22:37;

[9] Romanos 5:20;

[10] João 12:50.

CAPÍTULO 31.

As Promessas Para Israel, 20

Monte Sinai E Monte Sião

"Grande é o Senhor e mui digno de ser louvado, na cidade do nosso Deus, no Seu monte santo. Formoso de sítio, e alegria de toda terra é o monte Sião aos lados do norte, a cidade do grande Rei. Nos palácios dela Deus Se fez conhecer como alto refúgio". Sal. 48:1-3.

Aqui temos uma exuberância de louvor da habitação de Deus no céu; pois *"O Senhor está no Seu santo templo, o trono do Senhor está nos céus"* (Sal. 11:4), e de Cristo, *"que Se assentou nos céus à direita do trono da Majestade"* (Heb. 8:1) o Senhor declara, *"Eu tenho estabelecido o Meu Rei sobre Sião, Meu santo monte* ", ou *"sobre Sião, o monte de Minha santidade".* Sal. 2:6.

Jesus Cristo, o ungido Rei em Sião, é igualmente o Sumo Sacerdote *"para sempre, segundo a ordem de Melquisedeque"*. O Senhor tem falado do *"Homem cujo nome é Renovo",* que Ele*"edificará o templo do Senhor; Ele levará a glória, assentar-Se-á no Seu trono, e dominará, e será sacerdote; e conselho de paz haverá entre os dois".* Zac. 6:12, 13. Assim, ao assentar-Se sobre o trono de Seu pai no céu, Ele é o *"ministro do santuário, e do verdadeiro tabernáculo, que o Senhor fundou, e não o homem".* Heb. 8:2.

Era para esse lugar—para o monte Sião, o monte da santidade de Deus, e ao Santuário sobre o mesmo, o lugar de Sua habitação—que Deus estava conduzindo o Seu povo de Israel quando Ele os libertou do Egito. Quando haviam seguramente passado pelo Mar Vermelho, Moisés cantou essas inspiradas palavras: *"Tu os introduzirás, e os plantarás no monte da Tua herança, no lugar que Tu, ó Senhor, aparelhaste para a Tua habitação, no santuário, ó Senhor, que as Tuas mãos estabeleceram".* Êxo. 15:17.

Mas eles não chegaram lá, porque não *"retiveram firme a confiança e o regozijo da esperança até o fim"* . *"Assim, vemos que não puderam entrar por causa da descrença"*. Contudo, Deus não Se esqueceu deles, pois *"se não crermos, contudo Ele permanece fiel; Ele não pode negar-Se a Si mesmo*. Assim, Ele instruiu Moisés a dizer ao povo para trazer ofertas de ouro e prata e pedras preciosas, junto com outros materiais, e disse*: "E Me farão um santuário, para que Eu habite no meio deles. Conforme a tudo o que Eu te mostrar para modelo do tabernáculo, e para modelo de todos os seus instrumentos, assim mesmo o fareis"* (Êxodo 25: 8 e 9).

Esse não era o *"verdadeiro tabernáculo que o Senhor ergueu"*, mas um feito pelo homem. O tabernáculo e seu mobiliário eram somente *"figuras das coisas que estão no céu",* e não *"as próprias coisas celestiais"* (Heb. 9:23). Era apenas uma sombra da substância real. Relativamente à sombra consideraremos depois. Mas os fiéis dos tempos antigos sabiam, tal como Estevão em anos posteriores, que *"o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens, como disse o profeta: O céu é Meu trono, e a terra o escabelo dos Meus pés. Que casa Me edificareis, diz o Senhor, ou qual o lugar do Meu repouso?"* (Atos 7:48, 49). Salomão, durante a dedicação do seu grandioso templo, declarou: *"Mas, na verdade, habitará Deus com os homens na terra? Eis que o céu e o céu dos céus não Te podem conter; quanto menos esta casa que tenho edificado!"* (2º Crôn. 6:18).

Todos os filhos realmente fiéis de Deus entendiam que o tabernáculo terreno ou templo não era o real lugar de habitação de Deus, mas apenas uma figura, um tipo. O mesmo se pode dizer do mobiliário contido no santuário.

Assim como o trono de Deus se acha em Seu santo templo no céu, também com o tipo desse templo, sobre a Terra, havia uma representação de Seu trono. Uma representação bem débil, é verdade, tão inferior à realidade quanto as obras do homem são muito inferiores às de Deus, sendo contudo uma figura dele. Essa figura do trono de Deus era a arca que continha as tábuas da lei. Alguns poucos textos das Escrituras o demonstrarão.

Êxo. 25:10-22 contém a descrição completa da arca. Era uma caixa feita de madeira, mas completamente recoberta, por dentro e por fora, com fino ouro. Dentro dessa arca o Senhor orientou Moisés a colocar o Testemunho que Ele lhe daria. Isso Moisés fez, pois após isso, ao rememorar a Israel as circunstâncias da outorga da lei, em face de sua idolatria, que levou à quebra das primeiras tábuas, ele disse:—

"Naquele mesmo tempo me disse o Senhor: Alisa duas tábuas de pedra, como as primeiras, e sobe a Mim ao monte, e faze para ti uma arca de madeira. Nessas tábuas escreverei as palavras que estavam nas primeiras tábuas, que quebraste, e as porás na arca. Assim, fiz uma arca de madeira de acácia, alisei duas tábuas de pedra, como as primeiras, e subi ao monte com as duas tábuas na minha mão. Então Ele escreveu nas tábuas, conforme a primeira escritura, os dez mandamentos, que o Senhor vos falara no monte, do meio do fogo, no dia da assembléia; e o Senhor mas deu a mim. Virei-me, pois, desci do monte e pus as tábuas na arca que fizera; e ali estão, como o Senhor me ordenou" (Deut. 10: 1-5).

A cobertura dessa arca era chamada de *"propiciatório"*. Este era de ouro sólido, batido, e sobre cada extremidade, como parte da mesma peça de ouro, havia um querubim com asas estendidas. *"as faces dos querubins estarão voltadas para o propiciatório".* Tendo

essas instruções, o Senhor disse: *"porás o propiciatório em cima da arca; e dentro da arca porás o testemunho que Eu te darei"* (Êxo. 25:17-22).

Deus disse que iria falar-lhes *"do meio dos dois querubins".* Assim, lemos: *"O Senhor reina, tremam os povos; Ele está assentado entre os querubins, estremeça a terra. O Senhor é grande em Sião, e exaltado acima de todos os povos"* (Sal. 99:1, 2). Os querubins ficavam acima do propiciatório, de onde o Senhor falava ao povo. Agora, a expressão propiciatório tem raízes em *"propiciação"* [graça, misericórdia], assim no propiciatório do tabernáculo terrestre temos a figura do *"trono da graça"* ao qual somos instados a ir ousadamente, *"para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno"*(Heb. 4:16).

-=-=-=-=-=-

Fundamento do Governo de Deus

Os dez mandamentos sobre as duas tábuas de pedra estavam na arca, sob o propiciatório, assim mostrando que a lei de Deus é a base de Seu trono e governo. Segundo o que lemos, *"O Senhor reina, regozije-se a Terra; alegrem-se as numerosas ilhas. Nuvens e escuridão estão ao redor dEle; justiça e eqüidade são a base do Seu trono". "Justiça e juízo são a base do Teu trono; misericórdia e verdade vão adiante de Tua face".* Sal. 97:1, 2; 89:14.

Um vez que o tabernáculo, e tudo quanto ele continha, devia ser feito exatamente segundo o modelo dado a Moisés, e eram *"figura das coisas que estão no céu,* segue-se, necessariamente, que os dez mandamentos sobre as tábuas de pedra eram cópias exatas da lei que é o fundamento do verdadeiro trono de Deus no céu. Isso nos capacita a entender mais claramente como é *"mais fácil passar o céu e a terra do que cair um til da lei"* (Luc. 16:17). Enquanto permanecer o trono de Deus, a lei de Deus pronunciada no Sinai permanece inalterada. *"Se os fundamentos são destruídos, que pode fazer o justo?"* (Sal. 11:3). Se os dez mandamentos—as pedras fundamentais do trono de Deus—forem destruídos, o próprio trono cairia, e a esperança dos justos pereceria. Mas ninguém precisa temer tal catástrofe. *"O Senhor está em Seu santo templo; o trono do Senhor está no céu"* porque Sua palavra está estabelecida para sempre no céu. Esta é uma das *"coisas que não podem ser abaladas"*.

Agora somos capazes de ver que o Monte Sinai, que é sinônimo de lei, e que na outorga da lei era realmente a corporificação da terrível lei, é também um tipo do trono de Deus. De fato, na ocasião era realmente o trono de Deus. Ele estava presente sobre ele com todos os Seus santos anjos.

Ademais, o extraordinário terror do Sinai é apenas o terror do trono de Deus nos céus. João teve uma visão do templo de Deus no céu, e do trono, com Deus sentado sobre o mesmo; *"e do trono saiam relâmpagos e trovões e vozes"*. *"E abriu-se no céu o templo de Deus que está no céu, e no Seu templo foi vista a arca da Sua aliança; e houve relâmpagos, vozes e trovões, e um terremoto e grande saraivada"*. *"Um fogo vai adiante dEle"*.

O terror do trono de Deus é o mesmo que ocorreu no Sinai—o terror da lei. Contudo, esse mesmo trono é o *"trono da graça"*, ao qual somos exortados a ir ousadamente. Mesmo assim, *"Moisés porém se chegou às trevas espessas onde Deus estava"* (Êxo. 20:21). Não somente Moisés, mas também *"subiram Moisés e Arão, Nadabe e Abiú, e setenta dos anciãos de Israel"*; ao monte; *"e viram o Deus de Israel, e debaixo de Seus pés havia como que uma pavimentação de pedra de safira, que parecia com o próprio céu na sua claridade. Deus, porém, não estendeu a Sua mão contra os nobres dos filhos de Israel; eles viram a Deus, e comeram e beberam"* (Êxo. 24:9-11). Se não tivesse sido assim, então não teríamos tido uma demonstração positiva do fato de que podemos verdadeiramente ir com ousadia ao trono de graça,—aquele tremendo trono do qual procediam relâmpagos e trovões, e vozes,—e encontrar misericórdia ali. A lei faz com que o pecado abunde, *"mas, onde o pecado abundou, superabundou a graça"*. A cruz estava no Sinai, e também lá estava o trono da graça de Deus.

Seja lembrado que é somente *"pelo sangue de Jesus"* que temos *"ousadia para entrar no santo dos santos"* (Heb. 10:19). Mas por esse sangue ser-nos-ia tão certa a morte por aproximar-nos do trono de Deus e tomar o Seu nome sobre os nossos lábios, como seria se qualquer um se aproximasse levianamente do Sinai. Mas Moisés e outros se aproximaram de Deus no Sinai, mesmo adentrando as espessas trevas, e não morreram, como uma evidência indiscutível de que o sangue de Jesus os salvou. A fonte viva de Cristo estava fluindo no Sinai, o próprio *"rio puro da água da vida, claro como o cristal"* que procede *"do torno de Deus e do Cordeiro".* Apo. 22:1.

Essa fonte procede do coração de Cristo, na qual a lei estava e é abrigada. Cristo era o templo de Deus, e o Seu coração era o lugar de habitação de Deus. Sabemos que a fonte—de água viva para o povo—procedia de Cristo no Sinai, e que o sangue e a água, que concordam um com o outro, vieram do Seu lado no Calvário, —uma corrente de água viva para a vida do mundo. Contudo, embora a cruz do Calvário seja a manifestação mais elevada possível da terna misericórdia e amor de Deus para o homem, é um fato que o terror do Sinai—os terrores do trono de Deus—estavam ali. Havia densas trevas e um terremoto, e o povo estava dominado de um temor mortal, porque ali Deus exibia as terríveis conseqüências da violação de Sua lei. A lei em seu terror aos malfeitores esteve no Calvário também, como esteve no Sinai ou no meio do trono de Deus.

Quando João viu o templo no céu, e o tremendo trono de Deus, ele viu *"no meio do trono", "um Cordeiro como havendo sido morto"* (Apoc. 5:6). Assim o rio de água da vida do meio do trono de Deus, procede de Cristo, assim como a corrente do Sinai e do Calvário. O Sinai, o Calvário e Sião, três montes sagrados de Deus, todos convergem em um para aqueles que vão a eles em fé. Em tudo encontramos a terrível e mortal lei de Deus fluindo a nós numa doce e refrigerante correnteza de vida, de modo que podemos cantar,

"Há uma amplidão na misericórdia de Deus,

como a amplidão do mar,

Há uma bondade em Sua justiça

Que é mais do que liberdade".

-- *The Present Truth*, 3 de dezembro de 1896.

---

[1] Salmo 110:4;

[2] Hebreus 3:6;

[3] Hebreus 3:19;

[4] 2ª Timóteo 2:13;

[5] Este texto de Êxodo 25: 8 e 9 é da KJV. Na Almeida Fiel no lugar de *"instrumentos"* aparece*"pertences",* e na Almeida Revista e Corrigida *"vasos"*;

[6] Hebreus 8:2;

[7] Propiciatório, ("mercy seat" em inglês, literalmente = assento, ou, lugar de misericórdia)*; "*em heb. ***kapporeth***; em Gr ***hilastérion***, *'um meio* (ou lugar) *de reconciliação'*, a tampa, ou cobertura da arca do concerto, embaixo da qual estavam depositadas as taboas da lei, Êxodo 25:17, e Deut. 10:2. A lei e o evangelho— **justiça e misericórdia—eram assim intimamente associados** no antigo serviço do santuário" (*Dicionário Bíblico*, Vol. 8 da série *SDABC*, pág. 729, 2ª coluna). O termo "tem sido assunto de alguma controvérsia. Alguns estudiosos, partindo da raiz ***kpr*** = cobrir, traduzem **kapporeth** como 'tampa'. Todavia, qualquer que tenha sido o sentido original de **kpr**, no ritual levítico significa 'propiciar' (*Novo Dicionário da Bíblia*, Edições Vida Nova, São Paulo, 1983, Vol. II, pág. 1555, 2ª coluna. Grifos do orginal).

[8] *"Por cima do propiciatório aparecia a glória* [de Deus]*, chamada, no período hebraico pós-bíblico, de* ***Shekinah****, o sinal visível da presença de Deus entre Seu povo."* (*Dicionário Bíblico*,

vol. 8 da série *SDABC*, pág. 729, 2ª coluna). “Esta palavra hebraica (*shekinah*), usada nos escritos rabínicos judaicos, não é encontrada na Bíblia, embora seja enraizada na terminologia hebraica, desde que vem de ***shakan***, ‘habitar’. Shekinah significa a presença ou proximidade de Deus com Seu povo. Ocorre no Targum, a tradução aramaica do Velho Testamento,’ [para os judeus do cativeiro babilônico que não mais falavam a língua hebraica]‘...em Deut. 12: 5 onde as palavras *nome* e *habitação* são traduzidas como ‘shekinah.’ No Mishnah [a parte da lei moral do Talmude] Mateus 18:20, ú.p. diz: *‘a presença divina [o Shekinah] está no meio deles.’* No Haggadah [a parte de interpretações não-legais do Talmude] o termo *Shekinah* é usado, freqüentemente, onde as aparições divinas são mencionadas” (Idem, pág. 1020, 1ª e 2ª colunas);

[9] Hebreus 9:23;

[10] Salmo 11:4;

[11] Hebreus 11:27, KJV; a Almeida Revista e Atualizada, edição de 1993 diz *“...as coisas que não são abaladas ...”;*;

[12] Apoc. 4:5;

[13] Apoc. 11:19;

[14] Salmo 97:3;

[15] Hebreus 4:16;

[16] Romanos 5:20;

[17] 1ª João 5: 8;

[18] Hino 55 do hinário *Cantai ao Senhor,* com variação dos termos devido à tradução com rimado hino 114 do *Hinário Adv. Americano*, de autoria de **Frederico William Faber**, composto em 1862. Do mesmo autor, no atual *Hinário Adventista*, bem como no *Cantai ao Senhor* temos ainda os hinos 171 e 258.

CAPÍTULO 32.

As Promessas Para Israel, 21

-=-=-=-=-=-

Os Concertos Da Promessa

"Portanto, lembrai-vos de que vós noutro tempo éreis gentios na carne, e chamados incircuncisão pelos que na carne se chamam circuncisão, feita pela mão dos homens. Que naquele tempo estáveis sem Cristo, separados da comunidade de Israel, e estranhos aos pactos da promessa, não tendo esperança, e sem Deus no mundo". Efé. 2:11, 12.

Uma idéia que prevalece de modo bastante extensivo é a de que Deus tem um concerto com os judeus e outro para os gentios; de que houve um tempo em que o concerto com os judeus excluía inteiramente os gentios, mas que agora um novo concerto foi estabelecido e diz respeito especialmente, se não com exclusividade, aos gentios; em síntese, que os judeus estão, ou estavam, sob o velho concerto, e os gentios sob o novo. Que essa noção é um grande erro pode-se ver facilmente da passagem acima citada.

De fato, os gentios, como tais, não têm parte alguma nos concertos da promessa de Deus. Em Cristo está o sim. *"Porque todas quantas promessas há de Deus, são nEle sim; e por Ele o amém, para glória de Deus por nós"* (2ª Cor. 1:20). Os gentios são aqueles que estão sem Cristo, assim sendo eles são *"estranhos aos pactos da promessa"*. Nenhum gentio tem qualquer parte em qualquer concerto da promessa. Mas qualquer que deseje pode vir a Cristo, e compartilhar das promessas; pois Cristo declara, *"o que vem a Mim de maneira nenhuma o lançarei fora"* (João 6:37). Mas quando os gentios fazem isso, não importa qual seja a sua nacionalidade, ele deixa de ser um gentio, e se torna membro da *"comunidade de Israel"*.

Seja notado também que o judeu, na aceitação comum do termo, ou seja, como membro da nação judaica, é um rejeitador de Cristo, não tem maior parte nas promessas de Deus, ou nos concertos da promessa do que o gentio. Isso é apenas para dizer que ninguém tem qualquer parte nas promessas, exceto aqueles que as aceitam. Quem quer que, *"sem Cristo"*, seja chamado judeu ou gentio, é também *"sem Deus no mundo"*, e um estranho aos concertos da promessa, e um estranho à comunidade de Israel. Isso é o que o texto, acima citado, nos ensina. A pessoa precisa estar em Cristo a fim de compartilhar os benefícios dos *"concertos da promessa"*, e ser um membro da *"comunidade de Israel"*. Ser um *"israelita de verdade"*, portanto, é simplesmente ser

um cristão. Isso é tão verdadeiro a respeito do homem que vivia nos dias de Moisés quanto daqueles que viviam no tempo de Paulo, ou dos que vivem hoje.

Talvez alguns sejam levados a perguntar: *"E o que dizer do concerto estabelecido no Sinai? Está querendo dizer que era o mesmo sob o qual os cristãos vivem, ou que foi tão bom? Não nos é dito que ele era defeituoso? E se era defeituoso, como podiam vida e salvação ter derivado dele?"*

Perguntas muito pertinentes e fáceis de responder. É um fato inegável que a graça abundou no Sinai,—*"a graça de Deus que traz salvação"*—porque Cristo estava ali com toda a Sua plenitude de graça e verdade. A misericórdia e a verdade ali se encontraram, e a justiça e a paz fluíram como um rio. Mas não foi por virtude do concerto feito junto ao Sinai, que a misericórdia e a paz ali estiveram. Aquele concerto nada trouxe ao povo, conquanto tudo ali estivesse para desfrutarem.

O valor comparativo dos dois concertos, que em relação um com o outro são chamados de *"o primeiro"* e *"o segundo"*, *"o velho"* e *"o novo"*, é assim estabelecido no livro de Hebreus, que apresenta a Cristo como o Sumo Sacerdote, e contrasta o Seu sacerdócio com o de homens. Eis aqui alguns dos pontos de superioridade de nosso grande Sumo Sacerdote sobre os sacerdotes terrestres:—

1. Aqueles sacerdotes eram constituídos sem juramento, mas este com um juramento por Aquele que disse *"Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque"* (Heb. 7:21).

2. Eles eram sacerdotes somente por um período curto, *"porque pela morte foram impedidos de permanecer*"; portanto havia uma contínua mudança e sucessão. Mas Cristo *"vivendo sempre",* "*tem um sacerdócio perpétuo*". Os sacerdotes terrenos continuavam sendo sacerdotes enquanto vivessem, mas não viviam por muito tempo. Cristo também continua a ser sacerdote enquanto viver, mas Ele vive "*para todo o sempre*".

3. Os sacerdotes levíticos eram constituídos sacerdotes "*segundo a lei do mandamento carnal*". O sacerdócio deles era apenas exterior, da carne. Eles podiam lidar com o pecado somente em suas manifestações exteriores, ou seja, de fato em nada. Mas Cristo é o Sumo Sacerdote,*"segundo o poder da vida infindável*"—uma vida que salva até o fim. Ele ministra a lei no Espírito.

4. Eles eram ministros somente de um santuário terrestre, que o homem fez. Cristo "*que está assentado nos céus à destra do trono da Majestade, Ministro do santuário e verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou, e não o homem*".

5. Eles eram meros homens pecadores, como se demonstrou por sua mortalidade. Cristo é*"declarado Filho de Deus em poder, segundo o espírito de santidade, pela ressurreição dos mortos"* (Rom. 1:4), assim Ele é *"santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime que os céus"* (Heb. 7:26).

Agora, *"de tanto melhor concerto Jesus foi feito fiador"*. O concerto do qual Cristo é Ministro é tanto melhor do que aquele do qual os sacerdotes levíticos eram ministros, cujo sacerdócio data somente do estabelecimento do concerto no Sinai, tal como Cristo e Seu sacerdócio são melhores do que eles e o sacerdócio deles. Isso significa que o concerto do qual Cristo, como Sumo Sacerdote, é Ministro, é tanto melhor do que o concerto que procede do Sinai, quanto Cristo é melhor do que o homem; quanto o céu é mais elevado do que a Terra; quanto o santuário no céu é maior do que o santuário na terra; quanto as obras de Deus são melhores do que as obras da carne; quanto "*a lei do Espírito de vida em Cristo Jesus*" é melhor do que "*a lei do mandamento carnal*"; quanto a vida eterna é melhor do que uma vida que não passa de "*um vapor que aparece por um momento e depois se desvanece*"; quanto o juramento de Deus é melhor do que a palavra do homem.

-=-=-=-=-=-=-

A Diferença

E agora podemos ler onde jaz a vasta diferença: *"Mas agora alcançou Ele ministério tanto mais excelente, quanto é mediador de uma melhor aliança, que está firmada em* ***melhores promessas****. Porque, se aquela primeira aliança fora irrepreensível, nunca se teria buscado lugar para a segunda. Porque repreendendo-os, lhes diz: Eis que virão dias, diz o Senhor, em que com a casa de Israel e com a casa de Judá estabelecerei uma nova aliança. Não segundo a aliança que fiz com seus pais no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito; como não permaneceram naquela Minha aliança, Eu para eles não atentei, diz o Senhor. Porque esta é a aliança que depois daqueles dias farei com a casa de Israel, diz o Senhor; porei as Minhas leis no seu entendimento, e em seu coração as escreverei; Eu lhes serei por Deus, e eles Me serão por povo; e não ensinará cada um ao seu próximo, nem cada um ao seu irmão, dizendo: Conhece o Senhor; porque todos Me conhecerão, desde o menor deles até ao maior. Porque serei misericordioso para com suas iniqüidades, e de seus pecados e de suas prevaricações não Me lembrarei mais"* (Heb. 8:6-12). Os fatos seguintes devem destacar-se de forma bem evidente ao atento leitor deste texto:--

1. Ambos os concertos são somente com Israel. Os gentios, como já vimos, são *"estranhos às alianças da promessa*". É sempre admitido e mesmo reivindicado que

eles nada têm que ver com o velho concerto; mas têm até menos ligação com o novo concerto.

2. Ambos os concertos são estabelecidos com *"a **casa** de Israel"*; não com uns poucos indivíduos, nem com uma nação dividida, mas *"com a casa de Israel e com a casa de Judá",* ou seja, com todo o povo de Israel. O primeiro concerto foi feito com toda a casa de Israel, antes que se houvesse dividido; o segundo concerto será feito quando Deus tiver tirado os filhos de Israel dentre os pagãos, e os tornado uma nação, quando *"nunca mais serão duas nações, e nunca mais se dividirão para o futuro em dois reinos"* (Eze. 37:22, 26). Com respeito a isso, porém, teremos mais a dizer depois.

3. Ambos os concertos contêm promessas, e são fundamentados sobre elas.

4. O *"novo concerto"* é melhor do que o que foi feito no Sinai.

5. É melhor, porque as promessas sobre que está fundado são melhores.

6. Contudo, será visto, por comparar os termos do novo com os do velho, que o objetivo tencionado por cada um é o mesmo. O velho dizia: "*se obedecerdes a Minha voz*"; o novo diz,*"porei as Minhas leis no seu entendimento, e em seu coração as escreverei*". Cada um faz referência à lei de Deus. Ambos têm santidade e todas as recompensas da santidade, como objetivo. No concerto do Sinai foi dito a Israel: *"e vós Me sereis um reino sacerdotal e um povo santo"* (Êxodo 19:6). Isso é exatamente o que o próprio povo de Deus realmente é, *"o sacerdócio real, a nação santa, o povo adquirido"* (1ª Ped. 2:5, 9).

Mas as promessas daquele concerto no Sinai nunca foram concretizadas, e pela razão mesma de serem falhas. As promessas daquele concerto dependiam todas do povo. Eles disseram: *"Tudo o que o Senhor tem falado, nós faremos"* (Êxo. 19:8; 24:7). Prometeram observar os Seus mandamentos, conquanto já tivessem demonstrado sua incapacidade de fazer qualquer coisa por si mesmos. As promessas feitas de observar a lei, como a própria lei, estavam *"enfermas pela carne"* (Rom. 8:3). A força daquele concerto era, portanto, somente a força da lei; e essa é morte.

-=-=-=-=-=-=-

Por Que o Concerto no Sinai?

Por que, então, foi feito aquele concerto?—Pela mesma razão pela qual a lei foi estabelecida no Sinai: *"por causa da transgressão"*. O Senhor diz que foi porque eles *"não permaneceram naquela Minha aliança"*. Eles haviam considerado levianamente o *"concerto eterno"* que Deus havia feito com Abraão, e, portanto, estabeleceu esse com eles, como um testemunho contra eles.

Aquele *"concerto eterno"* com Abraão foi um concerto de fé. Era eterno, e, portanto, a outorga da lei não poderia anulá-lo. Foi confirmado por um juramento de Deus, e, portanto, a lei não poderia acrescentar coisa alguma a ele. Em vista de que a lei nada acrescentava àquele concerto, e contudo não era contra as suas promessas, segue-se que a lei estava contida em suas promessas. O concerto de Deus com Abraão assegurou-lhe e à sua semente a justiça da lei pela fé. Não pelas obras, mas pela fé.

O concerto com Abraão era tão amplo em seu escopo que abarcava todas as nações, mesmo*"todas as famílias da Terra"*. É esse concerto, respaldado pelo juramento de Deus, o concerto pelo qual temos agora confiança e esperança ao irmos a Jesus, em Quem foi confirmado. É por virtude desse concerto, e esse somente, que qualquer homem recebe a bênção de Deus, pois a cruz de Cristo simplesmente traz a bênção de Abraão sobre nós.

Aquele concerto foi inteiramente de fé, e é por isso que assegura salvação, uma vez que *"pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras para que ninguém se glorie"*. A história de Abraão torna bastante enfático o fato de que a salvação é inteiramente de Deus, e não pelo poder do homem. *"O poder pertence a Deus"* (Sal. 62:11); e o Evangelho é *"o poder Deus para a salvação de todo aquele que crê"* (Rom. 1:16). Com base no caso de Abraão, bem como no de Isaque e Jacó, somos levados a saber que somente o próprio Deus pode cumprir as promessas de Deus. Eles nada obtiveram por sua própria sabedoria ou habilidade ou poder; tudo lhes foi um dom de Deus. Ele os conduziu, e Ele os protegeu.

Essa é a verdade que tem sido tornada mais destacada na libertação dos filhos de Israel do Egito. Deus introduziu-Se a eles como *"o Deus de vossos pais, o Deus de Abraão, o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó"* (Êxo. 3:15); e Ele encarregou Moisés de fazê-los saber que Ele estava para libertá-los no cumprimento de Seu concerto com Abraão. Deus falou a Moisés, dizendo-lhe:-

"Eu sou o Senhor. E Eu apareci a Abraão, a Isaque e a Jacó, como o Deus Todo-Poderoso; mas pelo Meu nome, o Senhor, não lhes fui conhecido. ***E também estabeleci a Minha aliança com eles,*** *para dar-lhes a terra de Canaã, a terra de suas peregrinações, na qual foram peregrinos. E também tenho ouvido o gemido dos filhos de Israel, aos quais os egípcios fazem servir;* ***e lembrei-Me da Minha aliança****. Portanto dize aos filhos de Israel: Eu sou o Senhor; Eu vos tirarei de debaixo das cargas dos egípcios, e vos livrarei da servidão, e vos resgatarei com braço estendido e com grandes juízos. E Eu vos tomarei por Meu povo, e serei vosso Deus; e vós sabereis que Eu sou o Senhor vosso Deus, que vos tiro de debaixo das cargas dos egípcios. Eu vos levarei à terra, acerca da qual levantei a Minha mão jurando que a daria a Abraão, a Isaque e a Jacó; e vo-la darei por herança. Eu sou o Senhor"* (Êxodo 6:2-8).

Leia novamente as palavras de Deus pouco antes de estabelecer o concerto do Sinai:-

"Assim falarás à casa de Jacó, e anunciarás aos filhos de Israel: Vós tendes visto o que fiz aos egípcios, como vos levei sobre asas de águias, e vos trouxe a Mim. Agora, pois, se atentamente ouvirdes a Minha voz e guardardes a Minha aliança, então sereis a Minha propriedade peculiar dentre todos os povos, porque toda a Terra é Minha; e vós Me sereis um reino sacerdotal e um povo santo" (Êxo. 19:3-6).

Note agora como Deus Se demora sobre o fato de que Ele próprio tinha feito tudo quanto foi feito por eles. Havia-os livrado dos egípcios, e os trazido para Si. Esse era o ponto que estavam continuamente esquecendo, como indicado por suas murmurações. Eles tinham chegado ao ponto de questionar se o Senhor estava entre eles ou não; e suas murmurações sempre indicavam o pensamento de que eles mesmos podiam dirigir as coisas melhor do que Deus. O Senhor os havia conduzido pela passagem da montanha rumo ao Mar Vermelho, e pelo deserto onde não havia alimento nem bebida, e milagrosamente lhes havia suprido suas necessidades em toda ocasião, para fazê-los entender que podiam viver somente segundo a Sua palavra. Deu. 8:3.

O concerto que Deus estabeleceu com Abraão tinha por fundamento fé e confiança. *"Abraão creu em Deus, e isso foi-lhe contado por justiça"*. Assim, quando Deus, em cumprimento desse concerto, estava livrando Israel da escravidão, todo o Seu trato com eles tinha o fito de ensinar-lhes a confiar nEle, de modo que pudessem, de fato, ser os filhos do concerto.

-=--=-=-=-=-=-=-

A Lição de Confiança

A resposta deles foi a autoconfiança. Leiam o registro de sua desconfiança em Deus no Salmo 106. Ele os havia provado no Mar Vermelho, na concessão do maná, e nas águas em Meribá. Emtodas as ocasiões eles haviam falhado em confiar nEle perfeitamente. Agora Ele vem para prová-los uma vez mais, na outorga da lei. Como já aprendemos, Deus nunca intencionou que os homens devessem tentar a justificação pela lei, ou que devessem pensar que tal coisa fosse possível. Na outorga da lei, como mostrado por todas as circunstâncias acompanhantes, Ele determinou que os filhos de Israel, e nós também, aprendêssemos que a lei está infinitamente acima do alcance de todo esforço humano, para tornar claro que uma vez que observar os mandamentos é essencial para a salvação que Ele prometeu, Ele próprio cumprirá a lei em nós. Estas são as palavras de Deus: *"Ouve-Me, povo Meu, e Eu te atestarei; ó Israel, se Me ouvires! não haverá entre ti deus alheio, nem te prostrarás ante um deus estranho"* (Sal. 81:8, 9). *"Inclinai os vossos ouvidos, e vinde a Mim; ouvi, e a vossa alma viverá"* (Isa. 55:3).

Sua palavra transforma a alma da morte do pecado para a vida de justiça, tal como trouxe Lázaro da sepultura.

Uma cuidadosa leitura de Êxo. 19:1-6, mostrará que não há indicação de que outro concerto devesse então ser feito. De fato, a evidência aponta ao contrário disso. O Senhor referiu-Se ao Seu concerto—o concerto muito antes feito com Abraão,—e os exortou a observá-lo, dizendo qual seria o resultado de observá-lo. O concerto com Abraão foi, como vimos, um concerto de fé, e eles poderiam cumpri-lo simplesmente mantendo a fé. Deus não lhes pediu para entrarem noutro concerto com Ele, mas somente para aceitarem o Seu concerto de paz, que muito antes havia estabelecido com os pais.

A resposta apropriada do povo, portanto, teria sido, *"Amém, que assim seja, ó Senhor, tudo conforme a Tua vontade*". Pelo contrário, eles disseram*: "Tudo quanto o Senhor* ***falou, nós faremos****"*; e repetiram sua promessa, com ênfase adicional, mesmo após terem ouvido a lei proclamada. Era a mesma autoconfiança que levou seus descendente a dizerem para Cristo: *"Que havemos de fazer para executarmos as obras de Deus?"* Imaginem homens mortais pretendendo ser capazes de realizar as obras de Deus! Cristo respondeu: *"A obra de Deus é esta: Que creiais naquele que Ele enviou"*. Assim também se deu no deserto do Sinai, quando a lei foi dada e o concerto feito.

A idéia de assumir a responsabilidade de realizar as obras de Deus mostrava falta de apreciação de Sua grandeza e santidade. É somente quando os homens são ignorantes da justiça de Deus, que se põem a estabelecer sua própria justiça, recusando submeter-se à justiça de Deus. Ver Rom. 10:3. As promessas deles de nada valiam, porque não tinham o poder para cumpri-las. O concerto, portanto, que tinha por base essas promessas, era totalmente sem valor no que tangia a conceder-lhes vida. Tudo quanto podiam obter daquele concerto era somente o que podiam obter deles próprios, e isso era a morte. Confiar nisso era fazer um concerto com a morte, e estar de acordo com a sepultura. O terem entrado nesse concerto era uma virtual notificação ao Senhor de que podiam virar-se muito bem sem Ele; que eram capazes de cumprir qualquer promessa que Ele pudesse fazer.

Mas Deus não desistiu deles, *"Porque dizia: Certamente eles são meu povo, filhos que não mentirão; assim Ele* ***S****e fez o seu Salvador"* (Isa. 63:8). Ele sabia que eles haviam sido movidos por bons impulsos ao fazerem aquela promessa, e que não percebiam o que ela significava. Eles tinham zelo por Deus, mas não segundo o conhecimento. Ele os havia trazido da terra do Egito, para poder ensinar-lhes a conhecê-Lo, e não Se irou com eles por serem tão vagarosos em aprender a lição. Ele havia suportado Abraão ao este imaginar que podia levar avante os planos de Deus, e Ele tinha sido muito paciente com Jacó quando ele se revelou tão ignorante ao ponto de supor que a prometida

herança de Deus podia ser obtida por barganhas astuciosas e fraudulentas. Assim agora Ele suportava a ignorância e falta de fé de Seus filhos, a fim de que pudesse depois conduzi-los à fé.

-=-=-=-=-=-=-

A Divina Compaixão

Deus encontra os homens exatamente onde estão. Ele pode *"compadecer-Se ternamente dos ignorantes e errados"* (Heb. 5:2). Ele está sempre e por toda parte buscando atrair todos os homens a Si, não importa quão depravados sejam; e, portanto, quando Ele discerne mesmo a mínima evidência de disposição ou desejo de servi-Lo, Ele imediatamente a nutre, fazendo o máximo para que, a partir disso, a alma possa ser conduzida para maior amor e mais perfeito conhecimento. Assim, conquanto os filhos de Israel tivessem falhado nesse supremo teste de confiança nEle, Ele aproveitou sua expressa disposição em servi-Lo, ainda que fosse somente em*"seus fracos meios"*. Devido à descrença deles, não podiam ter tudo quanto Ele desejava que tivessem; mas o que obtiveram de fato mediante sua falta de fé foi um constante lembrete do que poderiam ter tido, se tivessem crido plenamente. Devido à sua ignorância da grandeza de Sua santidade, que se expressava com a promessa de cumprir a lei, Deus continuou, pela proclamação da lei, a mostrar-lhes a grandeza de Sua justiça, e completa impossibilidade de que a cumprissem.

-- *The Present Truth*, 10 de dezembro de 1896.

---

[1] Efésios 2:12;

[2] Hebreus 7:23;

[3] Hebreus 7:25;

[4] Hebreus 7:24;

[5] Apoc. 1:18;

[6] Hebreus 7:16;

[7] Hebreus 7:16, KJV;

[8] Hebreus 8: 1 e 2;

[9] Hebreus 7:22, Almeida Revista e Corrigida. O leitor notará que a palavra *"concerto"* ("aliança" na Almeida Fiel) é usada ao invés de *"testamento"* como em outras versões. As palavras *"concerto"*e *"testamento,"* são ambas traduzidas de uma e mesma palavra grega, *"diathēkē."* Muita confusão resultou porque os tradutores a verteram *"concerto"* em alguns lugares (Lucas 1:72; Gálatas 3:15; Hebreus 8: 6-10) e *"testamento"* em outros (Mat. 26:28; 1ª Cor.11:25; 2ª Cor. 3:6; etc). A tradução deveria ser uniforme; e considerando que a referência é para aquela na qual a tradução do hebraico é sempre *"concerto,"* esta palavra deve ser sempre usada. Seja lembrado que em qualquer tradução da Bíblia em que a palavra *"testamento"* é encontrada, *"concerto"* é a palavra que deve ser usada, ou pelo menos subentendida. (Uma possível dúvida talvez permaneça para Gálatas 3:15, onde *"testamento"* parece ser condizente com o conceito jurídico de manifestação de última vontade, pela qual uma pessoa dispõe, para depois da morte, de parte ou de todos os seus bens. Ou seria isto parte das confusões acima referidas? Talvez sim.

A velha e a nova dispensações são uma melhor designação para o Velho e o Novo Testamentos em que a palavra "testamento" tem o sentido de uma "declaração de última vontade" que necessita a morte de um testador a fim de entrar em vigência. No entanto, esta não é a natureza de concerto eterno de Deus, pois foi eficaz para pecadores por toda a velha dispensação, apesar de Cristo não ter ainda morrido. A velha dispensação então designa os tempos antes da missão de Cristo encarnado à terra e a nova dispensação designa o tempo após o Seu ministério terreno

[10] Rom. 8:2;

[11] Hebreus 7:16;

[12] Tiago 4:14;

[13] Efésios 2:12;

[14] Êxodo 19:5, KJV; a Almeida diz: *"se diligentemente ouvirdes a Minha voz";* veja também Deut. 11:22, 6:17; Jeremias 7:23, 11:4, etc...;

[15] Hebreus 8:10; 10:16; Jeremias 31:33, e 32:40;

[16] Gálatas 3:19;

[17] Hebreus 8:9;

[18] Gênesis 9:16 e Hebreus 13:20 Almeida Revista e Corrigida; na Almeida Fiel: *"Aliança eterna."*Em Gênesis 17: 7, 13 e 19; Ezequiel 37:26, etc., vemos aliança perpétua. Em todos estes exemplos aliança é sinônimo de concerto e pacto;

[19] Gênesis 12:3 e 28:14;

[20] Efésios 2: 8 e 9;

[21] Romanos 4:3;

[22] Êxodo 19:8;

[23] João 6: 28;

[24] João 6: 29;

[25] Em verdade Deus desejava que eles entrassem na terra prometida, mas *"vemos que não puderam entrar por causa da sua incredulidade"* (Hebreus 3: 19).

ADENDO AO CAPÍTULO 32 DE O CONCERTO ETERNO

Estimado leitor, o Novo Concerto ocasionalmente também recebeu o título de Antiga Aliança ou Velho Concerto, o que contribuiu para se estabelecer um equívoco na mente de muitos. Conforme se percebe no capítulo anterior (32, de O Concerto Eterno) o autor deixou de distinguir a diferença entre a **Antiga Aliança** de Êxodo 19 e 24 e a primeira etapa da **Nova Aliança**, i. é, a primeira fase, a de antes da cruz.

Graças a Deus, o Senhor nos legou uma excelente explanação, que elucida bem esse assunto, por intermédio de Ellen G. White, conforme se lê a seguir do livro ***Patriarcas e Profetas*,**sendo que as ênfases e as notas de referência foram-lhe todas acrescentadas:

"A lei cerimonial foi dada por Cristo. Mesmo depois que ela não mais devia ser observada, Paulo apresentou-a aos judeus em sua verdadeira posição e valor, mostrando o seu lugar no plano da redenção e sua relação para com a obra de Cristo; e o grande apóstolo declara gloriosa esta lei, digna de seu divino Originador. O serviço solene do santuário tipificava as grandiosas verdades que seriam reveladas durante gerações sucessivas. A nuvem de incenso que ascendia com as orações de Israel, representa a Sua justiça que unicamente pode tornar aceitável a Deus a oração do pecador; a vítima sangrenta sobre o altar do sacrifício, dava testemunho de um Redentor vindouro; e do santo dos santos resplandecia o sinal visível da presença divina. Assim, através de séculos e séculos de trevas e apostasia, a fé se conservou viva no coração dos homens até chegar o tempo para o advento do Messias prometido." ...

"Assim como a Bíblia apresenta duas leis, uma imutável e eterna, e outra provisória e temporária, assim há **dois concertos**. O concerto da graça foi feito primeiramente com o homem no Éden, quando, depois da queda, foi feita uma promessa divina de que a semente da mulher feriria a cabeça da serpente. A todos os homens este concerto oferecia perdão, e a graça auxiliadora de Deus para a futura obediência mediante a fé em Cristo. Prometia-lhes também vida eterna sob condição de fidelidade para com a lei de Deus. Assim receberam os patriarcas a esperança da salvação.

"Este mesmo concerto foi renovado a Abraão, na promessa*: "Em tua semente serão benditas todas as nações da Terra."* Gên. 22:18. Esta promessa apontava para Cristo. Assim Abraão a compreendeu (Gál. 3:8 e 16), e confiou em Cristo para o perdão dos pecados. Foi esta fé que lhe foi atribuída como justiça. O concerto com Abraão mantinha também a autoridade da lei de Deus. O Senhor apareceu a Abraão e disse: "*Eu sou o Deus todo-poderoso, anda em Minha*

presença e sê perfeito." Gên. 17:1. O testemunho de Deus concernente a Seu fiel servo foi: *"Abraão obedeceu à Minha voz, e guardou o Meu mandado, os Meus preceitos, os Meus estatutos, e as Minhas leis."* Gên. 26:5. E o Senhor lhe declarou: *"Estabelecerei o Meu concerto entre Mim e ti e a tua semente depois de ti em suas gerações, por concerto perpétuo, para te ser a ti por Deus, e à tua semente depois de ti."* Gên. 17:7.

"Se bem que este concerto houvesse sido feito com Adão e renovado a Abraão, não poderia ser ratificado antes da morte de Cristo. Existira pela promessa de Deus desde que se fez a primeira indicação de redenção; fora aceito pela fé; contudo, ao ser ratificado por Cristo, é chamado um **novo concerto**. A lei de Deus foi a base deste concerto, que era simplesmente uma disposição destinada a levar os homens de novo à harmonia com a vontade divina, colocando-os onde poderiam obedecer à lei de Deus.

"Outro pacto, chamado nas Escrituras o ***"velho"*** concerto, foi formado entre Deus e Israel no Sinai, e foi então ratificado pelo sangue de um sacrifício. O concerto abraâmico foi ratificado pelo sangue de Cristo, e é chamado o ***"segundo"***, ou o ***"novo"***concerto, porque o sangue pelo qual foi selado foi vertido depois do sangue do primeiro concerto. Que o novo concerto era válido nos dias de Abraão, evidencia-se do fato de que foi então confirmado tanto pela promessa como pelo juramento de Deus,***"duas coisas imutáveis, nas quais é impossível que Deus minta"***. Heb. 6:18.

"Mas, se o concerto abraâmico continha a promessa da redenção, por que se formououtro concerto no Sinai? - Em seu cativeiro, o povo em grande parte **(a)** perdera o conhecimento de Deus e os princípios do concerto abraâmico. Libertando-os do Egito, Deus procurou revelar-lhes Seu poder e misericórdia, a fim de que fossem levados a amá-Lo e confiar nEle. Trouxe-os ao Mar Vermelho — onde, perseguidos pelos egípcios, parecia impossível escaparem — a fim de que se compenetrassem de seu completo desamparo, e da necessidade de auxílio divino; e então lhes operou o livramento. Assim eles se encheram de amor e gratidão para com Deus, e de confiança em Seu poder para os ajudar. Ele os ligara a Si na qualidade de seu Libertador do cativeiro temporal.

"Havia, porém, uma verdade ainda maior a ser-lhes gravada na mente. Vivendo em meio de idolatria e corrupção, **(b)** não tinham uma concepção verdadeira da santidade de Deus, **(c)** da excessiva pecaminosidade de seu próprio coração, **(d)** de sua completa incapacidade para, por si mesmos, prestar obediência à lei de Deus, e **(e)** de sua necessidade de um Salvador. Tudo isto deveria ser-lhes ensinado.

"Deus os levou ao Sinai; manifestou Sua glória; deu-lhes Sua lei, com promessa de grandes bênçãos sob condição de obediência: *"Se diligentemente ouvirdes a Minha voz, e guardardes o Meu concerto, então... Me sereis um reino sacerdotal e o povo santo."*Êxo. 19:5 e 6. O povo não compreendia a pecaminosidade de seus corações, e quesem Cristo lhes era impossível guardar a lei de Deus; e prontamente entraram em concerto com Deus. Entendendo que eram capazes de estabelecer sua própria justiça, declararam: *"Tudo o que o Senhor tem falado faremos, e obedeceremos."* Êxo. 24:7. Haviam testemunhado a proclamação da lei, com terrível majestade, e tremeram aterrorizados diante do monte; e, no entanto, apenas algumas semanas se passaram antes que violassem seu concerto com Deus e se curvassem para adorar uma imagem esculpida. Não poderiam esperar o favor de Deus mediante um concerto que tinham violado; e agora, vendo sua índole pecaminosa e necessidade de perdão, foram levados a sentir que necessitavam do Salvador revelado no concerto abraâmico e prefigurado nas ofertas sacrificais. Agora, pela fé e

amor, uniram-se a Deus como seu Libertador do cativeiro do pecado. Estavam então, preparados para apreciar as bênçãos do **novo concerto**.

"As condições do ***"velho concerto"*** eram: Obedece e vive - *"cumprindo-os*[estatutos e juízos] *o homem, viverá por eles"* (Ezeq. 20:11; Lev. 18:5); *mas "maldito aquele que não confirmar as palavras desta lei"*. Deut. 27:26. O ***"novo concerto"*** foi estabelecido com melhores promessas: promessas do perdão dos pecados, e da graça de Deus para renovar o coração, e levá-lo à harmonia com os princípios da lei de Deus.*"Este é o concerto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a Minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração. ... Porque lhes perdoarei a sua maldade, e nunca mais Me lembrarei dos seus pecados."* Jer. 31:33 e 34.

"A mesma lei que fora gravada em tábuas de pedra, é escrita pelo Espírito Santo nas tábuas do coração. Em vez de cuidarmos em estabelecer nossa própria justiça, aceitamos a justiça de Cristo. Seu sangue expia os nossos pecados. Sua obediência é aceita em nosso favor. Então o coração renovado pelo Espírito Santo produzirá os*"frutos do Espírito"*. Mediante a graça de Cristo viveremos em obediência à lei de Deus, escrita em nosso coração. Tendo o Espírito de Cristo, andaremos como Ele andou. Pelo profeta Ele declarou a respeito de Si mesmo: *"Deleito-Me em fazer a Tua vontade, ó Deus Meu; sim, a tua lei está dentro do Meu coração."* Sal. 40:8. E, quando esteve entre os homens, disse: *"O Pai não Me tem deixado só, porque Eu faço sempre o que Lhe agrada."* João 8:29.

"O apóstolo Paulo apresenta claramente a relação entre a fé e a lei, no novo concerto. Diz ele: *"Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo."* Rom. 5:1. *"Anulamos, pois, a lei pela fé? De maneira nenhuma, antes estabelecemos a lei."* Rom. 3:31. *"Porquanto o que era impossível à lei, visto como estava enferma pela carne* — ou seja, ela não podia justificar o homem, porqueem sua natureza pecaminosa este não a **poderia** guardar — *"Deus, enviando o Seu Filho em semelhança da carne do pecado, pelo pecado condenou o pecado na carne; para que a justiça da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito."* Rom. 8:3 e 4.

"A obra de Deus é a mesma em todos os tempos, embora haja graus diversos de desenvolvimento e diferentes manifestações de Seu poder, para satisfazerem as necessidades dos homens nas várias épocas. Começando com a primeira promessa evangélica, e vindo através da era patriarcal e judaica, e mesmo até ao presente, tem havido um desenvolvimento gradual dos propósitos de Deus no plano da redenção. O Salvador, tipificado nos ritos e cerimônias da lei judaica, é precisamente o mesmo que Se revela no evangelho. As nuvens que envolviam Sua divina pessoa foram removidas; o nevoeiro e as sombras desapareceram; e Jesus, o Redentor do mundo, Se acha revelado. Aquele que do Sinai proclamou a lei e entregou a Moisés os preceitos da lei ritual, é o mesmo que proferiu o sermão do monte. Os grandes princípios de amor a Deus, que estabeleceu como fundamento da lei e dos profetas, são apenas uma repetição do que Ele dissera por meio de Moisés ao povo hebreu: *"Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu poder."* Deut. 6:4 e 5. *"Amarás o teu próximo como a ti mesmo."*Lev. 19:18. O Ensinador é o mesmo em **ambas** as dispensações. As reivindicações de Deus são as mesmas. Os mesmos são os princípios de Seu governo. Pois tudo procede dAquele *"em Quem não há mudança nem sombra de variação"*. Tia. 1:17.

Notas desta edição

---

[1] Como ela – a lei cerimonial – ***'foi dada por Cristo'*** é inconcebível que ela fizesse parte daquela Antiga Aliança que ***'gera filhos para a escravidão'*** (Gálatas 4.24) do pecado, simbolizada por Agar. A lei cerimonial faz, sim, parte da primeira fase da **Nova Aliança**.

[2] O ***'concerto da graça'*** ou a ***'Nova Aliança'*** teve **duas etapas**, fases ou dispensações: a **primeira**, antes da cruz; e a **segunda**, depois da cruz. Além do ***'concerto da graça'*** há também ***o 'concerto do Sinai'*** ou a ***'Antiga Aliança'***, a qual foi celebrada em uma **cerimônia única**, conforme se lê em Êxodo 24, **por volta de 1491 a.C.,** cerca de um ano antes da inauguração do Santuário Terrestre, **ocorrida por volta de 1490 a.C.,**descrita em Hebreus 9.18-22. *"A construção do tabernáculo não se iniciou senão algum tempo depois que Israel chegou ao Sinai; e tal edificação sagrada foi pela primeira vez erguida no* ***início do segundo ano*** *a partir do êxodo."* (PP 374).

[3] O ***'outro pacto'*** – aqui referido – trata-se do ***'concerto do Sinai'*** ou a ***'Antiga Aliança'***, referido em Êxodo 19 e 24. Este é o que *'gera filhos para servidão'* (Gal. 4:24) do pecado. É o concerto da ***'justiça própria'***, das ***'obras da lei'***, a tentativa de se ***'justificar pela lei'*** (Gálatas 5.4).

[4] *Sacrifício* de novilhos, conforme Êxodo 24.5.

[5] Primeiro concerto ou antiga aliança de Êxodo 19 e 24.

[6] Ou seja: se já, desde o Éden, existia a ***Nova Aliança*** – da graça – por qual razão foi feita a ***Antiga Aliança***, o **Concerto *'das obras da lei'***, que gera para escravidão? **Deus fez com eles essa Antiga Aliança para que, após fracassarem, compreendessem a necessidade de crerem no verdadeiro e único concerto exequível, o concerto eterno.**

[7] Qual concerto? O ***'abraâmico'*** logicamente, pois não havia sido oficializado nenhum outro concerto entre o Senhor e os homens. Deus estava lhes propondo a renovação do ***Novo Concerto***, porém eles – supondo-se capacitados de, **por suas próprias forças**, guardar a Lei de Deus–propuseram-Lhe o ***Antigo Concerto***. Pelas cinco razões – supra expostas: *a, b, c, d, e* – o Senhor aceitou a proposta deles e firmou com eles o***Antigo Concerto***, o qual teve uma só e única cerimônia em toda a Bíblia. Entretanto o Antigo Concerto continua vigente e *'gerando para a servidão'*, até o dia de hoje.

Alguém está sob o **Antigo Concerto** ou **Antiga Aliança** sempre que pretende guardar a Lei de Deus, i. é, desenvolver um caráter cristão por suas próprias forças, buscando forçar sua natureza humana pecaminosa a agir corretamente. Em outras palavras, sempre que tentamos vencer uma tentação**, sem citar a Palavra de Deus**, com fé em Seu poder criador e transformador, estamos na **Antiga Aliança**.

Por outro lado, todos os que, seguindo o exemplo de Jesus, registrado em Mateus 4, enfrentam toda tentação, cientes de que a **Palavra**[Jesus] tem poder de criar em suas mentes o conteúdo da citação, estão na **Nova Aliança**, entraram, portanto, no ***'descanso de***

Deus' (Heb. 4), abandonando suas ***'obras da lei'***, seus ***'trapos da imundícia'*** (Isaías 64.6). Obviamente a ***'obediência por fé'*** (Rom. 1.5) no poder criador da Palavra de Deus não se trata de ***'trapos da imundícia'*** e, sim, das vestes *'de linho finíssimo, resplandecente e puro. Porque o linho finíssimo são****os atos de justiça dos santos****.'* (Apoc. 19.8).

[8] Primeiro concerto ou antiga aliança de Êxodo 19 e 24, que *"gera filhos para a escravidão"* (Gal. 4:24).

[9] Como está claramente declarado, o Santuário Terrestre com suas ofertas sacrificais sempre fizeram parte do concerto abraâmico – o Novo Concerto – exclusivamente.

[10] Primeiramente os israelitas fizeram com Deus o **Velho Concerto**: *"Tudo o que o Senhor tem falado faremos, e obedeceremos."* Êxo. 24:7. Em bem pouco tempo romperam tal aliança – por terem adorado o bezerro de ouro – e: **(a)** após reconhecerem os princípios do concerto abraâmico**;** **(b)**reconhecendo a santidade de Deus, **(c)** dando-se conta da excessiva pecaminosidade de seu próprio coração, **(d)** e de sua completa incapacidade para, **por si mesmos**, prestar obediência à lei de Deus, e **(e)** de sua necessidade de um Salvador fizeram, com o Senhor, um **outro concerto**: O concerto da graça, a Nova Aliança, em sua primeira fase, mediante as ordenanças da Lei Cerimonial, Santuário Terrestre, Sacerdotes, sacrifícios, etc. Depois de romperem o Velho Concerto, aceitaram o Concerto Abraâmico, que Deus lhes tinha proposto inicialmente. Frisemos: o Concerto Abraâmico também se intitula Velho Concerto, entretanto trata-se de outra realidade, integralmente diversa daquela que *"gera para a escravidão,"* deEx. 19 e 24.

[11] Primeiro concerto ou antiga aliança de Êxodo 19 e 24.

[12] Jeremias viveu cerca de 900 anos após o Êxodo. Ao fazer a promessa de um ***'novo concerto'*** com a ***'casa de Israel'*** [a Igreja cristã], o Senhor estava Se referindo, sim, à ***segunda fase*** da **Nova Aliança** – a de após a cruz – ocasião em que haveria a substituição do **Santuário** Terrestre pelo Celestial; do **sacerdócio** segundo a ordem de Levi pelo Sacerdócio *'segundo a ordem de Melquisedeque'* (Heb. 6.20) e dos **sacrifícios** de animais pelo sacrifício do Cordeiro de Deus.

Em Hebreus 8.7 lemos: *"Porque, se aquela* ***primeira aliança*** – antes da cruz – ***tivesse sido sem defeito****, de maneira alguma estaria sendo buscado lugar para segunda.*" Note-se que o defeito estava na aliança, não no povo. E qual era o defeito senão este: *"Porque é impossível que sangue de touros e de bodes remova pecados"* (Heb. 10.4)!

[13] Quais são as ***duas dispensações***, referidas acima? São as duas dispensações da ***Nova Aliança***: a ***primeira*** – antes da cruz – e a ***segunda*** – depois da cruz! Em Hebreus, a ***'primeira'*** fase, etapa ou dispensação da Nova Aliança é denominada por Paulo como **Antiga Aliança;** e a***'segunda'*** fase, etapa ou dispensação da Nova Aliança ele a denomina ***Nova Aliança***.

Alguém poderia buscar entender que as duas dispensações, supra referidas, seriam aquela ***Antiga Aliança***, que gera para a escravidão do pecado – Êxodo 19 e 24 – e a ***Nova Aliança***, iniciada no Éden e que vai até o Éden restaurado, entretanto tal entendimento laboraria em equívoco.

[14] Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, pág. 367-373.

CAPÍTULO 33.

As Promessas Para Israel, 22

-=-=-=-=-=-=

O Véu e a Sombra

"Mas, se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem que está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus" (2ª Cor. 4:3, 4).

"E aconteceu que, quando Moisés desceu do monte Sinai, trazendo nas mãos as duas tábuas do testemunho, sim, quando desceu do monte, Moisés não sabia que a pele do seu rosto resplandecia, por haver falado com Deus" (Êxo.34:29). Pelo fato de Moisés ter falado com Deus, sua face brilhava exatamente após ele ter saído da presença imediata de Deus. *"Olhando, pois, Arão e todos os filhos de Israel para Moisés, eis que a pele do seu rosto resplandecia; por isso temeram chegar-se a ele. Então Moisés os chamou, e Arão e todos os príncipes da congregação tornaram-se a ele; e Moisés lhes falou. Depois chegaram também todos os filhos de Israel, e ele lhes ordenou tudo o que o Senhor falara com ele no monte Sinai. Assim que Moisés acabou de falar com eles, pôs um véu sobre o rosto. Mas, entrando Moisés perante o Senhor, para falar com Ele, tirava o véu até sair; e saindo, falava com os filhos de Israel o que lhe era ordenado. Assim, pois, viam os filhos de Israel o rosto de Moisés, e que resplandecia a pele do seu rosto; e tornava Moisés a pôr o véu sobre o seu rosto, até entrar para falar com Ele"* (Versos 30-35).

A descrença cega a mente. Age como um véu, encobrindo a luz. É somente pela fé que entendemos. Moisés tinha uma fé profunda e contínua; portanto, ele *"ficou firme, como vendo Aquele que é invisível"*. Ele não precisava de véu sobre a face mesmo quando na presença imediata da glória de Deus. O véu que ele pôs sobre a face quando desceu para falar com os filhos de Israel era somente por causa deles, porque sua face brilhava tanto que eles não podiam encará-lo. Mas quando ele voltou para falar com Deus, removeu o véu.

O véu sobre a face de Moisés era uma concessão à fraqueza do povo. Se ele não o tivesse posto, então cada um teria sido obrigado a pôr um véu sobre a própria face a fim de aproximar-se para ouvir a Moisés. Eles não eram capazes, como Moisés, de contemplar a glória de Deus com rosto descoberto. Praticamente, portanto, cada um deles tinha um véu sobre a sua própria face. A face de Moisés estava desvendada.

Aquele véu sobre a face dos filhos de Israel representava a descrença que havia em seus corações. Assim, o véu estava na verdade sobre os seus corações. *"Os seus sentidos foram endurecidos"; e "até hoje, quando é lido Moisés, o véu está posto sobre*

o coração deles". Isso é verdadeiro não só com respeito ao povo judeu, mas a respeito de todos que não vêem a Cristo inserido em todos os escritos de Moisés.

Um véu interposto entre o povo e a luz, os deixa em sombras. Assim, quando os filhos de Israel estenderam o véu da descrença entre eles e *"a luz do evangelho da glória de Cristo"*, eles naturalmente apenas tiveram a sombra dele. Receberam somente a sombra das boas coisas que lhes foram prometidas, em lugar da própria substância. Observemos algumas das sombras em comparação com as realidades.

Nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus

-=-=-=-=-=--=-

Sombra e Substância

1. Deus havia dito, *"se diligentemente ouvirdes a Minha voz e guardardes a Minha aliança, então . . . Me sereis um reino sacerdotal"*. Mas eles nunca se tornaram uma nação de sacerdotes. Somente uma tribo, a de Levi, podia ter qualquer ligação direta com o santuário, e daquela tribo, somente uma família, a de Arão, podia atuar no sacerdócio. Significava morte certa se qualquer um que não fosse da família de Arão pretendesse servir como sacerdote em qualquer forma. Contudo, todos quantos são realmente filhos de Deus mediante fé em Cristo Jesus, são uma *"nação de sacerdotes",* mesmo um *"sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais, aceitáveis a Deus por Jesus Cristo"* (1ª Pedro 2:5). Isso foi o que Deus prometeu à nação judaica, no Sinai; mas eles nunca o alcançaram porque não observaram o Seu concerto de fé, antes, confiaram em sua própria força.

2. Em vez de serem conduzidos ao santuário celestial que as mãos de Deus estabeleceram, e nele serem implantados, eles tinham um santuário feito pelo homem, e não tiveram permissão de adentrar até mesmo nesse.

3. O trono de Deus, no santuário acima, é um trono vivo, que se move por si mesmo, indo e vindo como um relâmpago, em imediata resposta ao pensamento do Espírito. Ezequiel 1. Pelo contrário, eles tinham no santuário terrestre apenas uma débil representação desse trono na forma de uma arca de madeira e ouro, que tinha que ser transportada sobre os ombros de homens.

4. A promessa no concerto com Abraão que o povo de Deus devia observar era de que a lei devia ser colocada no coração. Os filhos de Israel a obtiveram em tábuas de pedra. Em vez de pela fé receberem *"a lei do espírito de vida em Cristo Jesus"* (Rom. 8:2), ou seja, sobre a *"pedra viva"*no meio do trono de Deus (ver 1ª Ped. 2:3; Apo. 5:6), que lhes comunicaria vida, tornado-os também pedras vivas, eles receberam a lei somente sobre tábuas de pedra frias e sem vida, que nada lhes podia conceder a não ser a morte.

5. Em suma, em vez do ministério da justiça de Deus em Cristo, eles somente obtiveram um ministério de morte; pois a própria coisa que é um sabor de vida para aqueles que crêem, é um sabor de morte para os que não creem.

Mas vejam a bondade e misericórdia de Deus até nisso. Ele lhes ofereceu o brilhante resplendor de Seu glorioso evangelho e eles interpuseram um véu de descrença, de modo que podiam receber somente a sombra. Contudo, essa mesma sombra era um lembrete constante da substância. Quando uma nuvem grossa e passageira lança uma sombra sobre a Terra, sabemos, se não formos muito obtusos para pensar, que ela não poderia lançar uma sombra se não fosse em função do sol; assim, mesmo a nuvem proclama a presença do sol. Se, portanto, as pessoas hoje em dia, mesmo professando ser cristãs, não fossem tão cegas como os filhos de Israel sempre foram, estariam sempre se regozijando na luz do semblante de Deus, uma vez que mesmo uma nuvem sempre prova que a luz está presente, e a fé sempre faz com que a nuvem desapareça, ou, ao menos, veja nela o arco da promessa.

-=-=-=-=-=-=-=-=-

Testemunho de Deus em Descrença

Era preferível aos judeus terem a lei, mesmo como uma testemunha contra eles, do que não tê-la de nenhum modo. Era-lhes uma grande vantagem de todas as formas ter-lhes sido confiados os oráculos de Deus. Rom. 3:2. É melhor ter a lei presente para nos repreender por nossos pecados e apontar-nos o caminho da justiça, do que sermos deixados inteiramente sem ela. Assim, os judeus, mesmo em sua descrença, tinham uma vantagem sobre os pagãos, porque os judeus tinham *"a forma da ciência e da verdade na lei"* (Rom. 2:20). Conquanto essa forma não os pudesse salvar, e somente tornava a sua condenação maior se rejeitassem a instrução destinada a lhes ser transmitida pela mesma, não obstante era uma vantagem que lhes servia como uma constante testemunha da parte de Deus. O Senhor não deixou os pagãos sem testemunho, pois Ele lhes falava a respeito de Si mesmo mediante as coisas que havia feito, pregando-lhes o evangelho na criação; mas o testemunho que Ele deu aos judeus, além de outros, era a própria imagem de Suas próprias realidades eternas.

E as próprias realidades eram para o Seu povo. Somente o véu da descrença sobre os seus corações os impedia de terem a substância da qual tinham a sombra; mas *"em Cristo é ele abolido"* (2ª Cor. 3:14), e Cristo estava até presente com eles. Quando quer que o coração se volte para o Senhor, o véu será removido. Mesmo o mais cego podia ver que o santuário do velho concerto,

e as ordenanças do serviço divino que a ele se ligavam, não eram as realidades que Deus havia jurado a Abraão e a sua semente. Assim, eles todos poderiam imediatamente se ter volvido ao Senhor, tal como indivíduos fizeram ao longo de toda a história de Israel.

Moisés falava com Deus com face descoberta. Quando o povo *"pôs-se de longe"*, Moisés chegava perto. É somente pelo sangue de Cristo que qualquer pessoa pode chegar perto. Pelo sangue de Jesus temos a ousadia de entrar até no santíssimo, no lugar secreto de Deus. O fato de que Moisés o fez mostra o seu conhecimento do poder do precioso sangue, e sua confiança nele. Mas o sangue, que foi capaz de conceder ousadia e acesso a Moisés, poderia ter cumprido o mesmo para todos os demais, se eles tivessem crido como ele creu.

Não se esqueçam que a presença de uma sombra prova o brilho presente do sol. Se a glória da justiça de Deus não estivesse presente em sua plenitude, o povo de Israel não poderia ter tido sequer a sombra. E uma vez que foi a descrença que provocou a sombra, a fé os teria trazido imediatamente à plena luz do sol, e eles poderiam ter sido *"o louvor e glória da Sua graça"*.

Moisés viu a glória com face desvelada, e foi transformado por ela. Assim, se cremos, *"todos nós, com rosto descoberto, refletindo como um espelho a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor"* (2ª Cor. 3:18). O mesmo poderia dar-se com os filhos de Israel, se tivessem crido, pois o Senhor nunca foi parcial. Aquilo que Moisés compartilhava, todos poderiam ter compartilhado.

-=-=-=-=-=-=-=-

O Que Foi Abolido

"Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo aquele que crê" (Rom. 10:4). Ele *"destruiu a morte, e trouxe à luz a vida e a imortalidade pelo evangelho"* (2 Tim. 1:10); e esse evangelho foi pregado a Abraão e a Israel no Egito, e no deserto. Mas por causa da descrença do povo,*"eles não puderam olhar o fim daquilo que fora abolido"* (2ª Cor.

3:13, KJV). Porque a fé deles não se firmava em Cristo, obtiveram a lei somente como um *"ministério de morte"* (vs. 7), em vez da *"lei do espírito de vida, em Cristo Jesus"*.

As pessoas falam sobre a *"era do Evangelho"* e a *"dispensação do evangelho" como se o evangelho fosse uma idéia posterior da parte* de Deus, ou, no máximo algo que Deus demorou muito para conceder à humanidade. Mas as Escrituras nos ensinam que *"a dispensação do evangelho"* ou a *"era do evangelho"* vai do Éden perdido ao Éden restaurado. Sabemos que*"este evangelho do reino será pregado em todo o mundo, em testemunho a todas as nações, então virá o fim"* (Mat. 24:14). Esse é o fim de tudo, mas o início foi na queda do homem. O apóstolo Paulo dirige nossa atenção ao homem no começo, coroado de glória e honra, e estabelecido sobre as obras das mãos de Deus. Dirigindo-nos para fixarmos os olhos sobre o homem no Éden, senhor de tudo quanto via, o Apóstolo prossegue: *"Mas agora ainda não vemos que todas as coisas lhe estejam sujeitas"* (Heb. 2:8, ARC). Por que não?—Porque ele caiu, e perdeu o reino e a glória. Mas ainda olhamos para o lugar onde primeiro vimos o homem na glória e poder da inocência, e onde o vimos pecar e perder a glória de Deus, e *"vimos a Jesus".*Cristo veio para buscar e salvar o que se havia perdido; e onde Ele iria buscar a não ser onde foi perdido? Ele veio para salvar o homem da queda, e assim necessariamente foi para onde o homem caiu. Onde o pecado abunda, a graça é mais abundante. Destarte, a *"dispensação do evangelho"* com a cruz de Cristo derramando a luz da glória de Deus sobre a escuridão do pecado, remonta à queda de Adão. Onde o primeiro Adão caiu, ali o segundo Adão Se ergue, pois ali a cruz é erigida.

"Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem.", porque o segundo Adão é um *"Espírito vivificante"* (1ª Cor. 15:21, 45), sendo *"a ressurreição e a vida"*. Portanto, em Cristo a morte foi abolida, e a vida e imortalidade foram trazidas à luz pelo evangelho no mesmo dia em que Adão pecou. Se não tivesse sido assim, Adão teria morrido naquele mesmo dia. Abraão e Sara provaram em seus próprios corpos que Cristo havia abolido a morte, pois ambos experimentaram o poder da ressurreição, regozijando-se em ver o dia de Cristo. Muito mais, então, foi a *"dispensação do evangelho"* em plena glória, tão remotamente na história do mundo quanto o Sinai. Seja que outra dispensação além da dispensação do evangelho qualquer pessoa haja compartilhado, isso tem sido unicamente por causa de seus corações duros e impenitentes, que despreza as riquezas da bondade e longanimidade de Deus, entesourando para si próprios ira para o dia da ira.

Logo, bem ali no Sinai o ministério da morte foi removido em Cristo. A lei estava *"nas mãos de um Mediador"* (Gál. 3:19, KJV), de modo que constituía vida para todos que a recebiam nEle. A morte, que procede do pecado, e a força do que é a lei, foi abolida, e a vida colocada em seu lugar para todo o que crê, não importa quantos ou quão poucos fossem.

Que ninguém, porém, se esqueça que tal como o evangelho estava em plena glória no Sinai, assim também se dava com a lei, tal como dada no Sinai, está sempre presente no evangelho. Se a lei nas tábuas de pedra, destituídas de vida, era somente uma sombra, não obstante uma sombra exata, da lei viva sobre a Pedra viva, Cristo Jesus. Deus desejava que todos os homens soubessem, onde quer que Sua voz seja ouvida, que a justiça, que a obediência de Cristo comunica ao crente, é a justiça descrita na lei pronunciada no Sinai. Nenhuma letra pode ser alterada. É uma exata fotografia do caráter de Deus em Cristo. Uma fotografia não é mais do que uma sombra, é certo; mas, se a luz estiver clara, é uma exata representação de alguma substância. Neste caso a luz era *"a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus"* (2ª Cor. 4:4), de modo que possamos saber que os dez mandamentos são a forma exata e literal da justiça de Deus. Eles nos descrevem exatamente o que o Espírito Santo imprimirá em letras vivas de luz sobre as tábuas de carne de nossos corações, se forem somente sensibilizados pela simples fé.

The Present Truth, 17 de dezembro de 1896

---

[1] Hebreus 11:27, KJV;

[2] 2ª Cor. 3: 14 e 15;

[3] 2ª Cor. 4.4;

[4] Êxodo 19: 5 e 6;

[5] Paulo, em Hebreus, chama a fase anterior à cruz do Novo Concerto de "Velho Concerto," no que é seguido por Waggoner aqui. Entretanto, a rigor, de acordo com a exposição de ***Patriarcas e Profetas***(ver arquivo postado antes deste, Adendo ao Capítulo 32), o Velho Concerto (que *"gera filhos para a escravidão,"* Gal 4:24), registrado em Êxodo capítulos 19 e 24, nunca teve santuário. O Santuário terrestre, bem como o serviço nele, mediante os sacerdotes, era uma figura do verdadeiro Santuário, no Céu, no qual Cristo ministra hoje como nosso Sumo Sacerdote. O Santuário terrestre foi uma grande "PARÁBOLA" do plano da salvação, e, como tal fazia parte integrante da primeira fase (anterior à cruz) do Novo Concerto.

[6] Êxodo 20:18;

[7] Hebreus 10:19;

[8] Efésios 1:6;

[9] Romanos 8:2;

[10] João 11: 25;

CAPÍTULO 34.

As Promessas Para Israel, 23

-=-=-=-=-=-=-

Duas Leis

Do precedente será evidente que há duas leis, tal como há dois concertos, ocupando a mesma relação entre si como se dá com os dois concertos, um para com o outro. Uma é sombra da outra, o resultado de colocar o véu da descrença diante da Luz da vida.

"Porque o mandamento é uma lâmpada, e a instrução uma luz; e as repreensões da correção são o caminho da vida" (Prov. 6:23). Mas Cristo é a única Luz do mundo, a Luz da vida; de modo que a lei viva e verdadeira é encontrada somente nEle. É a Sua vida, porque está em Seu coração, e do coração procedem as fontes da vida. Ele é a Pedra Viva, onde encontramos a lei em Pessoa, plena de graça, como também de verdade. Disto, a lei sobre as tábuas era somente sombra, conquanto uma sombra exata e perfeita. Fala-nos exatamente o que encontraremos em Cristo.

Conquanto a lei sobre as tábuas de pedra descreva a perfeita justiça de Deus, ela não tem poder para tornar-se manifesta em nós, não importa quão grandemente possamos desejá-la. Está*"enferma pela carne"*. É um fiel mapa, indicando-nos o caminho, mas não nos conduz nele. Contudo, Cristo tem *"poder sobre toda carne"*, e nEle encontramos a lei tão cheia de vida que, se somente consentirmos com a lei que é boa, e confessarmos que Cristo veio em carne, ela se manifestará nos pensamentos e palavras e atos de nossa vida, a despeito da fraqueza da carne.

Àqueles que conhecem a lei somente segundo se apresenta num livro, e conseqüentemente pensando que ela se baseia inteiramente em cumpri-la, é uma lei de obras, e como tal nada faz a não ser pronunciar uma maldição sobre eles. Mas para os que conhecem a lei em Cristo, é uma lei de fé, que proclama a bênção do perdão e paz.

Se percebida somente sobre as tábuas de pedra ou num livro, será uma *"lei do pecado e da morte"* (Rom. 8:2), uma vez que *"O aguilhão da morte é o pecado, e a força do pecado é a lei"* (1ª Cor. 15:56). Como, porém, conhecida em Cristo, é *"a lei do Espírito de vida*, *"por causa da justiça"*.

Como *"gravado com letras em pedras*, nunca pode ser nada mais do que *"o ministério de morte"*. Aquele que prega simplesmente a lei escrita, ditando às pessoas o seu dever de guardá-la, e incentivando-as a fazerem o melhor que possam para observá-la, está apenas ministrando condenação. Mas a mesma lei, escrita nas tábuas de carne do coração *"com o Espírito do Deus vivo"* (2ª Cor. 3:3), é *"vida e paz"*, e aquele que prega que Cristo *"veio em carne"* (1ª João 4:2), e que quando Ele habita num homem hoje, é tão obediente à lei quanto Ele foi dezoito séculos atrás, um ministro de justiça.

Conhecida somente como um código de regras com as quais temos de fazer nossa vida conformar-se—uma *"lei de mandamentos contidos em ordenanças"* — é somente um *"jugo da servidão"*, porque os melhores esforços de alguém para observá-la são, por si só, pecado;*"pois a Escritura encerrou tudo debaixo do pecado"*; e com cada obra "*feita*

em justiça nossa própria", a lei apenas aperta sua pressão mortal sobre nós, e fortalece as barras de nossa prisão. Mas *"o Senhor é o Espírito; e onde está o Espírito do Senhor, aí há liberdade"* (2ª Cor. 3:17). Portanto, em Cristo a lei é a *"lei perfeita, da liberdade"* (Tiago 1:25).

Quando os judeus no Sinai apresentaram-se voluntariamente para pôr em prática as obras de Deus por Ele, assumiram a própria salvação. Ignoraram a história de Abraão, e o concerto de Deus com ele, a que sua atenção havia sido especialmente atraída. Mas Deus é longânimo, não desejando que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento; e assim, em harmonia com Seu concerto com Abraão, Ele não desprezou o povo, mas empenhou-Se por ensinar-lhes sobre Si mesmo e Sua salvação, mesmo em meio a sua descrença. Ele lhes deu um sistema de sacrifícios e ofertas, e um sistema de cerimônias diárias e anuais que estava exatamente em sintonia com a lei que haviam decidido guardar; ou seja, a lei de obras.

Logicamente esse sistema sacrifical não podia salvá-los mais do que a violada lei de obras, da qual ela se desenvolveu. Qualquer homem que tivesse suficiente entendimento para conhecer a natureza do pecado e a necessidade de expiação, tinha suficiente percepção de que o perdão e a justiça não poderiam jamais ser obtidos pelas cerimônias ligadas ao tabernáculo. O próprio oferecimento de um sacrifício indicava que a morte é o salário e fruto do pecado. Mas qualquer um podia ver que a vida de um cordeiro, bode ou touro não valia tanto quanto a própria vida de um homem. Portanto, nenhum desses animais, nem todos eles juntos, poderiam responder pela vida de um único homem. Milhares de carneiros, ou mesmo um sacrifício humano, não poderia expiar um único pecado. Miquéias 6:6, 7.

Os fiéis entre o povo entendiam isso bem. Davi declarou, após ter cometido um grande pecado, *"Pois não desejas sacrifícios, senão eu os daria; Tu não Te deleitarias em holocaustos"*(Sal. 51:16). E Deus, mediante os profetas, ensinou ao povo: *"De que Me serve a Mim a multidão de vossos sacrifícios? diz o Senhor. "Já estou farto dos holocaustos de carneiros, e da gordura de animais cevados; e nem Me agrado do sangue de bezerros, nem de cordeiros, nem de bodes"*(Isaías 1:11). *"Vossos holocaustos não Me agradam, nem Me são suaves os vossos sacrifícios"*(Jer. 6:20). Neles não havia virtude, pois a lei tinha somente *"a sombra dos bens futuros, e não a imagem exata das coisas",* e *"não pode nunca, pelos mesmos sacrifícios que continuamente se oferecem de ano em ano, aperfeiçoar os que se chegam a Deus".* Heb. 10:1.

Teria, logicamente, sido melhor, não exatamente a melhor coisa, se o povo houvesse conservado a fé simples e vigorosa de Abraão e Moisés, em cujo caso eles não teriam qualquer tabernáculo, mas aquele *"o qual o Senhor fundou, e não o homem"*; nenhum sumo-sacerdote exceto o próprio Cristo, feito *"Sumo Sacerdote para sempre,*

segundo a ordem de Melquisedeque"; nenhum limite ao sacerdócio, mas cada um deles um sacerdote, *"para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por Jesus Cristo"*; nenhuma lei, mas *"a lei do Espírito de vida em Cristo"*; em resumo, somente a realidade e não a mera sombra. Uma vez que não creram, porém, foi uma maravilhosa exibição da bondade e amor de Deus e longanimidade, que Ele lhes deu o que deve ter servido como uma contínua parábola. A própria*"fraqueza e inutilidade"* (Heb. 7:18) da lei de obras sempre foi evidente a toda pessoa pensante; e quando a alma se desperta, essa lei, cujo único proveito era a convicção, e cujo único poder era a morte, falava-lhes de Cristo, a quem ela os encerrava impedindo liberdade e vida. Ela tornou-lhes evidente que em Cristo, e nEle somente, podiam encontrar salvação. A verdade tal como se acha em Jesus, é a verdade que santifica.

-=-=-=-=-=-=-=-

Como Vem o Perdão

Outro ponto que é necessário observar particularmente, conquanto já tenha sido plenamente coberto, é que ninguém jamais recebeu salvação ou o perdão de qualquer pecado em virtude da lei de obras ou dos sacrifícios a ela ligados. Ademais, Deus nunca levou o povo a esperar que a lei pudesse salvar, e ninguém que realmente creu nEle jamais imaginou que pudesse. Samuel disse a Saul: *"obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, do que a gordura de carneiros"* (1º Sam. 15:22).

O profeta-rei, a partir de um coração derretido por contrição pela misericórdia de Deus escreveu:*"Pois não desejas sacrifícios; senão eu os daria; Tu não Te deleitas em holocaustos. Os sacrifícios para Deus são o espírito quebrantado; a um coração quebrantado e contrito não desprezarás, ó Deus"* (Sal. 51:16, 17). Mediante Oséias o Senhor declarou: *"Porque Eu quero a misericórdia, e não sacrifício; e o conhecimento de Deus, mais do que os holocaustos"* (Oséias 6:6). Em vez de ofertas de animais gordos, o Senhor desejava que o povo tivesse uma atitude em que fluísse*"corra o juízo como as águas, e a justiça como o ribeiro impetuoso"* (Amós 5:24). Recordem-se do capítulo sobre beber da justiça de Deus.

"Pela fé Abel ofereceu a Deus mais excelente sacrifício que Caim, pelo qual alcançou testemunho de que era justo" (Heb. 11:4, Almeida Contemporânea). Ele não obteve justiça pelo sacrifício das primícias do rebanho, mas pela fé que o induzia a realizar as ofertas. *"Tendo sido Justificados, pela fé, tenhamos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo"* (Rom. 5:1). "*Porque pela graça sois salvos, por meio da fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus".* (Efé. 2:8). E assim era desde o princípio, *"Abraão creu em Deus, e isso lhe foi imputado como justiça"*, e o mesmo é afirmado de Enoque e de Noé e a respeito de todos os patriarcas e profetas.

Após a edificação do tabernáculo, sacrifícios não podiam ser oferecidos em qualquer outro local; contudo, muitas das pessoas estariam necessariamente longe dele. Três vezes ao ano eles iriam ali reunir-se para adorar. Mas não tinham que esperar por essas ocasiões para virem, a fim de receber perdão dos pecados que pudessem ter cometido nesse entretempo. Onde quer que um homem estivesse quando pecasse, e se tornasse cônscio da praga de seu próprio coração, poderia reconhecer o pecado ao Senhor, que estava sempre disponível, experimentar, tal como podemos nós, que *"se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para nos perdoar os pecados e nos purificar de toda injustiça"* (1ª João 1:9). Isso é demonstrado no caso de Davi, quando o profeta de Deus o reprovou por seu grande pecado. Davi declarou: *"Pequei contra o Senhor. E disse Natã a Davi: Também o Senhor perdoou o teu pecado"* (2º Sam. 12:13).

Quando isso teve lugar, então a alma arrependida e perdoada pôde oferecer *"sacrifícios de justiça"*(Sal. 4:5; 51:19), que seriam aceitáveis a Deus. Então, o Senhor Se deleitaria com ofertas queimadas e holocaustos sobre o Seu altar. Por quê?—Porque revelavam a gratidão do coração, e porque eram um reconhecimento do fato de que tudo pertencia a Deus, e que tudo dEle procede. Em todo verdadeiro sacrifício há um princípio subjacente de que Aquele que salva a alma é abundantemente capaz de suprir todas as necessidades físicas, mesmo que todo vestígio de bens mundanos fosse consumido. Não é o pensamento do que estamos dando a Deus, mas do que Deus concede a nós, o que torna verdadeiro o sacrifício, uma vez que o único sacrifício real é o de Cristo. Isso foi plenamente manifesto em cada sacrifício que se oferecia. O povo podia ver que não estavam enriquecendo ao Senhor, pois o sacrifício era consumido. Cada um que oferecia inteligentemente—cada um que adorava em espírito e em verdade—simplesmente indicava que dependia somente de Deus tanto para a vida que agora existe, quanto para a vindoura.

-=-=-=-=-=-=-=-=-=-=-

O Velho Concerto Sem Valor

O velho concerto [de Êxodo 19 e 24] portanto, junto com a lei que a ele pertencia, nunca por um momento foi de qualquer mínimo valor no sentido de perdão e salvação do pecado. Foi tornado*"sem efeito"* desde o próprio princípio. Ver Sal. 89:39. Uma demonstração disso é fornecida pela intercessão de Moisés junto a Deus, quando os filhos de Israel tinham feito o bezerro de ouro e o adorado. Quando Deus disse, *"Agora, pois, deixa-Me, para que o Meu furor se acenda contra ele, e o consuma",* Moisés implorou ao Senhor, dizendo:

"Ó Senhor, por que se acende a Tua ira contra o Teu povo, que tiraste da terra do Egito com grande força e com forte mão? Por que hão de falar os egípcios, dizendo: Para mal

os tirou, para matá-los nos montes, e para destruí-los da face da Terra? Torna-Te da tua ardente ira, e arrepende-Te deste mal contra o Teu povo. Lembra-Te de Abraão, de Isaque, e de Israel, Teus servos, aos quais por Ti mesmo tens jurado, e lhes disseste: Multiplicarei a vossa descendência como as estrelas dos céus, e darei à vossa descendência toda esta terra de que tenho falado, para que a possuam por herança eternamente". Êxo. 32:10-13.

Nenhuma palavra foi proferida a respeito do concerto que havia recém sido estabelecido, só mesmo o concerto com Abraão. Nenhuma partícula de dependência foi colocada nas promessas que o povo havia feito, mas somente na promessa e juramento de Deus. Se aquele concerto do Sinai tivesse sido de qualquer valor, certamente assim seria quando foi primeiro feito; mas vemos que mesmo então tinha desaparecido de vista. Não tinha mais poder para salvar o povo do que o pergaminho em que havia sido escrito.

Jeremias em anos posteriores orou: *"Ó Senhor, embora as nossas maldades testifiquem contra nós, opera Tu por amor do Teu nome; porque as nossas rebeldias se multiplicam; contra Ti pecamos". "Ah! Senhor! reconhecemos a nossa impiedade e a iniquidade de nossos pais; porque pecamos contra Ti. Não nos rejeites por amor do Teu nome; não abatas o trono da Tua glória; lembra-Te, e não anules a Tua aliança conosco. Porventura há, entre as vaidades dos gentios, alguém que faça chover? Ou podem os céus dar chuvas? Não és Tu, ó Senhor, nosso Deus? Portanto em Ti esperamos; pois Tu fazes todas estas coisas".* Jer. 14:7, 20-22. Era essa toda a intercessão que Deus então desejava, bem como agora, pois Ele dissera: *"Volta, ó rebelde Israel, diz o Senhor, e não farei cair a Minha ira sobre ti, porque Eu misericordioso sou, diz o Senhor, e não conservarei para sempre a Minha ira. Somente reconhece a tua iniqüidade: que transgrediste contra o Senhor teu Deus"* (Jer. 3:12, 13). Era tão verdade então quanto agora, que*"se confessarmos os nossos pecados, Ele é fiel e justo para perdoar os pecados"*.

O poder de Deus como Criador e Redentor, e Sua promessa e juramento, são tudo de que qualquer judeu arrependido sempre dependeu para salvação. Nenhum deles jamais pensou em depender de suas próprias obras ou promessas, como meio de salvação. Em suma, desde os dias de Abel até agora, tem somente havido um meio de vida e salvação; somente um meio de aproximar-se de Deus; somente um Nome sob o céu pelo qual todos os homens devam ser salvos. Desde o tempo em que a salvação mediante a Semente da mulher foi tornada conhecida a Adão e Eva, antes de terem sido expulsos do Éden, não tem havido mais mudança no plano de salvação, nem nos requisitos divinos para salvação, nem no número a quem a salvação foi oferecida, do que tem havido no próprio Deus e Seu trono no céu.

Os homens têm mudado, mas Deus não. Sempre tem havido homens que confiaram em suas palavras e promessas e em cerimônias; mas isso não prova que Deus desejava que assim agissem. Nos dias de Moisés e de Cristo a maioria dos homens confiava sobretudo em forma e cerimônia; e assim se dá hoje. Os homens sempre têm estado mais prontos para se apegarem à sombra do que à substância. Mas isso não prova que nos tempos antigos Deus esperava que os homens fossem salvos pela lei de obras, nem prova que a justificação não é pela fé agora.

-=-=-=-=-=-==-=-=-=-

Obras de Super-Desempenho

Tem havido uma tendência entre os homens de multiplicar ritos e cerimônias. Este é o resultado inevitável de confiar em obras para a salvação. Assim era nos dias de Cristo, e assim é agora. Quando os homens criam a idéia de que as suas obras devem salvá-los, ou que eles próprios devem realizar as obras de Deus, não podem contentar-se em tentar realizar mais do que os mandamentos de Deus. Assim, ensinam como doutrina *"os mandamentos de homens"*, adicionando a eles continuamente até que nenhum homem possa sequer enumerar as *"boas obras"* que são requeridas, muito menos cumpri-las. O jugo que mesmo a princípio é amargo e insuportável, torna-se mais e mais pesado, até que por fim a religião se torna uma questão de mercadoria, e os homens por dinheiro ou qualquer outra consideração compram sua isenção de cumprir as obras que lhes têm sido impostas. E uma vez que é até mais difícil para os homens cumprirem os mandamentos de Deus por seus esforços do que seria realizar os mandamentos de homens, a lei de Deus logo sucumbe em sua estima, até abaixo dos preceitos dos homens.

Tudo isso é a tendência natural e inevitável de uma falha em ver a Cristo nos escritos de Moisés, e entender que sejam quais cerimônias forem que Deus tenha dado, sua intenção, por sua própria ineficácia, era impressionar o povo quanto à absoluta necessidade de depender tão-só de Cristo, em quem somente está a substância.

-=-=-=-=-=-=-=-=-

O Uso de Uma Semelhança

Uma palavra mais sobre a sombra e a substância. Como temos visto, a lei, outorgada ao povo no deserto do Sinai, era somente uma sombra da lei real, que é a vida de Deus. Isso é freqüentemente instado para depreciação da lei; muitas pessoas parecem pensar que uma vez que a lei é somente uma sombra das boas coisas, deveríamos, então, escolher o que a ela se opõe tanto quanto possível. Assim não argumentam os homens

em termos temporais. Se temos uma fotografia—uma sombra—de um homem a quem desejamos encontrar, não procuramos um homem cuja aparência não apresenta a menor lembrança da foto, e dizemos, *"Este é o homem"*. Não; buscamos um homem do qual a fotografia seja a exata semelhança, e então sabemos que temos aquele a quem buscamos. Assim, a lei real é a vida de Deus, e a lei entregue aos filhos de Israel—a sombra das boas coisas—é a fotografia do caráter de Deus.

O único homem em todo o mundo que, em cada particular, preenche as especificações dessa fotografia, é *"o homem Cristo Jesus"*, em cujo coração estava a lei. Ele é a imagem do Deus invisível, mas a imagem viva—a Pedra Vida. Indo a Ele em fé também nos tornamos pedras vivas, tendo a mesma lei escrita em nós como nEle estava, pois o Seu Espírito nos transforma à mesma imagem viva; e a lei sobre as tábuas de pedra do Sinai será testemunha de que a semelhança é perfeita. Mas se há qualquer desvio particular da perfeita fotografia, a falta de semelhança demonstrará que não somos da verdadeira família de Deus.

-- *The Present Truth*, 24 de dezembro de 1896

Notas desta edição:

[1] Provérbios 4:23;

[2] 1ª Pedro 2:4 e 5;

[3] Romanos 8:3;

[4] João 17:2;

[5] Romanos 8:2;

[6] Romanos 8:10;

[7] 2ª Cotíntios 3:7;

[8] Idem;

[9] Romanos 8:6;

[10] Lembre-se que este artigo foi escrito em 1896;

[11] Efésios 2:15, KJV; *"que consistia em ordenanças",* Almeida Fiel e ARC;

[12] Gálatas 5:1;

[13] Gálatas 3: 28;

[14] Tito 3:5, KJV; *"pelas obras de justiça que houvéssemos feito",* Almeida Fiel;

[15] 2ª Pedro 3:9;

[16] Hebreus 8:2;

[17] Hebreus 7:17 e 21;

[18] 1ª Pedro 2:5;

[19] Romanos 8:2;

[20] Gálatas 3:6, Tiago 2:23;

[21] *"Abominaste a aliança do teu servo; profanaste a sua coroa, lançando-a por terra".* Salmo 89: 39, Almeida Fiel;

[22] 1ª João 1:9;

[23] Atos 4:12;

[24] Na teologia católico-romana *"obras de super-desempenho"* (também chamadas de atos de super-desempenho) são aquelas realizadas além do que é requerido por Deus para a salvação. De acordo com o clássico ensinamento das indulgências as obras de super-desempenho, realizadas por todos os santos, formam um tesouro com Deus que a igreja pode aplicar para isentar os pecadores arrependidos das obras de penitência, que de outro modo seriam requeridas deles para alcançarem completa reconciliação com a igreja. Este foi o principal ponto de discórdia quando Martinho Lutero começou as se opor à igreja católica. Colhido de (http://en.wikipedia.org/wiki/Supererogatory);

[25] Mateus 15:9; Marcos 7:7; Colossenses 2:22, e Tito 1:14;

[26] Hebreus 10:1, KJV; Na Almeida consta *"sombra de coisas futuras"*.

CAPÍTULO 35.

As Promessas Para Israel, 24

-=-=-=-=-=-=-

Entrando na terra prometida

"E suportou os seus maus costumes no deserto por espaço de quase quarenta anos"(Atos 13:18). Nessas poucas palavras o Apóstolo Paulo, em seu discurso na

sinagoga de Antioquia, tratou do que se deu nos quarenta anos de jornada dos israelitas no deserto; e para o propósito de nosso presente estudo podemos passar por tal episódio bem rapidamente. Seus costumes eram de tal forma que Deus literalmente os*"suportou".* O registro fala de murmurações e rebelião. *"Não creram em Deus nem confiaram na Sua salvação".* Sal. 78:22. *"Quantas vezes O provocaram no deserto, e O entristeceram na solidão! Voltaram atrás, e tentaram a Deus; e limitaram o Santo de Israel. Não se lembraram de Sua mão, nem do dia em que os livrou do adversário; como operou os Seus sinais no Egito, e as Suas maravilhas no campo de Zoã"*(Versos 40-43). Conquanto por quarenta anos eles vissem diariamente as obras de Deus, não aprenderam os Seus caminhos; tanto, diz o Senhor, *"Por isto Me indignei contra essa geração, e disse: Estes sempre erram em seu coração, e não conheceram os Meus caminhos. Assim jurei na Minha ira, que não entrarão no Meu descanso"* (Heb. 3:10, 11).

-=-=-=-=-=-=-=-

Uma Herança de Fé

"E vemos que não puderam entrar por causa da sua incredulidade". O que isso nos ensina quanto à natureza da herança à qual Deus estava conduzindo o Seu povo?— Simplesmente isto, que foi uma herança que podia ser possuída apenas por aqueles que tinham fé—, somente essa fé poderia ganhá-la. Possessões mundanas e temporais podem ser, e são, obtidas e mantidas pelos homens que descrêem, e que até desprezam e blasfemam contra Deus. De fato, homens descrentes possuem o máximo desses bens mundanos. Muitos, além de Davi, têm invejado a prosperidade dos ímpios; mas tais sentimentos de inveja somente surgem quando alguém olha às coisas que são temporais, em vez das que são eternas. *"A prosperidade dos loucos os destruirá"*. Deus escolheu os pobres deste mundo, *"ricos na fé e herdeiros do reino que Ele prometeu aos que O amam"* (Tiago 2:5). Esse reino *"não é deste mundo"*(João 18:36), mas é *"uma pátria melhor, isto é, a celestial"* pela qual os patriarcas esperavam, Heb. 11:16. Foi para esta pátria que Deus prometeu conduzir o Seu povo quando o livrou da terra do Egito. Mas pode ser possuída somente por aqueles que são*"ricos na fé".*

O tempo havia chegado em que Deus iria levar adiante os Seus propósitos junto a Seu povo. Aqueles que eram destituídos de fé e que haviam dito que os seus pequenos iriam morrer no deserto tinham perecido, e agora aquelas mesmas crianças, crescidas à condição adulta, e confiantes no Senhor, estavam para adentrar a terra prometida. Após a morte de Moisés, Deus disse a Josué: *"Levanta-te pois, agora, passa este Jordão, tu e todo este povo, para a terra que Eu dou aos filhos de Israel. Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado, como Eu disse a Moisés"* (Josué 1: 2, 3).

-=-=-=-=-=-=-=-

Cruzando o Jordão

Mas o Jordão fluía entre eles e a terra à qual se dirigiam com todos os seus rebanhos e filhos pequenos. O rio estava em cheia, transbordando sobre as margens, e não havia pontes; mas o mesmo Deus, que trouxera o Seu povo através do Mar Vermelho, ainda os conduzia, e Ele era tão capaz quanto sempre de realizar maravilhas. Todo o povo tomou o seu lugar segundo as determinações do Senhor, os sacerdotes transportandoa arca cerca de mil passos à frente da multidão. Marcharam adiante rumo ao rio, cuja correnteza permanecia no seu caminho. Chegaram à própria beira da correnteza, contudo, as águas não recuaram um centímetro. Mas aquele povo havia aprendido a confiar no Senhor, e como Ele lhes dissera para marchar, não hesitaram por um momento. Para dentro da água avançaram embora soubessem que era tão profunda que possivelmente não poderia ser atravessada a pé, e a corrente suficientemente forte para arrastá-los rio abaixo. Eles nada tinham a fazer considerando as dificuldades; a parte deles era obedecer ao Senhor, e a dEle, abrir-lhes o caminho.

"E aconteceu que . . . quando os que levavam a arca chegaram ao Jordão, e os seus pés se molharam na beira das águas, ... pararam-se as águas que vinham de cima, e levantaram-se num montão, mui longe, da cidade de Adão, cidade que está ao lado de Zaretã; e as que desciam ao mar das Campinas, que é o Mar Salgado, foram de todo cortadas, então passou o povo em frente de Jericó. Porém os sacerdotes, que levavam a arca da aliança do Senhor pararam firmes, em seco, no meio do Jordão, e todo o Israel passou a seco, até que todo o povo acabou de passar o Jordão" (Josué 3: 14 – 17).

Que demonstração de fé e confiança em Deus! O leito do Jordão estava seco, é verdade, para o povo passar por ele, mas do lado direito havia uma parede de água, acumulando-se mais e mais alto sem nenhum apoio visível. Imaginem aquele acúmulo de água, aparentemente ameaçando desabar sobre o povo e poderão apreciar melhor a fé daqueles que tranquilamente passavam perante o mesmo. Por todo o tempo da passagem os sacerdotes permaneceram calmos e imóveis no meio do leito do rio, e o povo marchou sem sair da ordem. Não houve qualquer precipitação para passar logo antes que as águas desabassem sobre eles; *"aquele que crer não se apresse"* (Isa. 28:16).

-=-=-=-=-=-=-=-

Livres Finalmente

"Naquele tempo disse o Senhor a Josué: Faze facas de pedra, e circuncida segunda vez aos filhos de Israel" (Josué 5:2). "Porque quarenta anos andaram os filhos de Israel pelo deserto, até se acabar toda a nação, os homens de guerra que saíram do Egito, e não obedeceram à voz do Senhor; aos quais o Senhor tinha jurado que não lhes havia de deixar ver a terra que o Senhor

jurara a seus pais dar-nos, terra que mana leite e mel. Porém em seu lugar pôs a seus filhos; a estes Josué circuncidou, porquanto estavam incircuncisos, porque os não circuncidaram no caminho. E aconteceu que acabando de circuncidar toda a nação, ficaram no seu lugar no arraial, até que sararam. Disse então o Senhor a Josué: Hoje retirei de sobre vós o opróbrio do Egito" (versos 6-9).

A fim de ver a plena força desta cerimônia nesta ocasião, devemos nos lembrar do significado da circuncisão, e também saber o que significa *"o opróbrio do Egito".* A circuncisão significa justificação pela fé (Rom. 4:11); verdadeira circuncisão, cujo louvor não é dos homens, mas de Deus, é obediência à lei, mediante o Espírito (Rom. 2:25-29); é completa desconfiança de si mesmo, e confiança e regozijo em Jesus Cristo (Fil. 3:3). No episódio diante de nós vemos que o próprio Deus ordenou que o povo fosse circuncidado, uma prova positiva de que Ele próprio os aceitava como justos. Como se deu com Abraão, assim se dava com eles, a sua fé foi-lhes contada por justiça.

"A justiça exalta os povos; mas o pecado é a vergonha das nações" (Prov. 14:34). O pecado era o *"opróbrio do Egito",* e isso é que foi removido de diante do povo de Israel, pois a verdadeira circuncisão do coração, que é somente tudo quanto Deus conta como circuncisão, representa o *"despojo do corpo dos pecados da carne pela circuncisão de Cristo"* (Col. 2:11, KJV). *"Assim diz o Senhor Deus: No dia em que escolhi a Israel, levantei a Minha mão para a descendência da casa de Jacó, e Me dei a conhecer a eles na terra do Egito, quando levantei a Minha mão para eles, dizendo: Eu sou o Senhor vosso Deus... Então Eu disse: Cada um lance de si as abominações dos seus olhos, e não vos contamineis com os ídolos do Egito; eu sou o Senhor vosso Deus. Mas rebelaram-se contra Mim, e não Me quiseram ouvir; ninguém lançava de si as abominações dos seus olhos, nem deixava os ídolos do Egito"* Eze. 20:5-8.

Foi em razão de que não deixariam os deuses do Egito, que os homens que saíram daquele país com Moisés não entraram na terra prometida. Um povo não pode ser ao mesmo tempo livre e escravo. A escravidão do Egito—*"o opróbrio do Egito"*—não significava meramente o labor físico que o povo era forçado a enfrentar sem recompensa, mas era a abominável idolatria do Egito, em que haviam caído. Disso é que Deus libertaria o Seu povo, quando disse a Faraó: *"Deixa o Meu povo ir, para que Me sirva"*.

Essa liberdade, que o povo desfrutava, tinha finalmente sido obtida. O próprio Deus declarou que a escravidão, o pecado, o opróbrio do Egito, foi eliminado deles. Então podia ser cantado, *"Abri as portas, para que entre nelas a nação justa, que observa a verdade"* (Isa. 26:2).

-=-=-=-=-=-=-=-

A Vitória da Fé

"Pela fé caíram os muros de Jericó, depois de rodeados por sete dias" (Heb. 11:30).

"Ora, a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem" (Heb. 11:1).

"Porque as armas da nossa milícia não são carnais, mas sim poderosas em Deus, para demolição de fortalezas" (2 Cor. 10:4).

Os filhos de Israel estavam na terra prometida, contudo, para todos os efeitos não estavam em posse dela mais do que estavam antes. Eles ainda habitavam em tendas, enquanto os habitantes da terra estavam entrincheirados em suas cidades, que eram*"fortificadas até os céus"*, tão fortes quanto o mero relatório sobre eles fez com que os filhos de Israel temessem e recuassem quarenta anos antes. Mas muros de pedra e multidões de homens armados nada significam quando a batalha é do Senhor.

"Ora, Jericó estava rigorosamente fechada por causa dos filhos de Israel; ninguém saía nem entrava" (Jos. 6:1). Jericó era a primeira cidade a ser tomada, e a estratégia estabelecida pelo Senhor visava a testar ao máximo a fé dos israelitas. Todo o povo devia marchar ao redor da cidade em perfeito silêncio, com a exceção de que os sacerdotes que foram adiante com a arca deviam soar suas trombetas. *"Josué tinha dado ordem ao povo, dizendo: Não gritareis, nem fareis ouvir a vossa voz, nem sairá palavra alguma da vossa boca, até o dia em que Eu vos diga: gritai! Então gritareis"*(Jos. 6:10). Tão logo haviam eles completado esse circuito silencioso da cidade, deviam entrar no acampamento. A mesma coisa devia ser feita por seis dias sucessivos, e no sétimo dia o circuito devia ser feito sete vezes.

Imaginem a cena. Passo a passo, a multidão inteira seguia rodeando a cidade, e então seguia para o acampamento. Vez após vez repetiam isso, sem qualquer resultado aparente. Os muros permaneciam tão elevados e ameaçadores quanto antes; nenhuma pedra havia caído, nenhuma peça de alvenaria tinha se soltado. Contudo, nenhuma palavra de queixa era ouvida da parte do povo.

Podemos muito bem crer que, pelo primeiro ou segundo dia, a visão daquela grande hoste marchando silente ao redor da cidade encheu seus moradores de temor, especialmente ao terem anteriormente se aterrorizado com as notícias do que Deus havia feito por aquele povo. Mas ao ser repetida a marcha dia após dia, aparentemente sem qualquer propósito, seria muito natural que os sitiados criassem coragem e considerassem a coisa toda uma farsa. Muitos começaram a zombar e a provocar os israelitas por sua prática sem nexo. A história de guerras não apresentava precedente para tal modo de procedimento na captura de uma cidade, e teria sido contrário à natureza humana se alguns na cidade não ridicularizassem abertamente os marchadores lá fora.

Mas nenhuma palavra de resposta procedeu daquelas fileiras. Pacientemente os filhos de Israel suportaram todas as zombarias que lhes eram feitas. Nenhuma voz foi ouvida

dizendo, *"De que adianta isso tudo?" "Que tipo de general é esse Josué, afinal de contas?" "Será que ele supõe que por nossas caminhadas ritmadas podemos fazer os muros vibrar de modo a que venham desabar?" "Bem, estou cansado dessa bobagem, e permanecerei em minha tenda até podermos fazer algo que valha a pena".* Qualquer um que conheça algo da natureza humana sabe que essas e outras expressões semelhantes seriam abertamente pronunciadas sob tais circunstâncias pela maioria das pessoas; e seria admirável se não se pusessem em aberta revolta contra aquele procedimento. Esse teria sido o caso com os filhos de Israel quarenta anos antes; e o fato de que paciente e silenciosamente marcharam assim ao redor da cidade treze vezes, aparentemente sem qualquer objetivo, é prova da fé mais notável que o mundo já conheceu. Pense numa nação inteira, em meio à qual não se achava um queixoso, ninguém a proferir uma palavra de reclamação quando submetido a inconveniências que não podiam compreender, e que eram aparentemente sem valor.

O sétimo dia estava quase terminado, e o décimo terceiro circuito de rodear a cidade estava completado. Tudo permanecia exatamente como no princípio de sua marcha. Agora ocorreria o último e culminante teste de fé. *"E quando os sacerdotes pela sétima vez tocavam as trombetas, disse Josué ao povo: Gritai, porque o Senhor vos entregou a cidade"* (Josué 6:16).

Por que deviam eles gritar? — Porque o Senhor lhes havia entregue a cidade; eles deviam gritar a vitória. Mas que evidência havia de que a vitória estava ganha? Eles não podiam ver nenhuma conquista. Mas fé é a *"prova das coisas que se não vêem*. A vitória era deles porque o Senhor a havia concedido a eles e a sua fé a reivindicava com base em Sua palavra. Eles não hesitaram por um momento sequer; sua fé era perfeita, e diante da voz de comando um grito triunfante se fez ouvir da vasta assembléia.*"Ouvindo o povo o sonido da trombeta, gritou o povo com grande brado, e o muro caiu abaixo, e o povo subiu à cidade, cada um em frente de si, e tomaram a cidade"* (Josué 6:20).

A promessa àquelas pessoas era a mesma que Deus agora nos estende; e tudo quanto foi registrado a respeito deles serve para o nosso ensino. *"Pois não conquistaram a terra pela sua espada, nem o seu braço que os salvou"* (Sal. 44:3), mas a destra de Deus os salvou. Mesmo assim Ele nos concederá para que sejamos livres *"dos nossos inimigos e da mão de todos os que nos odeiam"*; para que sendo livrados da mão de nossos inimigos possamos servi-Lo sem temor, em santidade e justiça todos os dias de nossa vida. Lucas 1:68-75. Essa libertação se dá mediante Cristo, que é agora, bem como nos dias de Josué, o *"Capitão dos exércitos do Senhor".* Ele declara: *"No mundo tereis aflições; mas tende bom ânimo, Eu venci o mundo"* (João 16:33). *"E estais perfeitos nEle, que é a cabeça* de todo principado e potestade" (Col. 2:10). Portanto, *"esta é a vitória que vence o mundo: a nossa fé"* (1ª João 5:4).

-- *The Present Truth*, 31 de dezembro de 1896.

Notas desta edição:

[1] Hebreus 3:19;

[2] Provérbios 1:32, ARC;

[3] Tiago 2:5;

[4] Romanos 4:11. Abraão *"recebeu o sinal da circuncisão, selo da justiça da fé, quando estava na incircuncisão, para que fosse pai de todos os que crêem, estando eles também na incircuncisão; a fim de que também a justiça lhes seja imputada*;

[5] Romanos e: 25-29: *"Porque a circuncisão é, na verdade, proveitosa, se tu guardares a lei; mas, se tu és transgressor da lei, a tua circuncisão se torna em incircuncisão. Se, pois, a incircuncisão guardar os preceitos da lei, porventura a incircuncisão não será reputada como circuncisão? E a incircuncisão que por natureza o é, se cumpre a lei, não te julgará porventura a ti, que pela letra e circuncisão és transgressor da lei? Porque não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu o que o é no interior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus"*;

[6] Filipenses 3: 3. *"Porque a circuncisão somos nós, que servimos a Deus em espírito, e nos gloriamos em Jesus Cristo, e não confiamos na carne"*;

[7] Êxodo 7;16; 8: 1, 20; 9:1, 13 e 10:3;

[8] Deuteronômio 1: 28;

[9] Hebreus 11:1;

[10] Lucas 1:71.

CAPÍTULO 36.

As Promessas Para Israel, 25

Vanglória e Derrota

> *"Tu estás em pé pela fé. Então não te ensoberbeças, mas teme"*(Rom. 11:20).
>
> *"Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia"* (1ª Cor. 10:12).

Um homem nunca está em maior perigo do que quando acaba de realizar algo de grande êxito, ou tenha obtido uma grande vitória. Se ele não estiver bem alerta, seu cântico de gratidão poderá ter um coro de auto-congratulação vangloriosa. Começando com o reconhecimento do poder de Deus, e louvor e gratidão por isso, o homem insensivelmente coloca-se no lugar de Deus, e presume que sua própria sabedoria e força o conduziram ao sucesso e à vitória. Assim, ele se expõe a ataque quando está

seguro de vencer, uma vez que se separou da fonte do poder. Somente no Senhor Jeová há força perpétua.

"Enviando, pois, Josué, de Jericó, alguns homens a Ai, que está junto a Bete-Áven do lado Oriente de Betel, e falou-lhes dizendo: Subi, e espiai a terra. Subiram, pois, aqueles homens, e espiaram a Ai. E voltaram a Josué, e disseram-lhe: Não suba todo o povo; subam uns dois ou três mil homens, a ferir a Ai; não fatigues ali a todo o povo, porque os habitantes são poucos. Assim, subiram lá, do povo, uns três mil homens, os quais fugiram diante dos homens de Ai. E os homens de Ai feriram deles uns trinta e seis, e os perseguiram desde a porta até Sebarim, e os feriram na descida; e o coração do povo se derreteu e se tornou como água" (Josué 7: 2-5).

Ninguém Livre de Perigo

A história de Jericó e Ai é suficiente para responder àqueles que repetem com tanta segurança como se fosse das Escrituras o dito popular, "uma vez na graça, sempre na graça", no sentido de que se uma pessoa uma vez esteja realmente caminhando com Deus, nunca poderá cair. Não há dúvida de que os filhos de Israel confiavam real e plenamente no Senhor quando atravessaram o Jordão e marcharam ao redor de Jericó. Deus mesmo testemunhou que eles tinham a justificação pela fé, e Sua palavra declara que eles obtiveram uma gloriosa vitória mediante a fé. Não obstante, apenas poucos dias depois, sofreram uma séria derrota. Foi o começo da apostasia. Conquanto Deus posteriormente operasse muitas maravilhas por eles, e sempre Se revelasse pronto para fazer tudo quanto a fé deles podia captar, o povo inteiro de Israel nunca mais se revelou perfeitamente unido para *"combater o bom combate da fé"*[1]*.* Somente por um curto período, após o derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecoste, *"era um coração a alma da multidão dos que criam"*[2]. Mas que essa mesma união e força, em perfeita fé, será testemunhada novamente entre o povo de Deus sobre a Terra é tão segura quanto a promessa de Deus.

A Causa da Derrota

Havia pecado no acampamento quando Israel subiu contra Ai, e essa foi a causa de sua derrota. O povo inteiro sofreu, não simplesmente por causa do pecado de Acã, mas porque todos haviam pecado. *"Eis que a sua alma está orgulhosa, não é reta nele; mas o justo pela sua fé viverá"* (Hab. 2:4). Independente de terem sido cegados

pelo*"engano do pecado,"*[3] e então se tornarem exaltados em suas mentes, ou se foi o caso de sua exaltação própria tê-los conduzido ao seu pecado, não importa, o certo é que o povo havia dado lugar ao pecado, e tornara-se autoconfiante, o que em si próprio é pecado.[4] Devido ao pecado, sofreram derrota; na medida em que o pecado ganhou espaço em seus corações, não podiam prosseguir com a conquista da terra; e isso uma vez mais prova que a herança prometida, à qual Deus os estava conduzindo, era de molde a ser possuída somente por pessoas justas—aquelas que tinham justificação pela fé.

Os homens que subiram para conhecer a terra induziram o povo a crer que apenas alguns poucos homens seriam necessários para capturar Ai, por tratar-se de uma pequena cidade. Mas eles não tinha base para tal pressuposição. É verdade, Ai não era do tamanho de Jericó, mas números nada têm a ver com a tomada daquela cidade.*"Pela fé os muros de Jericó vieram abaixo";* e se os israelitas fossem somente metade, ou mesmo um décimo do seu tamanho, o resultado haveria de ser o mesmo. Era requerido o mesmo poder para tomar Ai quanto para a tomada de Jericó, ou seja, o poder de Deus, assumido pela fé. Quando os homens disseram que apenas uns poucos dentre o povo se fazia necessário para a captura Ai, presumiram que era a sua habilidade militar que lhes asseguraria a terra. Mas esse foi um tremendo equívoco. Deus lhes havia prometido *conceder* a terra, e isso não podia ser obtido a não ser como uma dádiva. O exército mais poderoso que o mundo jamais viu, provido das mais sofisticadas armas de guerra, não poderia tomá-la; enquanto uns poucos homens desarmados, vigorosos em fé e dando glória a Deus poderiam tê-la possuído facilmente. A força que toma o reino do céu não é a força das armas.

A Derrota Não Estava no Plano de Deus

Outra coisa que aprendemos da história de Ai é que Deus não tencionava que Seu povo jamais conhecesse derrota, ou que na ocupação da terra um único homem perdesse a vida. Num episódio de guerra, a perda de trinta e seis homens num assalto sobre uma cidade não seria considerada grande, mesmo se o assalto tivesse êxito; mas na tomada de posse da terra de Canaã foi um terrível retrocesso. A promessa era,*"Todo lugar que pisar a planta do vosso pé, vo-lo tenho dado",* e "*Ninguém te poderá resistir*" (Josué 1:3, 5), e agora eles mesmos tinham sido obrigados a fugir, com a perda de homens. A influência que a travessia do Jordão e a captura de Jericó teria para impressionar e impor respeito sobre os pagãos agora estava desfeita. Confiando em seu próprio poderio os israelitas haviam perdido o poder da presença de Deus, e demonstraram a sua própria fraqueza.

Os Meios de Defesa

O fato de que era inteiramente contrário ao plano de Deus que qualquer israelita perdesse a vida ao tomarem posse da terra prometida é adicionalmente revelado pelo que pode ser bem notado aqui-- que não era o Seu desígnio que tivessem que lutar pela posse da herança prometida. Já vimos que números e armas nada tiveram que ver com a tomada de Jericó, e que quando dependiam de suas armas, forças que em combate regular teriam sido amplamente suficientes, de nada valiam. Recordem também da maravilhosa libertação do Egito, com a derrocada do exército todo de Faraó, sem que uma única arma fosse levantada ou o emprego de qualquer poder humano, e que Deus conduziu o povo pela rota mais longa e difícil a fim de que não enfrentassem guerra (Êxo. 13:18), e então leiam a seguinte promessa:

"*Se disseres no teu coração: Estas nações são mais numerosas do que eu; como as poderei lançar fora? Delas não terás temor; antes lembrarte-ás do que o Senhor teu Deus fez a Faraó e a todos os egípcios; das grandes provas que viram os teus olhos, e dos sinais, e maravilhas, e mão forte, e braço estendido, com que o Senhor teu Deus te tirou:* ***Assim fará o Senhor teu Deus a todos os povos, diante dos quais tu temes.*** *E mais, o Senhor teu Deus mandará entre eles vespões, até que pereçam os ficarem e se esconderem de diante de ti. Não te espantes diante deles, porque o Senhor teu Deus está no meio de ti, Deus grande e terrível"* (Deu. 7:17-21).

Tal como o Senhor fez a Faraó e a todo o Egito, assim promete fazer com todos os inimigos que se postassem contra o progresso dos israelitas rumo à terra prometida. Mas os filhos de Israel não lançaram um único golpe para operar sua libertação do Egito e a derrota de todos os seus exércitos. Quando Moisés, quarenta anos antes, tinha tentado livrar Israel pela força física, falhou marcadamente, e foi obrigado a fugir em desgraça. Foi somente quando ele conheceu o evangelho como o poder de Deus para a salvação (*Rom. 1:16), que foi capaz de conduzir o povo sem qualquer temor da ira do rei. Esta é prova conclusiva de que Deus não planejou que eles lutassem pela posse da terra; e se não lutassem, logicamente não podiam perder qualquer dos seus em batalha. Leia mais adiante sobre a maneira em que Deus Sepropôs dar-lhes a terra:—

"Enviarei o Meu terror adiante de ti, destruindo a todo o povo aonde entrares, e farei que todos os teus inimigos te voltem as costas. Também enviarei vespões adiante de ti, que lancem fora os heveus, os cananeus e os heteus de diante de ti. Não os lançarei fora de diante de ti num só ano, para que a terra não se torne em deserto, e as feras do campo não se multipliquem contra ti. Pouco a pouco os lançarei de diante de ti, até que seja multiplicado e possuas a terra por herança" (Êxo. 23:27-30).

Quando Jacó, anos antes, jornadeou pela mesma terra, com sua família, *"o terror de Deus foi sobre as cidades que estavam ao redor deles, e não seguiram após os filhos de Jacó"* (Gênesis 35:5). *"Quando eram poucos homens em número, sim, mui poucos,*

e estrangeiros nela; quando andavam de nação em nação, e dum reino para outro povo; Não permitiu que ninguém os oprimisse, e por amor deles repreendeu a reis, dizendo: Não toqueis os Meus ungidos, e não maltrateis os Meus profetas". Sal. 105:12-15. Esse mesmo poder devia levá-los à terra, e rapidamente dar-lhes uma herança eterna nela, pois posteriormente o Senhor, lamentando a infidelidade deles disse:--

"Oh! Se o Meu povo me tivesse ouvido! Se Israel andasse nos Meus caminhos! Em breve Eu abateria os seus inimigos, e viraria a Minha mão contra os seus adversários. Os que odeiam ao Senhor ter-se-lhe-iam sujeitado, e o seu tempo seria eterno" (Sal. 81:13-15).

Por que Ele Lutaram

"Mas os filhos de Israel lutaram ao longo de toda a sua existência nacional, e sob a direção divina também", se argumentar. Isso é verdade patente, mas não prova, em absoluto, que fosse o propósito de Deus que lutassem. Não devemos esquecer que *"suas mentes foram cegadas"* [5] pela descrença, de modo que não puderam perceber o propósito de Deus para eles. Não apreenderam as realidades espirituais do reino de Deus, mas, em vez disso, contentaram-se com as sombras; e o mesmo Deus que suportou a sua dureza de coração no início, e Se empenhou por ensinar-lhes por sombras, quando não queriam chegar à substância, ainda permanecia com eles, compassivamente levando em conta as suas fraquezas. O próprio Deus os suportou, dada a dureza de seus corações, por terem uma pluralidade de esposas, e mesmo estabelecendo regras regulando a poligamia, mas isso não prova que Ele tivesse tal desígnio para eles. Bem sabemos que *"ao princípio não foi assim"* (*Mat. 19:8). Destarte, quando Jesus proibiu os Seus seguidores de lutar, seja na causa que for, Ele não introduziu nada novo, mais do que quando ensinou que o homem devia ter somente uma esposa e a ela se apegar enquanto vivesse. Ele estava simplesmente enunciando os primeiros princípios—pregando uma reforma integral.

Executando o Julgamento Escrito

Uma coisa, contudo, que nunca devia ser perdida de vista pelas pessoas que estão dispostas a citar as ordens divinas aos israelitas sancionando guerra, seja de defesa ou conquista, é o fato de que Deus nunca lhes disse para destruir qualquer daqueles cuja taça de iniquidade não estivesse repleta, e que irrevogavelmente rejeitavam o caminho da justiça. No fim deste mundo, quando chegar a ocasião para os santos possuírem o reino, o juízo será dado aos santos do Altíssimo (Dan. 7:22), e os santos julgarão não

somente o mundo, mas também os anjos. 1ª Cor. 6:2, 3. E também, como co-herdeiros com Cristo, terão parte na execução do juízo, pois lemos:

"Exultem os santos na glória, alegrem-se nas suas camas. Estejam na sua garganta os altos louvores de Deus, e espada de dois gumes nas suas mãos, para tomarem vingança dos gentios, e darem repreensões aos povos; para prenderem os seus reis com cadeias, e os seus nobres com grilhões de ferro; para fazerem neles o juízo escrito; esta será a honra para todos os santos. Louvai ao Senhor!" Sal. 149:5-9.

Uma vez que Cristo associa o Seu povo consigo mesmo no reino, tornando-os reis e sacerdotes, não é incompatível que os Seus santos, em ligação com Ele, e por Sua direta autoridade, executem justo juízo sobre os incorrigíveis ímpios, do que é para Ele o fazê-lo. E assim, quando nos lembramos que a libertação do Egito foi o começo do fim, e que Deus estava Se propondo a conceder a Seu povo então o mesmo reino que agora nos promete, e ao qual Cristo chamará os benditos quando vier, podemos entender bem que um povo justo poderia então, bem como no futuro, ser agentes da justiça de Deus. Mas essa não seria uma guerra de conquista, mesmo pela posse da terra prometida, e sim a execução do juízo. Não se deve esquecer, porém, que o próprio Deus pessoalmente dá as instruções quando tal juízo será executado, e não deixa os homens sem orientação em tais casos. Ademais, somente aqueles que são isentos de pecado podem executar juízo sobre pecadores.

Guerra Não É um Sucesso

Contudo, um fato mais deve ser recordado em ligação com esta questão de luta e posse da terra de Canaã, a herança prometida, e trata-se de que os filhos de Israel não a obtiveram com todos os seus combates. A mesma promessa que lhes foi dada permanece para nós; *"Porque, se Josué lhes houvesse dado repouso, não falaria depois disso de outro dia"* no qual buscá-lo e encontrá-lo. Heb. 4: 1 e 8. A razão por não o terem obtido foi sua incredulidade, e por isso é que tiveram de lutar. Se tivessem crido no Senhor, tê-Lo-iam deixado desocupar a terra de seus habitantes inteiramente depravados, da maneira que havia Se proposto fazer. Nesse entretempo eles não estariam desocupados, mas teriam realizado a obra de fé que Deus lhes designara vigorosamente, e que deve, a seguir, chamar a nossa atenção.

-- *The Present Truth*, 7 de janeiro de 1897.

Notas desta edição:

1) 1ª Tim 6:12, *"Milita a boa milícia da fé,"* Almeida Fiel;

2) Atos 4:32;

3) Hebreus 3:13;

4) A inteligência desta frase de Waggoner sugere que: “não importa se foi o pecado que levou à exaltação própria, ou se foi o contrário, o certo é que o povo pecou;

5) 2ª Cor. 3:14, KJV; *“os seus sentidos foram endurecidos,”* Alm. Fiel.

CAPÍTULO 37.

As Promessas Para Israel, 26

Israel, Um Povo Missionário.

Quando Deus enviou Moisés para tirar Israel do Egito, Sua mensagem a Faraó foi, *“Israel é Meu filho, Meu primogênito; e Eu te tenho dito: Deixa ir o Meu filho, para que Me sirva”* (Êxo. 4: 22, 23); e Ele os tirou de lá e deu-lhes as terras dos ímpios, *“para que guardassem os Seus preceitos, e observassem as Suas leis”* (Sal. 105:44, 45. A grande vantagem dos judeus sobre os outros povos era que *“a eles foram confiados os oráculos de Deus”* [1] (Rom. 3:1, 2, KJV). Na verdade, eles não receberam aqueles “oráculos vivos” em todo o seu poder vital para que assim tivessem uma vantagem infinitamente maior; mas essa não era falta de Deus, e agora não estamos considerando o que Israel realmente tinha e era, mas o que poderia ter possuído, e o que devia ter sido.

Duas coisas sempre foram verdadeiras, quais sejam, que *“nenhum de nós vive para si”* (*Rom. 14:7), e que *“Deus não faz acepção de pessoas”* (*Atos 10:34); e essas duas verdades combinadas formam uma terceira, qual seja, que quando quer que Deus concede qualquer dom ou vantagem para alguém é com o fito de que possa usar tal pessoa para o

benefício de outras. Deus não concede bênçãos sobre uma pessoa ou um povo que não deseje que todos as tenham. Quando Ele prometeu uma bênção a Abraão, foi a fim de que ele pudesse ser uma bênção, de que, nele, todos os povos da Terra pudessem ser abençoados. Foi na linha da promessa a Abraão que Deus libertou a Israel. Portanto, ao dar-lhes a vantagem de possuir Sua lei, foi para que tornasse conhecida aos outros povos essa inestimável vantagem, de modo que outros povos também pudessem compartilhá-la.

O propósito de Deus era de que o Seu nome fosse tornado conhecido em toda a Terra, Êxo. 9:14. Seu desejo de que todos os povos O conhecesse era tão grande quanto o de que os filhos de Israel O conhecessem. Conhecer o Deus verdadeiro é vida eterna, João 17:3); portanto ao revelar-Se a Israel, Deus lhes estava mostrando o caminho da vida eterna, ou o Evangelho, a fim de que pudessem proclamar o mesmo Evangelho a outros. A razão por que Ele Se fez conhecer a Israel primeiro foi porque estavam, por assim dizer, mais próximos e disponíveis a Ele do que outros povos. A lembrança dos tratos de Deus para com Abraão, Isaque, Jacó e José e a fé deles era preservada entre os judeus, assim tornando-os mais acessíveis. Deus os escolheu, não porque os amasse mais do que os demais, mas porque amava todos os homens e desejava fazer-Se conhecer a eles mediante os agentes que Lhe estavam mais próximos em disponibilidade. A noção de que Deus sempre foi exclusivo, e que sempre limitou Suas misericórdias e verdade a um povo especial, é extremamente desrespeitosa a Seu caráter. Ele nunca deixou os pagãos sem testemunho de Si, e onde quer que pudesse encontrar um homem ou povo que consentisse em ser usado, Ele imediatamente o alistava a Seu serviço, para promover uma revelação mais completa dEle.

Efeito da Proclamação do Evangelho no Egito

O Evangelho é o poder de Deus para a salvação, e uma vez que o poder grandioso de Deus foi revelado na salvação de Israel do Egito, é evidente que o Evangelho foi proclamado naquela ocasião, como nunca antes havia sido. O efeito dessa proclamação é mostrado pelas palavras de uma mulher pagã, a prostituta Raabe. Quando os dois espias foram à sua casa em Jericó, ela os escondeu e lhes disse:—

"Bem sei que o Senhor vos deu esta terra, e que o pavor de vós caiu sobre nós, e que todos os moradores da terra estão desfalecidos diante de vós. Porque temos ouvido como o Senhor secou as águas do Mar Vermelho para vós, quando viestes do Egito, e o que fizestes aos dois reis dos amorreus, a Siom e a Ogue, que estavam além do Jordão, os quais destruístes totalmente. E tão logo ouvimos estas coisas, derreteu-se o nosso coração, e em ninguém mais há ânimo algum, por vossa causa; porque o Senhor vosso Deus é Deus em cima no céu e embaixo na terra" (Josué 2:9-11, KJV). Daí ela implorou a promessa de libertação e a obteve.

"Pela fé Raabe, a meretriz, não pereceu com os desobedientes, acolhendo em paz os espias" (Heb. 11:31). O que se deu com ela poderia ter sido a sorte de todos os demais residentes de Jericó, no caso de que exercessem a mesma fé como ela. Tinham ouvido as mesmas coisas que ela, e sabiam como fato comprovado, tal como ela, que *"o Senhor vosso Deus é Deus em cima no céu e em baixo na terra"*[2]. Mas conhecimento não é fé. Os demônios sabem que há um Deus, mas não possuem fé. Raabe estava disposta a submeter-se às exigências de Deus e viver como integrante de Seu povo, enquanto seus concidadãos não estavam. No seu caso vemos a evidência de que Deus salva as pessoas, não porque sejam boas, mas porque estão dispostas a serem tornadas boas. Jesus é enviado para nos abençoar, desviando-nos de nossas iniquidades. Aquela pobre mulher pagã de vida irregular, que podia proferir uma mentira do modo mais natural, sem qualquer consciência de culpa, tinha uma mui débil ideia da diferença entre o certo e o errado; contudo, Deus reconheceu-a como integrante de Seu povo porque não se desviou da luz, mas caminhou nela ao esta alcançá-la. Ela creu para a salvação de sua alma. Sua fé soergueu-a de seu meio-ambiente pecaminoso e a estabeleceu no caminho do conhecimento; e nenhuma evidência mais forte pode ser encontrada de que Cristo não Se envergonha em reconhecer até mesmo pagãos como Seus irmãos do que o fato de Ele não se envergonhar em ter um deles, uma prostituta, registrada no rol de Seus ancestrais segundo a carne.

A Solicitude de Deus por Todos os Homens

Mas a questão especial nesta referência a Raabe é que Deus não Se limitava ao povo hebreu. Onde quer que houvesse um habitante de Canaã, disposto a reconhecê-Lo, nesse momento ele seria alistado entre o povo de Deus. Essa lição não é meramente teórica, mas o ponto a destacar é que a promessa a Abraão incluía todo o mundo, não meramente a descendência de Jacó. Este é fato consolador e inspirador que nos mostra quão longânimo é o Senhor, *"não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se"* (2ª Ped. 3:9). Mostra-nos quão rapidamente Deus Se vale da mais leve inclinação em procurá-Lo, e usa isso como um meio para atrair a alma errante para mais perto. Ele suavemente sopra sobre a mais débil brasa para que seja possível transformar-se numa forte chama. Seu ouvido está continuamente voltado à Terra, alerta para captar o mais débil sussurro de modo que o mais fraco clamor, sim, o primeiro impulso para chamar, desde o mais profundo abismo, seja instantaneamente ouvido e respondido.

Sacerdotes de Deus

Que o desígnio de Deus para Israel era de que proclamassem o Evangelho a todo o mundo, é visto no fato de que se permanecessem no Seu concerto, seriam um reino de sacerdotes. Todos deviam ser sacerdotes de Deus. Agora, a obra de um sacerdote é assim definida em Malaquias 3:5-7, onde Deus diz de Levi: --

"Meu concerto com ele foi de vida e de paz; e Eu lhas dei para que Me temesse; e ele Me temeu, e assombrou-se por causa do Meu nome. A lei da verdade esteve na sua boca, e a iniquidade não se achou nos seus lábios; ele andou Comigo em paz e em retidão, e da iniquidade converteu a muitos. Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca devem os homens buscar a lei, porque ele é o mensageiro do Senhor dos exércitos" (Mal. 2:5-7).

Desviar os homens da iniquidade é a obra de Cristo mediante a Sua ressurreição; portanto a obra do verdadeiro sacerdote é simplesmente pregar o Evangelho—proclamar a lei viva no Salvador vivo que é perfeito, convertendo a alma. Mas uma vez que todos os filhos de Israel deviam ser sacerdotes, e, portanto, bem familiarizados com a lei, é evidente que deviam ser sacerdotes em favor de outros. Se tivessem aceito a proposta de Deus, e se contentado em permanecer em Seu concerto, em lugar de insistir num de sua própria criação, não teria havido necessidade de qualquer sacerdócio para fazer a lei de verdade e paz conhecida deles; todos teriam conhecido a verdade, e, consequentemente, seriam todos livres; mas o ofício de um sacerdote é ensinar a lei, e, portanto, é confirmado que o propósito divino, em trazer Israel para fora do Egito, foi enviá-los por todo o mundo pregando o Evangelho.

Que tarefa fácil e rápida isso lhes teria sido, respaldada pelo poder de Deus. A fama do que Deus havia feito no Egito lhes havia precedido, e ao prosseguirem com o mesmo poder, poderiam pregar o Evangelho em sua plenitude a pessoas já preparadas para aceitá-lo ou rejeitá-lo. Deixando suas esposas e filhos menores a salvo na terra de Canaã, e indo de dois em dois, como Jesus posteriormente enviou os Seus discípulos, em pouco tempo teriam levado o Evangelho às partes mais remotas da Terra. Supondo-se que inimigos tentassem opor-se a seu progresso, um poderia pôr a correr um milhar, e dois poriam em fuga dez milhares. Isto é, o poder da presença de Deus com qualquer dois deles os poriam aos olhos de seus inimigos iguais a dez mil homens, e nenhum ousaria atacá-los. Assim haveriam de ir adiante com sua designada obra de pregar o Evangelho, sem temor de serem molestados. O terror que a sua presença inspiraria nos opositores mostra o poder que a mensagem que proclamavam teria sobre corações abertos e prontos a receber a verdade.

Ao avançarem assim revestidos com o pleno poder de Deus, o terreno não precisaria ser percorrido uma segunda vez. Todos quantos ouvissem imediatamente tomariam posição, seja contra ou a favor da verdade; e essa decisão haveria de ser final, uma vez que quando alguém rejeita o Evangelho quando proclamado em sua inteireza, ou seja, com o absoluto poder de Deus, nada mais há que possa ser feito por ele, pois não há maior poder do que

o de Deus. Assim, poucos anos, ou possivelmente meses, após a travessia do Jordão, seriam suficientes para a pregação do Evangelho do reino em todo o mundo como testemunho a todas as nações.

Evidência da Imparcialidade de Deus

Mas Israel não cumpriu a sua elevada vocação. A descrença e confiança própria privaram-nos do prestígio com que entraram na terra prometida. Não permitiram que a sua luz brilhasse, e assim com o tempo a perderam. Contentaram-se em colonizar Canaã, em vez de possuírem a Terra toda. Presumiram que a luz que Deus lhes havia dado devia-se ao fato de que Ele os amava mais do que o fazia a outros, e assim tornaram-se arrogantes e desprezaram os demais povos. Não obstante, Deus não deixou de indicar-lhes de que deviam ser a luz do mundo. A história dos judeus, em vez de revelar que Deus Se limitou a eles, mostra que estava continuamente tentando usá-los para tornar o Seu nome conhecido a outros. Vejam o relato de Naamã, o sírio, que foi enviado ao rei de Israel para ser curado de sua lepra. Vejam o caso da viúva de Sarepta, a quem Elias foi enviado. A rainha de Sabá veio de longe para ouvir a sabedoria de Salomão. Jonas foi enviado, muito contra a sua vontade, para advertir os ninivitas, que se arrependerem ante a sua pregação. Leia as profecias de Isaías, Jeremias e Ezequiel, e perceberão quão frequentemente apelo é feito às várias nações. Todas essas coisas mostram que Deus não era então, mais do que agora, o Deus dos judeus somente, mas também dos gentios. Ao final, quando Israel tinha totalmente recusado cumprir a missão à qual Deus os havia chamado, Ele os enviou em cativeiro para que assim os pagãos pudessem receber algum conhecimento Dele, que não compartilharam voluntariamente. Ali algumas poucas almas fiéis foram o meio de levar a verdade claramente perante o ímpio rei Nabucodonosor, que no devido tempo humildemente reconheceu a Deus, e publicou sua confissão de fé para toda a Terra. O rei Ciro também, e outros reis persas, em proclamações reais tornaram conhecido o nome do único e verdadeiro Deus por todo o mundo.

Reunindo Num Rebanho

Assim vemos que nada havia que Deus mais desejasse do que a salvação dos pagãos ao redor dos hebreus, e não só daqueles mais próximos, como também dos mais distantes, pois as promessas não eram feitas somente aos hebreus e seus filhos, mas a todos os que estivessem “distantes”. Ver Atos 2:39; Isa. 57:19. Que Deus não faz diferença entre judeus e gentios é visto no fato de que Abraão, o cabeça da raça hebraica, era, ele próprio, um gentio, e recebeu a garantia de aceitação por Deus enquanto ainda incircunciso, “a fim de que fosse pai de todos os que crêem, embora não fossem circuncidados; a fim de que a justiça fosse imputada e eles também” (Rom. 4:11, 12, KJV). Deus sempre esteve tão pronto a aceitar pessoas dentre os pagãos, como quando chamou Abraão dentre eles. Quando

Cristo veio, Ele declarou que tinha sido enviado somente às ovelhas perdidas da casa de Israel, e mesmo enquanto dizia isso, mostrava quem eram as ovelhas perdidas da casa de Israel, ao conceder cura a uma mulher pagã crente. Mat. 15.

O que Cristo fez pela mulher cananéia, estava igualmente pronto e ansioso para fazer por todo habitante crente de Canaã e do mundo inteiro, nos dias de Josué. Todos quantos não se apegassem teimosamente a seus ídolos deviam ser reunidos ao rebanho de Israel, até que houvesse somente um rebanho sob Um Pastor. Havia salvação para todos quantos a aceitassem, mas, mas tinham que tornar-se israelitas de fato.

Israel Devia Ser Separada

Foi por essa razão que os israelitas foram proibidos de estabelecer qualquer acordo com os habitantes da terra. Uma aliança implica em semelhança, igualdade e união de dois poderes semelhantes. Mas Israel, quando autêntico a seu chamado, nada tinha em comum com os habitantes da terra. Devia ser um povo separado, e isso unicamente por causa da presença santificadora do Senhor. Quando Deus disse a Moisés, *"Irá a Minha presença contigo, para ti fazer descansar",* Moisés respondeu: "Se Tu mesmo não fores conosco, não nos faças subir daqui. Como, pois, se saberá agora que tenho achado graça aos Teus olhos, eu e o Teu povo? Acaso não é por andares Tu conosco, de modo a sermos separados, eu e o Teu povo, de todos os povos que há sobre a face da terra". Êxo. 33:14-16. Fazer uma aliança com as nações ao seu redor seria estar unido a eles, e isso significava separação da presença de Deus. A presença de Deus era algo que faria e manteria o povo de Israel separado das nações, e Sua presença não podia ter qualquer outro efeito além disso. A presença de Deus fará a mesma coisa nestes dias, pois Ele não muda. Portanto, se alguém disser que não é necessário que o povo de Deus seja separado das nações, estará realmente dizendo que não é necessário que contem com a presença de Deus.

O mesmo princípio estava envolvido quando o povo desejou um rei. Leiam o relato em 1ª Samuel 8. o povo disse a Samuel, *"Constitui-nos, pois, agora um rei sobre nós para que nos julgue, como o têm todas as nações"* (vs.5). Este fato desagradou a Samuel e, sem dúvida, feriu os seus sentimentos, mas o povo insistia, "constitui-nos um rei para nos julgar". Então o Senhor disse a Samuel, *"Ouve a voz do povo em tudo quanto te dizem, pois não é a ti que têm rejeitado, porém a Mim, para que Eu não reine sobre eles. Conforme todas as obras que fizeram desde o dia em que os tirei do Egito até o dia de hoje, a mim Me deixaram e a outros deuses serviram, assim também fazem a ti"* (vs. 7 e 8).Então Samuel, sob as ordens do Senhor, apresentou perante o povo alguns dos males que resultariam de terem um rei; mas eles recusaram ser persuadidos declarando: *"Não, mas haverá sobre nós um rei, e nós também seremos como todas as outras nações"* (vs. 19 e 20).

Na Bíblia as “nações” são pagãs. A palavra hebraica que é muitas vezes vertida por “nações” é idêntica à palavra da qual deriva o termo “pagãos”. Talvez Sal. 96:5 torne a questão tão clara quanto possa ser para o leitor do texto em português: *“Porque todos os deuses dos povos são ídolos; mas o Senhor fez os céus”.* Aqui é por demais evidente que as “nações” são pagãs. No Sal. 2:1, onde lemos,*“Por que se amotinam os gentios e os povos imaginam coisas vãs?”* A Almeida Contemporânea colocou *“Por que conspiram as nações e os povos imaginam coisas vãs?”* Tal ideia como de uma “nação cristã” é uma total contradição, como seria “cristão pagão” ou um “cristão pecador”. Uma “nação” no emprego divino do termo, quando falando das nações terrenas, é um conjunto de pagãos. Assim, o que os hebreus realmente disseram foi isto: “Teremos um rei sobre nós para que também sejamos semelhantes aos pagãos”. Isso era o que desejavam porque todos os outros povos reconheciam outros deuses diversos de Jeová, e todos os povos sobre a Terra, com exceção de Israel, tinham reis sobre eles. A Bíblia em dinamarquês assim reza claramente em 1ª Sam. 8:20:*“Seremos também como todos os pagãos”.*

O plano de Deus para Israel era de que não fosse uma *nação*. Estamos acostumados a ver o que *era*, como se fosse o que devia ter sido, esquecendo-nos de que desde o primeiro até o último em Israel recusou, em maior ou menor extensão, caminhar no conselho de Deus. Vemos o povo hebreu com juízes, e oficiais, e toda a parafernália de governo civil; mas devemos nos lembrar que o concerto de Deus provia algo bem diferente, que, em razão da descrença, nunca perceberam plenamente.

Israel, a Igreja de Cristo

A palavra “igreja” é de uso muito comum, contudo talvez, comparativamente, poucos daqueles que a empregam percebem que deriva de um termo grego que significa “chamado para fora”, e isso se aplica a Israel mais do que a qualquer outro povo. Eles constituíam a Igreja de Deus; haviam sido chamados para fora do Egito. No Velho Testamento eram referidos como “a congregação”, ou seja, aqueles que se reuniam ou se agrupavam, pois formavam o rebanho do Senhor, do qual Ele era o Pastor. Deus é conhecido como o *“Pastor de Israel”.* Sal. 80:1. Ver também Sal. 23:1. Assim, a Igreja nos últimos dias é chamada de rebanho de Deus. Atos 20:28. Estêvão, na sua fala perante o Sinédrio, falou de Israel como *“congregação no deserto”* (Atos 7:38).

Há somente uma igreja, pois a igreja é o corpo de Cristo, Efé. 1:19-23, e há somente um corpo, Efé. 4:4. A única igreja é composta daqueles que ouvem e seguem a voz de Cristo, pois Cristo diz: *“As Minhas ovelhas ouvem a Minha voz”, “e Me seguem”* (João 10:27). Essa igreja no deserto é, pois, idêntica à verdadeira igreja de Cristo em todas as épocas. Isso é mais claramente demonstrado em Heb. 3:2-6. Ao lerem a passagem lembrem-se que *“a casa de Deus”* é *“a igreja do Deus vivo”*(1ª Tim. 3:15). Agora, o texto diz que Cristo foi fiel

na casa de Deus, tal como Moisés o foi. Moisés foi fiel na casa de Deus como um servo, e Cristo como um Filho sobre a mesma casa, *"a qual casa somos nós, se tão-somente conservarmos firmes a confiança e a glória da esperança até o fim"* (Heb. 3:6). Jesus foi chamado para fora do Egito, como está escrito, *"Do Egito chamei o Meu Filho"* (Mat. 2:15). Ele era o Cabeça e Líder da hoste que saiu com Moisés, 1ª Cor. 10:1-10. Cristo e Moisés, portanto, estão no mesmo companheirismo e comunhão, e quem quer que seja participante de Cristo, deve reconhecer a Moisés como um irmão no Senhor.

Esses fatos são de grande importância, uma vez que ao aprendermos sobre o plano de Deus para Israel, apreendemos o verdadeiro modelo para a igreja de Deus em todas as eras, mesmo até o fim. Podemos não citar indiscriminadamente o que Israel fez, como autoridade pelo que devemos fazer, uma vez que muitas vezes se rebelaram contra Deus e sua história é mais um registro de apostasia do que de fé; mas podemos e devemos estudar as promessas e reprovações de Deus a eles, pois o que Ele tinha para eles também tem para nós.

A Igreja Sendo o Reino

O povo de Israel constituía um reino desde o início dos séculos antes de Saul ter sido constituído sobre o mesmo; pois a igreja de Deus é o Seu reino, e Seus súditos são todos os Seus filhos. A*"família de Deus"* (Efé. 2:19) é a *"comunidade de Israel"* (Vs. 12). Cristo, com o Pai, assenta-Se sobre o "trono da graça", e a verdadeira igreja O reconhece, e a Ele somente, como Senhor. O apóstolo João, escrevendo à Igreja, assina como *"vosso irmão, e companheiro na tribulação, no reino e na paciência de Jesus Cristo"* (Apoc. 1:9, KJV). Cristo declarou-Se um Rei, o próprio Rei dos judeus, Mat. 27:11, e recebeu homenagem como *"Rei de Israel,"* João 1:49. Mas conquanto reivindicando ser rei, Jesus declarou: "O Meu reino não é deste mundo; se o Meu reino fosse deste mundo, pelejariam os Meus servos, para que Eu não fosse entregue aos judeus; mas agora o Meu reino não é daqui" (João 18:36). Tal como o reino de Cristo não é deste mundo, assim, Sua igreja, Seu corpo, o povo ao qual Ele tem escolhido e chamado do mundo, não deve tomar parte do mundo, conquanto nele esteja. Não deve estabelecer qualquer tipo de aliança com o mundo, para qualquer propósito que seja. Seu único papel no mundo é ser luz do mundo, o sal pelo qual tanto do mundo quanto seja possível venha a ser preservado. Não deve ser parte do mundo como a luz não é parte das trevas sobre que brilha.*"Que comunhão tem a luz com as trevas?"* 2ª Cor. 6:14. Há duas classes distintas sobre a Terra—a Igreja e o mundo; mas quando a Igreja faz uma aliança com o mundo, seja formalmente, ou adotando os métodos ou princípios do mundo, então há realmente apenas uma classe—o mundo. Pela graça de Deus, contudo, sempre houve uns poucos fiéis, mesmo no tempo da maior apostasia.

Não Uma Teocracia

É muito comum falar de Israel como uma teocracia. Isso é de fato o que Deus tencionava que fosse, e o que deveria ter sido, mas que no mais verdadeiro sentido nunca foi. E menos do que tudo foi Israel uma teocracia quando o povo exigiu um rei terreno, *"E nós também seremos como todas as outras nações"* (1º Samuel 8:20), pois em assim fazendo eles rejeitaram a Deus como o seu Rei. É estranho que as pessoas se refiram ao que Israel fez em direta oposição aos desejos de Deus, como uma base para ação semelhante da parte da Igreja agora, e a sua rejeição de Deus como evidência de que foram dirigidos pelo Seu poder.

A palavra "teocracia" é combinação de dois termos gregos, e significa literalmente "o governo de Deus". Uma verdadeira teocracia, portanto, é um corpo em que Deus é o único e absoluto governante. Tal governo tem sido raramente visto sobre a Terra, e nunca em grande extensão. Uma verdadeira teocracia existiu quando Adão foi primeiro formado e colocado no Éden, quando *"viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom"* (Gên. 1:31). Deus formou Adão do pó da terra, e o colocou sobre as obras de Suas mãos. Ele foi tornado governante *"sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra"* (Gên. 1:26). Portanto, ele tinha todo poder que lhe fora dado. Mas na sua melhor condição, quando coroado com glória e honra, Adão era apenas pó, não tendo maior poder em si mesmo do que o pó sobre o qual caminhava. Portanto, o magnífico poder que nele se manifestava não lhe pertencia em absoluto, mas era o poder de Deus operando nele. Deus era o absoluto Governante, porém era de Seu agrado, no que tange a este planeta, revelar o Seu poder mediante o homem. Durante a lealdade de Adão a Deus houve, portanto, uma perfeita teocracia sobre a Terra.

Tal teocracia nunca existiu desde então, pois a queda do homem foi o reconhecimento de Satanás como o deus deste mundo. Entretanto, individualmente existiu em sua perfeição em Cristo, o segundo Adão, em cujo coração estava a lei de Deus, e em Quem habita corporalmente toda a plenitude da Divindade[3]. Quando Cristo tiver renovado a Terra e restaurado todas as coisas como no princípio, e houver somente um rebanho e um Pastor[4], um rei em toda a terra, essa será uma perfeita teocracia. A vontade de Deus será feita em toda a Terra como é agora no céu. Mas agora é o tempo da preparação. Cristo está agora reunindo um povo no qual o Seu caráter será reproduzido, em cujos corações Ele habitará pela fé, de modo que cada um deles, à semelhança de Si mesmo, possa ser*"cheio com toda a plenitude de Deus"* (Efé. 3:17-19). Esses reunidos constituem a igreja de Cristo, que, como um todo, é *"a plenitude dAquele que cumpre tudo em todos"* (Efé. 1:22, 23). Assim, conquanto a verdadeira teocracia esteja, antes de tudo, no coração de indivíduos que, dia a dia, sinceramente, dizem a seu Pai celestial, *"Teu é o reino",* a multidão dos que crêem — a Igreja — quando perfeitamente unida com a mesma mente pelo Espírito Santo, constitui a única verdadeira teocracia que já existiu nesta Terra. Quando a Igreja é apóstata, busca alianças com o mundo, por assumir poder real, a fim de exibir uma forma

teocrática de governo, mas é somente uma forma falsa, sem poder divino, enquanto os verdadeiros seguidores de Deus, poucos em número, e espalhados pelo mundo, e desconhecidos das nações, fornecem um exemplo de uma real teocracia.

Mediante o profeta que abriu a boca para amaldiçoar, mas que em vez disso proferiu bênçãos, Deus disse a Seu povo de Israel, *"este povo habitará só, e entre as nações não será contado"* (Núm. 23:9). O povo de Deus está no mundo, mas não é parte dele, pois o seu propósito é revelar aexcelência dAquele que os chamou das trevas. Isso, porém, só podem cumprir segundo Deus seja reconhecido como supremo. A igreja é o reino no qual Deus reina sozinho, e todo o seu poder é o poder dEle, sua única lei é a lei de Deus de amor. É a voz de Deus somente que ouve e segue, e é a voz de Deus somente que fala por seu intermédio.

Não Um Modelo Terreno

Nada entre os reinos ou associações terrenos, seja do tipo que for, pode servir como modelo para a verdadeira teocracia, a igreja e reino de Deus; nem podem os atos de organizações humanas ser tomados como precedentes. É singular em todo particular, não dependendo de nenhuma das coisas sobre as quais os governos humanos dependem para a manutenção de unidade, e, contudo, tão maravilhosa em exibição de ordem e harmonia e poder, que maravilha a todos.

Mas conquanto o verdadeiro povo de Deus deva habitar sozinho, sem ser contado entre as nações, e consequentemente não tendo parte na direção ou administração de governos civis, de modo algum é indiferente ao bem estar da humanidade. Tal como a sua divina Cabeça, sua missão é fazer o bem. Tal como Adão foi o filho de Deus (Luc. 3:38), a família humana como um todo, conquanto caída, constitui Seus filhos — filhos pródigos —e, portanto, os verdadeiros filhos de Deus considerarão todos os homens como seus irmãos, por cujo bem-estar e salvação devem trabalhar. Sua obra é revelar Deus ao mundo como um Pai amorável e bondoso, e isso só podem fazer por permitir que o Seu amor resplandeça de suas vidas.

O reino de Cristo sobre a Terra tem como única missão mostrar por semelhança prática a Cristo, sua aliança com Ele, e proclamá-Lo como o legítimo Senhor de todos, assim revelando Suas excelências, para induzir tantos quanto possível a O aceitarem como Rei, de modo que possam estar preparados para recebê-Lo como Rei, a fim de que possam estar preparados para recebê-Lo quando vier sobre o trono de Sua glória, Mat. 25:31. Cristo, o Rei, não veio ao mundo para nenhum outro propósito senão *"a fim de dar testemunho da verdade"* (João 18:37), e assim os Seus súditos leais não têm outro objetivo na vida, e o poder pelo qual testemunham é o do Espírito Santo permanecendo neles, e neles habitando, Atos 1:8, e não por misturar-se em lutas políticas ou sociais. Por um pouco, depois da

ascensão de Cristo ao céu, a igreja estava contente com este poder, e maravilhoso progresso foi feito na obra de pregação do Evangelho do reino; mas logo que a igreja começou a adotar métodos mundanos, e seus membros a interessar-se pelos assuntos de Estado, em vez do reino de Cristo, e o poder foi perdido. Mas seja lembrado que naqueles dias da lealdade da igreja, o mesmo poder que fora dado a Israel estava presente para o mesmo propósito centenas de anos antes; e recordemos mais que o povo mediante o qual o poder de Deus fora assim manifestado em ambos os casos era o mesmo, *"porque a salvação vem dos judeus"* (João 4:22).

"O caminho de Deus é perfeito,"[5] e sabemos que *"tudo quanto Deus faz durará eternamente; nada se lhe deve acrescentar, e nada se lhe deve tirar; e isso faz Deus para que haja temor diante dEle"* (Ecl. 3:14). Portanto, embora Israel, nos dias dos juízes e dos profetas, revelou-se infiel a seu depósito, e a Igreja dos dias dos apóstolos em grande medida negligenciou os seus privilégios e deveres, deve chegar o tempo em que a Igreja — o Israel de Deus — deverá sair do mundo e ser separada, e assim, livre de todo embaraço mundano, e dependendo somente de Cristo, resplandecerá como a manhã,*"formosa como a lua, brilhante como o sol, terrível como um exército com bandeiras"*[6].

-- *The Present Truth*, 14 de janeiro de 1897.

Notas desta edição

1) Aos judeus *"foram confiados os oráculos de Deus"* (Rom. 3:1, 2, KJV). Oráculo era a resposta de uma divindade àqueles que a consultavam. A Almeida Fiel diz, *"as palavras de Deus lhes foram confiadas".*
2) Josué 2:11;
3) Colossenses 2:9;
4) João 10: 16;
5) Salmos 18:30, e 2º Samuel 22:31
6) Cantares, 6:10

CAPÍTULO 38.

As Promessas Para Israel, 27

O Prometido Descanso

(Parte 1)

"*Eu mesmo irei contigo, e eu te darei descanso".* Êxo. 33:14.

Foi com essas palavras que Deus encorajou Moisés a conduzir o povo de Israel após terem tão ofensivamente pecado em confeccionar e adorar um bezerro de ouro.

O Repouso de Cristo

Em nosso estudo do descanso que Deus prometeu a Seu povo, será bom recordar que a promessa aqui registrada é idêntica à de Mat. 11:28: Descanso foi prometido e só poderia ser encontrado na presença de Deus, que acompanharia o Seu povo. Assim, Cristo, que é *"Deus conosco"* (Mat. 1:23), e que está conosco *"todos os dias, até a consumação dos séculos*" (Mat. 28:20), diz: *"Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei".* O descanso que foi oferecido aos filhos de Israel no deserto, é exatamente o mesmo descanso que Cristo oferece a toda a humanidade, descanso em Deus, nos braços eternos — pois o Filho Unigênito *"está no seio do*

Pai" (João 1:18). *"Como alguém a quem consola sua mãe, assim eu vos consolarei"* (Isa. 66:13).

Mas Deus sempre esteve e está presente em toda parte; por que, então, nem todas as pessoas obtêm descanso? — Pela simples razão que como via de regra os homens não reconhecem a Sua presença, nem mesmo a Sua existência. Em lugar de levar em conta a Deus em todas as situações da vida, a maioria das pessoas vive como se Ele não existisse. *"Sem fé é impossível agradar a Deus; porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe, e que é galardoador dos que O buscam"* (Heb. 11:6). Isso revela que a incapacidade geral de agradar a Deus, e assim encontrar o descanso, deriva da descrença real quanto a Sua existência.

Como podemos saber que Deus existe? — Desde a criação do mundo as coisas invisíveis de Deus, a saber, Seu eterno poder e Divindade, têm sido claramente reveladas nas coisas que Ele criou (ver Rom. 1:20), de modo que aqueles que não O conhecem estão sem desculpa. É como Criador que Deus Se revela, pois o fato de que Ele cria O torna o Deus que tem existência própria e O distingue dos falsos deuses. *"Porque grande é o Senhor, e digno de ser louvado; Ele é mais temível do que todos os deuses. Porque todos os deuses dos povos são ídolos; mas o Senhor fez os céus"*)Sal. 96:4, 5). *"Mas o Senhor é o verdadeiro Deus; Ele é o Deus vivo e o Rei eterno. . . . Os deuses que não fizeram os céus e a terra, esses perecerão da terra e de debaixo dos céus. Ele fez a terra pelo Seu poder; Ele estabeleceu o mundo por Sua sabedoria e com a Sua inteligência estendeu os céus"* (Jer. 10:10-12). *"O meu socorro vem do Senhor, que fez os céus e a terra"* (Sal. 121:2). *"O nosso socorro está no nome do Senhor, que fez os céus e a terra"* (Sal. 124:8). E se o descanso é achado só na presença de Deus, e Sua presença é verdadeiramente conhecida e apreciada somente mediante Suas obras, é evidente que o prometido descanso deve estar mui intimamente ligado à criação.

O Descanso e Herança Inseparáveis

Isto descobrimos ser o caso, pois o descanso e a herança sempre estiveram intimamente associados na promessa. Quando os filhos de Israel estavam sendo instruídos no deserto foi-lhes dito: *"Não fareis conforme tudo o que hoje fazemos aqui, cada qual tudo o que bem lhe parece aos olhos. Porque até agora não entrastes no descanso e na herança que o Senhor vosso Deus vos dá; mas quando passardes o Jordão, e habitardes na terra que o senhor vosso Deus vos faz herdar, Ele vos dará repouso de todos os vossos inimigos em redor, e morareis seguros. Então haverá um lugar que o Senhor vosso Deus escolherá para ali fazer habitar o Seu nome"*(Deut. 12:8-

11). Assim também Moisés declarou às tribos que tinham sua parcela na parte leste do Jordão: *"O Senhor vosso Deus vos deu esta terra, para a possuirdes; vós, todos os homens valentes, passareis armados adiante de vossos irmãos, os filhos de Israel. Tão-somente vossas mulheres, e vossos pequeninos, e vosso gado . . . ficarão nas cidades que já vos dei; até que o Senhor dê descanso a vossos irmãos como a vós, e eles também possuam a terra que o Senhor vosso Deus lhes dá além do Jordão"* (Deut. 3:18-20). O descanso e a herança são inseparáveis. Em Cristo, que é *"Deus conosco",* encontramos descanso, *"no qual também fomos feitos herança, havendo sido predestinados conforme o propósito Daquele que faz todas as coisas segundo o conselho da Sua vontade".* O Espírito Santo representa os primeiros frutos dessa herança até que a posse adquirida seja redimida. Efé. 1:10-14. *"Tu, Senhor, és a porção da minha herança".* Ele é tanto o nosso descanso quanto nossa herança; tendo a Ele, temos tudo.

Já vimos os filhos de Israel na terra da promessa; a terra, e, portanto, o descanso, era deles, pois lemos esta declaração do que era verdadeiro nos dias de Josué:--

"Desta maneira deu o Senhor a Israel toda a terra que, com juramento, prometera dar a seus pais; e eles a possuíram e habitaram nela. E o Senhor lhes deu repouso de todos os lados, conforme tudo quanto jurara a seus pais; nenhum de todos os seus inimigos pôde ficar de pé diante deles, mas a todos o Senhor lhes entregou nas mãos. Palavra alguma falhou de todas as boas coisas que o Senhor prometera à casa de Israel; tudo se cumpriu". Josué 21:43-45.

Josué Recapitula a Fidelidade de Deus

Mas se nos detivéssemos aqui cairíamos em grave erro. Passando por um capítulo chegamos ao registro onde Josué disse a "todo o Israel" e anciãos e juízes, etc., *"Passados muitos dias, tendo o Senhor dado repouso a Israel de todos os seus inimigos em redor"* (*Josué 23:1, 2). Após recordar-lhes do que o Senhor havia feito por eles, declarou: --

"Vede que vos reparti por sorte estas nações que restam, para serem herança das vossas tribos, juntamente com todas as nações que tenho destruído, desde o Jordão até o grande mar para o pôr do sol. E o Senhor vosso Deus as impelirá, e as expulsará de diante de vós; e vós possuireis a sua terra, como vos disse o Senhor vosso Deus. Esforçai-vos, pois, para guardar e cumprir tudo quanto está escrito no livro da lei de Moisés, para que dela não vos desvieis nem para a direita nem para a esquerda; para que não vos mistureis com estas nações que ainda restam entre vós; e dos nomes de seus deuses não façais menção, nem por eles façais jurar, nem os sirvais, nem a eles vos inclineis. Mas ao Senhor vosso Deus vos apegareis, como fizeste até o dia de hoje; pois o Senhor expulsou de diante de vós grandes e fortes nações, e, até o dia de hoje, ninguém vos tem podido resistir. um só homem dentre vós persegue a mil, pois o Senhor

vosso Deus é quem peleja por vós, como já vos disse. Portanto, cuidai diligentemente de amar ao Senhor vosso Deus. Porque se de algum modo vos desviardes, e vos apegardes ao resto destas nações que ainda ficam entre vós, e com elas contrairdes matrimônio, e entrardes a elas, e elas a vós, sabei com certeza que o Senhor vosso Deus não continuará a expulsar estas nações de diante de vós; porém elas vos serão por laço e rede, e açoite às vossas ilhargas, e espinhos aos vossos olhos, até que pereçais desta boa terra que o Senhor vosso Deus vos deu. Eis que vou hoje pelo caminho de toda a terra; e vós sabeis em vossos corações e em vossas almas que não tem falhado uma só palavra de todas as boas coisas que a vosso respeito falou o Senhor vosso Deus; nenhuma delas falhou, mas todas se cumpriram. E assim como vos sobrevieram todas estas boas coisas de que o Senhor vosso Deus vos falou, assim trará o Senhor sobre vós todas aquelas más coisas, até vos destruir de sobre esta boa terra que ele vos deu" (Josué 23:4-15).

O Descanso Assegurado Somente na Fé

Nesta porção das Escrituras temos evidência adicional de que a herança é o prometido descanso. É-nos dito claramente que Deus havia dado descanso a Israel e essa conversa é de muito tempo após isso; contudo, nesse mesmo discurso foram-lhes expostas as condições sob as quais poderiam com certeza obtê-lo, e sob as quais os inimigos que ainda estavam na terra seriam expulsos. Tudo dependia da fidelidade de Israel a Deus. Se eles recuassem de servir ao Senhor indo após outros deuses, então saberiam com certeza que Deus não mais expulsaria as nações remanescentes de diante deles, mas aquelas nações iriam continuamente perturbá-los, e o Senhor os destruiria completamente de sobre a face da terra que lhes havia confiado.

Agora, como podiam os filhos de Israel ser informados de que teriam descanso de todos os seus inimigos, e ter a terra sob sua posse, quando esses inimigos ainda estavam na terra, com possibilidade de poderem até expulsá-los de lá, em vez de serem expulsos? As Escrituras mesmas fornecem a resposta. Por exemplo, quando todos os reis dos amorreus ameaçaram os gibeonitas, que estavam em associação com os israelitas, o Senhor disse a Josué: *"Não os temas, porque os entreguei na tua mão; nenhum deles te poderá resistir"* (Josué 10:8). O que fez então Josué?—ele saiu e os tomou. Ele não ficou em dúvida, meditando, "Não vejo qualquer evidência de que o Senhor os entregou nas nossas mãos, pois não os tenho", nem tolamente disse, "Uma vez que o Senhor os entregou nas minhas mãos, posso dispensar minhas forças e sossegar". Em qualquer dos casos ele seria derrotado, mesmo depois de Deus ter-lhe assegurado vitória. Por sua atividade Josué demonstrou que realmente cria no que o Senhor dizia. A fé opera e continua a operar.

Desse modo foi dito ao povo que Deus lhes havia concedido a vitória, enquanto ao mesmo tempo permaneciam fora dos elevados muros punham barreiras aos portões de Jericó. Era verdade que Deus lhes tinha dado a vitória, contudo, dependia só deles. Se tivessem recusado clamar, nunca teriam visto a vitória.

Em Cristo temos o descanso e a herança, mas a fim de sermos tornados participantes de Cristo, devemos guardar *"firme até o fim a nossa confiança inicial"* (Heb. 3:14). Jesus diz: *"No mundo tereis tribulações; mas tende bom ânimo, eu venci o mundo"* (Jo 16:33). Entretanto, no mesmo discurso Ele declarou: *"Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou"* (João 14:27). O quê! Paz em meio a tribulações?! Sim, pois atentem ao que Ele também diz: *"não vo-la dou como o mundo a dá. Não se turbe o vosso coração, nem se atemorize".* Ter tribulação, contudo não ser atribulado; estar no meio do perigo, porém não temer; estar no fragor da batalha, contudo desfrutar perfeita paz — verdadeiramente essa é uma concessão muito diferente da que o mundo dá.

A Guerra Já Cumprida

Ouçam à mensagem que o profeta Isaías foi comissionado a dar a Israel quando estavam passando pelas experiências mais probantes, uma mensagem que nos toca até mais do que aos homens que vivem quando foi proferida: *"Consolai, consolai o Meu povo, diz o vosso Deus. Falai benignamente a Jerusalém, e bradai-lhe que já a sua malícia é acabada, que a sua iniquidade está expiada e que já recebeu em dobro da mão do Senhor, por todos os seus pecados"* (Isa. 40:1, 2). Gloriosa certeza! A guerra já está cumprida, a batalha finda, a vitória conquistada!Concluiremos então que podemos ir dormir em segurança? De modo nenhum; precisamos estar despertos e fazer uso da vitória que o Senhor obteve por nós. O conflito é contra os principados e potestades, Efé. 6:12, mas Jesus tem *"despojado os principados e potestades"* e *"os exibiu publicamente"* (Col. 2:15), e foi assunto ao céu para assentar-Se em lugares celestiais, *"muito acima de todo principado, e autoridade, e poder, e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro"* (Efé. 1:20, 21); e Deus também nos ergueu com Ele para assentar-nos nos mesmos lugares celestiais, Efé. 2:1-6, e, consequentemente, de modo igual sobre todo principado e potestade e domínio, e de todo nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro. Podemos, destarte, e certamente devemos dizer, de coração,*"graças a Deus que nos dá vitória em Cristo Jesus".*[1]

Lições dos Salmos

Davi entendeu essa vitória e nela se regozijou. Ele foi caçado como um pássaro nas montanhas. Contudo, uma vez ele estava oculto numa caverna no deserto de Zife, e os zifeus foram até Saul e traiçoeiramente lhe revelaram o seu esconderijo, e disseram: *"Agora, pois, ó rei, desce apressadamente, conforme todo o desejo da tua alma; a nós nos cumpre entregá-lo nas mãos do rei"* (1ª Samuel 23:15-20). Não obstante, Davi sabendo de tudo isso tomou a sua harpa e compôs um salmo de louvor, dizendo: *"De livre vontade Te ofereceerei sacrifícios; louvarei o Teu nome, ó Senhor, porque é bom. Porque Tu me livraste de toda a angústia; e os meus olhos viram a ruína dos meus inimigos"* (Sal. 54:6, 7). Leiam o salmo completo, inclusive sua introdução. Assim, ele pôde cantar: *"Ainda que um exército se acampe contra mim, o meu coração não temerá"* (Sal. 27:3). O terceiro salmo com suas expressões de firme confiança em Deus, e sua nota de vitória, foi composto enquanto ele era um refugiado de seu trono, fugindo de Absalão.[2] Precisamos aprender o Salmo vinte e três de modo a que não nos sejam meras palavras vazias quando dizemos, *"Preparas uma mesa perante mim na presença dos meus inimigos; unges com óleo a minha cabeça, o meu cálice transborda".*

O Homem Forte Vence

A vitória que *tem vencido* o mundo é a nossa fé.[3] Oh, se pudéssemos reconhecer e sempre ter em mente o fato de que a vitória já está conquistada; que Cristo, o Poderoso, veio sobre o homem forte, nosso adversário e opressor, e o derrotou, removendo dele toda armadura em que confiava de modo que temos de lutar somente com um inimigo vencido e desarmado. A razão por que somos vencidos é por não crermos, e sabemos desse fato. Se soubermos e nos lembrarmos disso nunca cairemos; pois quem seria tão tolo para permitir-se ser levado cativo por um inimigo sem armadura e sem força?

Quantas das bênçãos que o Senhor nos tem dado são perdidas simplesmente porque nossa fé não as agarra. Quantas bênçãos Ele não nos tem concedido: — *"Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, o qual nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestes em Cristo"* (Efé. 1:3). *"O Seu divino poder nos tem dado tudo o que diz respeito à vida e à piedade, pelo pleno conhecimento d'Aquele que nos chamou por Sua própria glória e virtude"* (2ª Ped. 1:3). Não obstante, a despeito do fato de que todas as coisas são nossas, 1ª Cor. 3:21, amiúde agimos como se nada tivéssemos. Um homem, professor de religião e um líder na igreja, certa vez disse quando esses textos lhe foram citados para incentivá-lo: "Se Deus me deu todas essas coisas, por que não as possuo?" Sem dúvida haverá muitos que verão retratada sua própria experiência nessa indagação. A resposta era fácil; isso se dava porque ele não cria que Deus lhe tinha concedido isso. Ele não podia *sentir* que as possuía, daí que

não cria que delas tinha posse: é a fé que deve agarrá-las, então um homem não pode esperar ser capaz de sentir algo que ele não toque. A vitória não é dúvida, nem visão, nem sentimento, mas fé.

O tema do Descanso Prometido será concluído na próxima semana.

-- *The Present Truth*, 21 de janeiro de 1897.

Nota destas edição:

1) 1ª Cor. 15:57;

2) Sendo perseguido Davi repousou: *"Eu me deitei e dormi; acordei porque o Senhor me sustentou. Não temerei dez milhares de pessoas que se puseram contra mim e me cercaram"* (Salmo 3: 5 e 6);

3) 1ª João 5:4, ú.p.

CAPÍTULO 39.

As Promessas Para Israel, 28

O Prometido Descanso

(Parte 2)

Os israelistas estavam de posse. Nenhuma palavra que o Senhor falou havia falhado. Ele lhes havia dado todas as coisas com Ele próprio; mas não apreciaram o maravilhoso dom, e assim receberam a graça de Deus em vão.

Foram pelo menos nominalmente fiéis a Deus durante a vida de Josué, mas após sua morte "*os filhos de Israel fizeram o que era mau aos olhos do Senhor, servindo aos baalins; abandonaram o Senhor Deus de seus pais, que os tirara da terra do Egito, e foram-se após outros deuses, dentre os deuses dos povos que havia ao redor deles, e os adoraram; e provocaram o Senhor à ira, abandonando-o, e servindo a baalins e astarotes. Pelo que a ira do Senhor se acendeu contra Israel, e Ele os entregou na mão dos espoliadores, que os despojaram; e os vendeu na mão dos seus inimigos ao redor, de modo que não puderam mais resistir diante deles. Por onde quer que saíam, a mão do Senhor era contra eles para o mal, como o Senhor tinha dito, e como lho tinha jurado; e estavam em grande aflição.*"[1] Deus lhes dissera que, por causa de sua desobediência, Ele não expulsaria as nações de diante deles, mas seus inimigos permaneceriam e seriam como espinhos em suas carnes. Juízes 2:1-15.

Assim vemos que conquanto Deus lhes tivesse dado descanso, eles não entraram nele. Era, pois, tão verdadeiro para eles quanto para os que caíram no deserto que *"não puderam entrar por causa de descrença".*[2]

Que Dizer de Nossa Posição?

"Portanto, tendo-nos sido deixada a promessa de entrarmos no Seu descanso, temamos não haja algum de vós que pareça ter falhado. Porque também a nós foram pregadas as boas novas, assim como a eles; mas a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não chegou a ser unida com a fé, naqueles que a ouviram" (Heb. 4:1, 2). Estamos no mundo precisamente na mesma situação que o antigo Israel, com as mesmas promessas, as mesmas perspectivas, os mesmos inimigos, os mesmos perigos.

Não há inimigos contra os quais possamos empregar armas ordinárias de combate, conquanto os seguidores do Senhor tenham a segurança de que sofrerão perseguição, 2ª Tim. 3:12, e que serão odiados pelo mundo, com um ódio que não cessará até perto da morte (João 15:18 19; 16:1-3); entretanto *"as armas de nossa milícia não são carnais".*[3] Nisso, contudo, nosso caso em nada é diferente daquele de Israel no passado.

A vitória deles devia ser conseguida pela fé somente, e, como já temos visto, se tivessem sido plenamente fiéis, não haveria necessidade de empregarem a espada para expulsão dos cananeus como não houve para a eliminação de Faraó e seus exércitos. De fato, a razão por que não obtiveram plena posse da terra foi por causa da descrença que tornou a espada necessária; pois é absolutamente impossível que a pátria celestial que Deus prometeu a Abraão possa jamais ser conquistada por homens com espadas ou outras armas em suas mãos. Não havia necessidade para Israel lutar nos dias passados do que para nós; pois *"Quando os caminhos do homem agradam ao Senhor, faz que até os seus inimigos tenham paz com ele"* (Prov. 16:7) e somos absolutamente proibidos de lutar.

Quando Cristo ordena os Seus seguidores a não lutar, e os adverte de que se o fizerem perecerão, Ele não está introduzindo uma nova ordem de coisas, mas simplesmente conduzindo o Seu povo de volta aos primeiros princípios. O Israel antigo provê uma ilustração do fato de que aqueles que empregam a espada perecerão com a espada;[4] e, conquanto o Senhor por muito tempo os teve que suportar, e fez muitas concessões a sua fraqueza, e tenha nos suportado ainda mais, Ele deseja que evitemos os seus erros. Todas as coisas concernentes a eles foram escritas *"para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos"* (1ª Cor. 10:11).

A Promessa de Canaã

Mas temos que avançar um pouco mais e considerar que nossa situação é precisamente a do antigo Israel e que o mesmo descanso e herança que Deus lhes concedeu, e que eles tolamente permitiram escapar de suas mãos, é nossa, desde que *"retenhamos firmemente a confiança e gozo da esperança até o fim*".[5] Afortunadamente a evidência é muito simples e clara e já temos considerado a maior parte dela em certa medida. Refresquemos nossas mentes com os fatos seguintes:

Canaã é a terra que Deus concedeu a Abraão e a sua semente *"como pacto perpétuo. . . em perpétua possessão"* (Gên. 17:7, 8). Devia ser uma possessão perpétua tanto para Abraão quanto para sua semente. Mas o próprio Abraão não teve sequer um pedaço do tamanho de um seu pé da terra em sua possessão real, Atos 7:5, e nenhum dos de sua semente a tiveram tampouco, pois nem mesmo os justos entre eles (e somente os justos são semente de Abraão), já que*"Todos estes morreram na fé, sem terem alcançado as promessas"* (Heb. 11:13, 39).

Portanto, como anteriormente mostrado, a posse da terra envolvia a ressurreição dos mortos por ocasião da vinda de Cristo para restaurar todas as coisas. Pela ressurreição de Cristo Deus nos gerou para uma viva esperança, *"para uma herança incorruptível, incontaminável e imarcescível, reservada nos céus para vós, que pelo poder de Deus sois guardados, mediante a fé, para a salvação que está preparada para se revelar no último tempo"* (1ª Ped. 1;3-6).

Um Reino Mundial

Mas a posse da terra de Canaã não significou menos do que a posse do mundo inteiro, como podemos apreender por comparar Gên. 17:7, 8, 11 com Rom. 4:1-13. Destarte, a circuncisão foi o selo do concerto para dar a Abraão e sua semente a terra de Canaã para uma posse perpétua. Mas a circuncisão era ao mesmo tempo um sinal ou selo da justiça pela fé; e *"não foi pela lei que veio a Abraão, ou à sua descendência, a promessa de que havia de ser* ***herdeiro do mundo****, mas pela justiça da fé".*[6] Isso equivale a dizer que o que selou a Abraão o direito de posse da terra de Canaã foi o selo de seu direito pelo mundo inteiro.

Ao dar a ele e à sua semente a terra de Canaã Deus lhes concedeu o mundo inteiro. Não, logicamente, o *"presente mundo",* pois *"o mundo passa",*[7] mas *"segundo a Sua promessa, aguardamos novos céus e uma nova terra, nos quais habita a justiça"* (2ª Ped. 3:13). Não foi a posse temporária de alguns milhares de quilômetros quadrados de terra maculada pela maldição que Deus prometeu a Abraão e à sua semente, mas a posse eterna da Terra inteira livre de todo vestígio de maldição. Mesmo sendo verdade que o pequeno território de Canaã constituísse o total da herança prometida, ainda seria verdade que os israelitas nunca a tiveram; pois a promessa que Deus confirmou era de

dar a Abraão e à sua semente a terra de Canaã por *posse perpétua*, ou seja, Abraão devia possuí-la por posse perpétua, bem como sua semente devia tê-la na mesma base. Mas eles todos morreram, e no devido tempo até o país passou às mãos de outros povos. Nenhuma habitação temporária na Palestina poderia possivelmente cumprir a promessa. A promessa ainda permanece para ser cumprida a Abraão e a toda a sua semente.

A Nova Terra

O descanso é a herança; a herança é a terra de Canaã; mas a posse da terra de Canaã significa a posse da Terra inteira, não em sua presente condição, mas restaurada como nos dias do Éden. Portanto, o descanso que Deus concede é inseparável da Nova Terra: é descanso que a condição da Nova Terra somente pode garantir, descanso encontrado somente em Deus; e quando todas as coisas forem restauradas, então Deus em Cristo irá de modo absoluto e sem impedimentos completar todas as coisas, de modo que por toda parte haja completo descanso. Uma vez que o descanso é encontrado somente em Deus, é por demais evidente que os filhos de Israel não desfrutaram o descanso e a herança, mesmo enquanto na Palestina, pois conquanto *"Expulsou as nações de diante deles; e dividindo suas terras por herança, fez habitar em suas tendas as tribos de Israel. Contudo tentaram e provocaram o Deus Altíssimo, e não guardaram os Seus testemunhos. Mas tornaram atrás, e portaram-se aleivosamente como seus pais; desviaram-se como um arco traiçoeiro. Pois O provocaram à ira com os seus altos, e O incitaram a zelos com as suas imagens esculpidas",* de modo que *"Deus Se indignou, e sobremodo abominou a Israel*" (Sal. 78:55-59).

Lembrem-se que era a uma pátria celestial que Abraão aspirava. Não obstante, a promessa divina de conceder-lhe e à sua semente (inclusive nós, se estivermos em Cristo, Gál. 3:16, 29) a terra de Canaã por uma posse perpétua, se cumprirá até à última letra.

Quando o Senhor vier buscar o Seu povo para levá-lo para Si próprio, ao lugar que lhe foi preparar (ver João 14:1-3), os justos mortos se erguerão incorruptíveis e os justos vivos serão igualmente transformados na imortalidade, e ambos os grupos serão *"arrebatados juntamente com eles, nas nuvens, ao encontro do Senhor nos ares, e assim estaremos para sempre com o Senhor"* (1ª Tes. 4:16, 17 e 1ª Cor. 15: 51-54). O lugar aonde serão levados é a Jerusalém livre, acima, *"que é a mãe de todos nós"* (Gál. 4:26); pois ali é onde Cristo Se acha atualmente e onde está preparando um lugar para nós. Alguns poucos textos podem ser citados para mostrar isso mais claramente. Que a Jerusalém celestial é o lugar onde Cristo está agora "na presença de Deus por nós"[8] é evidente por Heb. 12:22-24, onde nos é dito que agora aqueles que crêem têm chegado ao Monte Sião, *"à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial",* a Deus *"o Juiz de*

todos","e a Jesus, o mediador de um novo pacto". Cristo *"Se assentou nos céus à direita do trono da Majestade"* (Heb. 8:1), e a partir desse trono, será bom recordar, procede o *"rio da água da vida"*(Apo. 22:1).

A Cidade Pela Qual Abraão Aspirava

Esta cidade, a Nova Jerusalém, a cidade que Deus tem preparado para aqueles dos quais não Se envergonha, porque buscam uma pátria celestial, Heb. 11:16, é a capital de seus domínios. É *"a cidade que tem os fundamentos, da qual o arquiteto e edificador é Deus"* (vs. 10) e pela qual Abraão aspirava. No capítulo 21 de Apocalipse encontramos uma descrição desses fundamentos e também descobrimos que a cidade não permanecerá para sempre no céu, mas descerá à Terra com os santos que reinaram nela com Cristo por mil anos após a ressurreição. Apoc. 20. Sobre a descida lemos:--

"E vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que descia do céu da parte de Deus, adereçada como uma noiva ataviada para o seu noivo. E ouvi uma grande voz, vinda do trono, que dizia: Eis que o tabernáculo de Deus está com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e Deus mesmo estará com eles. Ele enxugará de seus olhos toda lágrima; e não haverá mais morte, nem haverá mais pranto, nem lamento, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. E o que estava assentado sobre o trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve; porque estas palavras são fiéis e verdadeiras. Disse-me ainda: está cumprido: Eu sou o Alfa e o ômega, o princípio e o fim. A quem tiver sede, de graça lhe darei a beber da fonte da água da vida. Aquele que vencer herdará estas coisas; e Eu serei seu Deus, e ele será Meu filho. Mas, quanto aos medrosos, e aos incrédulos, e aos abomináveis, e aos homicidas, e aos adúlteros, e aos feiticeiros, e aos idólatras, e a todos os mentirosos, a sua parte será no lago ardente de fogo e enxofre, que é a segunda morte".

De Isaías 49:17-21 aprendemos que os crentes, justos, os filhos da Nova Jerusalém, constituem o adorno que a cidade tem quando descer preparada como uma noiva, adornada para o seu marido. Assim vemos que os santos de Deus vão imediatamente para a Nova Jerusalém, quando Cristo vier para buscá-los, e então retorna com ela a esta Terra, quando o tempo chegar para a purificação da Terra de todas as coisas que a afetam, e dos que praticam iniquidade, e para a renovação de todas as coisas.

O Lugar Onde a Cidade Descerá

Mas sobre que local sobre esta Terra descerá a cidade? Falando do tempo da destruição dos ímpios, o profeta Zacarias declara:--

"Então o Senhor sairá, e pelejará contra estas nações, como quando peleja no dia da batalha. Naquele dia estarão os Seus pés sobre o monte das Oliveiras, que está defronte de Jerusalém para o oriente; e o monte das Oliveiras será fendido pelo meio, do oriente para o ocidente e haverá um vale muito grande; e metade do monte se removerá para o norte, e a outra metade dele para o sul. E fugireis pelo vale dos Meus montes, pois o vale dos montes chegará até Azel; e fugireis assim como fugistes de diante do terremoto nos dias de Uzias, rei de Judá. Então virá o Senhor meu Deus, e todos os santos com Ele. Acontecerá naquele dia, que não haverá calor, nem frio, nem geada; porém será um dia conhecido do Senhor; nem dia nem noite será; mas até na parte da tarde haverá luz. Naquele dia também acontecerá que correrão de Jerusalém águas vivas, metade delas para o mar oriental, e metade delas para o mar ocidental; no verão e no inverno sucederá isso. E o Senhor será rei sobre toda a terra; naquele dia um será o Senhor, e um será o Seu nome" (Zac. 14:3-9).

Assim vemos que quando Deus remove o cativeiro do Seu povo, Ele o traz ao próprio local da Terra que prometera a Abraão como uma posse perpétua — a terra de Canaã. Mas a posse dessa terra é a posse de toda a Terra, não por uns poucos anos, mas pela eternidade. *"Não haverá mais morte".*[9] Foi essa gloriosa herança que os filhos de Israel tiveram a seu alcance quando atravessaram o Jordão, e que incredulamente permitiram que lhes escapasse. Se tivessem sido fiéis, um curto período seria suficiente para tornar o nome e o poder salvador de Deus conhecido por toda parte da Terra, e então o fim se teria dado. Mas eles falharam e o tempo foi prolongado, até os nossos dias; contudo a mesma esperança tem sido a motivação sempre diante do povo de Deus. Assim, devemos aspirar à posse da terra de Canaã com tanta ansiedade quanto Abraão, Isaque e Jacó, José e Moisés, e com a mesma confiante esperança.

A Restauração do Israel de Deus

Com esses esboços bem gravados na mente, a leitura das profecias, tanto do Velho quanto do Novo Testamento, será um deleite pois estaremos livres de muita confusão, e muitas aparentes contradições parecerão resolvidas. Quando lemos sobre a restauração de Jerusalém, que será o gozo e louvor de toda a Terra, saberemos que é a Nova Jerusalém desde do céu para tomar o lugar da velha. Se uma cidade sobre a Terra é queimada inteiramente até ao chão e os homens edificarem uma nova cidade no mesmo sítio, diz-se que tal cidade foi reconstruída, e é chamada pelo mesmo nome. Assim se dará com Jerusalém, somente que a cidade será reconstruída no céu de modo que não haverá intervalo entre a destruição da velha e o aparecimento da nova. É como se a nova cidade brotasse imediatamente das ruínas da velha, somente infinitamente mais gloriosa.

Assim, quando lemos do retorno de Israel a Jerusalém, sabemos que não é o retorno senão de alguns milhares de mortais a uma massa de ruínas, mas a vinda das inumeráveis hostes imortais dos redimidos para a nova cidade eterna onde a sua cidadania foi registrada. Homens mortais não reedificarão a cidade com tijolos e pedras e argamassa, mas o próprio Deus a reedificará com ouro e pérolas e todo tipo de pedras preciosas. *"Quando o Senhor edificar a Sião, e na sua glória se manifestar"* (Sal. 102:16) Ele dirá a Jerusalém, *"aflita arrojada com a tormenta e desconsolada eis que Eu assentarei as tuas pedras com antimônio, e lançarei os teus alicerces com safiras. Farei os teus baluartes de rubis, e as tuas portas de carbúnculos, e toda a tua muralha de pedras preciosas. E todos os teus filhos serão ensinados do Senhor; e a paz de teus filhos será abundante"* (Isa. 54:11-13). Estas são as pedras em que seus filhos terão prazer, Sal. 102:14.

Ali haverá descanso, perfeita e eterna paz. A promessa é, *"em justiça serás estabelecida; estarás longe da opressão; pois não terás temor nem terror, pois isto não chegará perto de ti".*[10] *"Naquele dia este cântico será entoado na terra de Judá: temos uma cidade forte; salvação o Senhor determinará por muros e fortalezas".*[11] O próprio Deus estará com o Seu povo para sempre, *"e verão a Sua face",*[12] daí terão descanso, pois Ele disse, *"Minha presença",*literalmente, "*minha face", "irá contigo, e te darei descanso*".[13]

Por que irão os homens anular todas essas gloriosas promessas lendo-as como se fossem ensinos a respeito da posse temporária de uma cidade desolada neste velho planeta amaldiçoado? É porque limitam o Evangelho, não percebendo que todas as promessas de Deus estão em Cristo, para serem desfrutadas por ninguém mais, exceto aqueles que estão em Cristo eem quem Ele habita pela fé. Quem dera o professo povo de Deus recebesse bem depressa "*o espírito de sabedoria e revelação*" no conhecimento de Deus para que os olhos de seu entendimento possam ser iluminados a fim de que saibam *"qual seja a esperança da Sua vocação, e quais as riquezas da glória da Sua herança nos santos, e qual a suprema grandeza do Seu poder para conosco, os que cremos, segundo a operação da força do Seu poder, que operou em Cristo, ressuscitando-O dentre os mortos e fazendo-O sentar-se à Sua direita nos céus"* (Efé. 1:17-20).

Agora que tivemos essa rápida antecipação do que está adiante e vimos a consumação da promessa de Deus em dar a Seu povo descanso na terra de Canaã, podemos retornar e preencher um pouco dos detalhes, que serão mais facilmente compreendidos em vista deste esboço e que, por seu turno, trará em contornos mais ousados a visão que já temos tido.

O estudo nesta série que aparece no próximo capítulo, considerará — sobre o título de “Outro Dia” — o descanso que agora permanece para o povo de Deus. Heb. 4.

--*The Present Trruth*, 28 de janeiro de 1897

Notas desta edição:

1) Josué 2: 12 a 15;

2) Hebreus 3:19;

3) 2ª Cor. 10:4.p.p.;

4) Mateus 267:52;

5) Hebreus 3:6;

6) Hebreus 4:13;

7) 1ª Cor. 7:31;

8) Hebreus 9:24;

9) Apocalipse 21:4;

10) Isaias 54:14;

11) Isaias 26:1;

12) Apoc. 22:4;

13) Êxodo 33:14;

CAPÍTULO 40.

As Promessas Para Israel, 29

"Outro dia"

(Parte 1)

"Porque, se Josué lhes houvesse dado descanso, não falaria, depois disso, de outro dia. Portanto, resta ainda um repouso para o povo de Deus" (Heb. 4: 8 e 9).

Temos visto que conquanto nenhuma palavra das promessas de Deus a Israel haja falhado, *"a palavra da pregação nada lhes aproveitou, porquanto não estava misturada com a fé, naqueles que a ouviram"* (Heb. 4:2), e que, um longo tempo após o Senhor ter-lhes dado descanso, Ele lhes propôs, mediante Josué, as condições pelas quais poderiam desfrutar a herança.

O Reino do Senhor

Atravessando um período de mais de quatrocentos anos durante os quais a história dos filhos de Israel é um registro de apostasia e arrependimento e apostasia de novo, chegamos ao tempo de Davi, quando o reino de Israel alcançou o auge de seu poderio. Conquanto ao exigir um rei os filhos de Israel rejeitaram a Deus, Ele não os rejeitou. Não era desígnio de Deus que Israel tivesse jamais qualquer outro rei que não Ele próprio, mas eles não se contentaram em caminhar pela fé, tendo um Rei ao qual não podiam

ver. Não obstante, o reino ainda permanecia sendo do Senhor e, portanto, Ele exercia o Seu direito a designar governantes.

Assim mesmo se dá em todo o mundo. *"A terra é do Senhor e sua plenitude"*.[1] "*o Seu reino domina sobre todos*".[2] As pessoas do mundo não O reconhecem como Rei, e se vangloriam em escolher seus próprios dirigentes, entretanto *"o Altíssimo domina sobre o reino dos homens e o dá a quem quer", "Ele remove os reis e estabelece os reis; Ele dá sabedoria aos sábios e conhecimento aos entendidos"* (Dan. 4:32 e 2:21). *"não há autoridade que não venha de Deus; e as potestades que há foram ordenadas por Deus"* (Rom. 13:1). Por isso cada alma devia sujeitar-se às "*autoridades superiores",* que é evidência de que o reino do Senhor inclui a Terra inteira, conquanto os governantes, que, por um tempo, Ele permite imaginarem que estão mantendo as rédeas, e que se insubordinem contra Ele.

Estranhos e Vagueadores ao Tempo de Davi

Assim, quando na providência de Deus Davi chegou ao trono de Israel, *"e tendo o Senhor lhe dado descanso de todos os seus inimigos em redor"* (2º Sam. 7:1), estava em seu coração construir um templo ao Senhor. A princípio o profeta Natã, falando por suas próprias palavras, disse-lhe: *"Vai e faze tudo quanto está no teu coração*,"[3] mas, posteriormente, ele falou a palavra do Senhor e disse que Davi não devia edificá-lo. Nesse tempo o Senhor disse a Davi:

"Também prepararei lugar para o Meu povo, para Israel, e o plantarei ali, para que habite no seu lugar, e não mais seja removido, e nunca mais os filhos da iniquidade o aflijam, como dantes, e desde o dia em que mandei que houvesse juízes sobre o Meu povo Israel; a ti, porém, te dei descanso de todos os teus inimigos; também o Senhor te faz saber que Ele te fará casa" (2 Sam. 7:10, 11).

O povo de Israel, portanto, não havia ainda obtido o descanso e a herança. Davi era um rei poderoso, e tinha "um grande nome, como o de grandes homens que habitam na Terra",[4] contudo quando transferiu o reino, com todo o material para a edificação do templo ao seu filho Salomão, ele disse em sua oração a Deus: *"somos estrangeiros diante de Ti e peregrinos, como o foram todos os nossos pais; como a sombra são os nossos dias sobre a terra, e não há permanência"* (1º Crô. 29:15).

Por ocasião de quando a nação de Israel era grande e poderosa como jamais tinha sido sobre a Terra, o rei declarou-se tanto um estrangeiro e peregrino na terra como fora Abraão, que nela não possuía *"nenhuma herança nela, nem mesmo para apoiar o seu pé.*[5] Davi na sua casa de cedro, bem como Abraão, Isaque e Jacó que habitavam em tendas *"peregrinaram na terra da promessa como num país estranho".*[6]Não só Abraão, Isaque e Jacó, mas Gideão, Sansão, Jefté, Davi, Samuel, e os profetas com muitos

outros, *"tendo recebido bom testemunho pela fé, contudo não alcançaram a promessa"* (Heb. 11:32-39). Que evidência mais forte poderia haver de que a herança que Deus prometeu a Abraão e a sua semente nunca foi uma posse temporal neste "presente mundo mau"?[7]

A Jerusalém Temporal Significa Escravidão

Uma vez que o rei Davi no auge do seu poder não havia recebido a promessa, que completa loucura é supor que a promessa de restaurar Israel a sua própria terra poderá ser cumprida por qualquer retorno dos judeus à velha Jerusalém. Aqueles que estão edificando suas esperanças sobre a *"Jerusalém atual"*[8] estão perdendo toda a bênção do evangelho. *"Não recebemos o espírito de escravidão novamente para temer",*[9]portanto não depositaremos confiança em nada que se ligue à velha Jerusalém; pois a*"Jerusalém atual" "é escrava com seus filhos. Mas a Jerusalém que é de cima é livre; a qual é nossa mãe"* (Gál. 4:25, 26). Quando a promessa for cumprida e o povo de Israel realmente possuir a terra, não mais sendo estrangeiros e peregrinos nela, seus dias não mais serão como uma sombra, mas nela habitarão para sempre.

Contudo, *"O Senhor não retarda a Sua promessa, ainda que alguns a têm por tardia; porém é longânimo para convosco, não querendo que ninguém se perca, senão que todos venham a arrepender-se"* (2ª Ped. 3:9). Temos salvação na *"longanimidade de nosso Senhor"* (vs. 15). Mesmo nos dias de Moisés, o tempo da promessa estava próximo, Atos 7:19, mas o povo não a recebeu. Preferiram este presente mundo mau, antes que o mundo do porvir. Mas Deus jurou por Si mesmo que a semente do fiel Abraão nela entraria, e visto *"restar que alguns entrem nele, e que aqueles a quem anteriormente foram pregadas as boas novas não entraram por causa da desobediência, determina outra vez um certo dia, Hoje, dizendo por Davi, depois de tanto tempo, como antes fora dito: Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações"* (Heb. 4:6, 7).

A descrença de Deus não pode anular a promessa de Deus. Rom. 3:3. *"Se somos infiéis, Ele permanece fiel; porque não pode negar-se a Si mesmo"* (2ª Tim. 2:13). Se nenhuma única alma dos descendentes naturais de Abraão e Jacó se revelasse filho de Abraão, mas fossem todos filhos do diabo, João 8:39-44, a promessa de Deus à semente de Abraão, Isaque, Jacó seria cumprida ao pé da letra, pois Deus é capaz de fazer das pedras do chão filhos de Abraão, Mat. 3:19. Isto seria simplesmente a repetição do que Ele fez no início, quando criou o homem do pó da terra. Se Josué lhes tivesse concedido descanso, então logicamente não teria havido necessidade de qualquer outro dia de salvação; mas a infidelidade dos professos seguidores de Deus retardou o cumprimento, e assim Deus em Sua misericórdia concede outro dia, e esse é*"Hoje".*[10] *"Eis aqui agora o tempo aceitável, eis aqui agora o dia da salvação"* (2 Cor. 6:2). *"Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações".*[10]

“Hoje”

Apenas pensem nisso! Mesmo quando Davi vivia, é chamado de *“após tanto tempo”.*[11] Foi de fato um *“longo tempo”,* quinhentos anos completos após a promessa ter podido cumprir-se; contudo, após tempo ainda mais longo o Senhor oferece *“outro dia”.* Esse outro dia é *hoje*; não nos é concedido um ano no qual aceitar a oferta de salvação, nem o próximo mês, nem a próxima semana, nem mesmo o amanhã, mas somente *hoje*. Esse é todo o tempo que Deus nos tem dado — o tempo de graça dura apenas um dia. Com que maior vigor, portanto, as palavras nos chegam após tanto tempo. “*Hoje*”, se ouvirdes a sua voz, não endureçais os vossos corações”.[10] Que glorioso tesouro Deus nos tem dado *hoje*, — a oportunidade de adentrar os portais da justificação. Cristo é a porta, e por Ele todos podem entrar no tempo ainda chamado *hoje*. Não o aceitaremos como “o dia que o Senhor fez”[12] e “nos alegraremos e nos regozijaremos nele? *“A voz de regozijo e salvação está nos tabernáculos do justo”;*[13] *“porque somos feitos participantes de Cristo, se mantivermos firmes o princípio de nossa confiança até o fim”.*[14] *“Pois assim diz o Senhor Deus, o Santo de Israel: Voltando e descansando, sereis salvos; no sossego e na confiança estará a vossa força”.* (Isa. 30:15).

Esse descanso é anunciado no Evangelho, pois Cristo diz: *“Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o Meu jugo, e aprendei de Mim, que Sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave, e o Meu fardo é leve”* (Mat. 11:28-30). O povo de Israel no tempo passado falhou em obter tal descanso, não porque deixou de lhe ser oferecido, mas porque quando o Evangelho lhes foi pregado não creram; o evangelho que agora nos é pregado é o mesmo que lhes foi pregado, Heb. 4:2.

O descanso está todo preparado “porque nós, os que temos crido, é que entramos no descanso, tal como disse: *Assim jurei*[15] *na Minha ira: Não entrarão no Meu descanso”.*[16] Deus jurou por Si mesmo que a semente de Abraão — aqueles que têm esta fé — entraria no descanso; e isso foi equivalente a um juramento de que os que não cressem *não* entrariam nele, portanto, Deus na verdade jurou que os destituídos de fé nEle não entrariam. Esse não foi um decreto arbitrário, mas uma declaração de fato, pois é tão impossível que uma pessoa descrente entre no descanso como seria para um homem viver e crescer com vigor sem comer, beber ou respirar.

O fato de que *“não puderam entrar por causa da incredulidade”;*[17] mostra que teriam entrado se tivessem crido; e o fato de que o perfeito descanso estava inteiramente pronto para eles, é adicionalmente demonstrado pela declaração, *“as suas obras estivessem acabadas desde a fundação do mundo”* (Heb. 4:3). Quando as obras estão concluídas, deve-se seguir o descanso; e nesse sentido lemos que *“descansou Deus, no sétimo dia,*

de todas as Suas obras" (vs. 4). Isso é o que Deus disse num lugar do sétimo dia; mas noutro lugar disse: *"Não entrarão no Meu descanso"* (vs. 5). vemos, portanto, que o descanso que estava pronto, e no qual os filhos de Israel não entraram por causa da descrença, foi o descanso ligado ao sétimo dia. Pois foi o descanso divino que lhes fora oferecido, e foi o Seu descanso que eles falharam de confirmar, e o sétimo dia é o sábado — o descanso — do Senhor; é o único descanso sobre que lemos em ligação com Deus — Ele descansou no sétimo dia de toda a Sua obra,[18] — e esse descanso estava pronto tão logo a obra da Criação foi completada.

A Obra de Deus E o Descanso de Deus

O descanso que é prometido é o descanso de Deus. O descanso segue-se ao labor, mas não até que este esteja terminado. Um homem não pode descansar de determinado trabalho até que este tenha sido concluído. A obra de Deus é a criação, uma obra completa, perfeita; *"E viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom. E foi a tarde e a manhã, o dia sexto. Assim foram acabados os céus e a terra, com todo o seu exército. Ora, havendo Deus completado no dia sétimo a obra que tinha feito, descansou nesse dia de toda a obra que fizera. Abençoou Deus o sétimo dia, e o santificou; porque nele descansou de toda a Sua obra que criara e fizera"* (Gên. 1:31; 2:1-3).

A obra era perfeita — tão boa quanto o próprio Deus poderia realizá-la, tão perfeita quanto perfeito é Ele, — e foi tudo feito; portanto, o descanso também era perfeito. Não havia qualquer mancha de maldição; era descanso absoluto, puro, sem mistura. Deus considerou a Sua obra, e nada havia que O levasse a arrepender-Se; nada a induzi-Lo a dizer, "Se eu tivesse que realizá-la outra vez ... "; não havia lugar para alteração ou emenda; Ele estava perfeitamente satisfeito e deleitado com o que havia realizado. Oh, que língua ou pena pode descrever, ou que mente imaginar, o senso de ilimitada satisfação, a deliciosa paz e conteúdo que deve, necessariamente, seguir-se a *toda obra executada e bem executada*! Esta terra não comporta tal regozino, pois

"Trabalhe com o zelo que investir,

Algo ainda permanece sem fazer,

Algo incompleto ainda

Aguarda o amanhecer"[19],

mas toda essa doce satisfação e delicioso repouso Deus desfrutou num grau muito maior do que a mente humana possa imaginar, na medida em que Deus é maior do que o homem, naquele sétimo dia quando Deus descansou de toda a Sua obra.[18]

O Descanso no Qual Adão Entrou

Esse incomparável descanso é o que Deus concedeu ao homem no começo. *"Tomou, pois, o Senhor Deus o homem, e o pôs no jardim do Éden para o lavrar e guardar"* (Gên. 2:15). "Éden" significa *deleite*, *prazer*, o jardim do Éden é o *jardim do deleite*; a palavra hebraica que neste lugar é vertida como "pôs" é um termo que tem o sentido de descanso; é a palavra da qual o nome próprio Noé deriva (para o significado, ver Gên. 5:29).; portanto, devemos ler Gên. 2:15 assim: "E o Senhor Deus tomou o homem e *o levou a repousar no jardim de deleite* para o lavrar e o guardar".

O homem entrou no descanso porque entrou na obra perfeita, acabada, de Deus. Ele era obra de Deus, criado em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus havia anteriormente preparado a fim de caminhasse nelas.[20] *"A obra de Deus é esta: Que creiais"* (João 6:29), e foi unicamente pela fé que Adão podia desfrutar a obra de Deus e compartilhar de Seu descanso; pois tão cedo ele duvidou de Deus, tomando no lugar a palavra de Satanás, perdeu tudo. Ele não tinha poder em si mesmo, pois era somente pó da terra, e somente podia reter o seu descanso e a sua herança na medida em que permitisse que Deus operasse nele *"tanto o querer como o efetuar, segundo a Sua boa vontade".*[21]

"Nós, os que temos crido, é que entramos no descanso",[22] porque *"a obra de Deus é esta: que creiais".*[23] As duas declarações não são contraditórias, e sim idênticas em seu significado, porque a obra de Deus, que é nossa pela fé, é obra completa, e, portanto, entrar nessa obra é entrar no descanso. O descanso de Deus, portanto, não é vadiagem nem preguiça. Cristo declarou: *"Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também"* (João 5:17), contudo, *"o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos confins da terra, não Se cansa nem Se fatiga"* (Isa. 40:28). Ele atua por Sua palavra para suster aquilo que criou no princípio, de modo que os que hão crido em Deus, e entraram, pois, no descanso, são exortados a procurar *"aplicar-se às boas obras"* (Tito 3:8); mas sendo que essas boas obras são obtidas pela fé, e *"não em virtude de obras de justiça que nós houvéssemos feito"* (vs. 5), assim devem ser mantidas pela fé; mas a fé concede descanso, e, portanto, o descanso de Deus é compatível com a maior atividade, e dela necessariamente acompanhado.

– *The Present Truth*, 4 de fevereiro de 1897.

Notas desta edição:

1) Salmo 24:1;

2) Salmo 103:19;

3) 2º Sam. 7:3;

4) 2º Sam. 7:9;

5) Atos 7:5;

6) Hebreus 11:6, Tradução literal de Young;

7) Gálatas 1:4;

8) Gálatas 4:25;

9) Romanos 8:15;

10) Hebreus 3: 7 e 8;

11) Josué 23: 1;

12) Salmo 118:24;

13) Salmo 118:15, KJV;

14) Hebreus 3:14;

15) Nota do autor: Num juramento há duas partes — a condição, e a consequência caso essa condição não seja cumprida. Por exemplo, um homem jura, “Eu pagarei mil libras, se não salvar esse homem da prisão”. Ou, “eu juro que não permitirei que o prisioneiro escape”. A epístola de Hebreus é muito concisa, e nos dá a condição, sem indicar a consequência em ligação com o juramento. Cada um pode preencher todos os terríveis resultados que a sua imaginação possa retratar caso Deus quebre a Sua palavra. Quando Deus jura por Si mesmo, Ele realmente está jurando a perda de Sua própria existência — se as coisas se desenvolverem contrariamente a Sua palavra; mas essa alternativa horrível não será declarada porque está além do limite da possibilidade. Portanto, sempre devemos ler esta expressão, onde quer que ocorra, como consta da Versão Revisada: “Como Eu juro em minha ira, não entrarão no Meu descanso”.

16) Hebreus 3:11; 4:3, 5; Salmo 95:11;

17) Hebreus 3: 19. Outra versão diz, *“não entraram por causa da desobediência”;*

18) Gên. 2:3;

19) Primeira estrofe do poema *“Something Left Undone”* (Algo Deixado Sem Fazer), do poeta americano Henry Wadsworth Longfellow (1807 – 1882);

20) Efésio0s 2: 10;

21) Filipenses 2: 13;

22) Hebreus 4:3;

23) João 6:29;

CAPÍTULO 41.

As Promessas Para Israel, 30

“Outro Dia”

(Parte 2)

Ao estudarmos este assunto na semana passada vimos que o descanso prometido é o descanso de Deus — o descanso no qual Adão entrou quando o Senhor “fez com que descansasse no jardim de deleite”.

É o pecado que traz o cansaço. Adão no Jardim do Éden tinha trabalho a realizar, contudo ele desfrutava de perfeito descanso o tempo todo em que ali esteve, até que pecou. Se nunca houvesse pecado, algo como o cansaço jamais teria sido conhecido sobre a Terra. Trabalho não é parte da maldição, mas sim a fadiga. *“E ao homem disse: Porquanto deste ouvidos à voz de tua mulher, e comeste da árvore de que te ordenei dizendo: Não comerás dela; maldita é a terra por tua causa; em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida. Ela te produzirá espinhos e abrolhos; e comerás das ervas do campo. Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, porque dela foste tomado; porquanto és pó, e ao pó tornarás. Chamou Adão à sua mulher Eva, porque era a mãe de todos os viventes”* (Gên. 3:17-19).

Mantendo o Descanso

Até aquele tempo ele havia desfrutado de perfeito descanso enquanto trabalhava. Por quê? — Em razão de que o seu trabalho era simplesmente "*guardar*" aquela obra perfeita que Deus havia preparado para ele e a ele confiado. Adão não tinha que criar. Se lhe tivesse sido requerido criar não mais do que uma flor ou uma simples folha de grama, poderia ter-se cansado até à morte com tal tarefa, e morreria deixando a obra inconclusa; mas Deus realizou o trabalho, e colocou Adão em posse dele, com instruções de guardá-lo, e isso ele fez na medida em que "manteve a fé".

Observem que esse perfeito descanso era o descanso na Nova Terra, e adicionalmente percebam que se o pecado não tivesse entrado, a Terra teria permanecida nova para sempre. Foi o pecado que trouxe uma mácula sobre a Terra levando-a a tornar-se velha. O perfeito descanso de Deus é encontrado somente num estado celestial, e a nova Terra era mui decididamente*"uma pátria melhor, a celestial".*[1] Aquilo que foi dado ao homem no princípio, quando *"coroado de honra e glória",*[2] foi perdido quando o homem pecou e destituído ficou "da glória de Deus". Mas o que o Segundo Adão tem em Seu próprio direito, sendo, devido ao sofrimento e morte, coroado com glória e honra, é o que Deus prometeu a Abraão e sua semente, e ser-lhe-á dado quando o Messias vier "*no tempo da restituição de todas as coisas".*[3]

Um Pouco do Éden Ainda Permanece

Essa nova criação perfeita desapareceu, — o mas o*descanso* ainda *permanece*. A prova de que as obras foram completadas e o descanso preparado desde a fundação do mundo, é que "no dia sétimo descansou Deus de toda a Sua obra".[4] O sábado do Senhor — o sétimo dia — é uma porção do Éden que permanece em meio à maldição; é uma porção do descanso da nova Terra superando o abismo desde o Éden perdido até o Éden restaurado. Pois assim como o sábado concluiu a semana da criação, e foi prova de que a obra estava terminada, fez-se o selo de uma perfeita nova criação. Agora uma nova criação se faz necessária, e precisa ser trazida à existência pelo mesmo poder como no princípio. Em Cristo todas as coisas foram criadas, e "*se qualquer homem estiver em Cristo, ele é uma nova criação*"[5]; e o selo da perfeição é o mesmo em ambos os casos. O sábado, portanto, é o selo de perfeição, da perfeita justiça.

O Que o Sinal Significa

Deve-se, porém, entender que o descanso sabático não consiste meramente em abster-se do trabalho manual do pôr do sol da sexta-feira ao pôr do sol do sábado — este é somente um sinal de descanso, e tal como todos os outros sinais, é uma fraude se a coisa significada não estiver presente. O verdadeiro descanso sabático consiste em contínuo e completo reconhecimento de Deus como o Criador e Sustenedor de todas as coisas, Aquele

em quem vivemos, e nos movemos, e existimos,[6]nossa vida e justiça. Observar o sábado não é um dever a ser descarregado a fim de obter o favor de Deus, mas a guarda da fé pela qual justiça nos é creditada.

Não há lugar para objeção de que não devemos observar o sábado do sétimo dia, por não sermos salvos pelas obras; pois o sábado não é uma obra, e sim descanso — o descanso de Deus. *"Pois aquele que entrou no seu repouso, ele próprio repousou de suas obras, como Deus das suas"* (Heb. 4:10). A genuína observância do sábado não é justificação por obras, e está inteiramente desvinculada de qualquer ideia de tal coisa; é, ao contrário, justificação pela fé — é o absoluto descanso que procede de perfeita fé no poder de Deus em criar um novo homem e preservar a alma de cair em pecado.

Mas *"a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus"* (Rom. 10:17), de modo que é vão para qualquer pessoa professar fé em Deus enquanto ignora ou rejeita qualquer palavra de Deus. O homem deve viver por *"cada palavra que procede da boca de Deus."*[7] Em toda palavra de Deus há vida. Se um homem não conhecesse senão uma palavra e aceitasse essa palavra como de fato sendo a Sua palavra, ele seria salvo por ela. Deus tem compaixão do ignorante e não obriga que os homens devam conhecer uma certa quantidade antes que possam ser salvos; mas a ignorância voluntária é uma coisa diferente. A ignorância de uma pessoa pode ser o resultado de rejeitar deliberadamente o conhecimento, e aquele que assim faz, rejeita a vida. Pois assim como há vida em cada palavra de Deus, como a vida é uma e a mesma em cada palavra, quem quer que rejeite que seja uma só palavra que claramente procede dEle, com isso rejeita tudo. A fé toma ao Senhor em tudo quanto Ele é — por tudo quanto vemos dEle e por todo o infinito desconhecido.

Um Dom ao Homem

Não seja esquecido que o sábado não é uma carga que Deus coloca sobre as pessoas (quem já ouviu de perfeito descanso ser uma carga?) mas uma bênção que Ele lhe oferece; é a remoção de cargas. *"Vinde a mim, todos os que estai cansados e oprimidos, e Eu vos aliviarei"* (Mat. 11:28). Em vez de forçá-los sobre as pessoas Deus declara ser impossível que alguém compartilhe o descanso sabático se não crê. Ao homem que diz, "Não creio que me seja necessário observar o sábado" o Senhor responde: "Não podes observá-lo; não entrarás no Meu descanso; não tens parte nele". É impossível que um homem guarde o sábado do Senhor sem fé, porque *"o justo viverá pela fé".*[8] O sábado é o descanso de Deus, o descanso de Deus é a perfeição, e a perfeição não pode ser obtida exceto pela perfeita fé.

"Deus é Espírito, e importa que os que O adoram O adorem em espírito e em verdade" (João 4:24). Seu descanso, portanto, é um descanso espiritual de modo que o

mero descanso físico sem o descanso espiritual não é observância do sábado em absoluto. Somente aqueles que são espirituais podem, verdadeiramente, guardar o sábado do Senhor. Enquanto Adão foi conduzido pelo Espírito, ele desfrutou perfeito descanso, tanto de corpo quanto de alma; mas tão logo pecou, perdeu o descanso. Contudo, embora a maldição sobre a Terra provoque cansaço corporal, o sábado ainda permanece desde o Éden, a segurança e selo do descanso espiritual. O abster-se de todo o nosso trabalho e prazer no sétimo dia — tudo de quanto possamos ter vantagem pessoal — é simplesmente um reconhecimento de Deus como Criador e Sustenedor de todas as coisas — Aquele por cujo poder vivemos; mas esse aparente descanso é uma mera farsa se real e plenamente não O reconhecemos como tal, e nos comprometemos inteiramente a Sua observância.

O sábado, portanto, é especialmente amigo do homem pobre; apela acima de tudo ao homem trabalhador, pois é ao pobre que o evangelho é pregado. O rico dificilmente ouvirá o chamado do Senhor, pois é mais provável que se contente com a sua condição; confia em suas riquezas, e sente-se capaz de tomar conta de si próprio no presente, e quanto ao futuro “pensa intimamente que suas casas continuarão para sempre”; mas para o homem pobre, que não sabe como obter o seu sustento, o sábado vem trazendo esperança e alegria, pois dirige sua mente a Deus, o Criador, que é a nossa vida. *“Buscai primeiro o reino de Deus e a Sua justiça, e todas as demais coisas vos serão acrescentadas”.*[9] Em lugar de ser obrigados a dizer, “Como posso obter sustento se eu guardo o sábado?” o homem pobre pode ver no sábado a solução do problema de vida. “A piedade para tudo é proveitosa, tendo a promessa da vida presente e da que há de vir” (1ª Tim. 4: 8).

O dia abençoado e o Homem abençoado

Tenham em mente que embora o *dia de sábado* seja o sétimo dia da semana, o descanso que o dia de sábado traz à visão é contínua. Assim como um dia não é um homem, há diferença entre abençoar um dia e abençoar um homem. Deus abençoou o *sétimo dia* (Gên. 2:3), mas abençoa os homens todos os dias. O sábado é observado somente por aqueles que descansam no Senhor todo o tempo. Conquanto ninguém possa ser um observador do sábado e ignorar o dia ao qual Deus atribuiu a Sua bênção, é igualmente verdade que o homem que não descansa continuamente no Senhor não guarda o sábado.

Assim, descansar no Senhor é encontrado pela fé nEle; mas a fé salva do pecado, e a fé viva é tão contínua quanto a respiração, pois “o justo viverá pela fé”.[8] Se agora um homem não confia no Senhor durante a semana, está duvidando e temendo sobre como irá sobreviver, talvez se queixando e se preocupando, sendo impaciente ou áspero, ou em qualquer maneira injusto a seus semelhantes, certamente não está descansando no Senhor — não está se lembrando do dia de sábado, para o santificar; pois se realmente se

lembrasse do dia de sábado, conheceria o poder de Deus para prover-lhe, e confiaria a guarda de sua alma Àquele que lhe fará bem "*como ao fiel Criador*".[10]

A Cruz de Cristo

O sábado vem revelando a Cristo, o Criador, como O que leva as cargas. Ele leva as cargas do mundo inteiro, com todas as suas dores e (313) pecado e sofrimento, e Ele as leva com facilidade — o Seu jugo é suave.[11] *"levando Ele mesmo em Seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas Suas feridas fostes sarados"* (1ª Pedro 2: 24). É na cruz de Cristo que recebemos vida, somos tornados novas criaturas. O poder da cruz, portanto, é poder criativo. Assim, quando na cruz Jesus clamou, *"Está consumado",*[12] Ele estava simplesmente anunciando que nEle, mediante a Sua cruz, as perfeitas obras de Deus poderiam ser obtidas, as quais foram completadas desde a fundação do mundo. Destarte, o sábado — o sétimo dia que comemora a criação completada no princípio — é um bendito lembrete do fato de que na cruz de Cristo esse mesmo poder criador é livremente oferecido para nos livrar da maldição e tornar-nos completos nEle tanto quanto completo foi tudo quanto Deus viu e pronunciou *"muito bom".*[13] A palavra de vida que é proclamada a nós no Evangelho é *"o que era desde o princípio".*[14]

Ele não falha nem se torna impaciente ou desanimado; portanto podemos confiantemente lançar nosso cuidado sobre Ele. Assim, o sábado é, de fato, um deleite. No salmo pelo dia de sábado, Davi cantou: *"Pois Tu, Senhor, me alegraste pelos Teus feitos; exultarei nas obras das Tuas mãos"* (Sal. 92: 4). O sábado significa triunfar nas obas das mãos de Deus, não em nossas próprias obras. Significa vitória sobre o pecado e a morte — tudo ligado à maldição — mediante o Nosso Senhor Jesus Cristo, por Quem os mundos foram feitos. É um remanescente do Éden antes que viesse a maldição, e, destarte, aquele que o observa de fato começa o seu descanso eterno — ele tem o descanso, o perfeito descanso, que a nova Terra somente pode dar.

O Convite Divino Para A Guarda Do Sábado

Agora podemos entender por que o sábado ocupa lugar tão destacado no registro dos tratos divinos com Israel. Não é porque o sábado foi feito exclusivamente para eles, mais do que a salvação também o haja sido; mas porque a guarda do sábado é o princípio daquele descanso que Deus prometeu a Seu povo na terra de Canaã. É às vezes dito que o sábado não foi dado aos gentios, mas deve ser também lembrado que a terra não foi prometida aos gentios. Os gentios eram "estranhos às promessas do concerto". Contudo, é verdade que os gentios — todo o mundo — foi chamado a vir a Cristo, a água viva. *"Ó vós, todos os que tendes sede, vinde às águas".*[15] Apromessa a Israel era de que *"uma*

nação que não conheces, e uma nação que nunca te conheceu correrá para ti, por amor do Senhor teu Deus, e do Santo de Israel; porque Ele te glorificou" (Isa. 55: 5). Adicionalmente nesse chamado o Senhor diz:—

"Assim diz o Senhor: guardai o juízo, e fazei justiça; porque a Minha salvação está prestes a vir, e a Minha justiça para se manifestar. Bem-aventurado o homem que fizer isto, e o filho do homem que lançar mão disto: que se guarda de profanar o sábado, e guarda a sua mão de fazer algum mal. E não fale o filho do estrangeiro, que se houver unido ao Senhor, dizendo: Certamente o Senhor me separará do Seu povo . . . E aos filhos dos estrangeiros, que se unirem ao Senhor, para O servirem, e para amarem o nome do Senhor, e para serem os Seus servos, todos os que guardarem o sábado, não o profanando, e os que abraçarem a Minha Aliança, também os levarei ao Meu santo monte, e os alegrarei na Minha casa de oração; os seus holocaustos e os seus sacrifícios serão aceitos no meu altar; porque a Minha casa será chamada casa de oração para todos os povos. Assim diz o Senhor Deus, que congrega os dispersos de Israel: Ainda ajuntarei outros aos que já se lhe ajuntaram" (Isa. 56:1-8).

E a ambos esses — e a todos quantos proclamam paz, tanto de perto quanto de longe (Isa. 57:19) — o Senhor declara:—

Uma Gloriosa Promessa

"Se desviares o teu pé do sábado, de fazeres a tua vontade no Meu santo dia; e chamares deleitoso, e o santo dia do Senhor, digno de honra; e o honrares, não seguindo os teus caminhos, nem pretendendo fazer a tua própria vontade, nem falares as tuas próprias palavras; então te deleitarás no Senhor, e te farei cavalgar sobre as alturas da terra, e te sustentarei com a herança de teu pai Jacó; porque a boca do Senhor o disse" (Isa. 58:13, 14).

Aqueles que chamam o sábado um deleite — não um jugo — se deleitarão no Senhor; por quê? — porque o sábado do Senhor é o descanso do Senhor — descanso que se acha somente em Sua presença, onde há "plenitude de gozo" e prazer infindo. É o descanso do Éden, pois Éden significa deleite e prazer; é o descanso da nova Terra, pois o Éden pertence à nova Terra. Lemos que aqueles que vêm ao Senhor para guardar o Seu sábado se alegrarão na casa do Senhor, e a respeito deles é dito: *"Eles se fartarão da gordura da Tua casa, e os farás beber da corrente das Tuas delícias",*literalmente Teu Éden (Sal. 36: 8). Essa é a herança do Senhor, agora é o tempo, *hoje* é o dia em que podemos entrar nele, pois Ele é a porção de nossa herança, e nEle temos todas as coisas.

--*The Present Truth*, 11 de fevereiro de 1897.

Notas desta Edição:

1) Hebreus 11:16;

2) Hebreus 2:9;

3) Atos 3:21, JKV, a Almeida diz: "*até aos tempos da restauração de tudo*";

4) Gênesis 2:2, e Gálatas 4:4;

5) 2ª Cor. 5:17, p.p., KJV, a Almeida Fiel diz: *"se alguém está em Cristo, nova criatura é; as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo";*

6) Atos 17:28, p.p.;

7) Mateus 4:4;

8) Hab. 2:4; Rom. 1: 17; Gal. 3:11; Hebreus10: 38;

9) Luca 12: 31; Mateus 6: 33;

10) 1ª Pedro 4:19;

11) Mateus 11: 30;

12) João 19:30;

13) Gênesis 1:31;

14) 1ª João 1: 1;

15) Isaias 55:1;

CAPÍTULO 42.

As Promessas Para Israel, 31

Novamente em Cativeiro

(Parte 1)

Embora os filhos de Israel cantassem o cântico de libertação junto ao Mar Vermelho, e com boa razão, também, não foi até que cruzaram o Jordão que se fizeram realmente livres do Egito. Eles não mantiveram firmemente o princípio de sua confiança até o fim,[1] mas *"e em seu coração se tornaram ao Egito, dizendo, a Arão: Faze-nos deuses que vão adiante de nós"* (Atos 7:39, 40. Quando cruzaram o Jordão, porém, e atingiram a terra de Canaã, tiveram o testemunho de Deus de que a maldição do Egito tinha se dissipado de sobre eles. Então tiveram descanso, e estavam livres no Senhor.

Mas essa liberdade não foi retida por muito tempo; murmurações, desconfiança e apostasia logo apareceram entre o povo de Deus. Eles desejaram um rei, para que pudessem assemelhar-se às nações pagãs ao seu redor. Eles *"se misturaram com os gentios, e aprenderam as suas obras. E serviram aos seus ídolos, que vieram a ser-lhes um laço; demais disto, sacrificaram seus filhos e suas filhas aos demônios, e derramaram sangue inocente, o sangue de seus filhos e de suas filhas, que sacrificaram aos ídolos de Canaã; e a terra foi manchada com sangue"* (Sal. 106:35-38). Assim, tornaram-se literalmente semelhantes aos pagãos ao seu redor.

Um rápido exame da história de alguns dos reis de Israel e Judá mostrará quão completamente os filhos de Israel, ao obterem um rei, conseguiram o cumprimento de seu desejo em assemelhar-se aos pagãos. A Saul, o primeiro rei, o profeta de Deus disse: *"Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, do que a gordura de carneiros. Porque a rebelião é como o pecado de feitiçaria, e o porfiar é como a iniquidade e idolatria. Porquanto tu rejeitaste a palavra do Senhor, Ele também te rejeitou a ti, para que não sejas rei"* (1ª Sam. 15:22, 23).

Salomão tomou muitas estranhas esposa de entre os pagãos, e *"sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e seu coração já não era perfeito para com o Senhor seu Deus, como o de Davi,*

seu pai; Porque Salomão seguiu a Astarete, deusa dos sidônios, e a Milcom, a abominação dos amonitas" (1º Reis 11:4, 5).

Sob Reoboão, filho de Salomão, *"Judá fez o que era mau aos olhos do Senhor; e com os seus pecados que cometeram, provocaram-No a zelos, mais do que os seus pais fizeram. Porque também eles edificaram altos, e estátuas, e imagens de Asera sobre todo alto outeiro e debaixo de toda a árvore verde; e havia também sodomitas na terra; fizeram conforme a todas as abominações dos povos que o Senhor tinha expulsado de diante dos filhos de Israel"* (1º Reis 14:22-24).

O mesmo está registrado com respeito a Acaz (1º Reis 16:1-4), e embora *"o Senhor humilhou a Judá por causa de Acaz, rei de Israel; porque este se houve desenfreadamente em Judá, havendo prevaricado grandemente contra o Senhor",* contudo, *"ao tempo em que este o apertou, então ainda mais transgrediu contra o Senhor, tal era o rei Acaz. Porque sacrificou aos deuses de Damasco, que o tinham o feriram, e disse: Visto que os deuses dos reis da Síria os ajudam, eu lhes sacrificarei, para que me ajudem a mim. Eles, porém, foram a sua ruína, e de todo o Israel"*(2º Crô. 28:19-23).

Piores do Que os Pagãos

Manassés, filho de Ezequias, *"fez o que era mau aos olhos do Senhor, conforme as abominações dos gentios que o Senhor expulsara de suas possessões de diante dos filhos de Israel. Porque tornou a edificar os altos que Ezequias, seu pai, tinha destruído, e levantou altares a Baal, e fez uma imagem a Asera como a que fizera Acabe, rei de Israel, e adorou a todo o exército do céu, e os serviu. . . . Também edificou altares a todo o exército do céu em ambos os átrios da casa do Senhor. E até fez passar seu filho pelo fogo, adivinhava pelas nuvens, era agoureiro e ordenou adivinhos e feiticeiros; e prosseguiu em fazer o que era mau aos olhos do Senhor, para O provocar à ira. Também pôs uma imagem de escultura de Asera, que tinha feito, na casa de que o Senhor dissera a Davi e a Salomão, seu filho: Nesta casa e em Jerusalém, que escolhi de todas as tribos de Israel, porei o Meu nome para sempre; e não mais farei mover o pé de Israel desta terra que tenho dado a seus pais, contanto que somente tenham cuidado de fazer conforme tudo o que lhes tenho ordenado, e conforme toda a lei que Moisés, Meu servo, lhes ordenou. Eles, porém, não ouviram; porque Manassés de tal modo os fez errar, que fizeram pior do que as nações que o Senhor tinha destruído de diante dos filhos de Israel". "Além disso, Manassés derramou muitíssimo sangue inocente, até que encheu Jerusalém de um a outro extremo, afora o seu pecado com que fez Judá pecar fazendo o que era mau aos olhos do Senhor"* (2º Reis 21:2-9, 16).

Amom sucedeu a Manassés, *"fez o que era mau aos olhos do Senhor, como havia feito Manassés, seu pai; porque Amom sacrificou a todas as imagens de escultura que Manassés, seu pai, tinha feito, e as serviu"* (2º Crô. 33:22).

No Reino do Norte

Se tomarmos os reis que reinaram na porção norte de Israel depois que o reino foi dividido com a morte de Salomão, encontramos um registro ainda pior. Houve alguns reis justos em Jerusalém; mas começando com Jeroboão, *"o qual pecou, e fez pecar a Israel"* (1 Reis 14:16), e cada rei sucessivo, no restante de Israel, era pior do que o que o antecedera. Nadabe, filho de Jeroboão, *"fez o que era mau aos olhos de Senhor, e andou nos caminhos de seu pai, e no seu pecado com que seu pai fizera pecar a Israel"* (1º Reis 15:26). Baasa *"fez o que era mau aos olhos de Senhor, e andou no caminho de Jeroboão, e no seu pecado com que tinha feito Israel pecar"*(verso 34). Onri, que edificou Samaria, *"fez o que era mau aos olhos do Senhor; e fez pior do que todos quantos foram antes dele. Pois ele andou em todos os caminhos de Jeroboão, filho de Nebate, como também nos pecados com que ele tinha feito pecar a Israel, irritando à ira o Senhor Deus de Israel com as suas vaidades"* (1º Reis 16:25, 26). Contudo, mau como era, *"fez Acabe, filho de Onri, o que era mau aos olhos do Senhor, mais do que todos os que o antecederam". "Acabe fez muito mais para irritar ao Senhor Deus de Israel do que todos os reis de Israel que foram antes dele"* (versos 30 e 33).

Essa questão assim prossegue até que o Senhor disse pelo profeta Jeremias: *"Dai voltas às ruas de Jerusalém, e vede agora, e informai- vos, e buscai pelas suas praças a ver se achais alguém, ou se há um homem, que pratique a justiça ou busque a verdade"* (Jer. 5:1). Um homem desses era difícil de se encontrar; "Porque ímpios se acham entre o Meu povo; andam espiando, como quem arma laços; põem armadilhas, com que prendem os homens. Como uma gaiola está cheia de pássaros, assim as suas casas estão cheias de engano; por isso se engrandeceram, e enriqueceram. Engordaram-se, estão nédios; e ultrapassaram até o feito dos gentios" (versos 26-28).

Uma vez que Deus expulsou os gentios da terra, devido a sua abominável idolatria, é bastante evidente que os filhos de Israel não podiam ter qualquer herança real nela quando eram tal como os pagãos, e até piores. O fato de aqueles que se chamam pelo nome do Senhor adotarem costumes e maneiras dos pagãos não torna tais costumes no mínimo mais aceitáveis a Deus. O fato de que o paganismo se acha na Igreja não o recomenda. Pelo contrário, uma elevada profissão apenas torna as más práticas ainda mais detestáveis. Os filhos de Israel, portanto, não estavam realmente de posse da terra de Canaã enquanto seguiam os caminhos do paganismo; pois a maldição da escravidão no Egito era o pecado no qual haviam incorrido. É evidente que conquanto se gabando de sua liberdade na terra de Canaã, eles estavam de fato sob o pior tipo de escravidão.

Quando em tempos posteriores os judeus disseram pretensiosamente *"Somos descendência de Abraão, e nunca servimos a ninguém".* Jesus repetiu: *"Em verdade, em verdade vos digo que todo aquele que comete pecado é servo do pecado. Ora, o servo não fica para sempre em casa; o filho fica para sempre"* (João 8:33-35).

A Fidelidade de Deus

Contudo, havia magníficas possibilidades ao alcance do povo o tempo todo. Em qualquer tempo eles poderiam ter-se arrependido e volvido ao Senhor, e O teriam achado pronto para cumprir Sua promessa a eles inteiramente. Conquanto *"todos os chefes dos sacerdotes e o povo aumentavam de mais em mais as transgressões, segundo todas as abominações dos gentios",* no entanto, *"o Senhor, Deus de seus pais, falou-lhes constantemente por intermédio de Seus mensageiros, porque se compadeceu do Seu povo e da sua habitação"* (2º Crô. 36:14, 15). Muitos maravilhosos livramentos, quando os israelitas se viram oprimidas por seus inimigos, e humildemente buscaram ao Senhor, mostravam que o mesmo Deus que livrou os seus pais do Egito estava pronto e esperando exercer o mesmo poder em seu favor, a fim de aperfeiçoar aquilo pelo que os havia trazido à terra prometida.

Um exemplo impressionante da operação de Deus por aqueles que confiam nEle, e da vitória da fé, é encontrado no relato de Jeosafá (2º Crô. 20). É especialmente valioso para nós, pois nos mostra como obter vitória e também nos mostra novamente o que temos tantas vezes notado, que as reais vitórias de Israel foram obtidas pela fé em Deus, e não pelo uso da espada. O relato, em resumo, é este: —

Os moabitas e amonitas juntamente com outros povos, levantaram-se contra Jeosafá para guerrar. O número deles era vastamente superior ao dos israelitas, e em seu extremo aperto *"Jeosafá temeu, e pôs-se a buscar ao Senhor, e apregoou jejum em todo o Judá. E Judá se ajuntou para pedir socorro ao Senhor; também de todas as cidades de Judá vieram para buscar ao Senhor"* (vs. 3 e 4).

A oração de Jeosafá nessa ocasião é um modelo. Ele disse, *"Ah! Senhor, Deus de nossos pais, porventura não és Tu Deus nos céus? e não és Tu que dominmas sobre todos os reinos das nações? e na Tua mão há força e potência, e não há quem Te possa resistir. Ó nosso Deus, não lançaste fora os moradores desta terra de diante do Teu povo Israel, e não a deste para sempre à descendência de Abraão, Teu amigo?*" (vs. 6 e 7). *"Agora, pois, eis que os filhos de Amom, e de Moabe, e do monte Seir, . . . eis como nos dão o pago, vindo para lançar-nos fora da Tua herança, que nos fizeste herdar. Ah! nosso Deus, não os julgarás? Porque em nós não há força perante esta grande multidão que vem contra nós, e não sabemos o que faremos; porém os nossos olhos estão postos em Ti"* (vs. 10 a 12).

Primeiro ele reconheceu a Deus como o Deus do céu, portanto tendo todo o poder. A seguir reivindicou todo esse poder como seu, reclamando a Deus como o seu próprio Deus. Daí estava pronto para tornar conhecida a sua necessidade e proferir o seu pedido com plena segurança da fé. A alguém que ore dessa forma todas as coisas são possíveis. Muitos dirigem orações a Deus sem qualquer justo senso de Sua existência, como se estivessem orando a um nome abstrato, e não a um Salvador vivo e pessoal e, logicamente, nada recebem, pois na realidade nada esperam. Todos quantos oram devem primeiro contemplar a Deus antes de pensar em si mesmos e suas próprias necessidades. É fato inegável que na maioria, os que oram pensam mais em si próprios do que em Deus; em vez disso deviam perder-se na contemplação da grandeza de Deus e Sua bondade; daí não é difícil crer que Deus é galardoador daqueles que diligentmente O buscam.[2]Como disse o salmista, *"em Ti confiarão os que conhecem o Teu nome; porque Tu, Senhor, não desamparastes os que Te buscam".*[3]

Enquanto o povo estava ainda reunido para orar, o profeta de Deus veio, e disse: *"Dai ouvidos todo o Judá, e vós, moradores de Jerusalém, e tu, ó rei Jeosafá; Assim o Senhor vos diz: Não temais, nem vos assusteis por causa desta grande multidão, porque a peleja não é vossa, mas de Deus". "Nesta batalha não tereis que pelejar; postai-vos, ficai parados e vede a salvação do Senhor para convosco, ó Judá e Jerusalém. Não temais, nem vos assusteis; amanhã saí-lhes ao encontro, porque o Senhor está convosco"* (2º Crô. 20: 15 e 17).

O povo creu nessa mensagem *"Pela manhã cedo se levantaram e saíram ao deserto de Tecoa; e, ao saírem, Jeosafá pôs-se em pé e disse: Ouvi-me, ó Judá, e vós, moradores de Jerusalém. Crede no Senhor vosso Deus, e estareis seguros; crede nos seus profetas, e prosperareis. E aconselhou-se com o povo, e ordenou cantores para o Senhor, que louvassem a Majestade Santa, saindo diante dos armados, e dizendo: Louvai ao Senhor, porque a Sua benignidade dura para sempre"*(vs. 20 e 21).

"Quando Começaram a Cantar"

Que estranha forma essa de sair para batalhar! Lembra-nos bem da marcha ao redor do Jericó, e o grito de vitória. Em geral, as pessoas que obtinham tal promessa, como se deu nessa ocasião, de que Deus lutaria por eles, pensariam que revelaram grande fé em sair contra o inimigo. Eles diriam, "Deus prometeu nos ajudar, mas temos que fazer a nossa parte"; e assim fizeram todo o preparativo para o combate. Mas aquelas pessoas em tal tempo foram suficientemente simples para tomar o Senhor pela Sua palavra; sabiam que precisavam de fato fazer a sua parte, mas entendiam que a sua parte era crer, e avançar embora realmente cressem. E *de fato* creram. Tão forte era a sua fé que cantaram. Não era um cântico forçado o que ouviam, proferido debilmente de lábios trêmulos, mas um cântico pleno, profundo, espontâneo, sincero cantico de gozo e vitória,

e isso tudo enquanto o inimigo se postava diante deles em números arrasadores. E qual foi o resultado?

"E, quando começaram a cantar e a dar louvores, o Senhor pôs emboscadas contra os filhos de Amom e de Moabe e os das montanhas Seir, que ieram contra Judá; e foram desbaratados. Porque os filhos de Amom e de Moabe se levantaram contra os moradores das montanhas de Seir, para os destruir e exterminar; e, acabando eles com os moradores de Seir, ajudaram uns aos outros a destruir-se. Nisso chegou Judá à atalaia do deserto; e olharam para a multidão, e eis que eram corpos mortos, que jaziam em terra, e nenhum escapou" (vs. 22 a 24).

Tão logo começaram a cantar, o inimigo foi dominado. Um pânico assaltou a hoste dos amonitas e moabitas, e atacaram-se uns aos outros. Pode ter-se dado que, ao ouvirem os cânticos e expressões de gozo imaginaram que Israel poderia ter obtido reforços, e isso foi o que se deu. Israel obteve reforços tais que nem precisou lutar por si mesmo. A sua fé foi a sua vitória e os seus cânticos eram a evidência de sua fé.

Esta é uma lição para nós em nosso conflito com nossos adversários — principalidades e postestades e espíritos malignos. *"Resisti ao diabo e ele fugirá de vós",*[4] mas temos que resistir*"firmes na fé".*[5] Somente essa resistência o fará fugir , pois sabe que é mais forte do que nós; mas quando resistido na fé de Jesus ele deve fugir, pois sabe que não tem absolutamente qualquer força contra Cristo. E assim aprendemos novamente que *"os remidos do Senhor voltarão com cântico a Sião".*[6] Em tais experiências como essa que acabamos de considerar o Senhor estava mostrando a Israel como deviam vencer, e que Ele esteve sempre esperando ansioso para completar a promessa feita aos seus pais.

-- *The Present Truth*, 18 de fevereiro de 1897.

Notas desta edição:

1) Hebreus 3:14;

2) Hebreus 11: 6;

3) Salmo 9:10;

4) Tiago 4:7;

5) 1ª Pedro 5:9; 1ª Cor. 16:13; Col. 1: 23;

6) Isaias 35:10 e 51:11;

CAPÍTULO 43.

As Promessas Para Israel, 32

Novamente em Cativeiro

(Parte 2)

Sabemos que em qualquer ocasião dentro de um período de várias centenas de anos os filhos de Israel poderiam ter desfrutado a plenitude da promessa a Abraão — descanso eterno na Terra tornada nova, com Cristo e todos os santos glorificados sobre o último inimigo, — porque quando Moisés nasceu, o tempo da promessa tinha se aproximado, e Josué não morreu até *"muitos dias depois, que o Senhor dera repouso a Israel"* (Josué 23:10). O tempo em que Deusmediante Davi lhes ofereceu *"outro dia",*[1] — hoje, — é referido como *"após muitos dias".* Deus estava ansiosamente esperando que o povo assumisse tudo quanto lhe tinha dado. Quão verdadeiro é isso se pode ver pelas Suas palavras a eles pelo profeta Jeremias.

Se Tivessem Obedecido a Deus

Conquanto o pecado de Judá fosse *"escrito com uma pena de ferro e com a ponta de um diamante",*[2] tão firmemente estava o povo apegado a sua idolatria, o gracioso Senhor fez a seguinte promessa:—

"Assim me disse o Senhor: Vai, e põe-te à porta dos filhos do povo, pela qual entram os reis de Judá, e pela qual saem; como também em todas as portas de Jerusalém. E dize-lhes: Ouvi a palavra do Senhor, vós, reis de Judá e todo o Judá, e todos os moradores de Jerusalém, que entrais por estas portas; assim diz o Senhor: Guardai-vos a vós mesmos, e não tragais cargas no dia de sábado, nem as introduzais pelas portas de Jerusalém; nem tireis cargas de vossas casas no dia de sábado, nem façais obra alguma; antes santificai o dia de sábado, como Eu ordenei a vossos pais. Mas não escutaram, nem inclinaram os seus ouvidos; antes endureceram a sua cerviz, para não ouvirem, e para não receberem instrução. Mas se vós diligentemente Me ouvirdes, diz o Senhor, não introduzindo cargas pelas portas desta cidade no dia de sábado, e santificardes o dia de sábado, não fazendo nele trabalho algum, então entrarão pelas portas desta cidade reis e príncipes, que se assentem sobre o trono de Davi, andando em carros e em cavalos, e eles e seus príncipes, os homens de Judá, e os

moradores de Jerusalém; e esta cidade será habitada para sempre. E virão das cidades de Judá, e dos arredores de Jerusalém, e da terra de Benjamim, e das planícies, e das montanhas, e do sul, trazendo holocaustos, e sacrifícios, e ofertas de alimentos, e incenso, trazendo também sacrifícios de ação de louvores à casa do Senhor" (Jer. 17:19-26).

Não nos cabe especular sobre como essa promessa se teria cumprido; é suficiente que saibamos que Deus o disse, e que Ele é capaz de cumprir toda promessa. Edificar a velha cidade e torná-la nova certamente teria sido tão fácil quanto transformar *"o nosso corpo abatido, para ser conforme ao corpo gloriosos"* (Fil. 3:21), ou criar uma cidade inteiramente nova para tomar o lugar da velha.

Promessas De Restauração Foram Rejeitadas

Tenham em mente que esta promessa por Jeremias foi nos dias finais do reino de Judá, pois Jeremias não começou a profetizar até *"os dias de Josias, filho de Amom"*(Jer. 1:2), no décimo terceiro ano de seu reinado, somente vinte e um anos antes do começo do cativeiro babilônico. Antes de Jeremias começar a profetizar, quase todos os profetas haviam terminado os seus labores e falecido. As profecias de Isaías, Oséias, Amós, Miquéias e outros, — todos os principais profetas — estavam nas mãos do povo antes do nascimento de Jeremias. Este é um fato que não deve ser passado por alto, pois é de grande importância. Nessas profecias há muitas promessas de restauração de Jerusalém, todas as quais poderiam ter-se cumprido se o povo as tivesse acatado. Mas como todas as promessas de Deus, elas eram em Cristo; pertenciam, como as anteriores, à eternidade, e não simplesmente ao tempo. Entretanto, sendo que o povo daqueles dias não as aceitou, permanecem igualmente válidas para nós. Poderiam ser cumpridas somente pela vinda do Senhor, a Quem agora esperamos. Essas profecias contêm o Evangelho para este tempo, tão certamente quanto os livros de Mateus e João e as epístolas.

Sempre O Teste

Notem adicionalmente que a observância do sábado é tornada um teste, a todos aqueles aos quais a verdade foi revelada. Se observassem o sábado, então eles e a sua cidade perdurariam para sempre. Por que isso se dava? — Recordem o que estudamos a respeito do descanso de Deus, e terão a resposta. O sábado é o selo da criação, completa e perfeita. Como tal, revela a Deus como Criador e Santificador, Eze. 20:12, 20, como Santificador por Seu poder criativo. O sábado, portanto, não é uma obra, pela qual podemos inutilmente tentar obter o favor de Deus, mas é descanso, — descanso nos braços eternos. É o sinal e memorial do eterno poder de Deus; e a sua observância

é o selo dessa perfeição que Deus somente pode operar, e que Ele livremente concede a todos quantos nEle confiam. Significa plena e perfeita confiança no Senhor, de que Ele pode e nos salvará pelo mesmo poder pelo qual fez todas as coisas no princípio. Portanto, vemos que uma vez que a mesma promessa que foi feita ao antigo Israel nos é deixada, deve necessariamente ser de que o sábado também devia ser tornado especialmente importante em nossos dias, mais especialmente ao aproximar-se o dia de Cristo.

O Juízo Pronunciado

Mas houve uma alternativa, no caso de o povo recusar o descanso no Senhor. O profeta foi comissionado a dizer adicionalmente: —

"Mas, se não me ouvirdes, para santificardes o dia de sábado, e para não trazerdes carga alguma, quando entrardes pelas portas de Jerusalém no dia de sábado, então acenderei fogo nas suas portas, o qual consumirá os palácios de Jerusalém, e não se apagará" (Jer. 17:27).

E assim foi; conquanto Deus fosse fiel e longânimo em enviar mensagens de advertência a Seu povo, *"Eles, porém, zombavam dos mensageiros de Deus, e desprezaram as Suas palavras e mofaram dos Seus profetas, até que o furor do Senhor tanto subiu contra o Seu povo, que mais nenhum remédio houve. Porque fez subir contra eles o rei dos caldeus, o qual matou os seus mancebos à espada, na casa do Seu santuário, e não teve piedade nem dos jovens, nem das donzelas, nem dos velhos nem dos decrépitos; a todos entregou na sua mão. E todos os vasos da casa de Deus, grandes e pequenos, os tesouros da casa do Senhor, e os tesouros do rei e dos seus príncipes, tudo levou para Babilônia. E queimaram a casa de Deus, derrubaram os muros de Jerusalém, e todos os seus palácios queimaram a fogo, e destruindo também todos os seus preciosos vasos. E os que escaparam da espada levou para Babilônia; e se fizeram servos dele e de seus filhos, até o tempo do reino da Pérsia, para se cumprir a palavra do Senhor, proferida pela boca de Jeremias, até haver a terra se alegrado dos seus sábados; pois por todos os dias da desolação repousou, até que os setenta anos se cumpriram"* (2ª Crô. 36:16-21).

O Rei de Babilônia Governante em Jerusalém

O último rei em Jerusalém foi Zedequias, mas ele não foi um rei independente. Vários anos antes que chegasse ao trono, Nabucodonosor havia cercado Jerusalém, e o Senhor lhe havia entregue a cidade, Dan. 1:1, 2. Embora Jeoiaquim fosse vencido, ele teve permissão de reinar em Jerusalém como um príncipe tributário, o que ele fez por oito anos. Por ocasião de sua morte o seu filho Joaquim o sucedeu, mas ele reinou

somente três meses antes que Nabucodonosor cercasse Jerusalém novamente, e a conquistasse, e levou o rei e sua família e todos os artífices e ferreiros para Babilônia; e *"ninguém ficou senão o povo pobre da terra"* [3] (2ª Reis 24: 8-16).

Mas ainda ficou um rei permanecendo em Jerusalém, pois Nabucodonosor tornou Matanias rei, mudando o seu nome para Zedequias, verso 17. A palavra Zedequias significa "o justo de Jeová", e foi dado ao recém-criado rei porque Nabucodonosor *"o tinha ajuramentado por Deus"* (2 Crô. 36:13) de que não se rebelaria contra a sua autoridade. Que Nabucodonosor tinha direito de requerer isso é mostrado pelo seguinte:—

"No princípio do reinado de Jeoiaquim, filho de Josias, rei de Judá, veio esta palavra a Jeremias da parte do Senhor, dizendo: Assim me disse o Senhor: Faze uns grilhões e jugos e põe-nos ao teu pescoço. E envia-os ao rei de Edom, e ao rei de Moabe, e ao rei dos filhos de Amom, e ao rei de Tiro, e ao rei de Sidom, pela mão dos mensageiros que são vindos a Jerusalém a ter com Zedequias, rei de Judá; e lhes ordenarás, que digam aos seus senhores: Assim diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Assim direis a vossos senhores: Eu fiz a terra, o homem e os animais que estão sobre a face da terra, com o meu grande poder, e com o meu braço estendido, e a dou a quem me apraz. E agora Eu entreguei todas estas terras na mão de Nabucodonozor, rei de Babilônia, Meu servo; e ainda até os animais do campo lhe dei, para que o sirvam. Todas as nações o servirão a ele, e a seu filho, e ao filho de seu filho, até que venha o tempo da sua própria terra; e então muitas nações e grandes reis se servirão dele. E acontecerá que, se alguma nação e reino não servirem a Nabucodonozor, rei de Babilônia, e não puserem o seu pescoço debaixo do jugo do rei de Babilônia, a essa nação castigarei com espada, com fome, e com peste, diz o Senhor, até que Eu a consuma pela sua mão. Não deis ouvidos, pois, aos vossos profetas, e aos vossos adivinhadores, e aos vossos sonhos, e aos vossos agoureiros, e aos vossos encantadores, que vos dizem: Não servireis o rei de Babilônia; porque vos profetizam a mentira, para serdes removidos para longe da vossa terra, e Eu vos expulsarei dela, e vós perecereis. Mas a nação que meter o seu pescoço sob o jugo do rei de Babilônia, e o servir, Eu a deixarei na sua terra, diz o Senhor; e lavrá-la-á e habitará nela" (Jer. 27: 1-11).

Nabucodonosor, portanto, tinha tanto direito de governar em Jerusalém como qualquer dos reis de Israel já teve. Ademais, o seu reino foi mais extenso do que o que tinha sido a duração de reinado de qualquer rei de Israel; e, mais do que tudo, após muita instrução do Senhor, Ele empregou essa oportunidade para espalhar por todo o mundo o conhecimento do verdadeiro Senhor, Daniel 4. Destarte, quando Zedequias se rebelou contra Nabucodonosor, ele estava impiamente se colocado contra o Senhor, que havia dado Israel ao poder de Nabucodonosor, como punição por seus pecados. Nas palavras seguintes temos uma vívida descrição do movimento de Nabucodonosor contra Jerusalém, e como Deus dirigiu a ação do rei ímpio mesmo enquanto se valia de adivinhação:—

"*Tu pois, ó filho do homem, propõe dois caminhos, por onde venha a espada do rei de Babilônia. Ambos procederão de uma mesma terra; e escolhe um lugar; escolhe-o no cimo do caminho da cidade. Um caminho proporás, por onde virá a espada contra Rabá dos filhos de Amom, e contra Judá, em Jerusalém, a fortificada. Porque o rei de Babilônia parará na encruzilhada, no cimo dos dois caminhos, para fazer adivinhações; aguçará as suas flechas, consultará as imagens, atentará para o fígado. À sua mão direita estará a adivinhação sobre Jerusalém, para ordenar os capitães, para abrirem a boca, ordenando a matança, para levantarem a voz com júbilo, para porem os aríetes contra as portas, para levantarem trincheiras, para edificarem baluartes. Isso será como adivinhação vã aos olhos daqueles que lhes fizeram juramentos; mas ele se lembrará da iniquidade, para que sejam apanhados. Portanto assim diz o Senhor Deus: Visto que Me fazeis lembrar da vossa iniquidade, descobrindo-se as vossas transgressões, aparecendo os vossos pecados em todos os vossos atos; visto que viestes em memória, sereis apanhados com a mão*".[4]

O Fim do Domínio Temporal, Independente, de Israel

Daí seguem as duras palavras dirigidas a Zedequias: —

"E tu, ó profano e ímpio príncipe de Israel, cujo dia virá no tempo da punição final; assim diz o Senhor Deus: Remove o diadema, e tira a coroa; esta não será a mesma: exalta ao humilde, e humilha ao soberbo. Ao revés, ao revés, ao revés porei aquela coroa, e ela não mais será, até que venha Aquele a quem pertence de direito; e lho darei a Ele" (Eze. 21: 25 a 27).

Zedequias era profano e ímpio, por causa de toda a sua abominável idolatria ele acrescentou o pecado de perjúrio, quebrando um solene voto. Portanto, o reino lhe foi inteiramente removido. O diadema passou dos descendentes de Davi, e foi colocado na cabeça de um caldeu, e o rei de Babilônia está diante de nós. De sua extensão já lemos, e temos adicionalmente as palavras do profeta Daniel explicando a grande imagem que Nabucodonosor viu num sonho a ele dado pelo Deus do céu: —

"Tu, ó rei, és rei de reis, a quem o Deus do céu tem dado o reino, o poder, a força e a glória; e onde quer que habitem os filhos dos homens, os animais do campo e as aves do céu, e fez reinar sobre todos eles; tu és a cabeça de ouro" (Dan. 2:37, 38).

Nisso traçamos o domínio que no princípio foi dado ao homem (ver Gên. 1:26), conquanto a glória e poder fossem grandemente diminuídos. Mas vemos que Deus ainda

tinha o Seu olho sobre ele, e estava operando no sentido de sua restauração, segundo a promessa a Abraão.

De Babilônia ao Estabelecimento do Reino Eterno

Muito pouco tempo é dedicado na Bíblia a descrições de grandeza humana, e o profeta se apressa ao fim de tudo. Três revoluções são preditas em Eze. 21:27, seguindo-se à passagem do domínio da Terra inteira às mãos de Nabucodonosor. Sendo o seu reino mundial, as revoluções preditas devem também ser a derrocada e estabelecimento do império universal. Assim o profeta Daniel, prosseguindo em sua explicação do sonho de Nabucodonor, disse: —

"Depois de ti se levantará outro reino, inferior ao teu; e um terceiro reino, de bronze, o qual terá domínio sobre toda a terra" (Dan. 2: 39).

O reino que sucedeu ao babilônico é mostrado em Daniel 5, tendo sido o da Medo-Pérsia; e em Daniel 8:1-8, 20, 21 aprendemos que o terceiro reino, sucessor da Medo-Pérsia em domínio universal, foi o da Grécia. Assim esboçamos rapidamente perante nós a história do mundo por vários anos. As primeiras duas revoluções de Eze. 21:29 são tornadas claras; Babilônia foi seguida da Medo-Pérsia, e essa, por seu turno, pelo império grego.

O último desses reinos universais terrenos, seguindo-se à terceira grande revolução, não é diretamente indicado por nome, mas é suficientemente claro. O nascimento de Cristo teve lugar nos dias de César Augusto, que emitiu um decreto para que todo o mundo fosse taxado ou registrado. Lucas 2:1. Portanto, temos fundamento em indicar Roma como o produto da terceira grande revolução mundial. De fato, nos fixamos sobre esse reino pois não há qualquer outro conhecido na história que pudesse tomar o seu lugar. Destarte, Babilônia reinou sobre o mundo; em seus dias três revoluções foram preditas fazendo sucederem-se três impérios em seu lugar; a Medo-Pérsia e a Grécia são expressamente indicadas por nome nessa linha de sucessão, e depois temos o imperador de Roma indicado como governante do mundo. Esta é a evidência estritamente escriturística: evidência corroborativa, ou evidência testificando da precisão do histórico sagrado, pode ser encontrada ilimitadamente na história secular.

Mas a revolução que resultou em conceder o reinado do mundo a Roma foi a última grande revolução geral que teria lugar no mundo, "*até que venha Aquele a quem pertence de direito*".[5]Muitos homens, desde que Roma caiu, sonharam com um domínio mundial, mas seus sonhos terminaram em nada.

Cristo esteve nesta Terra, é verdade, mas o fez como um estranho, como Abraão, sem lugar próprio onde pudesse reclinar a cabeça. Ele veio, contudo, *"para proclamar liberdade aos cativos",*[6] e anunciar que quem quer que vivesse por Sua palavra conheceria a verdade, e seria tornado livre por ela. Dia após dia e ano após ano no desenrolar dos séculos, a proclamação de liberdade tem estado a soar, e cativos cansados têm sido postos em liberdade do poder das trevas. Não nos é dado conhecer os tempos e estações que o Pai tem submetido a Seu próprio poder; mas sabemos que quando toda a professa Igreja de Cristo consentir ser cheia do Espírito Santo, o mundo inteiro ouvirá a mensagem do Evangelho na plenitude do seu poder, e o fim virá, quando a criação que geme[7] será livrada da escravidão da corrupção à glória da liberdade dos filhos de Deus.

—*The Present Truth*, 25 de fevereiro de 1897.

Notas desta edição:

1) Hebreus 4:8;

2) Jeremias 17:1;

3) 2ª Reis 24: 14;

4) Ezequiel 4: 19 a 24;

5) Ezequiel 21: 27;

6) Isaias 61:1;

7) Romanos 8:22

CAPÍTULO 44.

As Promessas Para Israel, 33

Novamente em Cativeiro

(Parte 3)

Por mais que se gabem de sua liberdade e independência, os homens em geral amam a servidão, e prefeririam permanecer escravos a serem livres. Isso é demonstrado pelos fatos.

Rejeitando a Liberdade

O Deus do universo fez uma proclamação de liberdade a toda a humanidade; Ele concedeu liberdade a todos; contudo apenas uns poucos se aproveitarão disso. A experiência do antigo Israel é apenas a experiência do coração humano. Duas vezes o Senhor tornou claro a Abraão que sua semente seria livre, — uma vez quando disse que o seu servo Eliezer não seria o seu herdeiro, e novamente quando Ele lhe disse que o filho da escrava não seria o seu herdeiro.

Mais tarde Ele libertou Israel da escravidão egípcia para que pudesse desfrutar liberdade, mesmo a liberdade da obediência à perfeita lei da liberdade, mas eles murmuraram, e *"em seus corações se tornaram ao Egito, dizendo a Arão: Faze-nos deuses que vão adiante de nós"* (Atos 7: 39 e 40).

Quarenta anos antes Deus desfez sobre eles a maldição do Egito, contudo posteriormente desejaram ser como as nações pagãs ao seu redor, por terem um rei que, como lhes fora assegurado, os tornariam escravos. E isso se comprovou; pois não só aprenderam os caminhos dos pagãos, mas até os "superaram". *"E o Senhor, Deus de seus pais, falou-lhes constantemente por intermédio dos Seus mensageiros, porque Se compadeceu do Seu povo e da sua habitação. Eles, porém, zombaram dos mensageiros de Deus, e desprezaram as Suas palavras e mofaram dos Seus profetas, até que o furor do Senhor tanto subiu contra o Seu povo, que mais nenhum remédio houve"* (2ª Crô. 36:15, 16) e Ele cumpriu Sua ameaça de levá-los para além de Babilônia. Amós 5:25-27; Atos 7:43.

Escravos do Pecado

Esse cativeiro babilônico foi somente a expressão visível da escravidão em que o povo já havia voluntariamente se colocado. Eles haviam se gabado de que eram livres, enquanto revelavam-se*"escravos da corrupção; porque de quem um homem é vencido, do mesmo é feito escravo"* (2ª Pedro 2:19). *"Todo aquele que comete pecado é servo do pecado"* (João 8:34). A escravidão física é questão de pouca monta em comparação com a escravidão da alma, e não fosse pela segunda, a primeira jamais seria tornada conhecida.

A transferência de Israel para a cidade de Babilônia é chocantemente adequada. Não foi um acidente o terem sido levados para lá em lugar de qualquer outra parte. Babilônia — Babel —significa confusão, mas confusão por causa da exaltação própria e orgulho; *"Porque onde há inveja e espirito faccioso, aí há confusão e toda obra perversa"* (Tia. 3:16). A origem do nome Babilônia disto procede:--

"E era a terra toda de uma mesma língua e uma só fala. E aconteceu que partindo eles para o oriente, acharam um vale na terra de Sinar; e habitaram ali. Disseram uns aos outros: Eia, façamos tijolos, e queimemo-los bem. E foi-lhes o tijolo por pedra e o betume de argamassa. E disseram: Eia, edifiquemos para nós uma cidade e uma torre cujo cume toque nos céus, e façamo-nos um nome, para que não sejamos espalhados sobre a face de toda a terra. Então desceu o Senhor para ver a cidade e a torre que os filhos dos homens edificavam; e disse: Eis que o povo é um e todos têm uma só língua; e isto é o que começam a fazer; e agora, não haverá restrição para tudo o que eles intentarem fazer. Eia, desçamos, e confundamos ali a sua linguagem, para que não entenda um a língua do outro. Assim o Senhor os espalhou dali sobre a face de toda a terra; e cessaram de edificar a cidade. Por isso se chamou o seu nome Babel, porquanto ali confundiu o Senhor a linguagem de toda a terra, e dali o Senhor os espalhou sobre a face de toda a terra" (Gên. 11:1-9).

Desafiando a Deus

Aquelas pessoas tinham a ideia de que podiam edificar uma cidade tão grande e uma torre tão elevada pela qual pudessem desafiar os juízos de Deus. Eles realmente julgavam-se maiores do que Deus. A mesma ideia foi abrigada por Lúcifer, sobre o qual lemos:--

"Como caíste do céu, ó Lúcifer,[1] filho da alva! Como foste lançado por terra, tu que debilitavas as nações! E tu dizias no teu coração: Eu subirei ao céu, acima das estrelas de Deus exaltarei o meu trono; e no monte da congregação me assentarei, aos lados do norte; subirei sobre as alturas das nuvens, e serei semelhante ao Altíssimo" (Isa. 14:12-14).

Será claramente visto que o espírito que estava em Lúcifer era idêntico ao que havia nos edificadores de Babel, e a razão para isso é que o próprio Satanás — Lúcifer caído — foi quem incentivou aquela obra. Ele é o *"príncipe deste mundo"* (João 14:30), *"o espírito que agora opera nos filhos da desobediência"* (Efé. 2:2). Agora, voltemos ao início do capítulo do qual o parágrafo precedente foi citado, e vejamos a relação do caído Lúcifer para com Babilônia, fazendo observar de passagem que o décimo terceiro capítulo de Isaías fala da destruição a sobrevir a Babilônia.

O Principe Deste Mundo

Aquela orgulhosa cidade será inteiramente destruída:--

"Porque o Senhor se compadecerá de Jacó, e ainda escolherá a Israel e os porá na sua própria terra; e ajuntar-se-ão com eles os estrangeiros, e se apegarão à casa de Jacó. E os povos os receberão, e os levarão aos seus lugares, e a casa de Israel os possuirá por servos e por servas, na terra do Senhor e cativarão aqueles que os cativaram, e dominarão os seus opressores. E acontecerá que no dia em que o Senhor vier a dar-te descanso do teu sofrimento, e do teu pavor, e da dura servidão com que te fizeram servir. Então proferirás este provérbio contra o rei de Babilônia, e dirás: Como já cessou o opressor! como já cessou a cidade dourada! Já quebrantou o Senhor o bastão dos ímpios e o cetro dos dominadores; o cetro que feria os povos com furor, com golpes incessantes, e que em ira dominava sobre as nações, e agora é perseguido, sem que alguém o possa impedir. Toda a terra descansa, já está sossegada! Rompem cantando. Até as faias se alegram sobre ti, e os cedros do Líbano, dizendo: Desde que tu caíste ninguém sobe contra nós para nos cortar. O inferno desde o profundo se turbou por ti, para te sair ao teu encontro na tua vinda; despertou por ti os mortos, e todos os chefes da terra, e fez levantar dos seus tronos a todos os reis das nações. Estes todos responderão, e te dirão: Tu também adoecestes como nós, e te tornaste semelhante a nós. Está derrubada na sepultura a tua soberba, o som das tuas violas; os vermes debaixo de ti se estenderão e os bichos te cobrirão" (Isaias 14: 1 a 11).

Segue-se então a direta palavra do Senhor, *"Como caíste do céu, ó Lúcifer, filho da manhã,* etc." como anteriormente citado, declarando que sua queda deve-se a sua exaltação própria, e assim prosseguindo:

"Contudo levado serás ao Seol, ao mais profundo do abismo. Os que te virem te contemplarão, considerar-te-ão, e dirão: É este o varão que fazia estremecer a terra, e que fazia tremer os reinos? Que punha o mundo como um deserto, e assolava as suas cidades? que a seus cativos não deixava ir soltos para suas casas? Todos os (337) *reis*

das nações, todos eles, dormem com glória, cada um no seu túmulo. Mas tu és lançado da tua sepultura, como um renovo abominável, coberto de mortos atravessados a espada, como os que descem às pedras da cova, como cadáver pisado aos pés. Com eles não te reunirás na sepultura; porque destruíste a tua terra e mataste o teu povo. Que a descendência dos malignos não seja nomeada para sempre!" (versos 15-20).

O Divino Propósito — A Destruição do Opressor

Até aqui o discurso direto dirigido a esse magnífico tirano. Daí segue-se a continuação da narrativa concernente a ele:--

"Preparai a matança para os filhos por causa da maldade de seus pais, para que não se levantem, e possuam a terra, e encham o mundo de cidades. Levantar-me-ei contra eles, diz o Senhor dos exércitos, e exterminarei de Babilônia o nome, e os sobreviventes, o filho, e o neto, diz o Senhor. E reduzi-la-ei a uma possessão do ouriço, e a lagoas de águas; e varrê-la-ei com a vassoura da destruição, diz o Senhor dos exércitos. O Senhor dos exércitos jurou, dizendo: Como pensei, assim sucederá, e como determinei, assim se efetuará. Quebrantarei o assírio na minha terra e nas minhas montanhas o pisarei; então o seu jugo se apartará deles e a sua carga se desviará dos seus ombros" (versos 21-25).

A seguir ocorrem as chocantes palavras, sumariando toda a questão:--

"ESTE É O CONSELHO QUE FOI DETERMINADO SOBRE TODA A TERRA; E ESTA É A MÃO QUE ESTÁ ESTENDIDA SOBRE TODAS AS NAÇÕES. Pois o Senhor dos exércitos o determinou, e quem o invalidará? A sua mão estendida está, e quem a fará voltar atrás?"(versos 26 e 27).

O Orgulho do Domínio Terrestre

Os leitores não podem ter deixado de perceber que a libertação completa e final de Israel coincide com a total destruição do rei de Babilônia; e, ademais, que esse rei de Babilônia é um que reina sobre a Terra toda; sua destruição concede descanso à Terra inteira. Também deve ter sido observado que o rei de Babilônia também é tratado como Lúcifer, aquele que imaginou poder disputar o domínio do mundo com Deus. O fato é que, portanto, seja quem fosse o governante visível, nominal, de Babilônia, Satanás era o seu rei verdadeiro. Isso também é evidente pelo fato de que Babilônia era um reino pagão, *"as coisas que os gentios sacrificam, sacrificam-nas a demônios, e não a*

Deus" (1ª Cor. 10:20). Ele é o "deus deste mundo". O espírito de exaltação própria é oposto ao Espírito de Deus, cuja mansidão e bondade constituem a Sua grandeza; é o espírito do anticristo "que se opõe e se levanta contra tudo o que se chama Deus ou é objeto de adoração, de sorte que se assenta no santuário de Deus, apresentando-se como Deus". Esse espírito era destacadamente característico de Babilônia, exceto no breve espaço de tempo em que Nabucodonosor chegou a cair em si. Em seu orgulho ele declarou, *"Não é esta a grande Babilônia que eu edifiquei para a casa real, com a força do meu poder, e para a glória da minha magnificência?"* (Dan. 4:30). Belsazar usou os vasos da casa de Deus e com eles bebeu vinho, junto com suas esposas e concubinas, *"e deram louvores aos deuses de ouro, e de prata, de bronze, de ferro, de madeira, e de pedra" (*Dan. 5:3, 4), assim gabando-se de que os deuses que ele havia feito eram maiores do que o Deus de Israel. Sobre Babilônia foi dito: *"Porque confiaste na tua maldade e disseste: Ninguém me pode ver; a tua sabedoria e o teu conhecimento, isso te fez desviar; e disseste no teu coração: Eu sou, e fora de mim não há outra"* (Isa. 47:10).

O Que É a Libertação de Babilônia

Foi esse mesmo espírito que atuou no povo judaico. Quando insistiram em ter um rei para que fossem como as nações pagãs ao seu redor, rejeitaram a Deus, porque pensaram que poderiam dirigir as coisas melhor por si mesmos. "Houve alguma nação que trocasse os seus deuses, *ainda que não fossem deuses? Todavia o Meu povo trocou a Sua glória por aquilo que é de nenhum proveito. Espantai-vos disto, ó céus, e horrorizai-vos! ficai verdadeiramente desolados, diz o Senhor. Porque o Meu povo fez duas maldades: a mim Me deixaram, o manancial de águas vivas, e cavaram para si cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas"* (Jer. 2:11-13). *"Porventura tenho Eu sido para Israel um deserto? ou uma terra de espessa escuridão? Por que, pois, diz o Meu povo: Somos senhores; não tornaremos mais a Ti?"* (verso 31). Destarte, quando os filhos de Israel foram levados para Babilônia, aquela cidade de orgulho e exaltação própria, isso foi somente uma chocante e visível manifestação da condição em que há muito se encontravam. Foram levados para Babilônia porque não observaram o sábado, como lemos em Jer. 17:27, e 2º Crô. 36:20, 21. Já aprendemos que guardar o sábado é descansar no Senhor; significa o perfeito reconhecimento dEle como governante supremo e legítimo. Portanto, temos que entender que a completa libertação de Babilônia é a libertação da escravidão ao eu, confiando absolutamente em Deus e O obedecendo.

Cumpridas as Setenta Semanas de Anos

Assim como Deus havia estabelecido um tempo determinado em que libertaria o Seu povo do Egito, Ele também definiu o tempo exato do cativeiro de Israel na cidade de Babilônia.*"Porque assim diz o Senhor: Certamente que passados setenta anos em Babilônia, Eu vos visitarei, e cumprirei sobre vós a Minha boa palavra, tornando a trazer-vos a este lugar. Pois Eu bem sei os planos que estou projetando para vós, diz o Senhor; planos de paz, e não de mal, para vos dar um futuro e uma esperança. Então Me invocareis, e ireis e orareis a Mim, e Eu vos ouvirei. Buscar-Me-eis, e Me achareis, quando Me buscardes de todo o vosso coração. E serei achado de vós, diz o Senhor, e farei voltar os vossos cativos, e congregarvos-ei de todas as nações, e de todos os lugares para onde vos lancei, diz o Senhor; e tornarei a trazer-vos ao lugar de onde vos transportei"* (Jer. 29:10-14).

Exatamente como no primeiro caso, assim será no segundo, tudo veio a se passar segundo a Palavra de Deus. O cativeiro começou em 606 AC, e sessenta e oito anos depois, em 538 AC, a cidade de Babilônia caiu nas mãos dos medo-persas, ver Dan. 5. Arespeito desse tempo lemos, *"No ano primeiro de Dario, filho de Assuero, da linhagem dos medos, o qual foi constituído rei sobre o reino dos caldeus. No ano primeiro do seu reinado, eu, Daniel, entendi pelos livros que o número de anos, de que falara o Senhor ao profeta Jeremias, que haviam de durar as desolações de Jerusalém, era de setenta anos. Eu, pois, dirigi o meu rosto ao Senhor Deus, para o buscar com oração e súplicas, com jejum, e saco e cinza"* (Dan. 9:1-3). Aqui havia pelo menos um homem buscando a Deus de todo o coração. Não sabemos se havia outros que buscavam ao Senhor como fazia Daniel —certamente não haveria muitos — mas Deus não obstante cumpriu Sua parte do compromisso. Dois anos após Daniel ter orado , em 536 AC, exatamente setenta anos após o início do cativeiro de Israel na cidade de Babilônia, Ciro, rei da Pérsia, emitiu uma proclamação que está assim registrada:—

"No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia, para que se cumprisse a palavra do Senhor proferida pela boca de Jeremias, despertou o Senhor o espírito de Ciro, rei da Pérsia, de modo que ele fez proclamar por todo o seu reino, de viva voz e também por escrito, este decreto: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor Deus do céu me deu todos os reinos da terra, e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá. Quem há entre vós de todo o seu povo (seja seu Deus com ele) suba para Jerusalém, que é em Judá, e edifique a casa do Senhor, Deus de Israel; ele é o Deus que habita em Jerusalém. Etodo remanescente, seja qual for o lugar em que é peregrino, seja ajudado pelos homens desse lugar com prata, com ouro, com bens e com animais, afora a oferta voluntária para a casa de Deus, que está em Jerusalém" (Esd. 1:1-4).

O número daqueles que retornaram a Jerusalém em resultado dessa proclamação é indicado como *"quarenta e dois mil trezentos e sessenta, afora os seus servos, e as suas servas, que foram sete mil trezentos e trinta e sete; também havia duzentos cantores e cantoras". "Ora, os sacerdotes e os levitas, e alguns do povo, tanto os cantores como os porteiros e os netinins, habitaram nas suas cidades, e todo o Israel nas suas cidades"*(Esd. 2:64, 65, 70).

A Lição Ainda Não Aprendida

Nem todas as pessoas retornaram a Jerusalém, mas todos poderiam tê-lo feito. Se todo Israel tivesse aprendido a lição a que objetivava o cativeiro, então o cumprimento retardado há tanto tempo da promessa poderia rapidamente ter tido lugar; pois até o tempo do começo do cativeiro o único tempo definido na profecia foi o período de setenta anos. Mas exatamente como o povo se achava no cativeiro babilônico — ou seja, a escravidão do orgulho e exaltação própria — antes de serem levados por Nabucodonosor, do mesmo modo permaneceram no mesmo cativeiro após o encerramento dos setenta anos. Deus previu que isso se daria, e assim, pelo fim desse período Ele deu a Daniel uma visão, em que outro tempo foi fixado.

Desse grande período profético e os eventos a que nos conduz — o chamado final para sair de Babilônia — estudaremos na próxima semana.[2]

-- *The Present Truth*, 4 de março de 1897.

Notas desta edição:

1) Isaias 14:12, nas versões Almeida Fiel, e King James, corretamente usam o termo Lúcifer, aplicável a Satanás, ao invés de Estrela da Manhã, como em outras versões. A Estrela da Manhã é Cristo. Em verdade é Ele próprio que assim Se designa: *"Eu, Jesus, ... Sou ... a resplandecente Estrela da Manhã"*(Apoc. 22:16). Satanás odeia o nome Lúcifer, porque "reflete o pensamento da alta posição que ele uma vez ocupou no céu ... a alta posição da qual Lúcifer caiu" (*Comentário Bíblico*, vol. 4 da série *SDABC,*pág. 170). Forte evidência existe, portanto, de que ele tenha influenciado tradutores para usar o termo "Estrela da Manhã," a fim de poder ser confundido com Cristo. Assim, esta é uma das maiores evidências da correição das versões KJV e Almeida Fiel (da sociedade Bíblica Trinitariana).

2) Ao você verificar as datas (do último capítulo, 43, 25 de fevereiro de 1897, e a deste, 4 de março de 1897, verá que estes artigos foram publicados semanalmente na revista *The Present Truth* (A Verdade Presente).

CAPÍTULO 45.

As Promessas Para Israel, 34

O Tempo da Promessa está Próximo

Ao encerrar nosso estudo do cativeiro babilônico, na semana passada, vimos que se Israel tivesse aprendido a lição de confiança em Deus e não se mantivesse sob a escravidão do orgulho e confiança própria, os setenta anos os teriam levado a um ponto pelo qual a promessa, há tanto retardada, de uma herança eterna, poderia rapidamente ter sido cumprida; pois, como dissemos, até o tempo do começo do cativeiro em Babilônia, o único período de tempo definido na profecia era o de setenta anos. Mas Deus previu, antes desse tempo findar, que a lição não havia sido aprendida; e assim, pelo fim desse período, Ele deu ao profeta Daniel uma visão em que outro tempo, bem mais longo, foi determinado. A profecia em suma é a seguinte:

A Visão de Daniel 8

Daniel viu em visão um carneiro com a peculiaridade de que um chifre era mais elevado do que o outro, e o mais elevado surgiu por último. Ele *"dava marradas para o ocidente, e para o norte e para o sul; e nenhum dos animais lhe podia resistir, nem havia quem pudesse livrar-se da sua mão; ele, porém, fazia conforme a sua vontade, e se engrandecia"* (Dan. 8:3, 4).

A seguir ele viu um bode vindo furiosamente do oeste, tendo um notável chifre entre os olhos.*"E dirigiu-se ao carneiro que tinha dois chifres, ao qual eu tinha visto em pé diante do rio, e correu contra ele no ímpeto da sua força. E o vi chegar perto do carneiro, enfurecido contra ele, e ferindo-o quebrou-lhe os dois chifres; pois não havia força no carneiro para lhe resistir, e o bode o lançou por terra, e o pisou aos pés; não houve quem pudesse livrar o carneiro da sua mão. O bode, pois, se engrandeceu sobremaneira; mas estando ele forte, aquele grande chifre foi quebrado, e no seu lugar outros quatro, também notáveis, nasceram para os quatro ventos do céu. E de um deles saiu um chifre pequeno, o qual cresceu muito para o sul, e para o oriente, e para a terra formosa; e se engrandeceu até contra o exército do céu; e a alguns do exército, e das estrelas, lançou por terra e os pisou. Sim, ele se engrandeceu até o príncipe do exército"* (Dan. 8:5-11, p.p.).

Após dar mais alguns detalhes com respeito a esse maravilhoso pequeno chifre, o profeta assim conclui o relato de sua visão:—

"Depois ouvi um santo que falava; e disse outro santo àquele que falava: Até quando durará a visão relativamente ao sacrifício contínuo, e da transgressão assoladora, para que sejam entregues o santuário e o exército, a fim de serem pisados? Ele me respondeu: Até duas mil e trezentas tardes e manhãs; e o santuário será purificado" (versos 13 e 14).

A Interpretação do Anjo

Não é o objetivo aqui entrar nos detalhes da profecia, mas simplesmente apresentar um esboço superficial de modo que possamos ser capazes de traçar a história da promessa. Um anjo foi comissionado a explicar a visão a Daniel, que ele se empenhou em expor, como segue:—

"Aquele carneiro que viste, com dois chifres, são estes os reis da Média e da Pérsia. Mas o bode peludo é o rei da Grécia; e o grande chifre que tinha entre os olhos é o primeiro rei. O ter sido quebrado, levantando-se quatro em lugar dele, significa que quatro reinos se levantarão da mesma nação, mas não pela sua própria força. Mas, no fim do seu reinado, quando acabaremos prevaricadores, se levantará um rei, feroz de semblante, e será entendido em adivinhações. E se fortalecerá o seu poder, mas não pela sua própria força; e destruirá maravilhosamente, e prosperará, e fará o que lhe aprouver; e destruirá os poderosos e o povo santo. Pelo seu entendimento também fará prosperar o engano na sua mão; no seu coração se engrandecerá, e destruirá a muitos que vivem em segurança; e se levantará contra o Príncipe dos príncipes; mas sem mão será quebrado. E a visão da tarde e da manhã, que foi falada, é verdadeira" (Dan. 8:20-26).

Dois reinos universais que deviam seguir-se a Babilônia são indicados por nome, e o outro é claramente indicado, e prontamente podemos saber qual é. O poder que obteve o senhorio do mundo, em resultado da terceira revolução mencionada por Ezequiel, foi Roma, aqui indicada de modo óbvio por sua ação de postar-se contra o Príncipe dos príncipes. Após a morte de Alexandre, rei da Grécia, o seu reino foi dividido em quatro partes, e foi pela conquista da Macedônia, uma dessas quatro divisões, em 68 A.C., que Roma obteve força tal que podia ditar ao mundo. Daí ser dito que veio de uma delas.

Um Longo Período Profético

Mas houve um período de tempo ligado a esta visão que o anjo não explicou com o resto da visão. Tratavam-se dos 2.300 dias, ou, literalmente, duas mil e trezentas tardes e manhãs. Que esses dias não são literais pode-se saber disto: esta é uma profecia carregada de símbolos na qual animais de vida curta são empregados para representar

reinos que existiram durante centenas de anos; isso se ajusta perfeitamente ao método de profecia simbólica, que emprega dias em ligação com os símbolos, mas é evidente que devem representar um período mais longo, na interpretação, uma vez que dois mil e trezentos dias — um pouco mais do que seis anos — mal representariam o início do primeiro reino. Assim, temos boa fundamentação em concluir que cada dia representa um ano, como em Eze. 4:6, onde o Senhor emprega dias para simbolizar anos.

Mais tarde o mesmo anjo retorna, em resultado da oração de Daniel, para tornar conhecido o restante da visão, ou seja, a respeito dos dias (ver Dan. 9:20-23). Começando de onde findou, como se nenhum momento tivesse intervindo, o anjo declarou: *"Setenta semanas*[1]*estão determinadas*[2] *sobre o teu povo"* (verso 24).

Setenta semanas, quatrocentos e noventa anos, foram decretadas, ou cortadas dos dois mil e trezentos anos, para o povo judeu. Deviam ter início na emissão da ordem de restaurar e edificar Jerusalém. A ordem completa encontramos em Esdras 7:11-26, e foi dada no sétimo ano de Artaxerxes, rei da Pérsia, que corresponde a 457 A.C. Começando em 457 A.C., quatrocentos e noventa anos findariam no ano 34 A.D.

Mas a última dessas semanas proféticas foi dividida. Sessenta e nove delas — 483 anos — alcança o ano 27 A.D., assinalando a época da revelação do Messias, ou o Ungido, a ocasião em que Jesus foi ungido com o Espírito Santo, no evento do Seu batismo. No meio da última semana de anos, ou seja, três anos e meio após o batismo de Jesus, o Messias foi *"cortado, mas não por Si mesmo"* [VKJ].[3] Durante a semana inteira, ou sete anos, o concerto foi confirmado.

Pode-se calcular prontamente o período completo de dois mil e trezentos anos como alcançando o ano de 1844 A.D., que se acha no passado. Assim, o mais longo período profético dado na Bíblia expirou, de modo que agora de fato, *"o tempo da promessa"* deve estar bem próximo. Ninguém pode dizer quando o Senhor retornará para restaurar todas as coisas, *"pois daquele dia e hora ninguém sabe".*



O Reino de Deus Removido do Povo Judeu

Mas consideremos um pouco mais aquele período de quatrocentos e noventa anos dedicados ao povo judeu. Seria um tempo em que Deus seria parcial, não considerando a salvação de quaisquer outros povos? Impossível, porque Deus não faz acepção de pessoas. Era simplesmente uma evidência da longanimidade de Deus, no que Ele esperaria ainda tantos anos pelo povo de Israel, para dar-lhe oportunidade de aceitar o seu elevado chamado como sacerdotes de Deus, de fazer conhecida a promessa ao mundo. Mas não o quiseram. Pelo contrário, eles próprios esqueceram-se disso em tal medida que quando o Messias veio, eles O rejeitaram.

Assim, de serem aqueles em torno dos quais o reino de Israel, o quinto e último reino universal, se centralizaria, eles deixaram de ter qualquer lugar distintivo na promessa. Indivíduos da raça hebréia podem ser salvos por crer no Evangelho, tal como quaisquer outros; mas isso é tudo. O desolado templo, com o véu rasgado, revelando o fato de que a glória de Deus não mais habitava em seu lugar santíssimo, simbolizava a postura daquele povo em ligação com o concerto. Como indivíduos, eles podem ser enxertados na boa oliveira, da mesma forma como qualquer gentio, assim tornando-se Israel; mas sua posição como líderes, como os mestres religiosos para o mundo, se desfez para sempre, pois não apreciaram o seu privilégio. Eles não conheceram o tempo da sua visitação.

O Chamado Final de Babilônia

E agora, o que permanece? — Somente isto, que o povo de Deus ouve e obedeça o chamado para sair de Babilônia, para que, permanecendo nela, não receba as suas pragas. Pois embora a cidade no Eufrates haja sido destruída muitas centenas de anos antes, mesmo centenas de anos antes de Cristo, contudo quase cem anos depois de Cristo o profeta João foi movido pelo Espírito para repetir as mesmas ameaças proferidas por Isaías contra Babilônia, e em quase idênticas palavras:—

"Quanto ela se glorificou, e em delícias esteve, foi-lhe outro tanto de tormento e pranto; porque diz em seu coração: Estou assentada como rainha, e não sou viúva, e não verei o pranto. Portanto, num dia virão as suas pragas, a morte, e o pranto, e a fome" (Apoc. 18:7 e 8). Comparar com Isa. 47:7-10.

Babilônia era uma cidade ímpia, exaltando-se acima de Deus. Como mostrado na festa de Belsazar (Dan. 5), representava a religião que desafiava a Deus. O mesmo espírito prevalece hoje, não meramente numa certa sociedade, mas onde quer que o homem escolha seus próprios caminhos na religião, antes que submeter-se a cada palavra que procede da boca de Deus. Em Sua longanimidade e terna misericórdia, Deus está esperando até que o Seu povo, saído de Babilônia, e humilhando-se para caminhar com

Ele, pregue o Evangelho do reino com todo poder do Reino, mesmo o poder do mundo vindouro, *"no mundo inteiro, em testemunho a todas as nações, e então virá o fim".*[4]

Esse "fim" será a destruição de Babilônia, tal como falado mediante Jeremias; mas assim como Babilônia do passado era um reino universal, e seu verdadeiro rei, como revelado em Isa. 14, era Satanás, o deus deste mundo, também a destruição de Babilônia nada menos é do que o juízo de Deus sobre a Terra inteira, quando Ele libertar o Seu povo. Pois agora lemos as palavras que *"Jeremias profetizou contra todas as nações",* ao predizer o fim do cativeiro babilônico:—

A Controvérsia de Deus Com as Nações

"*Pois assim me disse o Senhor, o Deus de Israel: Toma da Minha mão este cálice do vinho de furor, e faze que dele bebam todas as nações, às quais Eu te enviar. Para que bebam, e tremam, e enlouqueçam, por causa da espada, que Eu enviarei entre eles"* (Jeremias 25: 15 e 16).

"Então tomei o copo da mão do Senhor, e dei a beber todas as nações, às quais o Senhor me enviou: a Jerusalém, e às cidades de Judá, e aos seus reis, e aos seus príncipes, para fazer deles uma desolação, um espanto, um assobio e uma maldição, como hoje se vê; a Faraó, rei do Egito, e a seus servos, e a seus príncipes, e a todo o seu povo; e a toda mistura de povo, e a todos os reis da terra de Uz, e a todos os reis da terra dos filisteus, a Ascalom, e a Gaza, a Ecrom, e ao remanescente de Asdode; e a Edom, a Moabe, e aos filhos de Amom; e a todos os reis de Tiro, e a todos os reis de Sidom, e aos reis das terras dalém do mar; a Dedã, e a Tema, e a Buz e a todos os que estão nos lugares mais distantes; a todos os reis da Arábia, e a todos os reis do povo misto que habita no deserto; a todos os reis de Zinri, a todos os reis de Elão, e a todos os reis da Média; a todos os reis do Norte, os de perto e os de longe, tanto um como o outro, e a todos os reinos do mundo, que estão sobre a face da terra; e o rei de Sesaque beberá depois deles" (vs. 17 a 26).

"Pois lhes dirás: Assim diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Bebei, e embebedai-vos, e vomitai, e caí, e não torneis a levantar-vos, por causa da espada que eu vos enviarei. E será que, se recusarem tomar o copo da tua mão para beber, então lhes dirás: Assim diz o Senhor dos exércitos: Certamente bebereis. Pois eis que na cidade que se chama pelo Meu nome, Eu começo a castigar; e ficareis vós totalmente impunes? Não ficareis impunes, porque Eu chamo a espada sobre todos os moradores da terra, diz o Senhor dos exércitos" (vs. 27 a 29).

"Tu, pois, lhes profetizarás todas estas palavras, e lhes dirás: O Senhor desde o alto bramirá, e fará ouvir a Sua voz desde a morada de Sua santidade; terrivelmente bramirá contra a Sua habitação; com grito de alegria, como dos que pisam as uvas, contra todos os moradores da terra. Chegará o estrondo até a extremidade da terra, porque o Senhor tem contenda com as nações, entrará em juízo com toda a carne; os ímpios entregará à espada, diz o Senhor. Assim diz o Senhor dos exércitos: Eis que o mal passa de nação para nação, e grande tempestade se levantará dos confins da terra. E serão os mortos do Senhor naquele dia, desde uma extremidade

da terra até à outra; não serão pranteados, nem recolhidos, nem sepultados; mas serão como esterco sobre a superfície da terra" (vs. 30 a 33).

Esta é a temível sorte a que todas as nações da Terra estão se precipitando. Para essa grande batalha estão se armando. Muitas delas estão sonhando em união e domínio universal; mas disse Deus a respeito de domínio universal sobre a Terra: *"não mais será até que venha Aquele a Quem pertence de direito; e Lho darei a Ele"* (Eze. 21:27). A última revolução geral se dará por ocasião da vinda da *"Posteridade a Quem a promessa tinha sido feita"* (Gál. 3:19), o Qual então assumirá o reino para Si mesmo. Contudo, por um pouco esses terríveis juízos são retardados para que todos possam ter oportunidade de mudar as armas de carne pela espada do Espírito, a Palavra de Deus, que é poderosa *"em Deus, para demolição de fortalezas; destruindo os conselhos, e toda altivez que se levanta contra o conhecimento de Deus, e levando cativo todo pensamento à obediência a Cristo"* (2ª Cor. 10:4, 5).

Esse cativeiro é de liberdade. Pela Palavra de Deus saímos da escravidão babilônica de orgulho e confiança própria, para a liberdade da bondade divina. Quem atentará ao chamado para sair, e trocar a servidão da tradição humana e especulação para a liberdade que a eterna Palavra de Deus da verdade concede?

-- *The Present Truth*, 11 de março de 1897.

Notas desta edição:

1) "Setenta semanas" — Visto como em profecia um dia simbólico representa um ano literal, Números 14:34, Ezequiel 4:6, (assim como em certos rituais, como o ano do jubileu, cada semana representa sete anos, Levítico 25: 8), o período apontado em Dan. 9, como 70 semanas, deve representar 490 anos literais. Diversas traduções confirmam isto: A versão *Amplified Bible* (Bíblia Amplificada), *"Setenta semanas* (*de anos, ou 490 anos*)"; A *New Living Translation* (A Nova Versão Viva), *"Um período de setenta conjuntos de sete*"; a *New Century Version* (Nova Versão do Século), *"Deus ordenou quatrocentos e noventa anos para o Seu povo e para a sua santa cidade*"; GOD'S WORD Translation (Tradução DA PALAVRA DE DEUS), *"Setenta conjuntos de períodos de sete tempos"*; *New International Version – UK* (Nova Versão Internacional Inglesa), e*Today's New International Version* (*Nova Versão Internacional de Hoje*), *"Setenta 'setes'*-;

2) "Determinadas", ou "Separadas" – "Cut off" (cortadas de), KJV. Forte evidência indica que as 70 semanas fazem parte dos 2.300 anos de Daniel 8:14.

"Visto como tanto os 2.300 anos do capítulo 8, como as 'setenta semanas' do capítulo 9, começam do período persa da história judaica ou, noutras palavras, como ambos datam da época da restauração, em seguida ao cativeiro babilônico, seus pontos de partida devem ser idênticos ou estar intimamente relacionados cronologicamente" – *Light for the Last Days* (Luz para os últimos dias), por H. Grattan Guiness, Londres, Hodder and Stoughton, 1893, pág 183).

"Existe clara e íntima relação entre as duas visões (Daniel 8 e Daniel 9). Diz-se das setenta semanas terem sido para certos fins especiais; e isso implica um período mais longo do qual elas são separadas, seja do tempo comum geral, ou de algum período claramente revelado.

Ora, o prévio período - 2.300 dias - inclui dois acontecimentos - a restauração do sacrifício, e a desolação. O primeiro deles é de caráter idêntico às setenta semanas, que são um período da restaurada soberania política de Jerusalém; do que se deduz que o mais lógico é referir-se a separação ao período integral da primeira visão." – *First Elements of Prophecy* (Primeiros Elementos da Profecia), 1843, por Thomas Rawson Birks (1810 – 1883) págs. 359 e 360.

Evidências da conexão dos períodos proféticos dos capítulos 8 e 9, do livro de Daniel:

1ª) O mesmo anjo, visita Daniel (9:21);

2ª) Daniel se lembra da visão (vs. 21);

3ª) A ordem em 8:16, para que Gabriel explique a visão é repetida em 9:23;

4ª) O elemento de tempo (*"mareh"*) não explicado em Daniel 8, é agora o assunto de Dan. 9;

5ª) A precisão matemática, a nível de hora, só é possível se levarmos em conta que o assunto da profecia é *A Purificação do Santuário* (8:14). Após o decreto em 457 a.C., partindo-se o dia da expiação, (dia 10 do 7º mês judaico, às 3 horas da tarde) aplicando-se o calendário divino, luni-solar, e levando-se em conta todas as nuanças dos diferentes calendários que existiram no período de 486 anos e círculo, chegamos exatamente à hora em que Cristo está reunido com os seus discípulos à mesa pascoal, na noite de quinta-feira, após o pôr-do-sol, portanto o início da sexta-feira, 15 de Nisan, no calendário bíblico-judáico, dia da cruxificação de Cristo.

Sir ISAAC NEWTON (1643-1727), o grande cientista, físico e matemático inglês, descreveu Daniel 9:24-27 como **"A PEDRA FUNDAMENTAL DA RELIGIÃO CRISTÃ".**

Visões distorcidas das figuras cronológicas levaram muitos interpretes a concluír que alguns eventos e personagens cumprirão (interpretação futurista), ou cumpriram (interpretação preterista) os requerimentos proféticos de Daniel 8 e 9.

Entretanto **somente** quando estas figuras são aplicadas a Cristo, Seu ministério terrestre, Sua morte, ressurreição e pregação do evangelho aos judeus e ao mundo,**perfeito sincronismo é alcançado**.

3) "Literalmente *"e nada para Ele"* (*Comentário Bíblico*, vol. 4 da série *SDABC*, pág. 160); *" mas não <u>para</u> Si mesmo"* (Almeida Fiel; KJV e Reina-Valera, 1960); a ideia parece ser de que Ele padeceu e morreu não por Si mesmo, pois não tendo pecado não precisava ser redimido; o mesmo sentido está na profecia de Isaias quanto a este aspecto: *"pela transgressão do me povo foi Ele atingido"* (53: 8, ú. p.). A Bíblia de Jerusalém traz: *"embora Ele não tenha..."* e, explicando os pontos de reticência, uma nota de roda-pé diz: "Um vocábulo deve ter caído do texto. Teodocião completa: '<u>pecado</u>'" (grifamos),. Teodocião, foi um escolástico católico, que, no segundo século da nossa era, procedeu uma "revisão" da Septuaginta, <u>de acordo com o texto hebraico</u>. Assim a versão católica, na visão de Teodocião, é: *"embora Ele não tenha pecado."*

4) Mateus 24:14.

ADENDO AO CAP. 45 DE O CONCERTO ETERNO — 70 SEMANAS

A Morte de Cristo predita com 500 anos de antecedência

Com Precisão Matemática em Nível de Hora.

"As Escrituras revelam que os antigos profetas não somente se preocuparam em anunciar eventos futuros, como também em indicar o tempo de seu cumprimento: Os 120 anos de graça destinados ao mundo antediluviano (Gênesis 6:3); os 7 dias que precederiam o início da chuva, a qual deveria cair por 40 dias ininterruptos (Gênesis 7:4); os 400 anos de peregrinação da descendência de Abraão (Gênesis 15:13 e Atos 7:6); os 3 dias para o copeiro e para o padeiro de Faraó (Gênesis 40:12, 13, 18 e 19); os 7 anos de fartura e os outros 7 de fome sobre a terra do Egito (Gênesis 41:26, 27, 29 e 30); os 40 anos de jornada no deserto (Números 14:33 e 34); os 3 anos e meio de seca no reinado de Acabe (1 Reis 17:1 e Lucas 4:25); o cativeiro de 70 anos (Jeremias 25:11 e 12; 29:10 e Daniel 9:2) e os 7 tempos de loucura de Nabucodonosor (Daniel 4:16, 23, 25 e 32) foram períodos que delimitaram a realização dos acontecimentos preditos." (colhido do site http://www.Concertoeterno.com, do irmão Juarez R. Oliveira, em 27/07/06)

"Não poderiam os profetas ter antecipado também a época do advento do Redentor?

"A lógica sugere que sim, o que é confirmado pelo apóstolo Pedro, segundo o qual "os profetas que profetizaram da graça que vos foi dada'...'inquiriram e trataram diligentemente' da salvação, 'indagando que tempo, ou que ocasião de tempo, o Espírito de Cristo, que estava neles, indicava, anteriormente testificando os sofrimentos que a Cristo haviam de vir e a glória que se lhes havia de seguir." 1ª Pedro 1:10 e 11." Ibidem. (*grifamos).

A profecia de Daniel 8:14, particularmente a visão (mareh) das 70 semana, explicada no cap. 9:24-27, é uma previsão do batismo e morte de Cristo, com precisão matemática a nível de hora, conforme a encontramos interpretada na obraCronological Studies of Daniel 8:14 and 9: 24 – 27" [1], de autoria do irmão Juarez Rodrigues de Oliveira, que calcula com detalhes tal precisão.

A História, bem como uma escritora, há mais de 100 anos atrás, Ellen White, confirmam o ano de 457 a. C. como sendo o da ordem do rei Artaxerxes. Mas não há informação alguma na história, nem na Bíblia, do dia e mês daquele ano em que o decreto foi dado. Como Deus não faz nada sem ***"revelar o seu intento aos seus servos os profetas",*** Amós 3:7, o irmão Juarez concluiu que para iniciar a contagem dos 490 anos a exigência é apenas que haja o decreto. Temos o decreto, ele é de 457, de quando? Não importa, porque Deus não no-lo revelou.

Entretanto é importante notarmos que o assunto de Daniel 8:14 é a purificação do santuário.

O decreto é de 457 a.C., mas Esdras necessitou de algum tempo para listar os que retornariam a Jerusalém, Esdras 8; arrecadar bens e donativos, como era a intimação do rei, etc...

Quanto tempo isto levou? Não o sabemos, só podemos especular, não há fonte alguma disponível: 1, 2, meses? Imagine o que você entende ser razoável. Acrescente a isto mais o seguinte:

Diz o livro de Esdras que saíram no primeiro mês (do calendário judaico), chegaram a Jerusalém no 5º mês, Esdras 7:9; apresentaram as cartas aos governantes de além do rio, assumiram o comando da província, estabeleceram as novas leis (Esdras 7: 25 e 26) que haveriam de regê-la, etc..., etc..., em resumo, já estavam bem avançados no ano 457, e, como a contagem dos anos é inversa, a dedução a ser feita nos cálculos a partir de 457 é de -456 para efeito de subtração do total dos 490 anos (70 semanas X 7= 490 – 456 = 34) e, assim, chegamos ao ano 34 da nossa era quando as 70 semanas, "separadas para o povo judeu," terminaram com o apedrejamento de Estevão e o início do ministério aos gentios.[2]



O Reino de Deus Removido do Povo Judeu

Não se esqueçam de que o assunto de Daniel 8:14 é a purificação do santuário, a data oficial deste evento sendo, como era, e sempre foi, o dia 10 de Tishri, 7º mês judaico (Levitico 16:29). Este dia é chamado pelos judeus de Yom Kippur, o dia mais santo e solene do ano, e, por isso mesmo, tido como "Sábado", que já se aproximava, tendo os preparativos sido feitos para esta primeira celebração após os retornados chegarem a Jerusalém no 1º dia do 5º mês.

O decreto foi feito por Ciro, renovado por Dario, e complementado por Artaxerxes, mas o ponto que produziu efeito positivo, com o início da edificação da cidade, foi o grande Dia da Expiação do ano de 457 a.C. (dia 10 do 7º mês) depois que Esdras e os judeus retornaram de Babilônia. No livro O Grande Conflito nos é dito que"o decreto consumou-se no outono de 457 a. C.", pág. 327. e que "Para haver perfeita harmonia o período profético tem que começar no outono de 457", idem, pág. 410 (grifamos).

Samuel Sheffield Snow escreveu no longo artigo intitulado Cronologia Profética, no jornal Jubilee Standard, em 5 de Junho de 1844: "As 70 semanas, portanto, começaram no dia 10 do 7º mês. A 69ª semana terminou no 7º mês do ano 27 da nossa era, com a proclamação do evangelho por Jesus dizendo: 'O TEMPO ESTÁ CUMPRIDO" (Marcos 1:15)

Usando-se os seguintes Web sites comohttp://cosmos.com.pt/cosmos/index.html e http://www.imcce.fr/ephemeride-eng.html, e outros programas astronômicos, é possível demonstrar que o período profético de 2.300 anos começam em 10 do mês Tishri, 28/29 de outubro do ano 457 a.C., e, sem dúvida, todas as datas envolvidas são em Jerusalém, que é o ponto de referência, o lugar apontado (Deut. 16:16, Salm. 76: 1 e 2; Luc. 9: 30 e 31). Devido à diferença de fuso horário, a data, no ocidente, de um modo geral, é 22 de outubro.

Já as 69,5 semanas, partindo-se do mesmo dia, 10 do mês Tishri, 28/29 de outubro do ano 457, a.C., nos levam ao dia 14/15 de Nisan, 26/27 de abril do ano 31, a.D. Esta data nos permite confirmar que o ano certo do início da contagem é o ano457 a.C, em outubro. Daniel diz que a morte de Cristo, entre diferentes efeitos tinha, também, a finalidade de "...selar a visão e a profecia", Dan. 9:24 (grifamos).

Assim, o que fixa, confirma o período profético é o meio da septuagésima semana. Eis aí talvez a razão porque Deus não permitiu que nenhum historiador, nem escritor sagrado algum, nem mesmo profeta algum, registrasse, o mês, o dia e a hora da assinatura do decreto, pois deseja que fixemos os nossos olhos no Messias, o CENTRO da profecia, e que da Sua morte recuemos 69,5 semanas (486,5 anos) para selarmos a profecia.

Pois bem, partindo-se deste dia da purificação do Santuário, 10 de Tishri, às 3 da tarde, que era o auge do cerimonial do dia da purificação do santuário, bem como foi a hora em que Daniel recebeu a visita do anjo, "... o homem Gabriel ... veio voando rapidamente e me tocou na hora do sacrifício da tarde..." (Dan. 9:21), e usando-se o ano solar e o mês lunar[3], e respeitando-se diversas nuances das diferenças entre os calendários envolvidos, chega-se exatamente na hora em que Cristo está reunido com os discípulos à mesa pascoal, na noite da quinta-feira, após o pôr-do-sol, que já era a sexta-feira, 15 de Nisan, no calendário bíblico-judaico, dia da crucificação de Cristo.

Como o irmão Juarez faz estes cálculos?[4]

Ora, Deus é exato, e, portanto, a matemática não pode desmenti-Lo:

Deve-se tomar como base, como dissemos, o calendário Divino, bíblico-judaico, lunisolar.

Segue-se, então, o seguinte raciocínio: 486,5 (69,5 semanas X 7 = 486,5) anos solares, constituem 177690.3303 (486,5 x 365,242190 = 177690.3303) dias.

Dividindo esse valor pela quantidade de dias de uma lunação, obtêm-se 6017.1615 lunações ou meses lunares (177690.3303 / 29,530589 = 6017.1615).

O cálculo da fração 0.1615 é de 4.7692 dias (0.1615 X 29.53059 = 4.7692). A fração 0.7692 dá perto de um terço de dia, isto é, perto de 8 horas (para o cálculo exato: 0,7692 X 24=18.4608)

O irmão Juarez esteve na Nasa e entre os cálculos feitos através de informações tipológicas e históricas disponíveis que ele havia feito, e o cálculo, através de informações astronômicas, feito pelo Jet Propulsion Laboratory, daquela agencia espacial, detectou-se uma diferença de um minuto.

Vejam a que precisão as conclusões do irmão Juarez chegaram.

Em outras palavras, a precisão é a nível de hora.

Não é fabuloso? Entretanto muitos se negam a ver estas evidências[5]. É verdade que estes assuntos intricados, dissuadem o homem moderno, que vive em correria, sem tempo para nada, mas Deus foi bondoso em nos simplificar tudo. Nós não necessitamos fazer senão cálculos

corriqueiros. Por exemplo, para se chegar à morte de Cristo basta-se adicionar 486,5 anos a 457 a C, com o cuidado de se lembrar de que entre as duas eras (pagã e cristã, não foi incluido o ano zero, o que seria tecnicamente correto como num termômetro) Tudo complicado para nós, leigos, se encontra na Internet já explicado.

Assim, usando o ano solar (365.2422 dias) e o mês lunar (29.53059 dias) veremos que se iniciarmos no dia da expiação (10 de Tishri) e avançarmos 69,5 semanas proféticas, ou 486.5 dias proféticos, ou 486,5 anos, ou 177690.3303 dias, ou 6017.1615 lunações, ou 6017 lunações mais 4.7692 dias, *chegamos exatamente na noite e na hora da páscoa* ***em que ali na mesa se encontraram, juntos, pela última vez, os dois cordeiros, o tipo e o antítipo, isto é, no início do*** *dia 15 de Nisan**,** dia em que Cristo seria morto horas depois**.***

O esquema cronológico é o seguinte:------- à10 de Tishri, 7º mês judaico, 28/29/10/457 a. C.<------à14/15 de Nisan 26/27 de Abril 31 d.C.

Para se confirmar o começo dos período profético é necessário recuar-se 69,5 semanas do meio da 70ª semana, isto é de 14/15 de Nisan, -486,5 anos = 10 de Tishri, 28/29 de out. de 457 a. C.

—João Soares da Silveira

Notas:

1) Imprensa do UNASP, campus de Engenheiro Coelho, Home Page:

> http://www.unaspress.unasp.br — O Dr. Alberto R. Timm nos relata na contra-capa deste livro que “Juarez Rodrigues de Oliveira ... desde 1980 começou a estudar aqueles períodos proféticos de tempo ... Na década de 1990 ele visitou diversos dos mais importantes observatórios de astronomia, Bibliotecas da Europa e dos EUA e começou a dialogar sobre o assunto com eruditos adventistas e não-adventistas em todo o mundo ... e isto ajudou a cristalizar os conceitos expressos no presente volume ... que é um marco escolástico ... destas profecias de tempo.” Está sendo providenciada a tradução para o português.

2) Isto eliminou aquela velha explicação de que não existe o ano zero. É lógico que não, e desde jovem eu quebrei a cabeça com este argumento que, já então, me parecia irreal. A transição entre as duas eras se processou assim: -4, -3, -2, -1; 1, 2, 3, 4, ... etc

3) O ano judaico é lunisolar, pois “Deus fez o Sol para governar o dia e a Lua para governar a noite...”, Gen. 1:16 e Salmo 136: 8 e 9. O dia de 24 horas é constituído segundo a Bíblia, primeiro da parte escura, a noite, e, depois da parte clara, o dia. Considere que há diferença de glória entre estes dois astros, Salmo 15:41, e que Acaz tinha um “relógio de sol”, 2º Reis 20:11, ú.p. “Farei voltar dez graus a sombra do relógio de Acaz, pelos quais já declinou com o sol.”, Isaias 38:8.

4) Primeiro, saiba que o ano solar é de 365,242190 dias (isto é, 365 dias e a fração de 0.242190 de um dia). O mês lunar é de 29,530589 dias (29 dias e a fração de 0,530589 de um dia). Estes dados nos são revelados nos livros e sites de astronomia.

5) Há os que opõem muitas objeções: a) "—Se eu for ficar preocupado com lua, lunação, mês lunar, eu vou ficar lunático"; b) Outros dizem: "—A salvação é muito simples, Cristo derramou Seu sangue por nós e já estamos salvos, glória, aleluia!!!" É verdade, a salvação é simples, mas Cristo mesmo nos chama a atenção, em Mateus 24:15 para compreendermos certos detalhes desta profecia. "As páginas do Antigo Testamento estão repletas de referências proféticas ao Redentor do mundo, descrevendo Sua derrota aparente e Seu triunfo final. No entanto, sem uma indicação clara quanto ao tempo de Sua manifestação, a identificação do Messias estaria profundamente comprometida. Um leitor de Isaías 53, por exemplo, ficaria a se indagar "a quem se refere o profeta—Fala de Si mesmo ou de algum outro?" Atos 8:34. Tal dúvida seria pertinente, visto que o próprio Isaías fora martirizado; e, além dele, muitos outros já haviam sofrido injustamente. Para não dar margem a tais incertezas, Deus revelou certos períodos de tempo que atingissem a própria época do Messias, delimitando o início de Sua obra terrestre bem como o seu encerramento." Em *O Conflito dos Séculos*, página 457, nos é dito que a pregação do tempo do juízo, na proclamação da 1ª mensagem Angélica, foi ordenada por Deus."Agostinho, bispo de Hipona, e um dos maiores expoentes da fé católica de todos os tempos, fez alusão a essa impressionante profecia, declarando que "Daniel determinou até o número de anos que passariam antes do advento e paixão de Cristo. O cômputo seria longo reproduzi-lo aqui, além de que outros já o fizeram antes de mim" (SANTO AGOSTINHO, A Cidade de Deus, tomo 2, capítulo XXXIV, n.º 1). Realmente, antes dele, muitos eminentes escritores cristãos já haviam tratado do tema, dentre os quais podem ser citados: Tertuliano; Clemente de Alexandria ; Hipólito, Júlio Africano (todos no terceiro século) e Eusébio de Cesárea (no quarto século), que, embora apresentem inúmeros equívocos exegéticos em suas obras, ao menos demonstraram interesse pelos cômputos proféticos. "O Senhor Jesus deu importância a essa profecia, para nossa advertência, sendo, em realidade, Seu legítimo Autor. Em Mateus 24:15, fazendo referência ao texto das 70 semanas e conectando-o ao evento da destruição de Jerusalém, a se verificar no ano 70 da Era Cristã, Ele advertiu: "Quando, pois, virdes o abominável da desolação de que falou o profeta Daniel, no lugar santo (quem lê entenda)." Ver Daniel 9:27. Depreende-se desse texto que Jesus não somente reconhecia a importância da profecia de Daniel, aplicando-a ao Seu tempo, mas ainda recomendava o seu estudo e correta compreensão."

CAPÍTULO 46.

As Promessas Para Israel, 35

As Tribos Perdidas de Israel

Há uma ideia popular, quase universal, de que ao tempo do cativeiro babilônico, dez das doze tribos foram inteiramente perdidas e que somente duas tribos puderam ser reunidas para retornar à terra da Palestina ao final dos setenta anos. Tão arraigada é essa noção que quase todo mundo sabe imediatamente a que se está referindo quando se emprega

a expressão “as dez tribos perdidas”. Como essa ideia chegou a estabelecer-se não perderei tempo a investigar, mas nos contentaremos em assegurar o que a Bíblia tem a dizer sobre o assunto dos perdidos israelitas.

Judá e Israel

Primeiro, contudo, será bom observar uma errônea concepção a respeito dos termos “Judá” e “Israel”. Quando o reino foi dividido, após a morte de Salomão, a porção do sul, consistindo das tribos de Judá e Benjamim, era conhecida como o reino de Judá, com Jerusalém por sua capital; enquanto a porção do norte, consistindo das demais tribos, era conhecida como o reino de Israel, com sede em Samaria. Esse reino do norte foi que primeiro se viu levado ao cativeiro, e as tribos que o compunham são as supostamente perdidas.

O mal entendido é que o termo “judeus” limita-se ao povo do sul, ou seja, às tribos de Judá e Benjamim, e que o termo “israelitas’ significa somente aquelas tribos compostas do reino do norte, supostamente as perdidas. Seguindo a linha dessa suposição, “a imaginação cálida, desgovernada,” de alguns teólogos especuladores, fantasiou até que as pessoas conhecidas como judeus são da tribo de Judá e Benjamim somente, e que a etnia anglo-saxã, ou mais especificamente, o povo da Grã-Bretanha e América do Norte são os israelitas, ou, em outras palavras, as “dez tribos” descobertas.

Caráter, Não Nacionalidade

É fácil ver como essa teoria se originou. Deriva de uma completa falha em compreender as promessas do Evangelho. Foi inventada a fim de trazer os anglo-saxões como herdeiros das promessas a Abraão, perdendo-se de vista o fato de que tais promessas abrangem o mundo inteiro, sem acepção de nacionalidade, e que *“Deus não faz acepção de pessoas; mas que Lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, O teme e faz o que é justo”* (Atos 10:34, 35). Se os homens tivessem crido que *“um verdadeiro israelita”* é alguém que “não tem dolo” (João 1:47) teriam percebido a loucura da ideia que não importa quão ímpio e descrentes sejam as pessoas, devem ser israelitas simplesmente por pertencerem a certa nação. Mas a ideia de uma igreja nacional e de uma religião nacional é maravilhosamente fascinante, porque é tão mais agradável as pessoas suponhrem que serão salvas em massa, a despeito do caráter, em vez de mediante fé e justiça individuais.

Termos Bíblicos Que Suplantam Distinções Infundadas

Poucos textos das Escrituras são suficientes para mostrar que os termos "judeu" e "israelita" são usados intercambiavelmente, cada um sendo aplicável à mesma pessoa. Por exemplo, em Ester 2:5 lemos que *"Havia então um homem judeu na fortalezaz de Susã, cujo nome era Mardoqueu, filho de Jair, filho de Simei, filho de Quis, homem benjamita".* Mas em Rom. 11:1 temos a declaração do Apóstolo Paulo, *"eu também sou israelita, da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim";* e o mesmo apóstolo disse: *"Eu sou um homem judeu, natural de Tarso"* (Atos 21:39). Aqui temos um homem da tribo de Benjamim, um judeu, e outro homem da mesma tribo, um israelita e ao mesmo tempo judeu.

Novamente, Acaz foi um dos reis de Judá, e reinou em Jerusalém. Ver 2º Reis 16:1,2; Isa. 1:1. Ele era um descendente de Davi, e um dos ancestrais de Jesus segundo a carne. 2º Reis 16:2; Mat. 1:9. Contudo, em 2º Crô. 28:19 , num relato da invasão do "sul de Judá" pelos filisteus, é-nos dito que *"o Senhor humilhou a Judá por causa de Acaz, rei de Israel, porque este se houve desenfreadamente em Judá, havendo prevaricado grandemente contra o Senhor".*

Quando o apóstolo Paulo retornou a Jerusalém de uma de suas viagens missionárias, *"os judeus da Ásia, vendo-o no templo, alvoroçaram todo o povo e lançaram mão dele, clamando: Homens israelitas"* (Atos 21:27, 28).

O leitor pode prontamente ver a lógica disso ao recordar-se que todas as doze tribos descendiam de um homem, Jacó ou Israel. O termo "Israel" é, destarte, aplicável a qualquer ou todas as tribos; enquanto, por causa da preeminência de Judá, o termo "judeu" veio a ser aplicado a qualquer dos filhos de Israel, sem importar a sua tribo. Falando dos concertos, Deus diz que Ele faria *"com a casa de Israel e com a casa de Judá uma nova aliança"* (Heb. 8:8), a fim de tornar inegável que o novo concerto é estabelecido com todas as pessoas indivisivelmente, tal como se dava com o velho.

Logo, vemos que o termo "judeus" é corretamente aplicado ao mesmo povo como o termo "israelitas"; mas não devemos nos esquecer que, estritamente falando, *"não é judeu o que o é exteriormente, nem é circuncisão a que o é exteriormente na carne. Mas é judeu aquele que o é nointerior, e circuncisão a que é do coração, no espírito, e não na letra; cujo louvor não provém dos homens, mas de Deus"* (Romanos 2: 28 e 29). A definição das tribos foi perdida entre o povo chamado judeus, mas isso não faz diferença; eles podem ser chamados israelitas tão apropriadamente quanto judeus; mas nenhum dos termos é em seu estrito sentido aplicável a qualquer deles exceto os que têm real fé em Jesus Cristo; e ambos os termos são, no sentido estritamente escriturístico, aplicável a qualquer que tenha tal fé, conquanto seja inglês, grego ou chinês.

Nenhuma das Tribos é "Perdida"

Agora, quanto às "tribos perdidas", que essas dez tribos não estavam mais perdidas após o fim do cativeiro babilônico do que anteriormente é tão evidente pelas Escrituras quanto o fato de que as tribos de Judá e Benjamim não estavam perdidas. Como se pode saber que essas duas tribos não foram perdidas, ou seja, perdidas de vista? — Pelo simples fato de que encontramos referência a elas após o cativeiro; indivíduos pertencentes a essas tribos são mencionados por nome. Da mesma maneira sabemos que outras tribos existiam tão distintamente após o cativeiro quanto antes.

Nem todo o povo de Israel foi levado para Babilônia; os mais pobres e mais irrelevantes foram deixados em sua própria terra. Mas a maioria de todas as tribos foi levada, e assim na proclamação real, ao final dos setenta anos, a permissão para retornar foi universal, como segue:--

"No primeiro ano de Ciro, rei da Pérsia (para que se cumprisse a palavra do Senhor proferida pela boca de Jeremias), despertou o Senhor o espírito de Ciro, rei da Pérsia, o qual fez passar pregão por todo o seu reino, como também por escrito, dizendo: Assim diz Ciro, rei da Pérsia: O Senhor Deus dos céus me deu todos os reinos da terra, e me encarregou de lhe edificar uma casa em Jerusalém, que está em Judá. Quem há entre vós, <u>de todo o Seu povo</u> (seja Seu Deus com ele) e suba para Jerusalém, que é em Judá, e edifique a casa do Senhor, Deus de Israel; (Ele é o Deus) que está em Jerusalém". Esdras 1:1-3.

A permissão para retornar foi universal, mas nem todos de todas as tribos tomaram vantagem disso. Todas as tribos, contudo, estavam representadas; mas os que permaneceram não seriam necessariamente perdidos. Não se pode dizer que uma família está "perdida" por viver num país estrangeiro. Mais tarde Artaxerxes em sua comissão a Esdras escreveu: *"Por mim se decreta que no meu reino <u>todo aquele do povo de Israel</u>, e dos seus sacerdotes e levitas, que quiser ir contigo a Jerusalém, vá. Porquanto és enviado da parte do rei e dos seus sete conselheiros para fazeres inquirição a respeito de Judá e de Jerusalém, conforme a lei do teu Deus, que está na tua mão"* (Esd. 7:13).

"Todo Israel" Representado

Imediatamente seguindo-se à proclamação de Ciro, lemos: *"Então se levantaram os chefes dos pais de Judá e Benjamim e os sacerdotes, e <u>os levitas, com todos aqueles cujo espírito Deus despertou</u>, para subirem a edificar a casa do Senhor, que está em Jerusalém"* (Esd. 1:5). Sabemos que os serviços do santuário foram restabelecidos e ninguém, a não ser os levitas, podiam ser empregados neles; e em Esdras 3:10-12 lemos que quando os alicerces do templo foram lançados, *"os sacerdotes já vestidos e com trombetas, e os levitas, filhos de Asafe, com címbalos, para louvarem ao Senhor".* Mesmo depois da ressurreição e ascenção de Cristo lemos sobre Barnabé que era *"levita natural de Chipre"* (Atos 4:36).

Em Lucas 2:36-38 lemos sobre *"Ana, filha de Fanuel, da tribo de Aser",* que reconheceu o bebê Jesus como o Senhor, *"e falava dEle a todos os que esperavam a redenção de Jerusalém".*

Aqui vemos representantes de duas das dez tribos que supostamente despareceram de forma misteriosa, expressamente mencionados por nome como habitando em Jerusalém. É por demais óbvio que uma coisa não pode se perder quando se sabe exatamente onde se encontra.

As outras tribos não são especificadas, mas em Esdras 2:70 lemos: *"Ora, os sacerdotes e os levitas, e alguns do povo, tanto os cantores como os porteiros e os netinins, nas suas cidades, e todo o Israel nas suas cidades".*

Quando o apóstolo Paulo estava sob julgamento, sob risco de vida, perante o rei Agripa, ele disse:*"E agora pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, estou aqui e sou julgado. À qual as nossas doze tribos, esperam chegar, servindo a Deus continuamente, noite e dia. Por esta esperança, ó rei Agripa, eu sou acusado pelos judeus"* (Atos 26:6, 7). Aqui descobrimos que as doze tribos estavam em existência nos dias de Paulo e aguardavam o cumprimento da promessa que Deus fizera a seus pais.

Novamente, o apóstolo Tiago dirigiu sua epístola *"às doze tribos da dispersas"* (Tiago 1:1).

Temos aqui evidência suficiente de que nenhuma tribo de Israel jamais foi mais perdida do que outra. Todas as distinções tribais estão agora perdidas e nenhum judeu pode dizer a qual das doze tribos pertence, assim nesse sentido, não meramente dez, mas *todas* as tribos estão perdidas agora, embora todas as doze tribos sejam representadas no povo judeu espalhado por toda a Terra. Deus, contudo, conserva a lista, e no mundo futuro colocará cada pessoa no seu lugar apropriado, pois a cidade pela qual Abraão aspirava, a capital da herança prometida a ele e à sua semente, a Nova Jerusalém, tem doze portas, e sobre as portas estão *"os nomes das doze tribos dos filhos de Israel"* (Apo. 21:12).

A Quem o Senhor Considera um Israelita

Os últimos dois textos sugerem outro fato, qual seja, que o reconhecimento divino das tribos não é segundo os registros humanos. *"o homem vê o que está diante dos olhos, porém o Senhor olha para o coração"* (1º Sam. 16:7), e *"não é judeu o que o é exteriormente, . . . Mas é judeu aquele que o é interiormente, e circuncisão é a do coração"* Rom. 2:28, 29. Todos quantos se salvam entrarão *"na cidade pelas portas"* (Apo. 22:14), mas cada uma dessas portas tem sobre ela o nome de uma das

doze tribos, mostrando que os salvos compõem as doze tribos de Israel. Isso é evidente também pelo fato de que "Israel" significa um vencedor. A epístola de Tiago é dirigida às doze tribos, contudo não há um cristão que não saiba que suas instruções e promessas são para ele.

Isso nos conduz ao fato de que na realidade todas as tribos de Israel estão perdidas, *"porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus"* (Rom. 3:23). *"Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, cada um se desviava pelo seu caminho; mas o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de nós todos"* (Isa. 53:6); destarte quando o Senhor Jesus veio, *"o Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido"* (Lucas 19:10). Ele declarou: *"Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel"* (Mat. 15:24), no exato instante em que Ele estava para conceder uma bênção sobre uma desprezada e pobre mulher cananéia, uma descendente daqueles pagãos que habitavam a terra antes dos dias de Josué.

Aqui finalmente localizamos as perdidas tribos de Israel. Não são dez somente, mas todas as tribos estão perdidas, tão completamente perdidas que a única esperança de sua salvação está na morte e ressurreição de Cristo. Nessa condição é que nos achamos, e, portanto, podemos ler com deleite, como nos pertencendo, as promessas com respeito à reunião de Israel, o que consideraremos a seguir.

-- *The Present Truth*, 13 de maio de 1897.

CAPÍTULO 47.

As Promessas Para Israel, 36

O Concerto Eterno Completado

"Conhecidas são a Deus, desde o princípio do mundo, todas a Suas obras" (Atos 15:18).

"E envie Ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, o qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os Seus santos profetas, desde o princípio" (Atos 3: 20 e 21).

"A Este dão testemunho todos os profetas" (Atos 10:43).

O ajuntamento final do povo de Deus e seu estabelecimento na terra restaurada tem sido o tema dos profetas desde a queda; e, como uma consequência necessária, eles todos têm dado testemunho de que todos quantos creem em Cristo receberão remissão de seus pecados, uma vez que somente pela remissão dos pecados a reunião e restauração têm lugar. Consideremos então umas poucas dessas profecias que falam dessas coisas, e servirão como representantes de todas as demais. Tomemos primeiro o capítulo onze de Isaías:

"Porque brotará um rebento do toco de Jessé, e das suas raízes um renovo frutificará. E repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o espírito de sabedoria e de entendimento, o espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de conhecimento e de temor do Senhor. E deleitar-se-á no temor do Senhor; e não julgará segundo a vista dos Seus olhos, nem repreenderá segundo o ouvir dos Seus ouvidos; mas julgará com justiça os pobres, e repreenderá com equidade os mansos da terra; e ferirá a terra com a vara de Sua boca, e com o sopro dos Seus lábios matará o ímpio."[1] [Comparar com 2ª Tess. 2:8].

"A justiça será o cinto dos Seus lombos, e a fidelidade o cinto dos Seus rins. Morará o lobo com o cordeiro, e o leopardo com o cabrito se deitará; e o bezerro, e o filho do leão e o animal cevado andarão juntos; e um menino pequeno os conduzirá. A vaca e a ursa pastarão juntas, e seus filhos se deitarão juntos; e o leão comerá palha como o boi. E brincará a criança de peito sobre a toca da áspide, e a desmamada colocará a mão na cova do basilisco. Não se fará mal nem dano algum em todo o Meu santo monte; porque a terra se encherá do conhecimento do Senhor, como as águas cobrem o mar".[2]

A História do Evangelho Esboçada

Aqui temos um esboço de toda a história do Evangelho, incluindo a eliminação de pecado e pecadores, e o estabelecimento do justo na terra feita nova, quando *"os mansos herdarão a terra, e se deleitarão na abundância de paz"* (Sal. 37:11, juntamente com os vs. 9, 10).

Tendo dado toda a história, como já lida, o profeta prossegue um pouco mais com detalhes. Partindo do ponto onde começou, ele prossegue:—

"E acontecerá naquele dia que a Raiz de Jessé, a qual está posta por estandarte dos povos, será buscada pelos gentios; e o lugar do Seu repouso será glorioso. E há de ser que naquele dia o Senhor tornará a por a Sua mão para adquirir outra vez[3] *e remanescente do Seu povo, que for deixado, da Assíria, e do Egito, e de Patros, e da Etiópia, e de Elã, e de Sinar, e de Hamate, e das ilhas de mar. E levantará um estandarte entre as nações e ajuntará os desterrados de Israel, e os dispersos de Judá congregará desde os quatro confins da terra".*[4]

Desse ajuntamento dos eleitos dos quatro cantos da Terra lemos também em Mateus 24:31. O poder pelo qual esse ajuntamento deve ocorrer não é menor do que o que foi manifesto quando o Senhor estendeu Sua mão pela primeira vez para reunir o Seu povo, pois lemos: *"E haverá caminho plano para e remanescente do Seu povo, que for deixado da Assíria, como sucedeu a Israel no dia em que subiu da terra do Egito"* (Isa. 11:16).

"Eis o Vosso Deus"[5]

Desse ajuntamento, primeiro e último, lemos também no capítulo quarenta de Isaías. A pregação do Evangelho, inclusive o perdão dos pecados, o envio do Consolador, o Espírito Santo, o estabelecimento de Deus como o único Poder no universo, o Criador e Preservador, e o anúncio da vinda do Senhor em glória, tudo é encontrado ali. Então, na mensagem, *"Eis o vosso Deus",*[5]lemos:—

"Eis que o Senhor Deus virá com poder, e o Seu braço dominará por Ele; eis que o Seu galardão está com Ele, e a Sua recompensa diante dEle (comparar com Apoc. 22:12). *Como pastor Ele apascentará o Seu rebanho; entre os Seus braços recolherá os cordeirinhos, e os levará no Seu regaço; as que amamentam, Ele as guiará mansamente"* (Isaias 40: 10, 11).

Lemos antes sobre o ajuntamento das ovelhas perdidas da casa de Israel num só rebanho, de modo que haja *"um só rebanho e um só Pastor*";[6] aqui vemos que o ajuntamento é iniciado pela pregação do Evangelho, e é completado somente pela vinda do Senhor em glória, com os Seus anjos; e ademais, que o poder e glória da vinda do Senhor são idênticos ao poder que deve acompanhar a pregação do Evangelho.

As Ovelhas Perdida Sob Apostasia

Nos versos seguintes lemos a condição das ovelhas perdidas da casa de Israel, e como os pastores infiéis espalham as ovelhas em lugar de reuni-las:—

"Filho do homem, profetiza contra os pastores de Israel; profetiza, e dize aos pastores: Assim diz o Senhor Deus: Ai dos pastores de Israel que se apascentam a si mesmos! Não devem os pastores apascentar as ovelhas? Comeis a gordura, e vos vestis da lã; matais o cevado; mas não apascentais as ovelhas. A fraca não fortalecestes, a doente não curastes, a quebrada não ligastes, a desgarrada não tornastes a trazer, e a perdida não buscastes; mas dominais sobre elas com rigor e dureza. Assim se espalharam, por não haver pastor; e tornaram-se pasto a todas as feras do campo, porquanto se espalharam. As minhas ovelhas andaram desgarradas por todos os montes, e por todo alto outeiro; sim, ***as minhas ovelhas andaram espalhadas por toda a face da terra****, sem haver quem as procurasse, ou as buscasse"* (Ezequiel 34: 2-6).

"Portanto, ó pastores, ouvi a palavra do Senhor: Vivo Eu, diz o Senhor Deus, que porquanto as Minhas ovelhas foram entregues à rapina, e as Minhas ovelhas vieram a servir de pasto a todas as feras do campo, por falta de pastor, e os Meus pastores não procuraram as Minhas ovelhas, pois se apascentaram a si mesmos, e não apascentaram as Minhas ovelhas; portanto, ó pastores, ouvi a palavra do Senhor: Assim diz o Senhor Deus: Eis que Eu estou contra os pastores; das suas mãos requererei as minhas ovelhas, e farei que eles deixem de apascentar as ovelhas, de sorte que não se apascentarão mais a si mesmos. Livrarei as Minhas ovelhas da sua boca, para que não lhes sirvam mais de pasto. Porque assim diz o Senhor Deus: Eis que Eu, Eu mesmo, procurarei as Minhas ovelhas, e as buscarei. Como o pastor busca o seu rebanho, no dia em que está no meio das suas ovelhas dispersas, assim buscarei as Minhas ovelhas. Livrá-las-ei de todos os lugares por onde foram espalhadas, no dia de nuvens e de escuridão. Sim, tirá-las-ei para fora dos povos, e as congregarei dos países, e as introduzirei na sua terra, e as apascentarei sobre os montes de Israel, junto às correntes d'água, e em todos os lugares habitados da terra" (vs. 7 a 13. Comparar com Rom. 4:18).

"E suscitarei sobre elas um só pastor para as apascentar, o Meu servo Davi. Ele as apascentará, e lhes servirá de pastor. E Eu, o Senhor, serei o seu Deus, e o Meu servo Davi será príncipe no meio delas; Eu, o Senhor, o disse. Farei com elas um pacto de paz; e removerei da terra os animais ruins, (comparar com Isa. 11:6-9) *de sorte que elas habitarão em segurança no deserto, e dormirão nos bosques. E delas e dos lugares ao redor do Meu outeiro farei uma bênção; e farei descer a chuva a seu tempo; chuvas de bênçãos serão. E as árvores do campo darão o seu fruto, e a terra dará a sua novidade, e estarão seguras na sua terra; saberão que Eu sou o Senhor, quando Eu quebrar os canzis do seu jugo e as livrar da mão dos que se serviam delas. Pois não servirão mais de presa aos gentios, nem as devorarão mais os animais da terra; mas habitarão seguramente, e ninguém haverá que as espante"* (vs. 23-28).

Reunidos Pela Ressurreição

Exatamente como se dará esse ajuntamento nos é dito no capítulo 37:—

"Veio sobre mim a mão do Senhor; e Ele me levou no Espírito do Senhor, e me pôs no meio do vale que estava cheio de ossos; e me fez andar ao redor deles. E eis que eram muito numerosos sobre a face do vale; e eis que estavam sequíssimos. Ele me perguntou: Filho do homem, poderão viver estes ossos? Respondi: Senhor Deus, Tu o sabes" (vs.1-3).

"Então me disse: Profetiza sobre estes ossos, e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor.(Comparar com João 5:25-29) *Assim diz o Senhor Deus a estes ossos: Eis que vou fazer entrar em vós o fôlego da vida, e vivereis. E porei nervos sobre vós, e farei crescer carne sobre vós, e sobre vós estenderei pele, e porei em vós o fôlego da vida, e vivereis. Então sabereis que Eu sou o Senhor"* (vs. 4-6).

"Profetizei, pois, como se me deu ordem. Ora enquanto eu profetizava, houve um ruído; e eis que se fez um rebuliço, e os ossos se achegaram, osso ao seu osso. E olhei, e eis que vieram nervos sobre eles, e cresceu a carne, e estendeu-se a pele sobre eles por cima; mas não havia neles fôlego. Então Ele me disse: Profetiza ao fôlego da vida, profetiza, ó filho do homem, e dize ao fôlego da vida: Assim diz o Senhor Deus: Vem dos quatro ventos, ó fôlego da vida, e assopra sobre estes mortos, para que vivam. Profetizei, pois, como Ele me ordenara; então o fôlego da vida entrou neles e viveram, e se puseram em pé, um exército grande em extremo" (vs. 7-10).

"Então me disse: Filho do homem, estes ossos são toda a casa de Israel. Eis que eles dizem: Os nossos ossos secaram-se, e pereceu a nossa esperança; estamos de todo cortados. Portanto profetiza, e dize-lhes: Assim diz o Senhor Deus: Eis que Eu vos abrirei as vossas sepulturas, sim, das vossas sepulturas vos farei sair, ó povo meu, e vos trarei à terra de Israel. E quando Eu vos abrir as sepulturas, e delas vos fizer sair, ó povo Meu, sabereis que Eu sou o Senhor. E porei em vós o Meu Espírito, e vivereis, e vos porei na vossa terra; e sabereis que Eu, o Senhor, o falei e o cumpri, diz o Senhor" (vs. 11-14).

"Toda a Casa de Israel"

Assim vemos que a promessa do Senhor a Davi, de que Ele designaria um lugar para o Seu povo de Israel e os plantaria, para que habitassem num lugar próprio sem terem que mudar mais e não mais ser afligidos (2º Sam. 7:10) deve cumprir-se pela ressurreição dos mortos. E esse ajuntamento de Israel é o único que foi prometido, e é suficiente, abrange todos os fiéis de todas as eras; pois quando o Senhor fala, *"todos quantos estão nas sepulturas ouvirão a Sua voz, e sairão"*[7]

Temos visto que esse ajuntamento é para ser de *"toda a casa de Israel";* os versos seguintes mostram que nessa tempo não haverá mais divisão do reino, mas somente "um só rebanho e um só pastor"[6]:—

"A palavra do Senhor veio a mim, dizendo: Tu, pois, ó filho do homem, toma um pau, e escreve nele: Por Judá e pelos filhos de Israel, seus companheiros. Depois toma outro pau, e escreve nele: Por José, vara de Efraim, e por toda a casa de Israel, seus companheiros; e ajunta um ao outro, para que se unam, e se tornem um só na tua mão. E quando te falarem os filhos do teu povo, dizendo: Porventura não nos declararás o que queres dizer com estas coisas? Tu lhes dirás: Assim diz o Senhor Deus: Eis que Eu tomarei a vara de José, que esteve na mão de Efraim, e as das tribos de Israel, suas companheiras, e lhes ajuntarei a vara de Judá, e farei delas uma só vara, e elas se farão uma só na Minha mão. E os paus, sobre que houveres escrito, estarão na tua mão, perante os olhos deles" (Eze. 37:15-20).

"Dize-lhes pois: Assim diz o Senhor Deus: Eis que Eu tomarei os filhos de Israel dentre as nações para onde eles foram, e *os congregarei de todos os lados*, e os introduzirei na sua terra; e deles farei uma nação na terra, nos montes de Israel, e um rei será rei de todos eles; e nunca mais serão duas nações, nem de maneira alguma se dividirão para o futuro em dois reinos; nem se

contaminarão mais com os seus ídolos, nem com as suas abominações, *nem com qualquer uma das suas transgressões*; mas Eu os livrarei de todas as suas apostasias com que pecaram, e *os purificarei. Assim eles serão o Meu povo, e Eu serei o seu Deus*. Também Meu servo Davi reinará sobre eles, e todos eles *terão um pastor só; andarão nos Meus juízos, e guardarão os Meus estatutos, e os observarão*. Ainda habitarão na terra que dei a Meu servo Jacó, na qual habitaram vossos pais; nela habitarão, eles e seus filhos, e os filhos de seus filhos, para sempre; e Davi, Meu servo, será seu príncipe eternamente" (vs. 21-25).

Agora, notem particularmente o que se segue:—

"Farei com eles um pacto de paz, que será um ***concerto eterno****. E os estabelecerei, e os multiplicarei, e porei o Meu santuário no meio deles para sempre. Meu tabernáculo permanecerá com eles; e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo.* (Comparar com Apo. 21:1-3). *E as nações saberão que Eu sou o Senhor que santifico a Israel, quando estiver o Meu santuário no meio deles para sempre"* (vs. 26-28).

O Juízo de Deus Sobre Todas as Nações

Que a libertação de Israel não é uma mera ocorrência local é claramente mostrado na punição ameaçada a Babilônia, no vigésimo quinto capítulo de Jeremias. Foi ao final dos setenta anos de cativeiro que Deus Se propôs realizar essa punição; mas, como já vimos, Israel não estava inteiramente pronta para ser reunida naquela ocasião. Desde aquele dia até os nossos, muitos dentre o povo de Deus têm estado em Babilônia, de modo que a palavra vem nesses últimos dias, tanto quanto então, *"Saí do meio dela, ó povo meu"* (Jer. 51:45; Apo. 18:4). Não obstante, Deus começou a punição de Babilônia naquela ocasião, e os versos seguintes mostrarão que as promessas a Israel, e as ameaças de punição sobre seus opressores, diz respeito à Terra toda:—

"Pois assim me disse o Senhor, o Deus de Israel: Toma da Minha mão este cálice do vinho de furor, e faze que dele bebam todas as nações, às quais Eu te enviar. (Comparar com Sal. 75:8; Apo. 14:9, 10). *Beberão, e cambalearão, e enlouquecerão, por causa da espada, que Eu enviarei entre eles. Então tomei o cálice da mão do Senhor, e fiz que bebessem todas as nações, às quais o Senhor me enviou: a Jerusalém, e às cidades de Judá, e aos seus reis, e aos seus príncipes, para fazer deles uma desolação, um espanto, um assobio e uma maldição, como hoje se vê; a Faraó, rei do Egito, e a seus servos, e a seus príncipes, e a todo o seu povo; e a todo o povo misto, e a todos os reis da terra de Uz, e a todos os reis da terra dos filisteus, a Asquelom, a Gaza, a Ecrom, e ao que resta de Asdode; e a Edom, a Moabe, e aos filhos de Amom; e a todos os reis de Tiro, e a todos os reis de Sidom, e aos reis das terras dalém do mar; a Dedã, a Tema, a Buz e a todos os que cortam os cantos da cabeleira; a todos os reis da Arábia, e a todos os reis do povo misto que habita no deserto; a todos os reis de Zinri, a todos os reis de Elão, e a todos os reis da Média; a todos os reis do Norte, os de perto e os de longe, tanto um como o outro, e a todos os reinos da terra, que estão sobre a face da terra*; e o rei de Sesaque beberá depois deles" Jer. 25:15-26.

"Pois lhes dirás: Assim diz o Senhor dos exércitos, o Deus de Israel: Bebei, e embebedai-vos, e vomitai, e caí, e não torneis a levantar, por causa da espada que Eu vos enviarei. Se recusarem tomar o copo da tua mão para beber, então lhes dirás: Assim diz o Senhor dos exércitos: Certamente bebereis. Pois eis que sobre a cidade que se chama pelo Meu nome, Eu começo a trazer a calamidade; e haveis vós de ficar totalmente impunes? Não ficareis impunes; porque Eu chamo a espada sobre todos os moradores da terra, diz o Senhor dos exércitos. Tu pois lhes profetizarás todas estas palavras, e lhes dirás: O Senhor desde o alto bramirá, e fará ouvir a Sua voz desde a Sua santa morada; bramirá fortemente contra a Sua habitação; dará brados, como os que pisam as uvas, contra todos os moradores da terra. Chegará o estrondo até a extremidade da terra, porque o Senhor tem contenda com as nações, entrará em juízo com toda a carne; quanto aos ímpios, Ele os entregará a espada, diz o Senhor. Assim diz o Senhor dos exércitos: Eis que o mal passa de nação para nação, e grande tempestade se levantará dos confins da terra. E os mortos do Senhor naquele dia se encontrarão desde uma extremidade da terra até a outra; não serão pranteados, nem recolhidos, nem sepultados; mas serão como esterco sobre a superfície da terra. Uivai, pastores, e clamai; e revolvei-vos na cinza, vós que sois os principais do rebanho; pois já se cumpriram os vossos dias para serdes mortos, e Eu vos despedaçarei, e vós então caireis como carneiros escolhidos. E não haverá refúgio para os pastores, nem lugar para onde escaparem os principais do rebanho. Eis a voz de grito dos pastores, o uivo dos principais do rebanho; porque o Senhor está devastando o pasto deles" (vs. 27-36).

O Tempo da Libertação

Notem que isso ocorre ao tempo da punição dos falsos pastores, como profetizado em Ezequiel 34, quando Israel for reunido, e um pacto de paz é feito com eles. Sobre a natureza desse pacto e o tempo de seu estabelecimento temos a mais clara informação no livro de Jeremias, especialmente quando lemos em ligação com as passagens já citadas. Um breve esboço de dois capítulos será suficiente para completar o relato, no que concerne ao nosso presente estudo:

Comecemos com o capítulo 30:—

"A palavra que do Senhor veio a Jeremias, dizendo: Assim diz o Senhor, Deus de Israel: Escreve num livro todas as palavras que te falei; pois eis que vêm os dias, diz o Senhor, em que farei voltar do cativeiro o Meu povo Israel e Judá, diz o Senhor; e tornarei a trazê-los à terra que dei a seus pais, e a possuirão" (vs. 1-3).

Aqui estamos em terreno familiar. Estes versos assinalam o tempo em que as coisas a que mais tarde se faz referência terão lugar:—quando Deus traz o Seu povo de volta a sua própria terra. Assim, prosseguimos:—

"E estas são as palavras que disse o Senhor, acerca de Israel e de Judá. Assim, pois, diz o Senhor: Ouvimos uma voz de tremor, de temor mas não de paz. Perguntai, pois, e vede, se um homem pode dar à luz. Por que, pois, vejo a cada homem com as mãos sobre os lombos como

a que está de parto? Por que empalideceram todos os rostos? Ah! porque aquele dia é tão grande, que não houve outro semelhante! É tempo de angústia para Jacó; todavia, há de ser livre dela. E será naquele dia, diz o Senhor dos exércitos, que Eu quebrarei o jugo de sobre o seu pescoço, e romperei as suas brochas. Nunca mais se servirão dele os estrangeiros; mas ele servirá ao Senhor, seu Deus, como também a Davi, seu rei, que lhe levantarei" (vs. 4-9).

Compare-se isso com Daniel 12:1: *"Naquele tempo se levantará Miguel, o grande príncipe, que se levanta a favor dos filhos do Teu povo; e haverá um tempo de tribulação, qual nunca houve, desde que existiu nação até aquele tempo; mas naquele tempo livrar-se-á o Teu povo, todo aquele que for achado escrito no livro".* Conquanto o povo de Deus deva ser liberto no tempo de angústia que precede imediatamente à vinda do Senhor, de modo que nenhum mal lhes sobrevenha, nem qualquer praga chegue perto de sua habitação (Sal. 91), contudo é impossível que contemplem a recompensa dos ímpios sem sentirem-se cheios de medo e temor; pois não é coisa pequena quando Deus Se levanta. Portanto, Ele declara:—

"Não temas pois tu, servo meu, Jacó, diz o Senhor, nem te espantes, ó Israel; pois eis que te livrarei de terras longínquas, se à tua descendência da terra do seu cativeiro; e Jacó voltará, e ficará tranquilo e sossegado, e não haverá quem o atemorize. Porque Eu sou contigo, diz o Senhor, para te salvar; porquanto darei fim cabal a todas as nações entre as quais te espalhei; a ti, porém, não darei fim, mas castigar-te-ei com medida justa, e de maneira alguma te terei por inocente" (Jer. 30:10, 11).

"Assim diz o Senhor: Eis que acabarei o cativeiro das tendas de Jacó, e apiedarme-ei das suas moradas; e a cidade será reedificada sobre o seu montão, e o palácio permanecerá como habitualmente. E sairá deles ação de graças e a voz dos que se alegram; e multiplicá-los-ei, e não serão diminuídos; glorificá-los-ei, e não serão apoucados. E seus filhos serão como na antiguidade, e a sua congregação será estabelecida diante de mim, e castigarei todos os seus opressores. E o seu príncipe será deles, e o seu governador sairá do meio deles; e o farei aproximar, e ele se chegará a mim. Pois quem por si mesmo ousaria chegar-se a Mim? diz o Senhor. <u>E vós sereis o Meu povo, e Eu serei o vosso Deus.</u> Eis a tempestade do Senhor! A Sua indignação já saiu, uma tempestade varredora; cairá cruelmente sobre a cabeça dos impios. Não retrocederá o furor da ira do Senhor, até que Ele tenha executado, e até que tenha cumprido os desígnios do Seu coração. Nos últimos dias entendereis isso" (vs. 18-24).

Resgatados da Sepultura

"<u>Naquele tempo,</u> diz o Senhor, serei o Deus de todas as famílias de Israel, e elas serão o Meu povo. Assim diz o Senhor: O povo que escapou da espada achou graça no deserto. Eu irei e darei descanso a Israel. De longe o Senhor me apareceu, dizendo: Pois que com amor eterno te amei, também com benignidade te atraí" (Jer. 31:1-3).

"Ouvi a palavra do Senhor, ó nações, e anunciai-a nas longinquas terras maritimas, e dizei: Aquele que espalhou a Israel o congregará e o guardará, como o pastor ao seu rebanho. Pois o Senhor resgatou a Jacó, e o livrou da mão do que era mais forte do que ele. E virão, e cantarão de júbilo nos altos de Sião, e ficarão radiantes pelos bens do Senhor, pelo trigo, e o mosto, e o azeite, pelos cordeiros e os bezerros; e a sua vida será como um jardim regado, e nunca mais desfalecerão. Então a virgem se alegrará na dança, como também os mancebos e os velhos juntamente; porque tornarei o seu pranto em gozo, e os consolarei, e lhes darei alegria em lugar de tristeza" (vs. 10-13).

"Assim diz o Senhor: Ouviu-se um clamor em Ramá, lamentação e choro amargo. Raquel chora a seus filhos, e não se deixa consolar a respeito deles, porque já não existem. Assim diz o Senhor: Reprime a tua voz do choro, e das lágrimas os teus olhos; porque há galardão para o teu trabalho, diz o Senhor, e eles voltarão da terra do imimigo. E há esperança para o teu futuro, diz o Senhor; pois <u>teus filhos voltarão</u> para os seus termos" (vs. 15-17).

Aqui temos outra segura indicação do ponto em que nos encontramos, ou seja, o tempo sobre que trata a profecia. Sabemos que essa profecia foi parcialmente cumprida quando Herodes matou os bebês de Belém, Mat. 2:16-18. Mas o Senhor diz aos pranteadores que os perdidos procederão da terra do inimigo (ver 1ª Cor. 15:26) para os seus termos. Assim vemos novamente que é somente pela ressurreição dos mortos que o cativeiro de Israel será desfeito e será reunido a sua própria terra; e percebemos que o tempo sobre que estamos agora lendo em Jeremias é aqueleem que Deus desfaz o cativeiro de Seu povo. Destarte, falando desse mesmo período, o profeta continua:—

"Eis que os dias vêm, diz o Senhor, em que semearei de homens e de animais a casa de Israel e a casa de Judá. E será que, como vigiei sobre eles para arrancar e derribar, para transtornar, destruir, e afligir, assim vigiarei sobre eles para edificar e para plantar, diz o Senhor. Naqueles dias não dirão mais: Os pais comeram uvas verdes, e os dentes dos filhos se embotaram. Pelo contrário, cada um morrerá pela sua própria iniquidade; de todo homem que comer uvas verdes, é que os dentes se embotarão" (vs. 27-30).

O Novo Concerto

Dessa conexão, não pode restar a mínima dúvida quanto ao tempo aqui referido; é o tempo da punição dos ímpios; e a recompensa dos justos; o tempo em que o povo de Deus para sempre será livrado da impiedade e opressão, e será restabelecido na Terra, para possuí-la por toda a eternidade em paz e justiça. Desse modo, falando desse mesmo tempo, o profeta continua:—

"Eis que os dias vêm, diz o Senhor, em que farei um pacto novo com a casa de Israel e com a casa de Judá, não conforme o pacto que fiz com seus pais, no dia em que os tomei pela mão, para os tirar da terra do Egito, esse Meu pacto que eles invalidaram, apesar de Eu os haver desposado, diz o Senhor. Mas este é o pacto que farei com a casa de Israel depois daqueles dias, diz o Senhor: Porei a Minha lei no seu interior, e a escreverei no seu coração; e Eu serei o seu Deus e eles serão o Meu povo. E não ensinarão mais cada um a seu próximo, nem cada um a seu irmão, dizendo: Conhecei ao Senhor; porque todos me conhecerão, desde o menor deles até o maior, diz o Senhor; pois lhes perdoarei a sua iniqüidade, e não me lembrarei mais dos seus pecados. Assim diz o Senhor, que dá o sol para luz do dia, e a ordem estabelecida da lua e das estrelas para luz da noite, que agita o mar, de modo que bramem as suas ondas; o Senhor dos exércitos é o Seu nome: Se esta ordem estabelecida falhar diante de Mim, diz o Senhor, deixará também a linhagem de Israel de ser uma nação diante de Mim para sempre. Assim diz o Senhor: Se puderem ser medidos os céus lá em cima, e sondados os fundamentos da terra cá em baixo, também Eu rejeitarei toda a linhagem de Israel, por tudo quanto eles têm feito, diz o Senhor" (Jer. 31:31-37).

Aqui temos a conclusão da questão toda. Com o estabelecimento do Novo Concerto, os dias de exílio e cativeiro findam, e o povo de Deus habita em Sua desvelada presença para todo o sempre. Esse concerto ainda falta ser feito, pela fé viva todas as suas bênçãos podem agora ser desfrutadas, inclusive o poder da ressurreição, pelo qual o povo de Deus é finalmente estabelecido em sua própria terra, é o poder pelo qual eles estão preparados para aquele glorioso dia.

O Velho e o Novo Concertos

Desde muito vimos neste estudo das Promessas a Israel por que e sobre que circunstâncias o Velho Concerto foi feito, quando Israel estava perante o Sinai. Esse é chamado o primeiro ou Velho Concerto, não por não haver concerto que o tivesse precedido, mas por ser o primeiro estabelecido "*com a casa de Israel e com a casa de Judá*"—com toda a casa de Israel como tal. O concerto com Abraão fora feito mais de quatrocentos anos antes e abrangia tudo o que Deus pode possivelmente conceder a qualquer povo. É em virtude desse concerto com Abraão, confirmado por Deus mediante um juramento, que agora chegamos com ousadia ao trono da graça, e encontramos forte consolação em todas as nossas provas, Heb. 6:13-20. Todos os fiéis são filhos de Abraão.

Mas Israel do passado revelou-se infiel, e se esqueceu ou desprezou o concerto eterno feito com Abraão. Eles desejaram caminhar pela vista, e não pela fé. Confiaram em si próprios, antes queem Deus. No teste, quando Deus lhes recordou de Seu concerto com Abraão, e como um auxílio a sua fé no poder de Sua promessa, lhes recordou o que já havia feito por eles, presunçosamente assumiram para si próprios a responsabilidade de sua própria salvação, e entraram num concerto do qual nada, a não ser escravidão e

morte, poderia derivar. Deus, contudo, que Se mantém fiel, mesmo que os homens não creiam, empregou até mesmo isso como uma lição prática. Das sombras eles podiam aprender sobre a realidade; mesmo a sua escravidão devia conter uma profecia e promessa de liberdade.

Quando Se Entrará no Novo Concerto

Deus não deixa o Seu povo no lugar onde sua própria insensatez o deixou. Assim, Ele prometeu um novo concerto. Não que houvesse algo faltando no concerto feito com Abraão, mas Ele faria o mesmo concerto com o povo de Israel inteiro, *como uma nação*. Essa promessa do novo concerto ainda é válida, pois pelo juramento de Deus, e por Seu próprio sacrifício, *"de tanto melhor pacto Jesus foi feito fiador"* (Heb. 7:22). Destarte, assim como Jesus morreu e ressuscitou, e pelo poder dessa morte e ressurreição, todo Israel será reunido, e o novo e eterno concerto será estabelecido com eles — a nação justa que observa a verdade. O concerto será estabelecido com ninguém mais senão Israel, contudo ninguém precisa ser deixado de fora, pois quem quiser pode vir.

Quando o primeiro concerto foi feito com todo Israel, Deus surgiu com todos os anjos; a trombeta de Deus soou, e Sua voz abalou a Terra ao ser a lei proferida. Assim, quando o Novo Concerto for feito, todo Israel estará presente — não haverá nenhum que não será reunido — *"O nosso Deus vem, e não guarda silêncio"* (Sal. 50:3). *"o Senhor mesmo descerá do céu com grande brado, à voz do arcanjo, ao som da trombeta de Deus"* (1ª Tes. 4:16), *"na glória do Seu Pai", "e todos os Seus santos anjos com Ele"* (Mat. 16:27; 25:31). Sua voz fez estremecer a Terra, mas desta vez ela estremecerá não só a Terra, mas também o céu. Assim todo o universo será participante desta grande consumação, e o Israel de Deus será assim ajuntado a "toda a família no céu". Pela cruz de Cristo, *"o sangue da aliança eterna",*[8] é estabelecido o trono de Deus; e o que salva os perdidos da Terra é a garantia de eterna segurança dos seres não-caídos.

O Primeiro Domínio Restaurado

Uma lição que deve ser assinalada no encerramento é que o Novo Concerto não traz nada de novo, exceto a Nova Terra, e isso é o que foi desde o princípio. Os homens com os quais é feito já foram feitos novos em Cristo. O primeiro domínio será restaurado. Que ninguém, portanto, pense em excusar-se de observar os mandamentos de Deus, por dizer que está sob o Novo Concerto. Não, se ele estiver em Cristo, então está ***no*** (não *sob*) o concerto com Abraão, e como um filho de Abraão, um herdeiro com Cristo, terá a esperança no Novo Concerto, do qual Cristo é o fiador. Quem quer que não se reconheça como sendo da geração de Abraão, Isaque e Jacó, em comunhão com Moisés, Davi e os profetas, não tem base de esperança no Novo Concerto. E quem quer

que se regozije nas promessas do Novo Concerto, as bênçãos que mesmo agora o Espírito Santo torna reais, deve recordar que é em virtude do Novo Concerto que a lei de Deus é posta em nossos corações. O Velho Concerto não touxe ninguém à obediência dessa lei, mas o Novo Concerto a torna universal, de modo que a Terra será cheia do conhecimento do Senhor, com as águas cobrem o mar. Portanto,

"Graças a Deus pelo inefável dom!"[9]

"Porque dEle e mediante Ele, e para Ele são todas as coisas; a Quem pertence a glória para sempre. Amém".[10]

-- *The Present Truth*, 27 de maio de 1897

Notas desta edição:

1) Isaias 11: 1 a 4;

2) Isaias 11: 5 a 9;

3) *"para adquirir* ***segunda vez*** *o remanescente"* (KJV); "em contraste com a primeira vez, a libertação original do Egito. Os hebreus sempre olham para traz com alegria sua libertação da escravidão do Egito e sua entrada na terra prometida. Agora devia ocorrer outra libertação do cativeiro babilônico. Deus intentou que quando os judeus retornassem do cativeiro, tendo aprendido a lição, aprendessem, e rapidamente avaliassem Seu glorioso plano para eles como uma nação. Assim o mundo seria em breve preparado para a vinda do Messias e a proclamação do evangelho. Mas outra vez Israel falhou, e a libertação aqui prometida se cumprirá no fim do mundo, quando Deus estenderá Sua mão para libertar Seu povo deste mundo mau e para guiá-los para a Canaã celestial (veja Apoc. 18:4)"*Comentário Bíblico*, vol. 4 da série *SDABC*, pág. 160;

4) Isaias 11: 10 a 12;

5) Isaias 40:9, ú.p.;

6) João 10: 16;

7) João 7: 28 e 29;

8) Hebreus 13:20;

9) 2ª Cor. 9:15;

10) Romanos 11:36.

Índice

PREFÁCIO 2
O Evangelho Eterno 8
A Mensagem do Evangelho 8
"O Desejado de Todas as Nações" 9
O Poder do Evangelho 10
Criação e Redenção 11
O Mistério de Deus 12
Resumo 14
O Primeiro Domínio 18
A Propriedade Adquirida 18
Espiritual e Literal 43
Um Novo Nome 46
Um "Pacto Perpétuo" 47
Uma "Possessão Perpétua" 47
Um Pacto de Justiça 48
Uma Concessão de Terra 50
O sinal da circuncisão 51
Por que o Sinal Exterior? 53
O Teste da Fé 54
Tentações 55
O Filho Unigênito 57
A Ressurreição e a Vida 58
O Sacrifício Completado 58
A Obra de Fé 59
O Amigo de Deus 59
Em Cristo Somente 62
"Forte Consolação" 63
Uma Visão Geral 69
Israel – Um Príncipe de Deus 77
Israel no Egito 87
O Tempo da Promessa 95

"O Opróbrio de Cristo" 98
Dando a Comissão 104
O Propósito de Deus Para Com Faraó 113
"A Segunda Vez" 124
'Será a VELHA, VELHA HISTÓRIA' 132
O Teste 136
Pão Vivo 141
"Rocha Eterna, Meu Jesus, Tu morreste lá na cruz!" 147
Paralelos 160
A Ministração da Morte 161
Por Que Foi Dada a Lei 163
O Terceiro Capítulo de Gálatas 165
O Concerto Inalterado 169
Nossa Esperança Também 169
Cristo, o Mediador 171
A Rocha Ferida 174
Fundamento do Governo de Deus 180
ADENDO AO CAPÍTULO 32 DE O CONCERTO ETERNO 193
Sombra e Substância 200
Testemunho de Deus em Descrença 201
O Que Foi Abolido 202
Como Vem o Perdão 208
Obras de Super-Desempenho 211
O Uso de Uma Semelhança 211
Uma Herança de Fé 214
Cruzando o Jordão 215
Livres Finalmente 215
A Vitória da Fé 216
CAPÍTULO 36. 220
CAPÍTULO 37. 226
CAPÍTULO 38. 237
CAPÍTULO 40. 252
Estranhos e Vagueadores ao Tempo de Davi 253

"Hoje" 255
Um Pouco do Éden Ainda Permanece 260
O Que o Sinal Significa 260
A Cruz de Cristo 263
CAPÍTULO 42. 266
CAPÍTULO 43. 272
O Fim do Domínio Temporal, Independente, de Israel 276
De Babilônia ao Estabelecimento do Reino Eterno 277
Rejeitando a Liberdade 279
O Divino Propósito — A Destruição do Opressor 282
CAPÍTULO 45. 286
ADENDO AO CAP. 45 DE O CONCERTO ETERNO — 70 SEMANAS 293
CAPÍTULO 46. 297
CAPÍTULO 47. 302